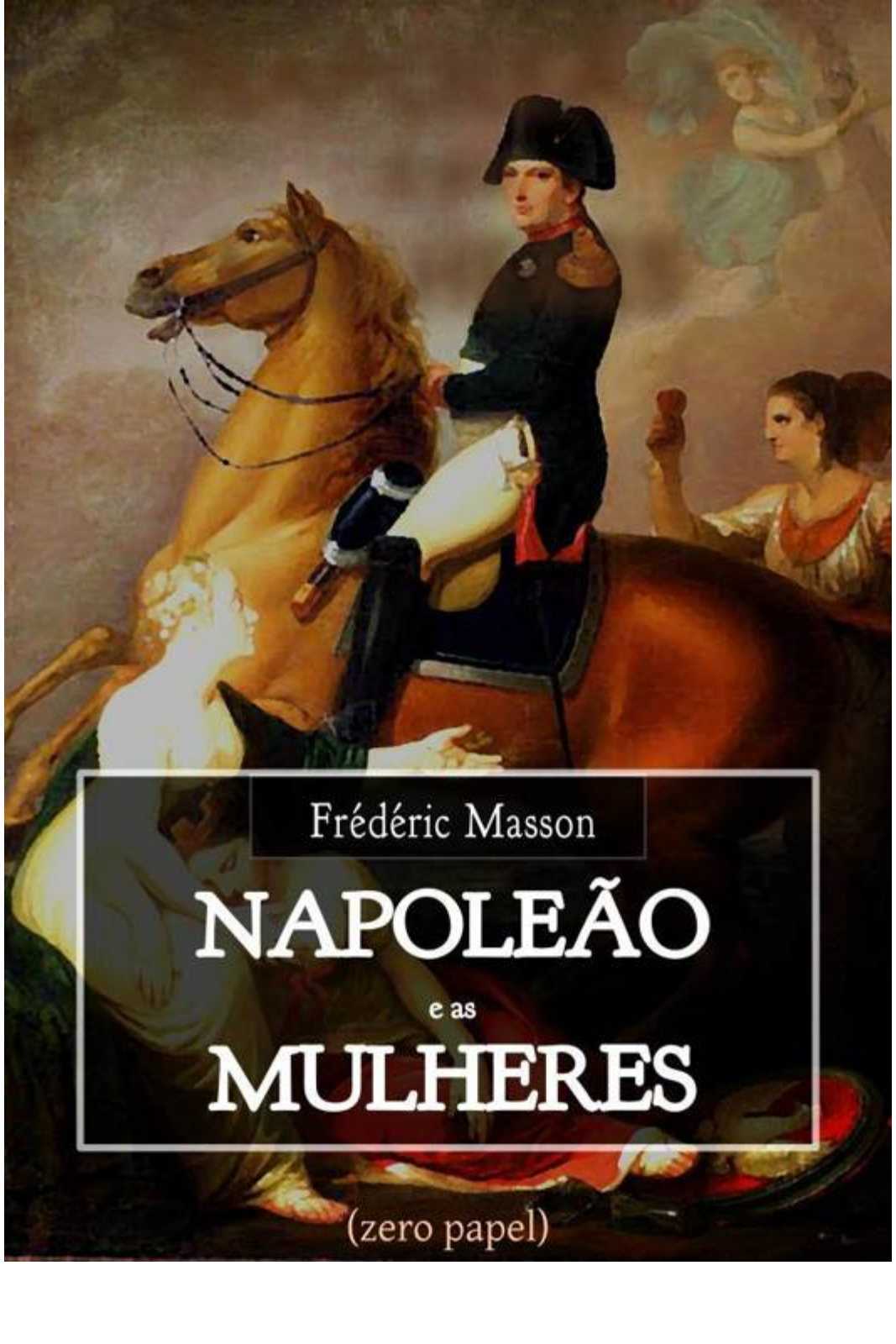




Frédéric Masson

NAPOLEÃO

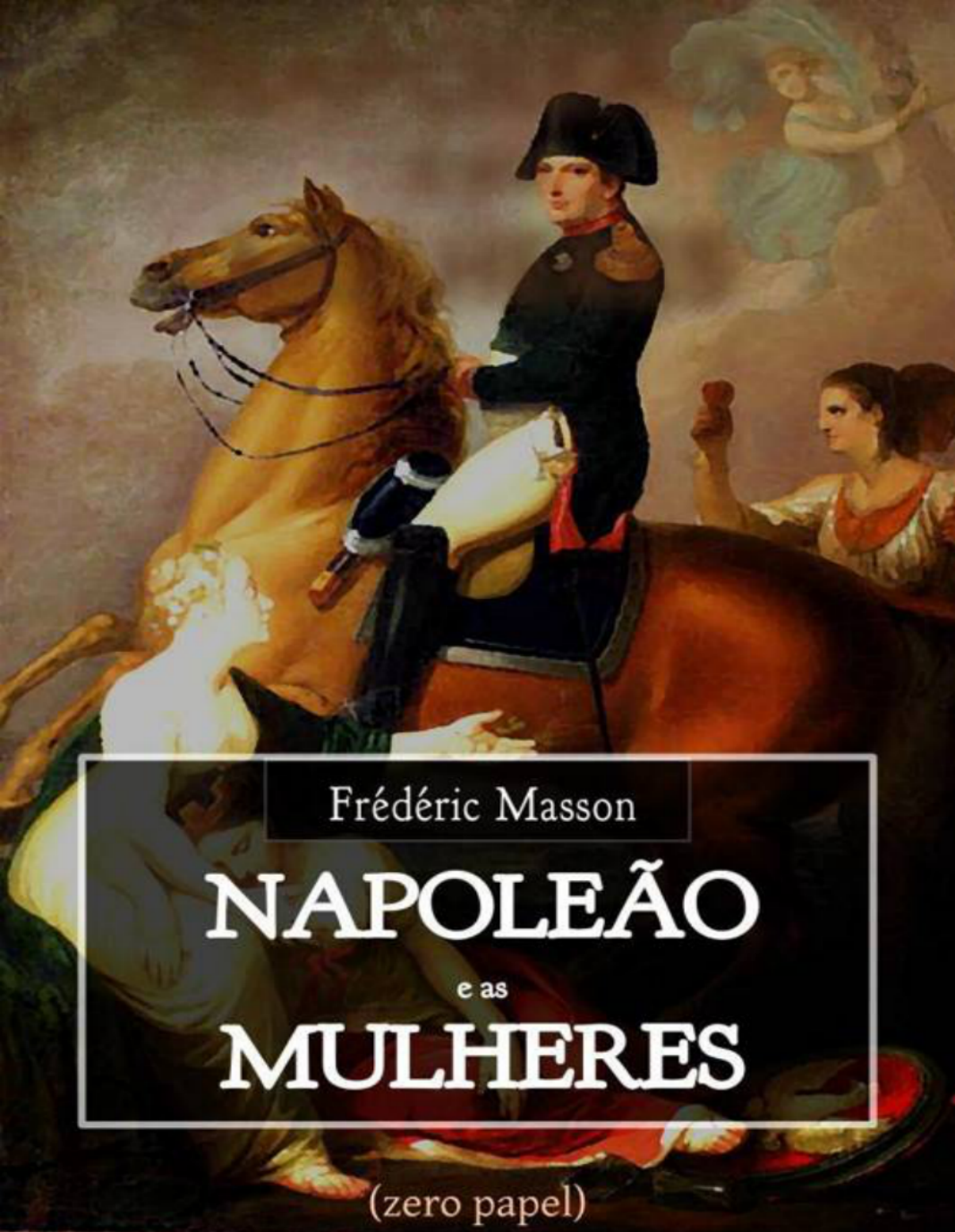
e as

MULHERES

(zero papel)

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Frédéric Masson

NAPOLEÃO e as MULHERES

(zero papel)

Napoleão e as mulheres

POR
Frédéric Masson

[+ + + + + + + + + + + + + + + + + +]

(zero papel)
EDIÇÕES DIGITAIS
2013

Ficha técnica

Título:

Napoleão e as mulheres.

Autor:

Frédéric Masson.

Capa:

© 2013, (zero papel), baseada na «Alegoria de Napoleão» por Józef Peszka.

Edição digital:

© (zero papel), março de 2013, baseada na 29.^a edição francesa, de 1909.

Texto em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

Napoleão e as mulheres: o amor

por Frédéric Masson

I.

A Mocidade

Quinta feira, 22 de novembro de 1787, Paris, Hotel de Cherbourg, rua du Four-Saint-Honoré.

Eu tinha saído dos italianos e passeava apressado numa das avenidas do Palais Royal. Agitado pelos sentimentos vigorosos, que caracterizam a minha alma, suportava indiferente o muito frio que fazia; mas, resfriada por fim a imaginação, acabei por sentir os rigores do tempo e voltei para as galerias.

Achava-me à entrada de um dos portões de ferro, quando dei com os olhos numa pessoa do outro sexo. Àquela hora, a figura dela, a sua mocidade extrema, não me deixaram duvidar um momento de que tinha uma criatura fácil diante de mim. Fitei-a. Parou, não com os modos desembaraçados que é costume, mas com uns ares perfeitamente acomodados ao aspeto de toda a sua pessoa. Este movimento impressionou-me. A sua timidez animou-me. Falei-lhe, falei-lhe, eu que, penetrado mais do que ninguém do odioso da sua situação, me julgo sempre maculado por um simples olhar, que uma dessas mulheres me deite. Mas o seu rosto pálido, a fraqueza da sua constituição física, a doçura da sua voz, não me permitem um momento de hesitação. Ou isto é, digo eu de mim para mim, uma pessoa que me pode ser útil para a observação que desejo fazer, ou não passa de uma inutilidade.

— Está com muito frio, não é verdade? — perguntei-lhe eu: — não sei como pode passear debaixo das árvores com este tempo!

— Ora, o frio anima-me. E preciso acabar a minha noite.

A indiferença com que pronunciou estas palavras, o que havia de sistemático nessa resposta interessou-me, e entrei com ela.

— Estou a achar-lhe uma constituição muito fraca, e espanta-me que se não sinta muito fatigada com o seu modo de vida.

— Então, é preciso a gente fazer alguma coisa.

— Bem sei; mas não lhe era possível fazer qualquer coisa melhor para a sua saúde?

— Não, senhor, não era; é necessário viver.

Fiquei encantado com a resposta. Vi que, pelo menos, me respondia, êxito este que nem sempre tinha coroado as minhas tentativas anteriores.

— Naturalmente nasceu nalguma terra do norte, pelo muito que suporta o frio?

— Eu sou de Nantes, na Bretanha.

— É um país muito meu conhecido... há de fazer-me uma coisa, madame (sic), há de contar-me como foi que... sim, como deu o primeiro passo que a conduziu a esse modo de vida...

— O meu primeiro amante foi um oficial.

— E ficou zangada com ele?

— Sim, fiquei, acredite. (A voz dela tomou uma expressão, uma untuosidade, que eu não tinha percebido ainda.) Pode acreditar: minha irmã está agora muito bem amparada; eu também o podia estar.

— E como foi que veio para Paris?

— Por ter sido abandonada pelo oficial que me desonrou, e a quem do fundo da alma detesto. Vi-me obrigada a fugir da indignação de minha mãe. Apresentou-se outro, que me trouxe para aqui, que me abandonou, e finalmente um terceiro, com o qual acabo de viver três anos. Este, apesar de ser francês, foi chamado a Londres para uns negócios, e lá está ainda. Leve-me a sua casa.

— Para quê?

— Vamos, para nos esquecermos e para o senhor saciar [1] o seu prazer.

Eu estava a mil léguas de me tornar escrupuloso. Tinha-a excitado para ela me não fugir, quando se visse apertada pelo raciocínio que eu lhe preparava simulando uma honestidade que queria provar-lhe não ter.

No dia em que escreve esta narrativa, Bonaparte conta de idade

dezoito anos e três meses, pois tinha nascido a 15 de agosto de 1769.

Há um certo direito de acreditar ter sido esta a primeira mulher a quem ele se dirigiu, e, se repassarmos muito rapidamente a história da sua infância, acharemos que, fora de toda a dúvida, os motivos para essa convicção são suficientes. Ele próprio registou as datas que mais o impressionaram e, de todas essas datas, as que tem sido possível verificar são de uma exatidão absoluta.

Partiu de Ajaccio para França, a 15 de dezembro de 1778, na idade de nove anos e meio. As recordações femininas que trouxe da sua ilha foram as de sua ama de leite, Camilla Carboni, viúva Ilari; as das suas velhas criadas e de uma pequenina companheira de colégio, a Giacominetta, da qual falará muitas vezes em Santa Helena. Depois, no tempo da sua fortuna; encheu de benefícios a ama, a filha da ama, madame Tavera, e a neta, madame Poli, a quem ele mesmo tinha dado na pia batismal o nome de Faustina. Se nada pôde fazer por seu irmão colação, Inácio Ilari, foi porque este, ainda em muito novo tinha abraçado o partido inglês, alistando-se na marinha de guerra britânica.

Das duas criadas que o serviram em pequeno, uma delas, Minana Saveria, ficou, até à morte, na companhia de *madame* Bonaparte; a outra, Mammuccia Caterina morreu muito antes do Império, e do mesmo modo aquela Giacominetta, por causa de quem Napoleão, em pequeno, apanhou bastantes sopapos.

No colégio de Autun, onde o encontramos do 1.º de janeiro a 12 de maio de 1779; no colégio de Brienne, onde está de maio de 1779 a 14 de outubro de 1784; na Escola militar de Paris, onde passa um ano, de 22 de outubro de 1784 a 30 de outubro de 1785, não vemos notícia de mulher alguma. Admitindo, como afirma *madame* de Abrantes que, em contravenção dos regulamentos muito estritos da Escola militar, Bonaparte, com o pretexto de haver torcido um pé, tenha passado oito dias em casa do sr. Permon, na praça Conti, n.º 5, tinha por esse tempo apenas dezasseis anos.

Não era possível, por conseguinte, colocar-se uma aventura anterior à de 22 de novembro de 1787 senão entre a sua saída da Escola militar e o seu regresso a Paris; mas, se Bonaparte partiu para Valence a 30 de outubro de 1785, partiu de Valence, em semestre, para a Córsega, a 16 de setembro de 1786, depois de uma residência de menos de um ano; só regressou da Córsega a 12 de setembro de 1787, e foi então que efetuou a sua viagem a Paris.

Não foi na Córsega que ele se emancipou. Também o não foi em Valence, durante os dez meses que ali residiu esta primeira vez. Aí mostrou-se muito tímido, um pouco melancólico, muito ocupado com leituras e escriturações, e contudo desejoso de parecer bem, de ser bem recebido na sociedade. Por intermédio de monsenhor de Tardivon, abade de Saint-Ruff, ao qual foi recomendado pelos Marbeuf, e que, geral da sua congregação, mitrado e empunhando o báculo, dá o tom em Valence, foi introduzido nas melhores casas da cidade, em casa de *madame* Grégoire du Colombier, em casa de *madame* Lauberie de Saint-Germain e em casa de *madame* de Laurencin.

Estas senhoras, e principalmente as duas últimas, eram da melhor sociedade de província, pertenciam à pequena nobreza ou à burguesia que vive como ela, e tinham muitos preconceitos sobre os costumes dos oficiais cuja visita admitiam, e nenhuma era capaz de deixar suas filhas em intimidade com rapazes cuja conduta lhes fosse suspeita.

Com Carolina du Colombier, a quem sua mãe deixa mais liberdade, Bonaparte tem talvez alguma vaga ideia de casamento, apesar de ter apenas dezassete anos, e ela muita mais idade. Mas se teve inclinação por ela, e se ela lhe correspondeu, a corte que ele lhe fez foi perfeitamente reservada e casta, um pouco infantil, inteiramente à maneira de Rousseau, — o Rousseau de *mademoiselle* Galley. Quando apanhava cerejas com *mademoiselle* du Colombier, Bonaparte pensaria também: «Porque não hão de ser cerejas os meus beijos! Atirar-lhe-ia de boa vontade com eles!»

Ela, porém, casou dentro em pouco com o sr. Garempel de Bressieux, antigo oficial, que estabeleceu a sua residência numa casa de campo, nos arrabaldes de Lyon. Uns vinte anos depois, pelos fins do ano XII, Napoleão, que nunca mais tornara a ver aquela por quem tanto desejara que os seus beijos fossem cerejas, recebeu no acampamento de Boulogne uma carta, na qual ela lhe recomendava um irmão. Ele respondeu na volta do correio, dando-lhe a certeza de que aproveitaria a primeira ocasião em que pudesse ser útil ao sr. du Colombier, e dizendo a *madame* Carolina de Bressieux: «Cria, minha senhora, que sempre me interessou a lembrança de sua mãe e a sua. Pela sua carta vejo que mora perto de Lyon; não lhe perdoo o não me ter procurado nessa cidade quando aí estive, porque teria muito prazer em vê-la.»

A advertência não foi perdida, e quando o Imperador passou em Lyon, a 22 de germinal do ano XIII (12 de abril de 1806), para a sagração em Milão, foi ela uma das primeiras pessoas que se lhe

apresentou: estava bem mudada, bem velha, e nada bonita já, a Carolina dos outros tempos. Não importa; tudo quanto pediu, tudo obteve: corte de nomes na lista dos emigrados, um lugar para o marido, uma intendência para o irmão. Em janeiro de 1806, pelo ano novo, envia lembranças ao Imperador, e pede-lhe notícias da sua saúde. Napoleão responde de seu próprio punho quase imediatamente. Em 1808, nomeia-a dama de companhia de sua mãe, encarrega o sr. de Bressieux de presidir o colégio eleitoral do Isère e, em 1810, fá-lo barão do Império.

* * * * *

De tal modo reconhecida é a memória que conservou dos que foram bons para ele nos anos da sua juventude, que não há nenhum de quem não houvesse feito a fortuna, como não há nenhum que lhe não tenha sido agradável mencionar durante o seu cativeiro. As mulheres recebem uma parte maior ainda, se é possível, dessa gratidão, e mesmo quando tivesse algum motivo de lhes guardar má vontade, basta que hajam mostrado a seu respeito alguma doçura para ele esquecer imediatamente tudo o mais. Assim, *mademoiselle* de Lauberie de Saint Germain, que parece ter-lhe inspirado uma ideia de casamento, deu a preferência a um primo, sr. Bachasson de Montalivet, que era, também como ela, natural de Valence, e que estava em relações com Bonaparte; Napoleão não conservou por tal motivo nenhum desprazer: sabe-se tudo quanto ele fez pelo sr. de Montalivet, sucessivamente prefeito da Mancha e de Seine-et-Oise, diretor geral das pontes e calçadas, ministro do Interior, conde do Império, com 80.000 francos de dotação.

Quanto a *madame* de Montalivet, de quem ele próprio disse, «ter outrora amado as virtudes e admirado a beleza», nomeou-a, em 1806, Dama do Paço da Imperatriz. Ela, porém, estabeleceu condições: «Vossa Majestade, disse-lhe ela, conhece as minhas convicções sobre a missão da mulher neste mundo. O favor tão invejado que Vossa Majestade tem a bondade de me destinar seria uma infelicidade para mim se me fizesse renunciar a tratar meu marido nos seus ataques de gota, e a criar meus filhos quando a Providência mos dá.» O Imperador começara por franzir o sobrolho; porém, inclinando-se imediatamente com graciosas maneiras, respondeu-lhe: «Ah! impõe-me condições, *madame* Montalivet, e eu não estou costumado a isso. Contudo, submeto-me a elas. Nomeio-a Dama do Paço. Tudo se há de arranjar, de modo que possa ser, a seu gosto, esposa e mãe.»

Madame de Montalivet pode dizer-se que nunca fez serviço, o que não impedia que Napoleão tivesse para com ela atenções muito

especiais. Gostava particularmente desta família: «É de uma rigorosa probidade, dizia ele, e toda composta de indivíduos afeiçoados; creio muito na sua dedicação.»

Eis as recordações que Napoleão guardou de Valence e que conservou sempre no coração. São de ordem tal, que podiam ter orgulho em haver-lhas inspirado aquelas que lhas deixaram. Nenhuma outra convivência se lhe conhece ali; nenhum encontro que ele haja inscrito nas suas notas secretas, onde se apresenta como um Hipólito, muito mais apaixonado pela glória que pelas mulheres. É disso testemunho esta frase que ele escreveu então: *«Se eu tivesse que comparar os séculos de Esparta e de Roma com os nossos tempos modernos, diria: Aqui reinou o amor e aqui o amor da Pátria. Pelos efeitos opostos que estas paixões produzem, estar-se-á autorizado, sem dúvida, a julgá-las incompatíveis. O que pelo menos é seguro é que um povo que se consagra ao galanteio perdeu até mesmo o grau de energia necessário para conceber que um patriota possa existir. É este o ponto a que chegámos hoje.»*

Quase que com certeza se pode concluir que aquela rapariga do Palais Royal foi a primeira que ele conheceu. A aventura, por muito vulgar que seja, nem por isso é menos reveladora do seu carácter. Está ali a sua misoginia, o seu espírito crítico, estão ali as suas bruscas afirmações, e aquele método de interrogação a que ele não renunciaria jamais, e também a sua memória, porque, como se observou, reproduziu de um modo frisante as frases, os termos, e até mesmo as exclamações, que cheiram de longe ao país bretão.

Tornou a vê-la alguma vez? Eis o que é duvidoso. É verdade achar-se nos seus papéis, relativos a esta estada em Paris, uma dissertação dirigida a uma menina sobre o patriotismo; mas, verdade seja também, o assunto não nos parece o mais atraente nem o mais habitual para entreter as frequentadoras das Galerias. Depois desta residência, em Paris, de outubro a dezembro de 1787, Bonaparte voltou de novo para a Córsega, onde chegou no 1.º de janeiro de 1788. Passa aí um semestre, e une ao seu regimento, em Auxonne, no 1.º de junho. Aí, nenhum amor que deixasse vestígio. Pelo contrário, em Seurre, para onde foi destacado no começo de 1789, atribuem-se-lhe relações com uma senhora L...z, em solteira N...s, mulher do recebedor do imposto do sal; com uma lavradeira, uma tal G...t, a casa de quem ia tomar leite, e finalmente com «a menina da casa onde morava». Aachamos muito para um período de vinte e cinco dias, durante os quais os seus cadernos dão testemunho de um trabalho aturado. Contudo, quando, catorze anos depois, a 16 de germinal do ano XIII (6 de abril de 1805). Napoleão passou em Seurre, no trânsito

para Milão, afirma-se que o sr. de Thiard, então seu camarista, lhe apresentou a *menina* e que ele lhe concedeu, para um filho *de doze anos*, uma pensão numa escola do governo. A idade dada a este filho exclui a ideia de que Napoleão tivesse podido imaginar ser pai dele. Se o Imperador houvesse tido a menor dúvida a este respeito, teria dado muito mais, e sem mesmo lhe pedirem nada.

Na Córsega, onde está todo o ano de 1790; em Auxonne; depois em Valence, e de novo na Córsega; em Paris, no meado de 1792, nada; também nada durante a primeira campanha no Sul contra os federalistas; igualmente coisa nenhuma em Toulon.

Precisamos deliberadamente saltar quatro anos. O tenente está feito general de brigada: Bonaparte comanda a artilharia do exército de Itália. Para junto deste exército a Convenção envia como delegado o cidadão Luís Turreau, conhecido por Turreau de Lignières, um dos seus membros influentes, o qual acompanhado por uma mulher nova, com quem está recentemente casado, uma filha de um cirurgião de Versailles, chega a Cairo, no Piemonte, onde está Bonaparte, inteiramente no fim do ano II, provavelmente na 5.^a *sans-culottide* (a 21 de setembro de 1794). Bonaparte agrada muito ao representante, e agrada ainda mais à mulher dele. Não é uma ligação, porque *madame* Turreau é de uma extrema leviandade; mas é mais do que um passatempo, e a lembrança com que ficam dos talentos do moço oficial tanto a mulher como o marido é de tal ordem que, no dia 13 de Vindimário, quando a Convenção está em perigo, é Turreau, pelo menos tanto quanto Barras, quem propõe que se confie a Bonaparte o comando das tropas, e quem fica por fiador dele, ao mesmo tempo que os deputados corsos.

Bonaparte lembra-se mais tarde do serviço prestado. General em chefe do exército de Itália, leva consigo Turreau, não reeleito, como comissário de víveres. Mas Turreau fez-se ainda dessa vez acompanhar por sua mulher, a qual, à falta de generais, vai aceitando o que lhe aparece. Daí se segue uma infinidade de cenas domésticas a ponto de Turreau, segundo se pretende, morrer de desgosto. A viúva regressa a Versailles, onde, no tempo do Império, vivia miseravelmente, tendo procurado todas as maneiras para se fazer recomendar e não lhe tendo sido possível encontrar protetor.

Um dia, numa caçada, Napoleão pronunciou por acaso o nome dela diante de Berthier, o qual a conhecia de infância, porque tinha nascido em Versailles também, e até aí a tinha despedido sempre, não a deixando aproximar-se do Imperador. Então, depois disso, o

marechal abrandou a sua severidade, e decidiu-se a introduzi-la. «O Imperador fez-lhe tudo quanto ela lhe pediu. Realizou-lhe todos os sonhos, e mesmo mais do que isso.»

Assim, como se tem visto, os amores de mocidade de Napoleão reduzem-se a *flirts* sem consequência ou a aventuras banais. [2] Exceto *madame* Turreau, que se lhe atira à cabeça e pode parecer uma boa fortuna, as outras mulheres nem sequer pensam nesse oficialzinho, muito magro, muito pálido, mal vestido, e sem nenhum cuidado na correção e apuro do seu uniforme. Ele, também, pela sua parte, inteiramente ocupado em subir postos, não perde tempo a pensar nelas. Tem, porém, a sua castidade ainda uma outra razão: é pobre, e por isso fez o que geralmente fazem os pobres; querendo ter uma mulher sua, aspira a casar.

II.

Projetos de casamento

Em Marselha, Bonaparte entabulou, em casa de sua cunhada, a mulher de José, um ligeiro galanteio com a irmã desta, bonita rapariga de dezasseis anos, Désirée Eugénie Clary. A pequena, porém, tomou a brincadeira a sério; dentro em pouco, as suas infantilidades desapareceram, e foi um amor fulminante que se lhe declarou. «Oh! Meu amigo,» escreve ela a Napoleão, «toma cuidado nos teus dias, para conservares os da tua Eugénia, que não poderia viver sem ti. Sê fiel ao juramento que me fizeste, como eu guardo com fidelidade o que te fiz.»

Estas cartas verdadeiramente ternas e de uma ternura não estudada, estas cartas de Eugénia — porque, segundo a moda do tempo, aquela a quem em família todos chamavam Désirée (Desidéria), tinha querido como que rebatizar-se para o seu amante, e usar para ele só um nome que não fosse pronunciado por outros lábios, — foram encontradas em rascunhos, sessenta e cinco anos depois, nos papéis daquela que as havia escrito e conservado como relíquias. São bem características da época, em que uma necessidade de viver e de amar, depois dos dias em que a morte era o único espetáculo e o pensamento único, fazia com que tudo quanto era mulher se abraçasse ao amor como a uma religião — a única que efetivamente subsistia sobre as ruínas da sociedade civilizada.

O conhecimento datava de janeiro e fevereiro de 1795. O compromisso, se se chegou a tomar um formal, foi de 21 de abril, dia em que Bonaparte passou em Marselha, de caminho para Paris. José e sua mulher, Júlia Clary, estavam de acordo: tinham, pela sua parte, formado o projeto daquela união, e, na família Clary, não havia nenhuma oposição a temer. O pai, a quem foi atribuída esta frase «que já era de sobejo ter um Bonaparte na família», tinha morrido a 20 de janeiro de 1794 (1.º de pluvioso do ano II). Désirée, que não tinha então treze ou catorze anos, como o disse, escreveu e fez imprimir oficialmente mais tarde, mas sim dezasseis para dezassete, pois tinha nascido a 9 de novembro de 1777, não dependia portanto senão de

sua mãe e de seu irmão: pode mesmo imaginar-se que, com a cabeça que tinha, não dependia senão de si própria.

A sua idade, nesse tempo, não podia motivar objeção: era raro então uma menina casar mais tarde que os dezoito anos, e o relator do primeiro Código civil acabava de fazer fixar nos treze anos a idade legal do casamento para a mulher. Quanto a meios de vida, se Júlia se havia contentado com o mais velho, que não tinha posição alguma, Désirée podia bem aceitar o mais novo, o qual pelo menos era general de brigada.

Tendo Bonaparte chegado a Paris, em maio, encontra-se aí em pleno desfavor, absolutamente nada endinheirado, e agarra-se unicamente, como a uma tábua de salvação, a esse casamento. Se lhe falha, não vê outro remédio senão em ir servir para a Turquia, ou em lançar-se como tantos outros em especulações sobre os bens nacionais. Mesmo quando, gradualmente, a sua situação melhora um pouco, quando é empregado pela Comissão de Salvação Pública nos planos de campanha, sente quanto esse lugar, que um acaso lhe granjeou, é precário e instável. Só Désirée o pode tirar disto, e ele insta com o irmão para obter uma resposta. Em todas as cartas que escreve a José, manda saudades para ela. Rita, também, pelo seu lado, mantém correspondência com ele; pede-lhe o retrato, que ele manda tirar, e lhe envia. Se ela está com a irmã e o cunhado em Génova, e lhe não manda notícias, ele escreve-lhe: «Já sei que para chegar a Génova, tem que se passar o rio Lethes». É ela a *silenciosa*, a quem ele incessantemente repreende o não lhe escrever. Bruscamente, exige uma resposta definitiva: quer que José fale ao irmão de Eugénia. «Manda-me dizer o resultado, e tudo fica concluído».

No dia seguinte, sem dar tempo a que a sua carta tenha podido chegar às mãos de José, diz-lhe: «É indispensável que este negócio se conclua, ou que haja rompimento. Espero a resposta com impaciência». Em seguida, passa um mês, e salvo algumas palavras de lembrança, mais nada. É que, entre ele e essa criança de dezasseis anos, essa rapariguita de Marselha, talvez não bonita, mas encantadora com as suas sobancelhas carregadas, os seus olhos meigos, o seu nariz que se arrebita, a sua boca de cantos subidos, os seus modos muito castos, reservados, e apesar disso muito ternos, Paris, essa grande Paris desconhecida onde Bonaparte acaba de chegar, com as suas botas estrompadas, o seu uniforme safado, e a sua comitiva de dois ajudantes de campo famélicos, interpôs as suas mulheres, os entes feitos de elegância, de graça, de fingimento, os entes a quem a pintura aviva os olhos com um brilho mágico, cujos fatos desenhavam as formas roliças sublinhando tudo quanto é desejável,

dissimulando, enfeitando talvez tudo quanto deveria ocultar-se; os entes de alegria e de prazer, que a vida mundana afinou e que, como frutos amadurecidos em estufa, chegados à sua maturação plena e opulenta, adornados a capricho pelo vendedor, parecem, com o seu colorido falso, a sua penugem suspeita e que nenhum sol beijou, bem diversamente apetitosos do que os frutos precoces, um pouco verdes, das belezas ainda selvagens, nos quais o sol pôs alguns dos seus raios, a geada os seus golpes, e que, francos e um tanto ásperos, deixam na boca a sensação fresca e potente das primícias silvestres.

«Só aqui, aqui unicamente, escreve Bonaparte, de entre todos os lugares da terra, merecem as mulheres ter o governo... Uma mulher precisa viver seis meses em Paris para conhecer o que lhe é devido e qual é o seu império.» E alguns dias depois: «As mulheres, que são aqui as mais belas do mundo inteiro, tornam-se para nós a grande questão.»

Com certeza que são as mais belas do mundo — e bem mais belas! — as de trinta a trinta e cinco anos, de quarenta anos mesmo, experientes na arte de se fazerem amar ainda mais do que na arte de amar, e, como ele não tivesse mais do que a sua mão para lhes oferecer, oferece-a a madame de Permon; oferece-a, diz-se, a madame de la Bouchardie, que foi depois madame de Lesparde, enquanto não chega vindimário, em que lhe pega na palavra madame de Beauharnais.

Segue-se então o silêncio para Désirée, um silêncio pleno e absoluto, e do lado dela ergue-se um lamento, tão doce, tão terno, que nos soa aos ouvidos como uma harpa que se parte:

«Fez-me desgraçada para toda a vida, e eu tenho ainda a fraqueza de lhe perdoar tudo. Está casado! E à pobre Eugénia não é permitido já amá-lo, pensar em si... Agora, a consolação única que me resta é saber que está convencido da minha constância, e depois disso só desejo a morte.

A vida é um suplício horroroso para mim desde que lha não posso consagrar... Está casado! Não posso acostumar-me a esta ideia, que me mata, e não posso resistir-lhe. Hei de fazer-lhe ver como fui sempre fiel aos meus juramentos, e como sempre o hei de ser, porque, apesar de ter rompido os laços que nos uniam, eu nunca aceitarei outro marido, nunca me casarei... Desejo-lhe toda a ordem de venturas e de prosperidades no seu casamento; desejo-lhe que a mulher que escolheu o faça tão feliz como eu tinha pensado em fazê-lo e como merece; mas, no meio da sua felicidade, não se esqueça de Eugénia e

Foi para Bonaparte, que não era capaz de esquecer, um verdadeiro remorso, a lembrança desse amor que ele havia, sem dúvida, mais inspirado do que sentido, onde de uma brincadeira de criança se tinha insensivelmente deixado conduzir a um projeto de ambição, e onde enfim, sem pensar em tal, tinha quebrado impiedosamente um coração juvenil.

Parece que toda a sua vida pensou em resgatar, em fazer com que lhe perdoassem, esse abandono. Logo em 1797, em Milão, pensa em casar bem Désirée a qual, nessa ocasião (novembro) está em Roma, com sua irmã e seu cunhado, José, embaixador junto de Pio VI. Dá uma carta muito calorosa de recomendação ao general Duphot, «um perfeíssimo cavalheiro, um oficial distinto. Seria vantajosa uma aliança com ele.» Duphot apresenta-se, não desagrada, e o contrato de casamento vai concluir-se; mas sobrevém a terrível cena de 28 de dezembro, e o vestido de Désirée é banhado no sangue do seu noivo. [3]

Enfim, depois de muitos casamentos rejeitados, enquanto Bonaparte está no Egito, Désirée consente em casar com o general Bernadotte, um belo partido sem dúvida, mas o mais insuportável dos Jacobinos pedantescos e mestres de escola, um bearnês que não tem do gascão nem a franqueza dos modos nem a réplica viva, mas cuja finura calculadora oculta sempre um duplo jogo, que considera madame de Staël como a primeira das mulheres por ser a mais pedante de todas, e que ocupa a sua lua de mel em ditar trechos à noiva para ela escrever. Do Cairo, onde recebe a notícia desse casamento, que lhe não pôde agradar — porque Bernadotte foi e é para ele um inimigo — Bonaparte deseja felicidade a Désirée: «Merece-a».

Quando regressa do Egito, um dos primeiros favores que lhe pedem, é Désirée quem o solicita. Pede-lhe para ele ser padrinho do filho, que ela acaba de dar à luz. Um filho! O filho que há de faltar aos seus destinos, que já lhe está faltando, Désirée, como que por vingança contra aquela a quem chama a *Velha*, contra Josefina a quem odeia, faz ostentação dele, e Bonaparte, fazendo boa cara à má fortuna, aceita o convite, e como andava a esse tempo preocupado com os cantos ossianescos, deu à criança o nome de Óscar. Isto, porém, é pouco ainda. Há de fazer, pela sua antiga inclinação, muito mais e muito melhor.

«Se Bernadotte foi marechal de França, príncipe de Pontecorvo e rei, a causa disso foi o seu casamento, disse Napoleão... Os seus erros durante o Império foram-lhe sempre perdoados por causa desse casamento.»

E de que espécie foram esses erros! Logo nos primeiros dias, a 18 de brumário, Bernadotte pronuncia a sua oposição. Não deixa de ser chamado no dia seguinte a tomar assento no Conselho de Estado, e de ser depois nomeado general em chefe do exército do Oeste. Aí, não somente faz oposição, como ainda conspira abertamente contra o Primeiro Cônsul, pretendendo sublevar o exército. — Sabem-se agora todos os pormenores. — Que castigo teve? Nenhum. Tão somente, para afastá-lo, Bonaparte quer enviá-lo como ministro plenipotenciário para os Estados Unidos. Bernadotte não recusa partir; mas representa uma comédia, que lhe sai o melhor possível, e arranja as coisas de modo que as fragatas que lhe são destinadas nunca estejam prontas a fazer-se de vela.

No ano seguinte, é o caso de Moreau, e, se Bernadotte escapa ainda, é porque Bonaparte assim o quer, é porque pensa sempre em Eugénia, e em sua consciência jurou protegê-la. Bonaparte fez mais ainda. Resgatou a Moreau todos os seus bens, as suas terras de Grosbois, o seu palácio da rua d'Anjou. Este palácio, que ele pagou por 400.000 francos, dá-o a Bernadotte.

Vem o Império: por causa de Eugénia, faz Bernadotte marechal do Império, grão-cruz e chefe da oitava coorte da Legião de honra, presidente do colégio eleitoral de Vaucluse, cavaleiro da Águia negra; por causa dela, dá-lhe uma dotação anual de 300.000 francos, e 200.000 francos de uma só vez, em metal sonante, e o principado soberano de Pontecorvo; por causa dela, perdoa depois d'Auerstaedt, perdoa depois de Wagram, perdoa depois de Walcheren; perdoa depois de duas faltas militares, que sem dúvida não eram outra coisa senão faltas, depois de uma conspiração flagrante onde Bernadotte, Fouché, e Talleyrand põem em jogo, com os realistas, as mesmas molas a que há de dever-se, em 1814, o regresso de Luís o Desejado.

E por intermédio dele, são sempre para com ela atenções, amabilidades que surpreenderiam se no seu espírito não estivesse constantemente o pensamento de se fazer perdoar. Quando Bernadotte é ferido no combate de Spanden, e dois dias depois Napoleão lhe escreve, é para lhe dizer: «que vê com satisfação estar naquela conjuntura madame Bernadotte junto dele»; é para acrescentar: «Peço-lhe que dê mil lembranças amáveis da minha parte à senhora marechala, fazendo-lhe, em meu nome, uma pequenina censura. Ela

podia perfeitamente ter-me escrito umas palavras para me dar notícias do que se passa em Paris; mas reservo-me para lhe pedir explicações a primeira vez que a veja».

Não há atenção, que lhe escape; é para ela que, depois de Erfurth, ele reserva uma das três magníficas pelicas que o imperador da Rússia acaba de lhe oferecer. A todo o momento, embora ela nunca apareça na corte, porque detesta Josefina e os Beauharnais, e o não oculte, são da parte dele presentes valiosos; vasos de Sévres ou tapeçarias dos Gobelins. Não é, finalmente, nela que ele pensa quando — depois de Walcheren! — imagina enviar Bernadotte para Roma como governador geral — por conseguinte grão-dignitário do Império — para manter no Quirinal a corte do Imperador, com uma lista civil de três milhões, igualando-o assim a Borghese, que está em Turim, a Elisa, que está em Florença, quase a Eugénio, que está em Milão?

Quando Bernadotte, depois da recusa de Eugénio, que se nega a apostatar, é, graças à neutralidade, pelo menos benévola, de Napoleão, eleito príncipe hereditário da Suécia, se, nesse momento, a política do Imperador parece a alguns obscura e velada, é porque não sabem entrar em linha de conta com o seu coração: «Sedu-lo a glória de ver rainha uma mulher por quem ele se interessa, e de ver príncipe real o seu afilhado.» Vemo-lo regular minuciosamente as cerimónias da apresentação de Désirée quando ela se despede como princesa da Suécia, e, favor sem precedente, convidá-la num domingo para o jantar de família; vemo-lo gratificar Bernadotte com um milhão tirado da caixa de serviço, resgatar-lhe as dotações com que ele próprio o beneficiou, negociar com ele e tomar-lhe de novo o principado de Pontecorvo, dar um título e uma dotação ao irmão de Bernadotte.

Com certeza que ele tem o direito de escrever a Eugénia: «Já deve estar convencida há muito tempo de todo o interesse que consagro à sua família.»

Quatro meses depois, Bernadotte põe-se de acordo com a Rússia contra Napoleão; menos de um ano depois, tudo indica entre a França e a Suécia o rompimento próximo. Désirée, que só com grande custo acedeu a uma breve viagem a Estocolmo, porque, dizia ela, «eu pensava que a Suécia era, como Pontecorvo, um lugar do qual íamos tomar o título», Désirée trata de voltar a toda a pressa ao seu palácio da rua de Anjou.

Então, com infinitas precauções, Napoleão escreve ao seu ministro das Relações externas para que este faça sentir ligeiramente ao ministro da Suécia, que ele vê com pesar a princesa real vir a França

sem ter obtido permissão para fazê-lo; que isso é fora de uso, e que ele lastima que ela deixe seu marido em circunstâncias tão importantes. Désirée não faz o menor caso, e instala-se como tinha tenção. Em novembro, quando a guerra vai rebentar, o Imperador escreve de novo; envia Cambacérès a casa da rainha de Espanha (Júlia Clary) dizer-lhe que ele deseja que a princesa deixe Paris e regresse à Suécia, pois não é conveniente que ela esteja ali naquele momento.

Désirée não entende desses negócios, e deixa-se ficar. Continua a encomendar vestidos na casa Leroy, a receber as pessoas da sua amizade, e a abrir os seus salões. Vai para as águas com sua irmã, regressa a Auteuil, e torna a entrar em Paris, como se nada se passasse. Acha mesmo muito extraordinário que os franceses que ela recebe se permitam censurar o antigo marechal do Império tornado generalíssimo dos exércitos combinados do norte da Alemanha. É verdade que, se dermos crédito a pessoas bem informadas, ao mesmo tempo que ela faz transmitir a Bernadotte as supremas adjurações de Napoleão, serve muitas vezes de intermediária entre seu marido, Fouché e Talleyrand.

Se fosse demonstrado que Désirée aproveitou a fraqueza que por ela tinha o Imperador para ser conscientemente o laço de uma intriga entre conspiradores que se conheciam de velha data, que, deveríamos pensar dela? O melhor é acreditar que ficou em Paris apenas pela paixão que tinha por Paris, a fim de se não separar de sua irmã, de suas sobrinhas, das suas relações, dos seus hábitos.

Estava em Paris em 1814, e teve parte, como outros, nas visitas de Alexandre da Rússia; aí estava, também, em 1815, durante os Cem Dias, e a 17 de junho, na véspera de Waterloo, encomenda a Leroy uma amazona de nankin e um penteador de percale guarnecido de valenciennes.

Agora, era Eugénia que tinha esquecido... [4]

III.

Josefina de Beauharnais

Cerca dos fins de vindimário do ano IV (outubro de 1795), o acaso de uma solicitação põe em presença a viscondessa de Beauharnais e o general Napoleão. Este acaba bruscamente de sair da sombra: o seu nome, desconhecido ainda ontem, esse nome apenas sabido de Barras, que o escreve *Buona-Parte*, acaba agora o canhão que esmagou as secções rebeldes à Convenção de o fazer ressoar em toda a França.

General subalterno do exército do interior, em breve general em chefe, ordena o desarmamento dos parisienses: apresenta-se no quartel general um rapaz querendo obter que lhe deixem conservar a espada de seu pai. Bonaparte vê o moço, interessa-se por ele, e satisfaz-lhe o pedido. Visita de agradecimento da mãe, uma dama, uma grande dama, uma viscondessa, viúva de um presidente da Constituinte, de um homem de corte, de um general em chefe do exército do Reno; é muito tudo isto para Bonaparte: o título, a qualidade, a educação, as maneiras naturalmente nobres que ela possui; pela vez primeira, o provinciano de vinte e seis anos, que chega dos exércitos revolucionários, em quem nenhuma mulher verdadeiramente mulher demorou a atenção, encontra-se em presença de um desses seres desejáveis, elegantes e raros que ele nunca entrevira senão de muito longe, e da plateia; encontra-se na posição que mais convém ao seu orgulho, a da proteção, e esse papel no qual pela primeira vez se ensaia, agrada-lhe extremamente.

Ela, que para viver tem de lançar a mão a expedientes, vê num relance a situação, e compreende que pode aproveitá-la. Crioula da Martinica, casada aos dezasseis anos com o visconde de Beauharnais, pela influência de uma tia experta que vive abertamente com o marquês de Beauharnais, pai do visconde, Josefina de La Pagerie teve, depois da sua chegada a Paris, em 1779, uma existência atormentada; o marido enganou-a, abandonou-a, separou-se dela sem ela ter culpa nenhuma: não tinha nenhuma distração no mundo, porque, vivendo em casa de sua tia, cuja posição era equívoca, não tinha nenhum

acesso na corte, onde não fora apresentada, nem na sociedade. Pela separação do marido alcançou mais liberdade — e diz-se que a aproveitou. Segue-se então uma viagem, uma longa estada na Martinica; depois sobrevem a Revolução, reconcilia-se com o visconde, que é eleito deputado aos Estados Gerais, e chega a ser presidente da Constituinte, e general em chefe do exército do Reno. Atravessa então um período em que é feliz, em que abre as suas salas, o tempo único da sua vida em que viu gente de certa ordem, do que na sociedade se pode chamar a boa roda. Vem em seguida o Terror: Beauharnais é preso e guilhotinado. Josefina é recolhida também à prisão, e só por milagre consegue escapar.

Quando, depois do 9 de termidor, sai da prisão dos Carmes, e se encontra, passados os trinta anos, com dois filhos, arruinada de todo, o que faz ela? Auxiliada por algumas relações femininas que entabulou, principalmente na prisão, porque quase não tinha outras, lança-se na sociedade. Dinheiro que recebe das ilhas, empréstimos que levanta à direita e à esquerda, dívidas que contrai quase que por toda a parte, permitem-lhe montar um certo tom de vida. Deixa a sua casa da rua da Universidade, aluga a Luísa Júlia Carreau, cidadã Talma, mediante 4000 francos por ano em numerário ou 10.000 em assinados, um pequeno palacete na rua Chantereine, n.º 6, e instala-se aí no dia 10 de vindimário do ano III (outubro de 1794).

Mas o quê! Passou um ano, as dívidas acumulam-se, nada aparece. Sem dúvida, com a sua admirável imprevidência de crioula, não sabe ou não quer contar, espera não se sabe que milagre, que venha tirá-la das dificuldades em que se vê: um milagre parecido com o que encontrou sua tia, a Renaudin, sob a figura do marquês de Beauharnais. Aparecendo em toda a parte onde há divertimento, mostrando-se no que é a sociedade de então — uma sociedade de jardins de recreio onde por vinte soldos se é de boa companhia — arranja conhecimentos, por influência dos quais chega a conseguir que lhe restituam alguns bocados de terra que pertenciam a seu marido; mas vê-se obrigada a desfazer-se deles tão depressa os recebe. Não possui nada, nem capital, nem rendimento fixo: porque, pelo seu casamento, recebeu de seus pais um dote nominal de cem mil francos do qual lhe deveriam pagar os juros a cinco por cento; mas o pai morreu-lhe, a mãe está muito pobre e além disso as ilhas estão bloqueadas pelos ingleses. De sua tia, madame Renaudin, recebeu em propriedade alguns bens, que teve de vender, e continua a receber alguns auxílios. Há ainda os empréstimos, e alguns banqueiros complacentes fazem com ela contratos sobre os bens da Martinica, aconselhando-a mesmo a ir a Hamburgo onde poderá receber com mais facilidade alguns adiantamentos. Mas o crédito esgota-se, e o

tempo passa. Que carta há de jogar agora?

Neste momento, para pagar a visita que recebeu da *viscondessa de Beauharnais*, o general Bonaparte bate à porta principal do palacete da rua Chantereine. Não sabe que o palacete pertence à cidadã Talma, a qual, no tempo em que era simplesmente a *demoiselle Julie*, o recebeu em presente de um amante generoso que lhe pagou com ele os seus favores de impura. Não vê que, com os seus mil e duzentos metros de terreno (601 toezas), o palacete, naquele bairro perdido, mesmo na extremidade de Paris, a dois passos da rua de S. Lázaro, ladeada ainda por jardins em quase toda a sua extensão, vale apenas cinquenta mil francos, preço por que foi pago em 1781, preço por que será pago em 1796.

Aberta a porta pelo porteiro, porque a casa tem porteiro, o general segue por uma espécie de comprido corredor: a um dos lados, num pavilhão, vê a cavalaria com dois cavalos pretos, carregados de anos; e uma vaca amarela. Do outro lado, a cocheira, onde há apenas uma carruagem velha, está fechada.

O corredor alarga-se em jardim. No centro deste fica a habitação principal; um rés do chão de quatro janelas altas, tendo por cima um ático abatido. (A cozinha é no subterrâneo). Bonaparte sobe quatro degraus que o conduzem a um patamar ladeado, em forma de terraço, por balaustres muito simples, e penetra numa antecâmara sumariamente mobilada com uma fonte de cobre, um corpo inferior de armário de carvalho, e um armário inteiro de pinho.

O *oficioso* Gonthier, introdu-lo num salão pequeno, uma sala de jantar, onde, próximo da mesa redonda de mogno, ele pode sentar-se numa das quatro cadeiras estofadas de crina preta, a não ser que prefira antes examinar nas paredes algumas estampas emolduradas em madeira preta e dourada. Tudo isto é pouco luxuoso; mas, aqui e acolá, mesas e bufetes de mogno ou de madeira amarela de Guadalupe, com tampos de mármore e guarnições de cobre dourado, indicam uma elegância antiga, e, nos dois grandes armários envidraçados, embutidos na parede, uma chaleira grande, vasos e uma série de acessórios de mesa, tudo em plaqué inglês, simulando pratas. Destas, no sentido verdadeiro da palavra, não há em casa mais do que catorze colheres de sopa e quinze garfos, uma concha para terrina, seis colheres de molho, e onze colheres pequenas para café. Ele, porém, nada sabe de tudo isto.

Josefina, garridamente arranjada pela sua camareira, a cidadã

Luísa Compoin, sai do quarto e entra apressada naquela casa de jantar para receber o visitante que a fortuna lhe traz. Não tem outra casa para recebê-lo; porque o rés do chão não compreende, além da casa de jantar, senão uma saleta em forma de meia rotunda, da qual ela fez um quarto de *toilette*, e o seu quarto de dormir. Este é bonito, mas muito simples, com as suas guarnições de nanquim azul franjadas de amarelo e vermelho, o leito de duas cabeceiras, liso, e o resto da mobília de mogno e de madeira amarela de Guadalupe, tendo como objeto único de arte, ao pé de uma harpa de Renaud, um pequeno busto de Sócrates, de mármore branco. Quanto ao quarto de *toilette*, além do piano forte de Bernard, não há nele outro adorno senão espelhos: um espelho em cima de uma grande banca de *toilette*, outro espelho sobre uma cómoda de mogno, outro ainda sobre um velador, e finalmente sobre o fogão um tremó de dois espelhos pequenos.

O quê! É essa toda a mobília de uma tal elegante? É toda, sem mais nada. E come em pratos de barro ordinário, exceto nos dias de festa, para os quais tem uma dúzia de pratos de porcelana branca e azul; a roupa de mesa compõe-se de oito toalhas, quatro das quais arroxadas, e todas tão gastas que, no inventário, guardanapos e toalhas é tudo avaliado em quatro francos. Mas Bonaparte não sabe disso; não sabe que essa mulher elegante e rara que tem ali diante de si, cuja graça infinita lhe perturba a cabeça, cuja *toilette* estudada é uma festa para os seus olhos, não possui no seu guarda-fato senão quatro dúzias de camisas em parte usadas, duas dúzias de lenços, seis saias, seis camisas de dormir, dezoito *fichus* de cambraieta, doze pares de meias de seda de diversas cores. Em compensação tem, para pôr por cima, seis xales de musselina, dois vestidos de tafetá fino, um cor de castanha, outro roxo, três vestidos de musselina bordada de cor, três vestidos de musselina lisa, dois vestidos de organdi, três vestidos de *canaderi*, um vestido de tafetá, de verão, três de fazenda de Jouy, um de cambraia bordado de branco. Aquela roupa íntima tão verdadeiramente pobre e esta roupa de fora relativamente numerosa, apesar das fazendas serem todas ligeiras e de preços baixos, pintam ao vivo Josefina: tem seis saias e dezasseis vestidos.

Mas que importa! Bonaparte não vê senão o vestido, ou antes, não vê senão a mulher: cabelos castanhos de bonita qualidade, embora pouco abundantes, — mas então a moda são cabeleiras loiras nevadas de pó tenuíssimo — uma pele bastante morena, já enrugada no rosto, mas que uma pintura habilmente feita, embranquece e alisa; dentes bastante estragados, mas que se não veem nunca, porque a boca muito pequena conserva-se sempre fendida num ligeiro sorriso, muito doce, de um admirável acordo com a doçura infinita dos olhos cerrados por grandes pálpebras e realçados por longas pestanas; e em não menor

acordo com a expressão terna das feições, com um som de voz tão tocante que para ouvi-lo, mais tarde, hão de até os criados parar nos corredores. E com tudo isso, um narizinho provocante, ligeiro, móvel, de narinas perpetuamente agitadas, um pouco arrebitado na ponta, tentador e malicioso, que provoca o desejo.

Contudo, a cabeça não é muito merecedora de citação ao pé daquele corpo tão livre e tão comprido, que a gordura nunca tocou, que termina em pés estreitos, pequenos e arqueados, polpudos e roliços, pedindo beijos. Vendo hoje os sapatos que os calçaram, adivinham-se esses pés, veem-se, pega-se-lhes... Ao corpo, nenhuma prisão, nenhum espartilho, nem mesmo uma cinta para sustentar os peitos, aliás muito descidos e chatos. Mas o porte geral domina tudo. Essa mulher põe em viver uma graça que é só dela: «Tem graça mesmo a deitar-se.» E essa graça resulta da proporção tão justa dos membros elásticos para o busto liberto, que quem a vê esquece-se de que a estatura é medíocre, tão fáceis e elegantes são os movimentos. Uma ciência longamente estudada desse corpo, uma *coquetterie* que afinou todos os gestos, que não deixa perder nenhuma vantagem, e que, constantemente em defesa, nada deixa ao acaso, essa indefinível indolência que faz das mulheres crioulas as mulheres por essência, essa sensualidade que, como um perfume a um tempo ligeiro e capitoso, flutua em torno daqueles abandonos cansados das formas flexíveis e fáceis, pois não é tudo isso o suficiente para enlouquecer todos os homens, começando por este, mais novo e menos experiente que qualquer outro? E por isso mesmo *a mulher* sedu-lo no primeiro encontro, ao mesmo tempo que *a dama* o deslumbra e se lhe impõe por um ar de dignidade, como ele próprio diz: «a atitude calma e nobre da antiga sociedade francesa.»

Ela sente perfeitamente que ele está preso, que lhe pertence, e quando volta no dia seguinte, e depois no outro, e depois todos os dias, quando ele vê em redor de madame de Beauharnais homens que foram da antiga corte, que são verdadeiros senhores relativamente a ele, «*petit noble*» (o termo é do próprio Bonaparte), um Ségur, um Montesquiou, um Caulaincourt, que a tratam como amiga, como igual, um pouco como camarada, não percebe a diferença, a gradação, não sente que esses homens, os quais guardarão sempre para ele o seu prestígio, vão ali como se fossem solteiros, e que nenhum leva a sua mulher.

Saindo dos meios completamente jacobinos onde viveu, que em Vaucluse, em Toulon, em Nice, em Paris, o fizeram avançar, sente uma satisfação infinita ao ver-se em tal companhia. Todas as aparências, e aqui nada é senão aparência, tanto o luxo da dama como a sua

nobreza, a sua sociedade e o lugar que ela ocupa no mundo, aceita-os como verdadeiras realidades, e assim as vê, no que, diga-se de passagem, os sentidos o ajudam.

Quinze dias depois da primeira visita, essas relações são uma ligação: pelo que escrevem, parece que se está ainda no período da amizade; mas, na confusão daqueles tempos, diz uma testemunha, as transições não se observavam quase. Tudo andava depressa.

«Amaram-se apaixonadamente.» Da parte dele, a questão é simples, é naturalíssima. Da parte dela, porque não havemos de crer que nesse momento fosse sincera? Era um fruto novo, esse Bonaparte, um selvagem a domesticar, o leão do dia a trazer preso a uma cadeia. Para a mulher já madura que ela é, aquele temperamento que desperta, aquele ardor de paixão, aqueles beijos *como no Equador* dados em toda a sua carne, aquela fúria de um desejo contínuo, não é essa a homenagem que melhor pode tocá-la, provar-lhe melhor que é formosa ainda e que há de agradar sempre? Mas, bom como amante, que fará dele como marido? E, ei-lo a oferecer a mão, a pedir que lha aceitem. No fim de contas, o que tem ela a perder com isso? Vê-se em sérios apuros, e é uma cartada que arrisca. Ele é novo, é ambicioso, é general em chefe do exército do interior; no Diretório lembram-se que ele forneceu os planos da última campanha de Itália, e Carnot vai fazer com que lhe deem o comando em chefe na campanha próxima. É a salvação talvez. E, pensando bem, os compromissos que ela toma não são irrevogáveis. Um casamento? Mas o divórcio é remédio sempre à mão, pois agora nem se trata de padre, nem de cerimónia religiosa. O que vem a ser isso, no fim de tudo? Um contrato que durará o tempo em que aos dois convenha observá-lo; mas que não terá valor nem para a consciência da mulher, nem para a sua antiga sociedade, admitindo que se ocupem dela; que pode trazer um bom prémio se o jogo for feliz, porque aquele rapaz pode ir longe, e que sempre trará, pelo menos, uma pensão, se ele for morto.

Não obstante, ela tem a tomar precauções: primeiro, tem que dissimular a sua idade, porque não quer, nem a esse rapaz de vinte e seis anos, nem a ninguém, confessar que já passa dos trinta e dois anos. Então Calmelet, o seu homem de confiança, subtutor de seus filhos, dirige-se, auxiliado por um tal Lesourd, a casa de um tabelião: «Certificam conhecer perfeitamente Maria José Tascher, viúva do cidadão Beauharnais, saber que ela é natural da ilha Martinica, nas ilhas de Sotavento, e que, neste momento, lhe é impossível obter a sua certidão de nascimento, vista a ocupação atual da ilha pelos ingleses.» É tudo; nenhuma outra declaração, nenhuma data. Munida deste documento devidamente reconhecido, Josefina poderá declarar ao

oficial do estado civil que nasceu a 23 de junho de 1767, quando a verdade é que nasceu a 23 de junho de 1763. Disto, porém, ninguém fará questão.

Quanto à sua fortuna, procura da mesma forma manter a ilusão. Aqui, poderão imaginar que o caso se torna mais difícil; mas Bonaparte aceita tudo quanto ela faz; e então, à porta fechada, somente em presença de Lemarrois, ajudante de campo do general, é redigido o mais estranho contrato de casamento, que jamais um tabelião recebeu: nenhuma comunidade de bens, sob qualquer forma e de qualquer maneira; separação absoluta de bens; autorização plena dada antecipadamente à futura esposa pelo futuro marido; tutela dos filhos do primeiro tálamo mantida exclusivamente à mãe; pensão de mil e quinhentos francos de rendimento a favor dela se enviudar, e, neste caso, garantida também para ela a posse de tudo quanto justificar pertencer-lhe.

Bens trazidos por ela, nenhuns: tudo o que a futura esposa possui pertence à comunidade que existiu entre ela e o falecido sr. de Beauharnais. Disso não se fez inventário, e será tão somente depois do inventário, que ela decidirá se aceita ou renuncia. Concluído o inventário dois anos mais tarde, ela renuncia, mas esses dois anos renderam-lhe muito mais.

Bonaparte, por seu lado, faz menos cerimónias em confessar o nada da sua fortuna: «O futuro marido declara não possuir nenhuns bens imóveis, nem bens móveis mobiliários salvo o seu guarda-roupa e as suas equipagens de guerra, tudo avaliado por ele em... e assinou-lhe o valor nominal.» Isto era, como disse o tabelião a madame de Beauharnais, a Capa e a Espada. Mas o general achou a declaração ociosa, e, no contrato, acaba por fazer pura e simplesmente riscar o parágrafo.

O contrato é de 18 de ventose do ano IV (8 de março de 1796). No dia imediato, realiza-se o casamento perante o oficial do estado civil, o qual, com toda a complacência, dá ao noivo vinte e oito anos em lugar de vinte e seis, e à noiva vinte e nove em lugar de trinta e dois. Este empregado tinha a mania de igualar. São testemunhas Barras, Lemarrois, que não é ainda maior, Tallien e Calmelet, o inevitável Calmelet. Nenhuma menção de consentimento dos pais dos dois esposos: não foram consultados.

Dois dias depois, o general Bonaparte, sozinho, vai em marcha para o exército de Itália. Madame Bonaparte deixa-se ficar na rua Chantierine. Felizmente tinham tomado antecipações sobre a lua de

mel.

IV.

A cidadã Bonaparte

De Paris a Nice, onze paragens, e de cada uma, quase de cada casa de posta onde espera as mudas, voa uma carta para a rua Chantereine, sobrescritada para a cidadã Bonaparte, em casa da cidadã Beauharnais. Nessas cartas, irrompe a paixão: não transparece nelas a menor ambição, tão seguro da sua fortuna parece estar aquele que as escreve. Não tem a menor dúvida de si mesmo, nenhuma incerteza sobre o futuro: a sua confiança é tão plena, que nem mesmo tem necessidade de exprimi-la. Nenhuma especulação sobre o futuro, nenhum indício dos seus projetos, nenhuma inquietação sobre os meios: dir-se-ia um desses príncipes de há dois séculos partindo em diligência para comandar uma vitória. Nada senão Ela e Ele, nada senão amor.

Em Nice, logo à sua chegada, ao mesmo tempo que lança aos bandos, dos quais vai fazer um exército, palavras breves em que resume todos os seus sonhos e todos os seus apetites; ao mesmo tempo que reduz à obediência, num simples franzir de sobrolho, aqueles generais de revolta que pretendiam fazer dançar «*le petit b...*» (conforme Augereau disse a Massena); ao mesmo tempo que multiplica as ordens para organizar, para equipar, para sustentar aqueles soldados esfarrapados, aos quais, para estreia, vai fazer realizar o assalto dos Alpes, escreve cartas sobre cartas a Josefina: «Nos momentos em que estou a ponto de amaldiçoar a vida, ponho a mão sobre o coração, e sinto o teu retrato junto a ele; contemplo-o, e o amor é para mim a felicidade absoluta e tudo é risonho menos o tempo em que me vejo ausente da minha amiga.» Esse retrato, cujo vidro partido o mergulhará num acesso de desespero por ver nisso um presságio de morte, não o deixa nunca, nunca se separa dele, mostra-o a todos. Faz-lhe a sua prece de todas as noites.

É a adoração de um fiel, a exaltação de um crente. Se os soldados o soubessem, não se ririam: são da idade dele, são da mesma raça; uma visão sobrenatural enche-lhes a cabeça, como enche a dele. É ele o general que convém àquele exército estranho. No alto, ele, com os

seus vinte e seis anos, a sua face imóvel, muito magro, muito pálido, sob os compridos cabelos que uma nuvem de pó alveja, com os seus olhos profundos, que vão num relâmpago penetrar o mais íntimo dos seres, olhos que subjagam e «fazem medo.» Abaixo, os aventureiros: este, Augereau, desertor de todos os exércitos da Europa, um tarimbão tratando a todos por tu, com os seus ares eternos de espadachim; aquele, Massena, contrabandista manhoso, pirata quando se lhe oferecia ocasião, tão sôfrego pela mulher, quem quer que ela fosse, como pelo dinheiro, de onde quer que ele viesse.

Bem desejariam eles derrubá-lo, a esse seu inferior de há dias, que agora lhes é imposto como chefe. Ele, porém, fita-os nos olhos, e perante o domador sentem-se subjugados, e embora rosnando, humilham-se. Os soldados e os oficiais (em massa, porque em particular há verdadeiros bandidos, tais como Landrieux) não têm necessidade de ser domados: deixam-se conquistar logo desde a primeira frase. A maior parte deles chegam do exército dos Pirenéus Orientais onde fizeram a sua aprendizagem de abnegação, levando cada um deles na alma um pedaço da alma de La Tour d'Auvergne. Não pensam senão na glória e na pátria. Ver-se-á, nesta guerra, oficiais recusarem a promoção como um insulto, simples cabos restabelecerem os combates, soldados improvisarem-se generais e adivinharem a estratégia. Uma corrente elétrica de génio circula nas fileiras, um igual desprezo pela morte, uma mesma alegria em face dela, um estoicismo contente, e, para o amor, uma exaltação igual em todos esses corações juvenis. Por isso, também, ele, Bonaparte, é digno de comandá-los. Vencer, conquistar, é o meio de tornar a vê-la mais depressa, de a ter sua, ao pé de si, constantemente com ele.

Por ela, em quinze dias desse mês de abril de 1796, seis vitórias, vinte e uma bandeiras tomadas, o Piemonte obrigado a capitular. «Soldados, graças vos sejam dadas!» Sim, graças lhes sejam dadas, porque Josefina vai chegar. Junot a quem o general envia a Paris levar os troféus, é quem há de trazê-la. — Precisa da sua mulher: «Vem depressa; previno-te que se te demoras me encontrarás doente. São de mais, ao mesmo tempo, as fadigas e a tua ausência.» Isto não é uma mentira para atraí-la; queima-o uma febre contínua, esgota-o uma tosse persistente; aquela sarna recolhida de Toulon atacando-lhe o estômago torna-o ético, e depois tem um só, um único pensamento: «É verdade que vais chegar, não é? Dentro em pouco estarás aqui, ao meu lado, sobre o meu coração, nos meus braços! Põe asas! Vem! Vem!»

Não há para ele outra mulher senão essa: no Cairo, trazem-lhe a amante de um oficial piemontês: é extremamente nova,

milagrosamente bela. Ao vê-la, o olhar inflama-se-lhe; mas é um relâmpago só: conserva ao pé de si os seus oficiais, recebe a cativa com uma dignidade calma, fá-la acompanhar aos postos avançados, restituir ao seu amante.

Isto, porém, talvez fosse política; mas, em Milão, quando a Grassini se lhe oferece doidamente; quando, desesperada, solta para o enternecer cantos tão apaixonados e tão líricos que converte à música o exército inteiro, ele paga à cantora e repele a amante. Só uma mulher é para ele toda a mulher, e a voluptuosidade que dela espera é a voluptuosidade inteira.

Mas, o que faz ela que não vem? A verdade é que, ir correr os campos em companhia daqueles soldados, não é coisa que a seduza. Como é bem melhor estar gozando em Paris o resultado das fadigas, que eles por lá passam, e como é bom ter chegado enfim — e numa simples cartada, — a ser contada entre as elegantes supremas, entre as rainhas da nova Paris! Agora Bonaparte enviou-lhe as suas procurações, e mesmo sem isso quem recusaria crédito à mulher do general em chefe do exército de Itália? É de todas as festas, de todas as partidas, de todas as receções no Luxemburgo, o qual readquire com Barras as suas elegâncias principescas, e onde, ao pé de madame Tallien, a dona da casa, lhe preparam o lugar melhor.

Ocupa o primeiro lugar quando Junot vai apresentar ao Diretório as vinte e uma bandeiras, e sai pelo braço de Junot, tomando largo quinhão no triunfo. E depois, as primeiras representações, e, quando aparece no seu camarote, a plateia de pé, e já a aclamação de um povo; e em seguida as festas oficiais, a festa do Reconhecimento e das Vitórias que parece ser-lhe dedicada; e Paris sobretudo, ou antes unicamente Paris, Paris que a empolgou de tal modo que já lhe não é possível viver longe dela e que daí em diante, através de tudo, durante os dezoito anos que lhe restam a viver, a sua preocupação única será: não abandonar Paris.

Ele, que aguarda, que espera, que se impacienta, ele a quem torturam o ciúme, a inquietação, o desejo, escreve carta sobre carta, expede correio sobre correio. O que faz ela? O que pensa? Dar-se-á caso que tomasse um novo amante, «de dezanove anos» sem dúvida? «Se fosse verdade... bem podes temer o punhal de Otelo...» e ela, sorrindo, com o seu cecear crioulo: «Tem graça, Bonaparte!»

Contudo, era preciso inventar um pretexto: José Bonaparte está em Paris para apressar a partida; Junot, apesar do prazer que tem em se mostrar com o seu uniforme de hussardo, não tem remédio senão

voltar para o exército. Depois de Chérasco, foi Lodi, e agora o exército está em Milão. É um palácio e não um bivaque que a espera. O que há de ela inventar? Uma doença, isso já é velho; mas uma doença ocasionada por um começo de gravidez, isso é excelente. Logo que recebe tal notícia, Bonaparte quase que enlouquece. «Não sei como hei de castigar-me da sem razão com que te tenho tratado, escreve ele. Acuso-te de te demoraes em Paris, e a tua demora é por causa de doença! Perdoa-me, minha boa amiga; o amor que me inspiraste tirou-me a razão: nunca mais a reaverei. É este um mal de que ninguém se cura. Os meus pressentimentos são tão funestos, que eu me limitaria a ver-te, a apertar-te ao meu peito e a morrermos juntos... Um filho adorável como a sua mamã vai ver o dia nos teus braços. Infeliz de mim, contentava-me com um dia!»

E na mesma noite, a José: «Meu amigo, estou verdadeiramente num desespero. Minha mulher, tudo o que eu mais amo neste mundo, está doente. A minha cabeça não resiste a isto. Pressentimentos horrorosos me agitam o pensamento. Conjuro-te a dizer-me o que ela tem, como passa. Se, desde a nossa infância, fomos unidos pelo sangue e pela mais terna amizade, peço-te que lhe prodigalizes todos os cuidados, faz por ela o que seria a melhor glória para mim fazer eu mesmo. Não terás o meu coração, mas só tu me podes substituir. És o único homem na terra por quem eu tenho uma verdadeira e constante amizade. Depois dela, depois da minha Josefina, és a única pessoa que me inspira algum interesse. Tranquiliza-me. Fala-me verdade. Conheces o meu coração. Sabes como ele é ardente. Sabes que eu nunca amei, que Josefina é a primeira mulher a quem adoro. A sua saúde aflige-me até ao desespero. Todos me abandonam, ninguém me escreve. Estou sozinho, entregue aos meus receios, às minhas desgraças. Também tu me não escreves. Se ela estiver bem, de modo que possa fazer a viagem, desejo ardentemente que venha. Tenho necessidade de vê-la, de apertá-la contra o meu coração. Amo-a loucamente, e não posso estar longe dela. Se ela deixasse de amar-me, eu nada mais tinha a prender-me à terra. Oh! Meu bom amigo, recomendo-me a ti. Arranja as coisas de modo, que o meu correio não fique seis horas em Paris, e que venha restituir-me a vida!...»

Não se pôde conter; ameaça, se sua mulher não vem, de dar a demissão, de abandonar tudo, e de voltar ele em pessoa. Josefina compreende que todos os pretextos estão acabados, que o da gravidez, o melhor, aquele que mais ao vivo impressiona Bonaparte, se desvaneceu, — se é que alguma vez teve um vislumbre de aparência; que o da doença não pode enganar José, porque ela continuou as suas saídas, não se privou de nenhuma festa, e tem aguentado os prazeres perfeitamente.

Torna-se, portanto, necessário partir, e, desesperada, banhada em lágrimas, soltando gemidos, depois de uma ceia de despedida no Luxemburgo, mete-se na carruagem com o seu cão Fortunato, com José, Junot, o cidadão Hipólito Carlos, adjunto do ajudante general Leclerc, e a cidadã Luísa Compont. Esta, *a oficiosa*, come à mesma mesa que sua ama, e veste exatamente como ela. O seu quarto, na rua Chantereine, não é em coisa nenhuma o quarto de uma criada, e, com os seus cortinados e os seus reposteiros de seda siamesa, com os castiçais de alabastro em peanhas de cobre dourado, com os amores e as jardineiras de porcelana de Sévres, com a bonita cómoda, estilo regência, tendo os cantos, os argolões e as sapatas de cobre e o tampo de mármore verde, é mais elegante do que o quarto da senhora. O que é Luísa Compont para Josefina? Sem dúvida unicamente uma confidente a quem ela distingue e a quem, apesar da desinteligência sobrevinda, pagará pensão até 1805. Na viagem, que é comprida, e que parece intencionalmente prolongada, Junot toma as suas disposições com *mademoiselle* Luísa, e Josefina, embora ao que se pode julgar por sucessos posteriores não ache o sr. Charles indiferente, fica furiosa por ver que lhe tiram ou que lhe preferem a sua favorita.

Tendo saído de Paris no fim de junho (messidor, IV), a 8 de julho (20 de messidor), ainda não tem chegado a Milão, mas está muito próxima, e Bonaparte, obrigado a ir opor-se ao exército de Wurmser, suplica a Josefina, que se vá encontrar com ele em Verona: «Tenho necessidade de ti, diz-lhe ele, porque vou estar muito doente». Contudo, ela espera-o em Milão, onde ele corre a vê-la: dois dias de efusão, de amor, de carícias apaixonadas. Depois, logo a seguir, é a grande crise de Castiglione. Nunca se viu situação mais grave, nunca houve perigos mais extremos. Não se trata mesmo de saber se se evitará a derrota, mas simplesmente se se poderá escapar à destruição. E no meio das ordens que ele expede para reunir as suas divisões, das combinações que inventa para atenuar o desastre, nesse instante em que ele joga os seus destinos, em que a sua fortuna parece hesitar, em que ele mesmo, pela vez primeira, parece duvidar de si próprio, cada dia, uma carta, uma longa carta de amor: «Ah! Peço-te, deixa-me ver algum dos teus defeitos; sê menos bela, menos graciosa, menos terna, menos boa sobretudo; sobretudo nunca sejas ciumenta; não chores nunca: as tuas lágrimas apagam-me a razão, queimam-me o sangue... Vem ter comigo, e pelo menos, que antes de morrer possamos exclamar: Fomos tantos dias felizes!»

E no dia seguinte, e no imediato, e todos os dias que está afastado dela, essa mesma loucura de paixão, beijos chovendo sobre todos os pontos daquele corpo que ele diviniza!... Para que ela venha juntar-se-lhe, uma noite só que seja, uma hora apenas, pede, suplica, ordena.

Ela, um pouco mais submetida, porque, ali, daquela Itália conquistada, diante daquele exército fanatizado, sente confusamente que ele é da raça dos Chefes e que pelo menos é preciso *parecer* obedecer; faz esforço por ir procurá-lo, e é então, para ela, uma corrida estranha no meio dos soldados, uma corrida de fugitiva e de triunfadora, onde ora é acolhida como soberana pelos magistrados da Itália nova, ora arrosta o fogo das baterias austríacas, numa correria vertiginosa em carruagens que tombam, por meio de exércitos vitoriosos ou debandados, chamando-a o amor ao som dos tambores que dão o sinal de carga, no crepitar da fuzilaria, ao clarão das cidades bombardeadas...

Está com Bonaparte? «Ei-lo todo o dia em adoração diante dela como diante de uma divindade»; afasta-se ela? Correio sobre correio. De cada uma dessas aldeias ignoradas cujos nomes ele vai tornar imortais, envia-lhe cartas, onde envolve com declarações de ternura, de confiança, de reconhecimento mesmo, imprecações ciosas, carícias delirantes. Para ela, a amante idosa, mundana e experiente, é o grito daqueles sentidos esfaimados, inteiramente jovens e novos, do homem de vinte e seis anos que, até aí, viveu casto; é o lamento não interrompido de um desejo exasperado pela doença, pela febre, pelo esforço contínuo do cérebro em laboração.

Mau grado seu, a expressão desse desejo, vai ele pedi-la às suas recordações da *Nova Heloísa*, tirando ainda da literatura de Rousseau o arrebatamento da sua frase: não porque ele não seja sincero, nem porque o amor seja nele um pretexto para fazer estilo, mas ama desse modo, recebeu essa fórmula e não poderia — não poderá nunca — falar de amor numa língua diferente. Nesse tempo, é um filho de João Jacques, e, como quer que tenha sido, ficou da sua raça, e como todos aqueles *que colheram a pervinca*, para toda a vida o coração lhe ficou perfumado.

Para Josefina a sua questão não é a pervinca. Ela não é nem dessa geração, nem desses países, nem dessa educação, nem dessa ingenuidade. Aquela perpétua exaltação cansa-a e aborrece-a. Certamente, é bonito ser amada assim; isso pareceu-lhe interessante e novo, porém isso fatiga, e o desacerto de um desejo que tem essas brutalidades e essa inexperiência não é próprio para acordar sentidos envelhecidos... Sem dúvida que há rendimentos bons, presentes das cidades e presentes dos príncipes, ofertas dos generais, percentagens dos fornecedores; mas embora ela gaste uma infinidade de dinheiro, não é mulher de dinheiro. Tão pródiga, como imprevidente, sempre tentável e sempre tentada, recebe por obséquio e dá por capricho. Não lhe passa pela ideia que faz mal, porque obedece ao seu instinto; mas

apesar disso arranja as coisas de modo que Bonaparte não saiba nada. Conhece nele escrúpulos, que acha extravagantes, dado o meio em que ela viveu e a sociedade que frequentou; mas é preciso aceitá-lo como ele é. Logo nos primeiros dias, a propósito de uma caixa de medalhas que Josefina recebeu, ele falou severamente, e foi preciso restituir as medalhas. Daí em diante, esteja descansado que nada saberá, e se suspeitar alguma coisa, hábeis mentiras, para as quais Josefina arranjará cúmplices, cobrirão os colares de pérolas, os adereços de diamantes, os quadros de preço e as antiguidades inestimáveis.

Muitas outras coisas há que Bonaparte ignora. Quase que nem sabe que o sr. Charles existe, aquele sr. Charles, adjunto de Leclerc, que veio de Paris com Josefina. O sr. Charles fiou em Milão, onde passeia pelas ruas um garrido uniforme de caçador a cavalo, e cada vez que o general se ausenta do palácio Serbelloni, logo o sr. Charles entra para lá. Josefina farta-se de dizer que o sr. Charles não serve senão para diverti-la, para a distrair, para a fazer rir, que da sua parte é tudo platónico: O sr. Charles é um homenzinho, muito redondo, muito cheio, de uma imperturbável confiança em si próprio, de um corpinho extremamente ágil, vivo, e destro, só falando em trocadilhos e calemburgos, primando em todos os exercícios de força e de destreza, em mistificações e partidas, um ratão divertido, como diziam. É ele o laço entre Josefina, sempre precisada de dinheiro, e os fornecedores que imaginam ter necessidade de Josefina. É pródigo como um traficante, mas alegremente, um pouco à estouvada, como um hussardo a tratar negócios. Que contraste, e como para Josefina a antítese parece intencionalmente preparada! Mas eis que Bonaparte tem suspeitas sobre o sr. Charles, como as que teve sobre Murat. O sr. Charles, segundo se diz, é preso; mas não será pelas suas relações com os fornecedores? Em todo o caso, deixa o exército, e regressa a Paris, onde Josefina o faz associar à Companhia Bodin, e lhe procura maneira de ele fazer grande fortuna nas subsistências.

O sr. Charles era uma distração da melhor espécie: era alguém de Paris, daquela Paris que Josefina amava sobre todas as coisas, da Paris boémia, divertida e ruidosa, da Paris fácil e ligeira do furtivo amor. Era indispensável um sr. Charles para ela poder suportar o tédio incurável que sofria: «Aborreço-me muito», escreve ela a madame Renaudin. Sim, tudo a aborrece, o amor doido de seu marido excessivamente rapaz, e Milão, e Génova, onde o Senado a recebe como rainha, e Florença, onde o Grão-Duque a acolhe como sua prima, e Montebelo, onde tem uma verdadeira corte, e Passeriano, e Veneza; tudo a aborrece, exceto Paris.

E contudo, eis que Bonaparte regressa a Paris, e ela não o

acompanha. É que lhe deu a fantasia de ir a Roma, — pelo menos assim o diz, — e só entra oito dias depois de seu marido na casa da rua Chantereine, — agora rua da Vitória — naquele palacete onde ela acabou, por meio do seu correspondente, de introduzir 120.000 francos de mobília e de ornamentações, aquele palacete de 52.400 francos, que Bonaparte só comprará daí a quatro meses, a 31 de março de 1798.

Assim por um capricho, para fazer a sua vontade, deu de barato aquela viagem de apoteose através da Suíça e da Itália, aquele regresso à pátria pelo braço do homem cujo nome enche Paris inteira, do homem cujo nome ela usa... Um mês depois de Bonaparte ter deixado Milão, ainda ela não tem chegado: não chega senão exatamente no fim de dezembro. [5]

Embora, a esse momento, em Napoleão já o amor não esteja naquela fúria de paixão dos primeiros dias, sua mulher é ainda a única mulher que ele ama. Disso faz profissão pública: «Amo minha mulher», diz ele a madame de Staël. Não deixa sua mulher e não lhe desagrada que lhe repitam ser extremamente ciumento. E, contudo, ela já não está bonita. «Tem perto de quarenta anos, e parece-o bem.» Que importa! Para Bonaparte ela não envelhece, e, passada a primeira loucura resta-lhe desse amor uma recordação tão ardente e tão reconhecida que durante a sua vida toda, faça Josefina o que fizer, ficará sendo sempre a adorada, a mulher que há de exercer nos seus sentidos e no seu coração o único poder imutável.

V.

Madame Fourès

Em Toulon, no dia 29 de floreal do ano VI, do convés do *Oceano*, navio sobre o qual ele embarcou a sua fortuna, Bonaparte contempla, tanto tempo quanto pode avistá-lo, o lenço branco agitado por Josefina. Ama ainda essa mulher, não já com o ardor do temperamento dos primeiros dias, mas com o reconhecimento dos seus sentidos satisfeitos e do seu coração acarinhado. Ama-a como sendo a encarnação da graça e da elegância, como o ser feminino por essência, o primeiro que se lhe ofereceu, o primeiro que ele possuiu plenamente.

Combinou com ela que, logo que haja realizado a conquista daquele Egito — e dessa conquista não tem a menor dúvida — ela irá encontrar-se com ele, para o que lhe enviará uma fragata; e que nesse meio tempo ela irá para uma terra de águas. Mas, se Josefina foi sincera quando prometeu, em breve a ideia de partir, de ir para tão longe, através de tanto desconhecido, perturba-a e assusta-a. Em Paris, é empolgada pelos hábitos antigos, pelas reuniões, pela sociedade, sobretudo pelas suas ligações de Milão. Do seu lado, Bonaparte é posto de sobreaviso por indiscrições.

Começa por inquietar-se durante a travessia de Toulon a Malta e Alexandria. Acodem-lhe ao espírito as suspeitas antigas. Quer saber, interroga, respondem-lhe. Por diferentes vezes, chamando de parte aqueles que ele julga mais seus amigos, que podem recusar-se menos a dizer-lhe as verdades, obstina-se em querer saber o que dela se disse na Itália. O que se passou antes dele casar com Josefina não lhe importa, não lhe diz respeito, não tem nada com isso. Quando, de Milão, a 23 de pradiar do ano IV, ele lhe escreve: «Tudo me agradava, até a recordação dos teus erros e da cena aflitiva que precedeu de quinze dias o nosso casamento», dá nisso a chave do seu próprio caráter, do seu modo de compreender o amor. O direito que ele tem sobre o coração, sobre o espírito, sobre os sentidos dessa mulher, não datam senão do dia em que ela livremente se obrigou por um juramento, em que ela aceitou o seu amor, em que ela pareceu

compartilhá-lo; mas, desde esse dia, pertence-lhe, e se o enganar, acaba-se tudo. [6]

Logo que os olhos de Bonaparte são desenevoados, logo que a ilusão em que ele viveu se dissipou, a ideia do divórcio esclarece-se no seu espírito: está quebrado o laço que o prende à mulher. Se ele tivesse conservado a sua ignorância, sem dúvida que se lhe teria conservado fiel no Egito como se lhe conservou na Itália; mas agora que obrigação tem de se constranger? Que necessidade tem, no meio do aborrecimento profundo que cai sobre o exército do Egito, de desprezar distrações que, alguns meses antes, teriam aparecido à sua consciência como traições para com uma amante fiel, e que presentemente não são já a seus olhos senão as fraquezas naturais de um homem de vinte e nove anos?

Acode-lhe a fantasia de provar as mulheres da Ásia, como sucedia à maior parte dos oficiais: trazem-lhe uma meia dúzia delas, mas o seu feito e a sua obesidade desgostam-no. Nem lhes toca, e manda-as embora imediatamente. Não havia ninguém mais suscetível de enojar-se do que ele, ninguém mais sensível aos cheiros, nem que tivesse os nervos mais impressionáveis e mais irritáveis. Encontrou melhor no *Tivoli egípcio*. Era este um jardim, pelo modelo do *Tivoli* de Paris, o qual foi montado como empresa industrial por um emigrado, antigo guarda do corpo, antigo condiscípulo de Bonaparte em Brienne, e que tinha obtido licença para acompanhar o exército. Como em Paris, havia ali um círculo, toda a espécie de jogos, cavalos de pau, cadeirinhas suspensas e girantes, baloiços, e além disso equilibristas, pelotiqueiros, saltimbancos, psilos e almeias, e tomavam-se sorvetes ao som da música militar. Seria coisa deliciosa com o pessoal feminino dos jardins de amor de Paris; mas, a respeito de mulheres da Europa, poucas ou nenhuma, e era por isso que o exército se enfastiava e era por isso que tantos oficiais, jogando as últimas, acabavam por casar autenticamente com egípcias.

As únicas europeias que se podiam ver frequentando o *Tivoli* tinham ido com o exército. Ora, antes da partida, haviam sido dadas as ordens mais severas para que todas as mulheres de oficiais ficassem nos depósitos das semibrigadas; portanto, só tinham chegado ao Cairo aquelas que, por um subterfúgio qualquer, vestidas com fatos de homem, tinham podido infringir a lei, escapado às rondas, e feito a travessia em algum porão de navio.

Eram audaciosas, guerreiras, habituadas às aventuras, e prontas como a mulher do general Verdier, a disparar tiros de espingarda, se fosse preciso.

Entre elas havia uma, a mais bonita de todas, baixinha, de cabelos loiros, de pele reluzente, de dentes maravilhosamente brancos, agradável em toda a parte, adorada ali.

Chamava-se Margarida Paulina Bellisle: aprendiz de modista em Carcassone, fizera-se desposar pelo sobrinho da sua mestra, um bonito tenente do 22 de caçadores a cavalo, o qual se chamava Fourès. Em plena lua de mel, ordem de embarcar para o Egito: a recém-casada disfarçou-se de caçador a cavalo e teve a habilidade de se meter no mesmo navio que o marido.

No Cairo, tornou a envergar os seus fatos femininos, — «dava-se pouco com os outros oficiais, e a união desse casal era citada como um modelo edificante». Na festa dada a 20 de frimário do ano VII (1.º de dezembro) sobre o Esbekieh, e em que, depois da revista geral das tropas, Conté lançou um balão que se esperava dever surpreender prodigiosamente os habitantes do Cairo e que nem sequer lhes fez voltar a cabeça, os dois ajudantes de campo do general em chefe, Merlin e Eugénio de Beauharnais, ambos muito moços, mostraram um ao outro madame Fourès; e com tal veemência a admiraram que Bonaparte reparou, olhando também por sua vez, e pedindo informações.

Nessa mesma noite, torna a vê-la no *Tivoli egípcio*, deita-lhe olhadelas, aproxima-se, faz-lhe cumprimentos, e demora-se longamente ao seu lado. Depois, officiosos como sempre há para isto, fazem o resto.

Ou por cálculo ou por virtude, a beleza não se rende logo. São precisos protestos, declarações, cartas, presentes ricos. Por fim, tudo se arranja. A 17 de dezembro, Fourès recebe ordem de embarcar — mas agora sozinho — no navio *Chasseur*, comandado pelo capitão Laurens, com a missão de desembarcar na costa de Itália e de levar despachos ao Diretório: em Paris, deve encontrar-se com Luciano e José Bonaparte, e depois regressar imediatamente a Damietta. Regressou mais depressa do que se esperava.

Logo no dia da partida de Fourès, Bonaparte convidou a gentil solitária para jantar em companhia de várias outras damas francesas. Dá-lhe lugar ao seu lado, e faz-lhe as honras da mesa com toda a galantaria. Mas, de repente, simulando um desastre, entorna uma garrafa de água gelada por cima dela, e leva-a ao seu quarto com o pretexto de ser preciso reparar o transtorno em que ficou a sua *toilette*. «As aparências foram pouco mais ou menos guardadas», disse-se. — Com efeito, só pouco mais ou menos. Porque a ausência do general e

de madame Fourès prolongou-se o tempo suficiente para que os convidados, que tinham ficado à mesa, pudessem conceber dúvidas sobre a realidade do acidente.

A dúvida, porém, tornou-se ainda menos permitida quando se viu mobilar à pressa uma casa vizinha do palácio de Elfi-Bey, morada do general; apenas madame Fourès ali se havia instalado, quando inopinadamente aparece o marido.

O *Chasseur*, tendo-se feito de vela a 28 de dezembro, foi logo no dia seguinte aprisionado pelo navio inglês *Lion*, e os ingleses, muito ao corrente do que se passava no exército francês, tiveram a malícia de desembarcar Fourès, e de o deixar em paz sob palavra de não servir contra eles no resto da guerra.

Fourès, que Marmont tinha baldadamente procurado deter em Alexandria, chegou furioso ao Cairo e fez expiar com extrema rudeza à esposa infiel as liberdades que ela se tinha permitido. «Para se subtrair aos arrebatamentos dele», madame Fourès requereu o divórcio, o qual foi pronunciado em presença de um comissário das guerras, do exército. No regresso da expedição da Síria, o marido foi de novo autorizado a voltar a França, sendo então dirigida ao comissário da marinha uma ordem urgente para lhe ser facilitada a viagem.

Depois do divórcio, madame Fourès, que havia retomado o seu nome de Bellisle, mas que no exército, como outrora em Carcassone, não era conhecida senão pela bonita alcunha de *Bellilote*, ostentou-se declaradamente como favorita. Vestindo com riqueza, vivendo com um luxo extremo, recebendo os generais à sua mesa, fazendo as honras do palácio às damas francesas que tinham conseguido acompanhar o exército, era vista nos passeios, ora rodando em caleche com Bonaparte, de ajudante de campo trotando à portinhola — Eugénio de Beauharnais tal qual como os outros, — ora caracolando vestida de general, com chapéu de três bicos, num cavalo árabe expressamente ensinado para ela. «Lá vai a nossa generala», diziam os soldados. Os que tinham pretensões a falar bem e a mostrar conhecimentos do passado, chamavam-lhe a *Cleópatra*.

Trazia, pendente de uma longa cadeia, ao pescoço, o retrato, em miniatura, do seu amante. Era uma ligação pública, a qual demais a mais não espantava ninguém. Em todos os estados maiores dos exércitos da república, desde 92, que se encontravam mulheres galantes com trajos masculinos, fazendo muitas vezes serviço de ajudantes de campo, como as meninas de Fernig; porém as mais das vezes fazendo outros serviços: como Illyrina de Morency, Ida Saint-

Elme e tantas outras.

Um fato de homem era então de rigor em toda a guarda-roupa de mulher que vivia livremente, e o hábito que os generais tinham de se fazerem acompanhar nas campanhas pelas suas mulheres ou pelas suas amantes estava tão enraizado que, durante as guerras de Espanha até ao fim do Império, nenhum por assim dizer se dispensou disso. Exemplo: Massena em 1810-1811. Contudo, Eugénio acabou por se zangar um pouco por causa dos passeios à estribeira, e embora continuasse a ser ajudante de campo do seu padraсто, foi dispensado das cavalgadas, que para ele não eram airosas,

Bonaparte estava a tal ponto apaixonado pela Bellilote, que lhe não ocultara a intenção em que estava de repudiar Josefina, falando em desposá-la, a ela, a aprendiz de modista de Carcassone, no caso de terem um filho. Mas, o quê! «A pedaço de tola não os sabia ter», dizia ele mal humorado. E a quem um dia lhe foi contar o dito, respondeu ela: «Posso jurar, que a culpa não é minha!»

Durante a expedição da Síria, conservou-se no Cairo, e Bonaparte escrevia-lhe cartas muito ternas. No regresso, depois de Aboukir, quando o general embarcou a bordo da *Muiron* para voltar a França, deu ordem para que a exma. madame Fourès se fosse encontrar com ele o mais depressa possível, e pelo primeiro navio que estivesse armado.

Kléber não o compreendeu assim. Sucessor de Bonaparte no comando do exército, no seu entender não havia dúvidas de que a posse de Bellilote era uma das prerrogativas do general em chefe, e pôs embaraços sobre embaraços à partida.

Por fim, ele decide-se a enviá-la a Menou, comandante do *Rosette*, com o seguinte bilhete:

Cairo, 9 de vindimário do ano VIII.

«A pessoa que vos porta esta carta, meu caro general, é a cidadã Forest; ela deseja passar a França, para se reunir ao herói, ao amante que ela perdeu, e espera da vossa cortesia que lhe permita que faça essa viagem o mais brevemente possível e na melhor companhia, e tudo o que lhe digo ela o saberá solicitar melhor que eu.

As mais cordiais saudações.

Menou respondeu no dia 18:

«Meu caro general, a bela chegou mas não a vi. Providenciarei, sem a ver, todos os serviços que estejam ao meu alcance contanto que não seja necessário esclarecer nada com o seu marido. Há já muito tempo que eu aprendi que *nada de bom pode vir* da intromissão em assuntos deste género. Fique seguro que em França ele será avisado do que aqui se passou; o homem em questão tem muitos inimigos e haverá certamente no Corpo Legislativo alguém que fará um *discurso de pelo menos duas horas* sobre esta aventura galante. Já podeis ver por aqui o que poderemos dizer quando lá chegarmos. Estaríamos bem arranjados, *pobres diabos como nós*, se nos metêssemos no meio dessa batalha.»

Pode ver-se que Menou preocupou-se pouco com o *homem em questão*. Um mês mais tarde ele escreveria uma carta bem diferente. Por fim, diz-se que graças a Desgenettes, madame Fourès obteve permissão para embarcar com Junot e alguns sábios expedicionários — Rigel, Lallemand e Corancez filho — num navio neutro: o *América*, Mas o *América* foi tomado pelos ingleses.

Eis Bellilote cativa, depois solta, e finalmente levada para França. Chega lá, porém, quando tudo está acabado, quando está feita a reconciliação entre Josefina e Bonaparte, quando o 18 de brumário tem feito do seu amante o primeiro magistrado da República, o homem que deve dar a todos o exemplo da dignidade na vida e da rigidez nos costumes.

Há quem afirme que ele, então, proibiu a Bellilote que fosse para Paris: o que é facto, porém, é que ela não deixou de se mostrar, acompanhada, no Teatro Francês, e nos outros espetáculos. O cônsul, esse é que é certo, recusou-se sempre a recebê-la.

Em compensação, forneceu-lhe quanto dinheiro ela quis. Ainda a 11 de março de 1811, ele lhe doava 60.000 francos, fornecidos pela caixa dos teatros. Comprara para ela uma casa de campo nos arredores de Paris, e casara-a com um antigo emigrado, Henry de Ranchoup, anteriormente oficial de infantaria.

O casamento efetuou-se em 1800, em Beleville, e o marido, que era de uma boa família do Auvergne, dos arredores de Craponne, recebeu como presente de núpcias o vice-consulado de Santander, de

onde passou, em 1810, para o consulado de Gotemburgo.

Apesar das funções de seu novo marido, madame de Ranchoup parece não ter saído muito de Paris. Ali a encontramos em 1811, ali está ainda em 1813. Em 1814, encontramos-la frequentando muito as reuniões da moda. É recebida em casa da baronesa Girard, da condessa de Sucey, da baronesa Brayer. Meteu-se na literatura: publicou, por intermédio do editor Delaunay, um romance em dois volumes, *Lord Wentworth*. O melhor, porém, é não falar senão do romance que ela viveu.

Revela-se também pintora, e não sem um certo merecimento: disso se pode julgar por um bonito retrato em que ela se representou a si própria desfolhando um malmequer; ideia singular, porque, se o que procurava era a folha do *apaixonadamente*, o que encontrou foi a do *absolutamente nada*. É uma mulher encantadora, com a sua cabeça engraçada e viva, — um pouco modista — com os cabelos curtos e frisados como os de uma criança; com o seu corpo delicado e apetitoso, os braços de verdadeira beleza, e um conjunto amável, fresco, gentil, que resgata pelo brilho e pela graça o que lhe falta em distinção.

Cerca de 1816, madame de Ranchoup, separada definitivamente de seu marido, vende a mobília, que é de importância, e parte para o Brasil em companhia de um tal João Augusto Belard, antigo oficial da Guarda. Corre em Paris o boato de que, com a sua fortuna realizada, propõe-se atar relações com Santa Helena e fazer evadir Napoleão. Nunca pensou em semelhante coisa, porque tomara até aversão ao imperador, e afetava as opiniões mais puramente brancas. Quando, nas suas memórias, madame de Abrantes, sem lhe poupar elogios, se faz eco da atoarda, madame de Ranchoup protesta. Era uma coisa que a podia pôr de mal com a polícia, a qual então a vigiava como «antiga amiga de Bonaparte», e que em 1825, quando ela regressa a Paris em companhia de Belard, a faz seguir passo a passo.

A verdade é que ela quis apenas na sua viagem restabelecer a sua fortuna muito delapidada; leva para o Brasil uma bagagem insignificante e objetos de pacotilha, e traz de lá boas madeiras de palissandra e mogno; vende-as em França, compra mais pacotilha, torna a ir vendê-la ao Brasil, e anda neste comércio até 1837, ano em que se estabelece de todo em Paris. Continua a escrever, publica um novo romance: *Uma castelã do século XII*, e, instalada numa casa modesta da rua da Ville-l'Évêque, rodeada de macacos e de pássaros em liberdade, chega à idade de noventa e dois anos — porque só veio a morrer a 18 de março de 1869 — levando uma existência que muita

gente invejaria. Conserva intacta a sua inteligência, escreve, pinta, toca harpa, compra quadros, mantém as suas relações com as mulheres que outrora conheceu, forma mesmo amizades novas, — com *mademoiselle* Rosa Bonheur, entre outras.

O seu gosto pela arte pode avaliar-se pelos quadros em grande número que legou ao museu de Blois (quem a atraiu a Blois foi uma amiga, a baronesa de Wimpffen). Muitas cópias, muitos desses quadros que se dizem da escola de Rafael, de Ticiano, de Leonardo, de Boucher: algumas telas atribuídas a Prud'hon, outras a Reynolds, a Terburg, a João Meel, a Carlo Maratti, a Jeaurat; dois quadros modernos, um de Rosa Bonheur, outro de Compte-Calix; *Meninos Jesus, Boémios, Vénus, Amores, Psíquês, Ermitas, Lições de flauta*, coisa nenhuma que recorde os tempos do Egito, nem o palácio de Elfi-Bey, nem o homem que, nessa vida, deveria ocupar todo o lugar. Madame de Ranchoup — a condessa de Ranchoup, como ela se fazia chamar — tinha, antes da sua morte, queimado todas as cartas que lhe escrevera o general Bonaparte.

Parece que o seu desejo era aniquilar até a mais simples lembrança desse amor, que lhe vale um bocado da curiosidade da história, desse amor muito novo, muito sensual, que tem ainda lados de ingenuidade; mas que, sobretudo, denota já em Bonaparte o desejo, desde então impetuoso, de ter um filho seu, um filho a quem ele transmitisse, com o seu nome, a herança da sua glória. [7]

VI.

O perdão

Estava Josefina jantando no Luxembourg, em casa de Gohier, presidente do Diretório, quando estoirou a notícia, inesperada sobretudo para ela, do desembarque de Bonaparte em Fréjus. Em verdade, ela havia como que esquecido a existência de Bonaparte, e parecia nem sequer pensar em que ele voltasse algum dia, de tal modo havia arranjado a vida a seu gosto, conduzindo-se em tudo como viúva consolada.

No Egito o marido pensava no divórcio; mas, em França, a mulher tornava necessário o repúdio.

Desligada de Barras, que não podia ser um amante, cuja influência, demais a mais, declinava, e cujos poderes iam expirar, tinha-se agarrado doidamente aos Gohier, marido e mulher, desde a entrada do marido para o governo, depois do golpe de Estado, de pradiar, ano VII.

Este burguês de Rennes, que afetava os costumes puros e a integridade espartana, era o ministro da Justiça, do Terror, aquele que tinha inventado as fórmulas legais de que Fouquier Tinville requeria a aplicação. Era o casuísta da guilhotina. Não há coisa que dê maiores ares de austeridade do que a caça aos expedientes jurídicos: é a hipocrisia necessária para cobrir a prevaricação.

Gohier, portanto, era tido como austero. Por causa da sua austeridade havia entrado no Diretório, e tinha recrutado para o seu partido Josefina, a qual lhe contava as suas paixões; Gohier, protetor, aconselhava-a a que divorciasse para casar com Charles. O divórcio é legal e republicano; permite a uma mulher, que era amante de um homem, tornar-se sua concubina.

Josefina hesitava — tentada quase. Mas, no entretanto, rompera com seus cunhados, José e Luciano, os quais, nos Conselhos, eram os mais rudes adversários do partido Gohier. Com os Bonaparte estavam todos os amigos de Napoleão, os que aguardavam, esperavam,

descontavam o seu regresso, sonhando refazer com ele a França; com Gohier, viam-se os piores inimigos de Napoleão: Bernadotte, Championnet, Jourdan, Moulin, todos os generais políticos. Os jacobinos não tinham inventado Gohier, republicano virtuoso e civil, senão para porem em cheque o conquistador.

Porém, quanto mais hostil era Gohier a Bonaparte, mais ele convinha a Josefina, e, para assegurar a sua proteção e o concurso do casal Gohier, tinha imaginado fazer casar o filho destes com sua filha Hortense, essa pobre criança de quem ela subordinou sem cessar a vida às suas conveniências e aos seus interesses, e que teria sacrificado então sem o menor remorso, tal qual como a sacrificou depois.

Caminhavam os negócios, e estava-se à mesa, em jantar de família, quando esta notícia se recebeu: Bonaparte desembarcou e vem a caminho de Paris. Por mais diligentes que tenham sido os correios, é fora de dúvida que ele deve segui-los de perto: não foi para se deter nos triunfos das cidades, que ele violou a quarentena.

Josefina não tem tempo para deliberar, para reunir conselho. Vê num relance que tem só um partido a adotar, o da audácia. É o que faz, mesmo com Gohier, a quem pretende, quer ele queira quer não, metê-lo no seu jogo: «Presidente, diz-lhe ela, não receie que Bonaparte venha com intenções fatais para a liberdade; *mas precisamos unir-nos para evitar que haja miseráveis que se apoderem dele!*»

Gohier há de vir a servir, sem dúvida; mas de quem primeiro se precisa é de Bonaparte. Com a maior pressa, Josefina manda vir cavalos de posta. Pretende correr ao encontro daquele que regressa, evitar toda a explicação, cair-lhe nos braços, despertar nos seus sentidos o amor extinto, reconquistá-lo como amante, e, na carruagem dele entrar em Paris, e entrar pelo braço dele na sua casa da rua Chantierine, e receber com ele os Bonapartes despeitados, os quais, ainda desta vez, se não atreverão a falar ou, se se atreverem, não terão quem lhes dê ouvidos.

Nada de hesitação nem de temporização como quando se tratava da partida para a Itália, nada de Luísa Compoinet nem de Fortunato; nenhuma bagagem, e eis a mala posta rodando na estrada de Borgonha.

Mas Bonaparte regressa pela estrada do Bourbonnais, e ao passo que, dando pressa aos postilhões, Josefina devora com os olhos o horizonte, procurando nele a carruagem que espera, seu marido tem chegado já a Paris, e está na sua casa da rua da Vitória.

Retrocede a toda a pressa, mas precisa ir a Lyon, porque as duas estradas, que se separam em Fontainebleau, só aí entroncam. Três dias passaram durante os quais Bonaparte, já firmado nas suas ideias de rompimento pelas histórias sabidas no Egito, interroga seus irmãos, suas irmãs, sua mãe. Não tem agora a menor dúvida sobre a conduta de Josefina em Milão, sobre a vida dela pior ainda durante os últimos dezassete meses. Parece que, por uma certa atenção, ou para com ela, ou para com seu irmão, os Bonapartes lhe não dizem tudo quanto sabem; é também muito provável que não saibam tudo; mas o que dizem é bastante. A decisão de Napoleão está tomada, parece inabalável, e toda a família a aplaude.

Debalde alguns amigos a quem ele conta as sensaborias da sua vida doméstica, lhe fazem ver que aquela aclamação do povo no seu regresso o empenha e obriga; que a nação não espera dele um escândalo, espera dele a salvação; que o seu primeiro dever é erguer o prestígio do Estado e que a todo o tempo pode despedir sua mulher; que apresentar-se como marido enganado é começar por dar a si mesmo um ridículo, e que, em França, o ridículo mata. Mas Bonaparte não quer saber de coisa nenhuma: «Hei de separar-me, diz ele; que me importa o que o mundo diga? Falarão um dia ou dois, ao terceiro ninguém se lembrará disso.» Não há consideração que seja capaz de o abalar ou de o enternecer. Nenhum interesse, por maior que lho representem, é capaz de prevalecer sobre a sua justa indignação. Para evitar todo o encontro em que pudesse deixar-se comover — porque sabe o poder dessa mulher sobre os seus sentidos, e teme-o ainda sobre o seu coração — faz depositar na casa do porteiro os fatos, as joias, tudo quanto é dela: marca entrevista para o dia imediato logo de manhã a seus irmãos afim de regular com eles as últimas formalidades, e, fechado no seu quarto, no primeiro andar, espera.

Por fim, chega Josefina, como doida. É uma partida suprema a que ela vai jogar, e a partida está pelos três quartos perdida. No caminho, talvez pela vez primeira da sua vida, ela reflexionou, e diante dos olhos apareceu-lhe bruscamente todo o horror da sua posição. Se não consegue vê-lo, reconquistá-lo, para onde há de ela ir? Que será dela? Passatempos, como Charles, são bons para um dia, para um mês, para um ano. Mas como foi ela tão tola, não em tomá-lo; mas em fazer ostentação dele? Isso, e Barras, e outros, e a guerra declarada aos Bonapartes, e as dívidas, sobretudo as dívidas!

Tem um turbilhão dentro da cabeça. Não sabendo contar, comprando sempre, não pagando nunca, imaginando ter tudo saldado quando tem dado apenas por conta miseráveis quantias, arrasta já atrás de si, como arrastará durante todo o império, até à sua última

hora, um cortejo de credores, que lhe oferecem incessantemente novas ocasiões de despesas, e dos quais aumenta sem fim as contas, não se inquietando um instante com os vencimentos. Chegados estes, chora, soluça, perde a cabeça, inventa as mais estranhas combinações, dá-se a Deus e ao Diabo, e logo que consegue ganhar um pouco de tempo, imagina ter tudo salvo. É a situação em que se vê nesse momento. Só aos seus fornecedores deve, segundo se disse, um milhão e duzentos mil francos. É muito provável que assim fosse: foi essa sempre a totalidade ordinária das suas bancarrotas.

E ainda se ignora o melhor: comprou no cantão de Glabbaix, departamento do Dyle, por 1.195.000 francos, uma porção de bens nacionais, e dessa quantia deve ainda os dois terços — tendo o terço restante de ser pago por sua tia, madame Renaudin, agora transformada em madame de Beauharnais, a qual não tem nem um soldo para pagá-lo.

Comprou, a 2 de floreal do ano VII, ao cidadão Lecouteulx, a terra e o domínio de Malmaison, mediante 225.000 francos pelo lote principal, 37.516 francos pelos espelhos, mobília, utensílios e provisões, e 9.111 francos de contribuição de registo. Disso tudo, pagou os 37.516 francos de mobília com «a importância da venda dos diamantes e das joias que lhe pertenciam». Mas o resto é exigível, e quem há de pagar?

É fora de dúvida poder ela dizer que o general, o qual visitou Malmaison antes da sua partida para o Egito, ofereceu 250.000 francos pela propriedade, e que foi esse pouco mais ou menos o preço por que ela se comprometeu. Mas, depois de ter visto Malmaison, Bonaparte viu Ris, insistiu vivamente na ideia de comprar este domínio, e finalmente fixou-se sobre uma terra, na Borgonha. Mas, aparte isto, a verdade é também que lhe não deixou nenhum poder para ela negociar em seu nome. Foi a seu irmão José, que ele confiou o seu dinheiro; é por intermédio de José que ele fez pagar a Josefina a sua pensão anual de 40.000 francos: é a José, unicamente, que ele comunica os seus projetos; porque, quanto a cartas dele para sua mulher durante os tempos do Egito, não há nenhuma. Se José entregou por conta uma verba de 15.000 francos aos Lecouteulx, o recibo, na data de 17 de messidor do ano VII, é em nome do general, e Josefina deve os 15.000 francos, visto como quis ser casada, no regímen da separação de bens.

Nada lhe pertence, nem mesmo o palacete da rua da Vitória: esse foi comprado e pago por Bonaparte. Resta-lhe o seu escrínio, aquele escrínio formado na Itália, que ela se compraz em mostrar e que, diz

uma mulher, é digno já de figurar nos contos das *Mil e uma noites*; restam-lhe ainda quadros, estátuas, antiguidades, os despojos de guerra da sua campanha. Mas o que é isso ao pé do que ela tem de pagar? E o que é, comparado com aquilo que ela mesma não sabe?

Assim, ei-la no meio da rua, e já não está na idade em que se encontram fortunas. Os anos passando deixaram a sua marca na pele estragada pela pintura. O corpo ficou gracioso e flexível, porém a cara tem visíveis estragos. Crioula, casada aos dezasseis anos, núbil aos doze (Tercier diz ter-lhe feito a corte por 1776 ou 1778), está muito mais velha do que uma mulher da mesma idade nos nossos climas; está quase uma velha, aos trinta e sete anos.

Por conseguinte, se é mal sucedida, não lhe vê nenhum remédio; e encarando então, e num só relance, todo o abismo, agarra-se à esperança suprema de que Napoleão há de vê-la e há de deixar-se enternecer.

Penetrou no palacete; porém agora precisa forçar o quarto de Bonaparte. Ei-la em frente da porta, à qual bate em vão. Então ajoelha, e ouve-se a queixa dos seus soluços. Ele, porém, não abre. A cena prolonga-se durante horas, durante o dia inteiro. Ele não responde. Por fim, Josefina, exausta, não podendo mais, vai abandonar-se, descer, partir; mas a sua criada de quarto, Ágata Riblé, torna a conduzi-la para diante daquela porta fechada, e corre a buscar-lhe os filhos. Eugénio e Hortense, ajoelhados, juntamente com sua mãe, erguem as vozes, suplicantes. A porta abre-se e, sem uma palavra, com os olhos banhados de lágrimas, a face convulsionada pelo longo e terrível combate que acaba de dar-se no seu coração, Bonaparte aparece, estendendo os braços.

É o perdão, não um perdão de má vontade que depois volte a insistir sobre o passado tirando armas dele próprio; mas o perdão generoso e inteiro, o esquecimento completo das faltas cometidas — a abolição. Bonaparte tem a faculdade surpreendente de poder não se lembrar e, restituída a confiança, de considerar como não havidas as faltas ou os crimes que lhe aprouve não punir, de suprimi-las da sua imperturbável memória. Não somente perdoa à mulher, porém, virtude mais rara, despreza os cúmplices que ela fizera. «Nunca privou nenhum da vida nem da liberdade.» Não fez nada para evitar que fizessem fortuna, e contudo, quando encontrava algum deles, empalidecia subitamente.

Reconhece que a culpa não é desses homens: a culpa é sua. Guardou mal sua mulher. No harém, foi possível introduzir-se um

homem. Ele *deve* ter sido insistente: é a necessidade do sexo; a mulher *teve* de sucumbir: é a fatalidade da sua natureza. Se essa mulher já não é amada, é necessário despedi-la, repudiá-la; se o é ainda, o que há a fazer é perdoar-lhe e tornar a recebê-la. Queixas, censuras, para quê? Diante do facto consumado, Bonaparte abandona as armas; aceita-o, submete-se. Toma as coisas no ponto em que se encontram e os seres no estado em que estão, sem exigir das mulheres uma virgindade ou mesmo um pudor que elas já não têm. Isto, na sua natureza, será talvez menos francês do que oriental, mas é assim. Apenas, daí em diante, tomará as suas precauções, e, sabendo — ou antes julgando saber — o que tem de acreditar sobre a moral e a virtude das mulheres, assentará como regra fundamental que nunca nenhum homem, sob qualquer pretexto que seja, ficará sozinho com a sua mulher; que a sua mulher deve ser guardada, vigiada tanto de dia como de noite; que é essa a condição absoluta da sua segurança marital: e se não aplica estritamente esta regra a Josefina, da qual já não conta ter filhos, ver-se-á como há de proceder com a sua segunda mulher.

Josefina triunfa; triunfa dos Bonapartes, que, depois de terem deplorado o seu casamento, lhe desejaram, prepararam e quase realizaram o rompimento. Leva Napoleão a triunfar deles com ela, porque, no dia seguinte ao desta grande cena e desta reconciliação, quando Luciano, o mais ardente dos advogados do divórcio é, logo de manhã, recebido por seu irmão, a receção efetua-se no quarto de dormir de Josefina, estando Napoleão ainda na cama.

Não vale a pena falar das dívidas, pois ninguém imagina que, tendo perdoado o que perdoou, Bonaparte vá esbarrar numa questão de dinheiro. Paga, em 21 de brumário o milhão e cento e noventa e cinco mil (1.195.000) francos de bens nacionais no departamento de Dyle, que posteriormente hão de servir para o dote de Maria Adelaide, cognominada Adélia, filha natural do falecido sr. de Beauharnais, quando Josefina a casar, a 8 de frimário do ano XIII, com Francisco Miguel Agostinho Leconte, capitão de infantaria, nomeado, por essa ocasião, recebedor particular em Sarlat. Paga o principal da Malmaison, 225.000 francos, uma bagatela; paga 1.200.000 francos de dívidas aos fornecedores, mas tem o cuidado de fazer conferir e verificar as faturas, de modo que, deduzindo os objetos não fornecidos e abatendo os preços exagerados, reduziu a questão a metade: 600.000 francos exatamente.

Em verdade, isto era caso para Josefina reflexionar um pouco, se fosse capaz disso; um marido que paga assim mais de dois milhões de dívidas, é um protetor como não é fácil, nem possível, encontrar, e

que merece que se façam por ele alguns sacrifícios. Josefina há de fazê-los, e a sua conduta *aparente* até ao divórcio não dará pega aos seus adversários. Nada; que tem muito medo de perder a sua posição, como ela diz.

Pelo que toca aos Gohier, provou-lhes o seu reconhecimento. Na noite de 17 de brumário, convidou-os para irem almoçar na manhã de 18, e, como Gohier não fosse, ela instou com madame Gohier, para fazer aceitar ao marido um lugar eminente no novo governo. Gohier, sempre austero, recusa com indignação; mas, passados dois anos de amuo, quando ele então faz solicitações ao Primeiro Cônsul, é Josefina quem lhe obtém o comissariado geral de Amesterdão, onde se encontrou tanto a seu gosto, que aí passou dez anos, e que aí passaria a vida toda se, em 1810, o lugar não fosse suprimido. Então, diz-se que recusou ir para Nova Iorque, mas aceitou uma boa pensão de reforma, que lhe foi paga durante toda a restauração. Não deixou por isso de ser um republicano virtuoso, que se fez enterrar civilmente.

VII.

A Grassini

Bonaparte pôde perdoar; pôde constranger-se ao esquecimento, mas não pôde, no ano VIII, sentir-se o mesmo que era nos seus primeiros encontros com Josefina, no tempo em que a sua inexperiência amorosa e mundana, os seus sentidos recentemente acordados, o seu temperamento no alvorecer, se inebriavam com a posse de uma mulher e de uma dama. Com madame Fourès saboreou a flor da mocidade, a frescura inapreciável dos dezoito anos, e a comparação impõe-se à sua lembrança. Tomou gosto à variedade e já não tem nem a intenção nem mesmo a força de se conservar um marido fiel.

O que ele desejaria que Josefina fosse dali em diante para ele, seria menos uma amante do que uma amiga, menos uma esposa do que uma confidente: uma mulher de bom conselho, a quem, em noites de expansão, ele diria alguns dos pensamentos que o agitam e de quem ele receberia os pareceres sobre uma sociedade que não teve tempo de conhecer; uma delicada e terna enfermeira que, se ele fosse acometido por alguma indisposição lhe oferecesse a doçura de cuidados quase maternos, o ouvisse, o lastimasse, o acarinhasse, nos joelhos de quem ele encostasse a cabeça dolorida para ela lha afagar com mãos ligeiras e fluidas, como se ele tornasse a ser um pequenino.

E, em certas noites, ela seria ainda a esposa e mesmo a amante — pois é ainda, e será sempre para ele a mais desejável — mais uma amante com quem não tivesse que incomodar-se nem que constranger-se; que, sem tédio aparente, aceitasse as suas melancolias ou suportasse as suas brincadeiras; que sem fadiga visível, estivesse sempre pronta para as viagens, para as expedições, para as perpétuas mudanças de lugar; que o esperasse sempre e nunca o fizesse esperar; que, sem compartilhar a sua febre de atividade, se associasse sem reclamação a tudo quanto lhe aprouvesse empreender, que se sentasse ao lado dele na carruagem puxada a quatro, jogasse a barra, tomasse parte nas caçadas, o acompanhasse ao teatro, sempre com um sorriso nos lábios, sempre com uma doçura na voz.

Para Josefina, finalmente, reserva ele, nos seus desígnios políticos, um papel à parte. A essa França que ele pretende reconstituir faltam, no seu entender, dois dos elementos primordiais: a Nobreza e o Clero. Encarrega-se de atrair e de juntar este, e conta com sua mulher para afeiçoar a outra. Sem fazer ideia clara da hierarquia misteriosa a que estava submetida a antiga sociedade francesa, das insensíveis gradações que distinguiam entre si os diferentes grupos e dos abismos insuperáveis que os separavam, encara essa sociedade como sendo toda ela de uma peça só; Josefina, pensa ele, fez parte dela, poderá trazer-lha; será, junto dos emigrados, da gente da corte ou da nobreza, de todos aqueles que constituíram o velho mundo francês, a natural e designada intermediária; será a despenseira dos benefícios, a distribuidora dos favores, a reparadora das injustiças; atrairá a pouco e pouco do campo inimigo todos aqueles desertores que ele, Bonaparte, quer fazer reentrar na pátria; servirá, mais tarde, de laço entre o que resta do antigo régimen e tudo quanto se ergueu do novo.

É fora de dúvida que o papel é belo e está bem traçado: para desempenhá-lo Josefina tem a facilidade natural, a polidez, a elegância necessária; possui, num grau supremo, o *a propósito* das frases amáveis e bem escolhidas, a generosidade, a graça oferecendo presentes, o tato dos acolhimentos quase respeitosos, uma maleabilidade que lhe permite aproximar-se de todos os meios e de estar em cada um à sua vontade; o que lhe falta é as relações que Bonaparte lhe supõe: as que ela formou depois da Revolução não podem servir e seriam próprias para prejudicar o novo governo se, logo desde o princípio, o Cônsul não tivesse imposto o rompimento.

Portanto, ao princípio, ela encontra-se muito isolada; mas à proporção que Bonaparte sobe, os obstáculos aplanam-se, as gradações fundem-se, as ambições acordam. Na emigração, como em Paris, cada qual fatiga-se a procurar que contacto fortuito pôde ter com aqueles Beauharnais ou com aqueles Tascher; inquirem-se alianças remotas, parentescos vagos e até aí não confessados; recorre-se a subalternos, a antigos servidores, e em breve se estabelece uma corrente trazendo toda a antiga sociedade pretendente e precisada, quer para o salão amarelo das Tulherias, quer para o salão de estuque da Malmaison.

Não se acredite que essa corrente é devida a Josefina, que se pronuncia porque ela nasceu Tascher e foi Beauharnais: existe unicamente porque Bonaparte arrastou Josefina na órbita da sua fortuna. Chegam-se a ela por ser madame Bonaparte, por estar junto daquele que tem o poder todo; chegar-se-lhe-iam do mesmo modo quaisquer que fossem o seu nome, a sua origem e o seu passado,

unicamente porque ela é o satélite do planeta do qual se espera toda a luz. Contudo, sinceramente talvez, Josefina atribui a si uma boa parte desse movimento; faz crer a Bonaparte que nisso lhe presta inapreciáveis serviços e, o que é mais estranho, chega a convencê-lo disso. Ele acredita que conquistou os padres, pode bem acreditar que sua mulher lhe conquistou os nobres.

Que mulher se não contentaria em ter subido assim a um tal grau de honras? Qual delas se não sentiria satisfeita, tendo missões a um tempo tão vastas e tão diversas? Não tinha o Cônsul direito de pensar que dali em diante, conservando Josefina alguma memória das suas infidelidades perdoadas e algum reconhecimento pelo perdão, adquirindo, com os anos, a noção da distância que separa as suas idades recíprocas, sendo indulgente para fraquezas que ela mesma experimentou, fecharia os olhos a fantasias que não poderiam prejudicar nem a sua situação nem a afeição que seu marido lhe testemunhava e que, pelo receio que Bonaparte tinha do escândalo, pelo conhecimento do que devia a si mesmo, as mantinham sempre extremamente secretas?

Mas Josefina não o entendia assim; não era porque se lhe tivesse desenvolvido uma nova e intensa paixão física por seu marido, nem porque a admiração e o reconhecimento houvessem provocado nela um amor moral tão terno e tão inteiro que degenerasse em ciúme extremo: não pensava senão em si própria, *na sua posição*; estava convencida que se Bonaparte se desligasse fisicamente dela acabaria por divorciar-se: por isso vivia em terrores, numa perpétua apreensão, espiando-o e mandando-o espiar, pagando a vigilantes, abaixando-se a espionagens, aborrecendo-o com cenas, lágrimas, crises nervosas, tomando para confidentes todos os que se lhe aproximavam e, à falta de realidades, imaginando sonhos infames que dava como factos averiguados, que declarava ter visto, dos quais, sendo preciso, atestava por meio de juramento a realidade!

Não eram, contudo, muito graves os primeiros galanteios do Cônsul. Em Milão, no dia imediato, ou no terceiro depois da sua entrada triunfal, a 14 ou 15 de pradiar, é improvisado um concerto no qual lhe fazem ouvir os dois artistas mais famigerados da Itália: Marchesi e a Grassini. Esta tem vinte e sete anos (nasceu em Varese em 1773); não é já, no físico, o que era dois anos antes, quando entusiasta por Bonaparte, tentava debalde, naquela mesma Milão, atrair os olhares dele e disputá-lo a Josefina.

O corpo está já um pouco gordo e pesado; a cabeça, forte, de traços acentuados, sobranceiras a carvão, espessos cabelos negros,

engrossou um pouco mais. Certamente que é ainda uma bela mulher; porém como há muitas em Itália: olhos de fogo, pele morena, aparência de um temperamento de apaixonada, com o qual, parece, mais de um se enganou, todavia. Tem tido uma boa porção de amantes — não por interesse, porque não é nada venal, mas em consequência de enganos nos quais tanto eles como ela estavam de boa fé. Não houve nenhum deles que ela não proclamasse *um anjo*, no dia em que o tomou; mas as suas luas de mel nunca passaram do primeiro quadrante.

Se a beleza da Grassini já está em decadência, nada iguala a pureza e a expressão do seu canto, e o seu talento está no apogeu. Não é uma grande conhecedora de música e raciocinou pouco os princípios da sua arte, mas é a arte mesmo. A sua voz de contralto, a mais tocante que era possível ouvir, igual e pura em toda a sua extensão, é por si só uma harmonia.

Escutando-a, não se ouve uma cantora, porém sim uma musa. Ninguém fraseia como ela, ninguém como ela interpreta a ópera *séria* (pois no género *buffo* é má), ninguém tem a amplidão trágica que ela desenvolve, nem faz percorrer numa sala de teatro um tal calafrio. Ora, nesse momento, e como o foi toda a vida, Bonaparte é infinitamente sensível à música, sobretudo à música vocal. É de todas as artes, a única para a qual ele tem um gosto particular e pessoal. As outras, protegeu-as por política, pela paixão do grandioso e pelo pensamento da imortalidade; porém a música, compreende-a e goza-a real e plenamente, ama-a por ela própria e pelas sensações que lhe proporciona. Acalma-lhe os nervos, embala-lhe os sonhos, encanta-lhe a melancolia, aquece-lhe o coração.

Pouco importa que ele cante desafinado, que retenha mal as árias e que não conheça as notas. Comove-se com a música a ponto de não ser mais senhor de si, a ponto de dar a sua ordem da Coroa de Ferro às sopranista Crescentini; isto no fim de tudo é senti-la melhor do que aqueles que creem saber decifrá-la.

Na Grassini, não é tanto a mulher que o seduz como a cantora. Ela, inteiramente pronta, esperava havia dois anos: pode julgar-se se a resistência foi longa. No dia seguinte ao do concerto, almoçou no quarto do Cônsul, sendo terceiro Berthier, e, nesse almoço matinal, ficou combinado que ela precederia Bonaparte em Paris e que se lhe arranjará uma escritura no Teatro da República e das Artes. O episódio, um pouco disfarçado, figurou mesmo no 4.º boletim do exército de Itália, sem dúvida a fim de Josefina não conceber suspeitas com aquela chegada. «O general em chefe (Berthier) e o Primeiro

Cônsul, dizia o boletim, assistiram a um concerto o qual, embora improvisado, foi muito agradável. O canto italiano tem um encanto sempre novo. A célebre Billington, a *Grassini*, e Marchesi são *esperados* em Milão. *Assegura-se que vão partir para Paris para aí darem concertos.*»

A malícia é um pouco grosseira; mas veja-se como, nesse boletim, que de facto se dirige a Josefina, Bonaparte toma precauções para esconder a sua infidelidade! Como ele dissimula as datas, como disfarça, com o nome da Billington, o único nome que lhe importa!

Nesses dias, em Milão, nos dias que precedem e que seguem Marengo, todas as horas livres que pode dar a si mesmo, passa-as a ouvir a *Grassini*.

Essa voz milagrosa domina-o: considera-a como um dos mais admiráveis troféus da sua campanha; quer que seja ela quem celebre o seu triunfo e cante a sua vitória. Para a festa de 14 de julho, a festa da Concórdia, quer que a *Grassini* seja conduzida a Paris, que ela cante aí com o tenor Bianchi um dueto em italiano, um trecho que o ministro do Interior recebe ordem de mandar compor sem demora «sobre a libertação da Cisalpina e a glória das nossas armas, — um belo trecho em italiano, insiste o Cônsul, com uma boa música».

Vinte e três dias depois, na igreja dos Inválidos, o Templo de Marte, «decorado com grande decência e muita pompa», a França oficial está reunida solenemente, e, quando o Primeiro Cônsul tem tomado lugar sobre o estrado, a *Grassini* entoa o seu dueto com Bianchi, — para melhor dizer, os seus duetos, porque há dois cantos em italiano executados de seguida: «Quem podia, diz o *Moniteur*, melhor celebrar *Marengo* do que aqueles a quem esse acontecimento assegura o repouso e a felicidade?»

Era, em verdade, um pouco audacioso para Bonaparte fazer assim cantar a sua amante nessa festa oficial, e se tivessem suspeitado a ligação, não teriam deixado de fazer alarido. Mas parece que, nesse momento pelo menos, ninguém conhecia o segredo, nem mesmo Josefina, que fizera fé no boletim. Demais, o capricho, o capricho físico pelo menos, não devia ser de longa duração. Antes de deixar Milão, a *Grassini*, inebriada com um êxito em vão esperado outrora, tinha imaginado que ia desempenhar um grande papel não só no teatro, mas na política. Supusera ter um crédito ilimitado, e, como era de seu natural obsequiadora e boa rapariga, tinha partido sobrecarregada de memórias e petições dos seus compatriotas.

Ora Bonaparte não era homem para admitir que lhe respondessem

negócios quando lhe aprazia falar de amor. Além disso, exigia que a Grassini se não fizesse ver em parte alguma, que vivesse como reclusa numa pequena casa da rua de Chantereine. Isso não convinha de nenhum modo à cantora, a qual tinha sonhado uma existência inteiramente diversa e um reclame à italiana, que pusesse em saliência o seu nome, a sua pessoa e o seu talento. Como a fidelidade não era o seu forte e morria para ali de aborrecimento, como nem ao menos tinha teatro onde cantar, porque a sua terrível pronúncia lhe fechava a Ópera, e não havia em Paris, no ano IX, companhia italiana de ópera séria, ela, para se distrair, tomou para amante o rabequista Rode. Bonaparte soube-o, rompeu sem hesitação, mas, apesar do medo que Rode teve da sua boa fortuna, nem ele nem a Grassini tiveram nada a sofrer. Por duas vezes mesmo, o cônsul lhes concedeu a sala do Teatro da República para concertos (a 17 de março e a 10 de outubro de 1801). O segundo foi particularmente brilhante: a receita elevou-se a 13.868,75 francos, e a narrativa de Suard, no *Moniteur*, atingiu alturas verdadeiramente líricas.

Depois, Giuseppina Grassini retomou a sua vida aventureira de estrela, andando de Berlim para Londres, para Milão, para Génova, para a Haia, adulada e festejada por toda a parte, com escrituras de 3.000 libras esterlinas por cinco meses. No entanto, quando atravessava Paris, ia bater à porta dos quartos secretos das Tulherias, e essa porta abria-se para ela. Era um caso sem consequência nenhuma, mas Josefina não deixava por isso de perder a cabeça. «*Soube, escreve ela a uma das suas confidentes, que a Grassini está há dez dias em Paris. Parece-me que é ela quem causa todo o mal que eu estou passando. Afianço-lhe, minha querida, que se eu tivesse a mínima culpa lho diria com franqueza. Fazia-me um grande serviço se encarregasse Júlia (é a criada de quarto) de indagar se entra alguém. Veja-me, também, se sabe onde essa mulher mora.*»

Pois não é verdade sentir-se aqui toda inteira a natureza de Josefina? Que lhe importa a Grassini? Pois não sabe ela que não pode haver ligação séria entre a cantora e Bonaparte, que é simplesmente um desses reencontros onde a recordação ocupa mais lugar do que o desejo? Não: é preciso que ela saiba, é preciso que espione, é preciso que junte armas, e aquelas queixas, aquelas lamentações contra seu marido dirigidas a uma mulher que o cônsul não ama e que ele quase pôs fora das Tulherias, não são a sua alma inteira?

Contudo, parece bem que ela está acalmada em 1807 quando, principiando a organizar-se a Música da Câmara, Napoleão chama a Grassini a Paris. Oferece à cantora — é unicamente à cantora e não à mulher — 36.000 francos de ordenado fixo, 15.000 francos de

gratificação anual, sem contar as gratificações acidentais, e 15.000 francos de pensão de reforma. Terá mais a sala da Ópera ou a sala dos Italianos para dar, uma vez cada inverno, um concerto em seu benefício, e empregará como quizer as suas férias, passeando pelas cidades o seu título sonoro de primeira cantora de Sua Majestade o Imperador e Rei.

Verdade seja que esse título não é feito para defendê-la dos bandidos que infestam as estradas, e, a 19 de outubro de 1807, próximo de Rouvrai, no confins do Yonne e da Côte-d'Or, a sua diligência é atacada por quatro desertores de um regimento suíço. A infeliz é violentada, roubada e maltratada; mas dois dias depois é feita justiça nos agressores, e o Imperador admite na Legião de Honra o senhor Durandeu, comandante da guarda nacional de Viteaux, o qual matou por suas mãos dois dos bandidos e prendeu um terceiro.

Diz-se que a Grassini, em semelhante ocorrência, suplicou aos bandidos que lhe haviam apanhado o retrato, rodeado de brilhantes, de Bonaparte, que ficassem com os diamantes e lhe restituíssem a imagem do seu «querido governo». Não é para admirar o dito, lembrando-nos o que dela se conta que, estando numa sala onde algumas pessoas se indignavam por causa da Coroa de Ferro dada a Crescentini, ela lhes observou: «Pois sim! mas não se lembram do seu *ferimento!* (Eh bien! mais vous oubliez sa *blessoure!*)»

Tinha espírito, espírito de artista, como disse um homem do mundo que a conheceu, uma certa graça apimentada pela acentuação italiana, que não hesitava diante da palavra crua, e saltava, a pés juntos, por cima da honestidade. Para exemplos bastam esses.

De 1807 a 1814, as coisas caminham assim. A Grassini recebe, só do imperador, setenta mil francos por ano, fora o que recebe do público. Este, com os anos, vai sendo menos entusiasta: vê-se isso nos Italianos, em novembro de 1813, quando é posta em cena com grande aparato a opera *Horácios e Curiácios*, de Cimarosa.

Mas no Teatro da Corte, é sempre o mesmo êxito embora a cantora se aproxime dos quarenta anos; são sempre as mesmas atenções do Imperador e as mesmas generosidades. Todavia ela não se julga obrigada à gratidão, e, depois da queda do império, ou porque tivesse necessidade de dinheiro, pois tinha o vício do jogo, ou porque a sua paixão fosse ligar-se a homens célebres e afeiçoá-los a si, cantou, e fez mais ainda do que cantar, para o duque de Wellington.

Era neste uma espécie de mania o gostar de comer os restos

deixados por Napoleão. Para lhe fazerem o retrato, quis David, o qual lhe respondeu que só pintava história. Mais feliz com a Grassini, teve-a ao menos para cantora e para amante com os seus quarenta e dois anos. Mas as cigarras têm porventura obrigação de ter alma?

VIII.

As atrizes

A Grassini era uma ave de passagem, e embora Josefina tivesse concebido ciúmes dela, a sua inquietação foi breve. Mas aos aposentos secretos das Tulherias vieram outras mulheres de teatro cujas visitas, mais frequentes, podiam tomar o caráter de hábito. Com certeza, que não eram motivo para o menor receio: eram raparigas e mulheres, de virtude medíocre, às quais Bonaparte não podia afeiçoar-se, e a quem pedia simplesmente que fossem formosas e amáveis durante o tempo muito curto que lhes consagrava; mas bastava elas virem, para Josefina, a qual estava sempre com a mão nos ferrolhos, se assustar a ponto de perder a cabeça, e percorrer os corredores e as escadas, de vela na mão, perseguida pela ideia de surpreendê-los, de fazer alguma cena de efeito, de confundir plenamente Bonaparte, e de ficar cheia de razão.

Se não fosse Josefina ignorar-se-iam a maior parte destas anedotas: é ela quem as descobre, quem as conta, quem as divulga, e em caso de necessidade quem as inventa; porque nessas coisas ninguém é mais mentiroso do que ela.

Contudo, qualquer que seja a banalidade deles, Napoleão viveu esses romances de um quarto de hora, e isso é o bastante para que devamos folheá-los, porque aí se encontram certas noções do seu caráter que debalde se procurariam doutra parte.

Afora a Grassini, e talvez madame Branchu, — tão feia que atribuir-lha pareceria um gracejo se nele o diletante não pudesse ter sido um momento subjugado pelo poder e pela ternura expressiva da trágica lírica que mais brilhantemente encarnou Dido, Alceste e a Vestal, — afora essas duas, mais nenhuma cantora.

Nenhuma dançarina, e contudo é esse o tempo em que as dançarinas estão mais em moda; em que Clotilde, paga por mil francos *por mês* pelo príncipe Pignatelli, vê o almirante Mazaredo oferecer-lhe quatrocentos mil francos de sobrelance anual; em que Bigottini, aceitando de todas as mãos, e fazendo escrúpulo em desprezar as

maternidades frutíferas, acumula os milhões para os seus descendentes, dos quais fará assim partidos inteiramente desejáveis.

Também nenhuma comediante; nem *mademoiselle* Mars, a qual, em verdade, não era nada bonita nos seus começos, e de quem se disse: «É uma ameixa sem carne»; nem *mademoiselle* Devienne, a incomparável *soubrette*, cujo rosto faísca com o espírito que ela realmente tem e que, não obstante isso, não acha uma vez uma palavra para dizer quando, numa caçada, de passagem, o imperador lhe dirige uma frase amável; nem *mademoiselle* Mezeray, a qual, sempre é bom dizê-lo, está muito entretida com Luciano Bonaparte; nem *mademoiselle* Gros, que faz a felicidade de José.

Talvez madame Leverd, em 1808, quando, depois de uma representação única em Saint-Cloud é, por ordem superior, nomeada societária. Com certeza que não foi o sr. Rémusat, superintendente dos espetáculos, que contribuiu para a sua admissão, ele que, apesar das vontades, das ordens, e até mesmo dos decretos do imperador teimou posteriormente em persegui-la! Quem foi, então? E de mais, era verdadeiramente deliciosa, de uma graça, de uma garridice, de um esplendor de formosura, que a tornavam superiormente apetecível. Pouco talento ainda; mas isso que importava?

Se Napoleão teve por ela uma fantasia — o que não é certo — foi única. Por natureza, por temperamento e por escolha, é só às trágicas que ele se dirige.

* * * * *

É então o belo tempo da tragédia no Teatro Francês, o tempo em que, diante de uma plateia de letrados, que não deixam passar nenhuma ofensa aos seus deuses, diante de uma plateia de soldados, cuja alma está de nível com todos os sentimentos generosos e soberbos, uma companhia, maravilhosamente escolhida e ensaiada, mantém, viva e forte, a tradição de uma literatura épica. A esses artistas, que Bonaparte protege de alto e largamente, ele não poupa as críticas, se não poupa também a si o dinheiro. Considera aquilo que eles são encarregados de dizer como um ensino que a nação deve receber, que importa bem menos à sua educação literária do que à sua formação moral. «Era necessário, dizia ele a Goethe, que a tragédia fosse a escola dos reis e dos povos; é o ponto mais alto a que um poeta pode atingir». E, uma noite, quando se deitava: «A tragédia aquece a alma, eleva o coração, pode e deve criar heróis». Foi nessa ocasião que ele acrescentou: «Se Corneille vivesse, eu fazia-o príncipe».

Não gosta do drama, «que não é um género definido»; gosta pouco da comédia, que lhe parece facciosa com Molière e Beaumarchais, repulsiva com Le Sage, lamentável de inverosimilhança com Fabre d'Églantine; enquanto a farsa é género que não compreende, e o seu espírito não é suscetível de se distrair com ela.

Tudo quanto são agudezas, trocadilhos, calemburgos, faíscas que não brotam do próprio assunto, que não são, como ele diz, «o espírito da coisa», mas simplesmente espírito, os versos amáveis, as coplas bem torneadas, os choques de palavras que chegam quase a fazer-se passar por pensamentos, tudo isso lhe escapa. Despreza-o, rejeita-o, e sobretudo ignora-o. A tragédia, pelo contrário, aparece-lhe grave, nobre e forte. Não há nela nenhuma vulgaridade. Ali, ouve falar os seus iguais: os reis, os heróis, e os deuses. Ouve-se falar a si mesmo, porque é assim, e nessa língua, que terá de exprimir-se perante a posteridade, quando o afastamento dos tempos permitir que a sua vida seja posta em cena.

Com semelhante paixão pela tragédia, logo que ele se emancipa, é naturalmente às intérpretes da tragédia que se dirige. Os rostinhos espevitados das *soubrettes*, os atrativos preparados das grandes presumidas, as falsas simplicidades das ingénuas, tudo isso ele encontra na sua corte, e todas as figurantes dá sua comédia mundana dar-se-iam pressa em acudir a um gesto seu: porém Fedra, Andrómaca, Ifigénia, Hermione, não são mulheres, são entes sobrenaturais e quase divinos que a história e a poesia adornaram com todos os seus tesouros. A sua imaginação deixa-se iludir e alucinar por elas, e vendo na cena as atrizes que as representam, não são essas atrizes que ele deseja, mas sim as próprias heroínas em pessoa. Mandando-as chamar, não desce da altura, e a satisfação de uma fantasia puramente sensual vela-se assim aos seus próprios olhos com uma sombra de poesia.

É fora de dúvida que, em seguida, recai em si, na sua condição de homem, e, apertado pelo trabalho, não tendo para dar à bagatela senão o menos tempo possível, pouco familiar com as frases cortesias, e não dissimulando bastante o desprezo que sente por aquelas que, ante o simples recado de um criado, assim veem oferecer-se, tem brutalidades de expressões e modos de proceder, que noutro seriam cinismo. De facto ninguém é menos cínico do que ele. «Em tudo o que respeitava à voluptuosidade, diz um dos seus íntimos serviçais, lançava ele uma certa cor e nomes poetizados.» Essas brutalidades de linguagem, mesmo, não são nele mais do que um modo de dissimular o verdadeiro embaraço que sente sempre diante de uma mulher, qualquer que essa mulher seja. Faz-se fanfarrão, e adorna-se com o vício que não tem. Assim, em Santa-Helena, na conversa, pretende

parecer mais familiar com as sensações do que com os sentimentos, quando, na realidade, ninguém é talvez tão sentimental como ele.

Todavia, aqui o caso não é o mesmo. É fora de dúvida que o desejo foi provocado nele, não pela sensualidade física, mas por uma sensualidade do espírito, pela imaginação sobre-excitada; mas quando tem a mulher ao seu alcance, já muitas vezes lhe tem passado a fantasia, e mais vezes ainda o seu pensamento já está absorto pelos negócios: está trabalhando, e tudo quanto o distrai do seu trabalho é para ele uma fadiga e um aborrecimento. Arranham à porta para o prevenir: «Que espere!» Arranham de novo: «Que se dispa!» Tornam a arranhar outra vez: «Que se vá embora!» E continua na sua ocupação.

* * * * *

Foi o que sucedeu, segundo se afirma, com *mademoiselle* Duchesnois, a qual, porém, estava costumada a essas aventuras. Sabe-se o modo como ela entrou para os Franceses. Nos primeiros tempos do Consulado, um rapaz elegante, que acabava de receber uma herança, convida uns amigos para ir com eles festejar a sua nova fortuna, numa casa de campo nos arredores de S. Dinis. Almoça-se, depois tenta-se caçar; dentro em pouco aborrecem-se. «Manda-se então buscar a uma casa conhecida, da Chaussée d'Antin, algumas dessas pessoas complacentes e sempre dispostas a aceitar uma boa ceia. Cada um escolhe a sua.» Uma delas fica sem par, dizendo todos: «É feia de mais!» Contudo, reparando-se bem, vê-se que ela tem uns magníficos olhos, um busto feito a primor, uma grande expressão de bondade, e na fisionomia uma espécie de tristeza pelos desdêns sofridos, que a torna interessante.

Vão para o parque jogar a barra. Ela corre como uma gazela, e, por baixo dos seus vestidos ligeiros, os seus movimentos são ágeis e graciosos. A sua voz é musical e terna, o seu espírito parece mais cultivado e mais intelectual que o das suas companheiras. Um dos rapazes presentes tem dó dela, fala-lhe, interessa-se pela sua conversa, toma-a sob a sua proteção, fala dela a Legouvé, o qual tem curiosidade de vê-la, faz-lhe ler versos, e também a seu turno a admira.

Legouvé dá-lhe conselhos, apresenta-a em casa de madame de Montesson, onde ela encontra o general Valence, assegura-lhe a proteção de madame Bonaparte e obtém que ela se estreie em cena. Representa Fedra pela vez primeira a 16 de termidor do ano X. É um ou dois anos depois, que se coloca a sua aventura nas Tulherias. Mas a mulher guarda lembranças, que nada extingue, e, dos tempos em que ela era criada, dos tempos em que era companheira de prazer,

mademoiselle Duchesnois conservou uma espécie de melancolia tímida, a apreensão destas sílabas tantas vezes ouvidas: «É excessivamente feia!»

* * * * *

Também foi, outra vez, despedida Teresa Bourgoïn; mas aquela que assinava *Ifigénia em Taurida* este insolente bilhete: «Nem o vi nem o conheço», em resposta a uma marechala duquesa do Império, que reclamava um papagaio fugido, não tinha para os desdêns a resignação de *mademoiselle* Duchesnois. A ofensa à sua vaidade era acrescentada com um prejuízo material: a perda de um amante muito rico e pelo qual ela se interessava infinitamente, sua excelência o monsenhor ministro dos negócios internos: Chaptal! Depois da sua segunda estreia muito contestada, ele usara da autoridade ministerial para a fazer escriturar nos Franceses; para consagrar este favor, ele escrevera a *mademoiselle* Dumesnil, a qual, por pedido seu tinha dado alguns conselhos à debutante, uma carta oficial e pública onde, anunciando-lhe uma gratificação do ministério, lhe agradecia «o aproveitar o repouso da sua reforma para formar uma discípula digna dela e da arte dramática». Fazia ostentação nas suas relações com *mademoiselle* Bourgoïn, punha os jornais às ordens dela, e dava-se em espetáculo em Paris.

É verdade que, com a sua cabeça redonda, o seu ar ingénuo, o seu sorriso malicioso, os seus belos olhos claros e que se diriam castos, a sua palavra alta, as suas graças apimentadas, aquela a quem chamavam «a deusa da alegria e dos prazeres», era a amante própria e desejável para um homem de cinquenta anos; mas Chaptal podia perfeitamente salvar as aparências, não comprometer o seu caráter, e não se cegar a ponto de ter *mademoiselle* Bourgoïn na conta de uma virtude. Napoleão teve a crueldade de o enganar. Uma noite que ele tinha marcado reunião ao ministro para trabalharem juntos, mandou chamar *mademoiselle* Bourgoïn, de quem, em presença de Chaptal, anunciaram a chegada. Napoleão ordenou-lhe que esperasse e diz-se que, em seguida, a mandou embora sem a receber. Mas Chaptal, logo que *mademoiselle* Bourgoïn foi anunciada, reuniu os seus papéis e saiu. Nessa mesma noite enviou ao imperador a sua demissão de ministro.

Da parte da *mademoiselle*, porém, começou então a guerra declarada. Em Petersburgo, para onde vai depois da paz de Tilsitt, mimoseia os seus adoradores com todos os epigramas que têm curso em Paris, e que visam o imperador.

Em Erfurth, vingança deste, que, por sua vez mimoseia Alexandre com os epigramas correntes sobre *mademoiselle* Bourgoïn e o pôe de prevenção contra as fáceis indiscrições da atriz, o que não deixa de ser prejudicial a esta para a sua carreira de amorosa. Quando chega a Restauração, ela faz gala num realismo tanto mais fogoso que, apresentada ao Rei pelo duque de Berry, tem milhares de razões para ser afeiçoada aos Bourbons. Não deixou de se adornar com as cores deles durante os Cem Dias, mas ninguém fez caso disso e, no regresso de Gand, o duque de Berry, não tornando a recebê-la, incumbiu-se de lhe abater o entusiasmo.

* * * * *

Com Duchesnois e Bourgoïn, pouca coisa ou nada; mas já não sucede o mesmo com George, e esta não é despedida.

Não há dúvida que, na primeira vez que ela veio, ele a vergastou com esta frase: «Ficaste de meias, é porque tens os pés feios»; e isto porque, diante daquele admirável animal humano, cuja perfeição ele esmiúça, o defeito lhe apareceu tão vivamente que a observação lhe escapou.

Não havia ninguém mais sensível do que ele à boniteza dos pés e das mãos. «Eram os primeiros objetos, que ele fixava numa mulher, e quando uns e outros não lhe agradavam, dizia: «*Tem os membros acanalhados.*» (*Elle a les abatis canailles.*) Em George, tão bela, tão soberbamente formosa aos dezassete anos, a cabeça, os ombros, os braços, o corpo, tudo era um modelo, exceto as extremidades, sobretudo os pés, aqueles pés que, em Amiens, dois anos antes ela deixava andar à larga em tamancos quando de manhã varria o patamar da casa de seu pai, chefe de orquestra e diretor do teatro.

Napoleão acabava de instalar-se em Saint-Cloud quando, em nívoso do ano XI, mandou convidar pela vez primeira *mademoiselle* George, a quem recebeu num pequeno aposento que dava sobre o Pomar (a *Orangerie*). Como, nesse ano, ele prolongou até muito tarde a sua estada na nova residência, passando lá quase todo o inverno, mandou-a chamar com bastante frequência. Além de ser grande admirador da sua beleza, divertia-se muito com as réplicas vivas e prontas do seu espírito. Ela contava-lhe a crónica dos bastidores, e tudo o que se fazia e dizia naquele *foyer* dos Franceses, onde se sabia tamanha quantidade de bonitas histórias. Em Paris continuou, viu-a no quarto do rés do chão, mas nunca foi a casa dela; por conseguinte nunca teve que encontrar-se com Coster de Saint-Victor nem com outros amantes. Isto durou dois anos completos, segundo o

testemunho da própria George, a qual pretende que, durante esse tempo todo, se conservou fiel: ninguém lho perguntava.

Josefina depressa teve conhecimento desta fantasia de seu marido. Entrou logo numa singular inquietação, e principiou a fazer cenas de desespero. «Incomoda-se mais do que é preciso, dizia Bonaparte. O seu medo constante é que eu fique apaixonado. Não sabe ela que o amor não foi feito para mim? O que é o amor? Uma paixão que deixa lodo o universo a um lado para não ver, para não pôr do outro senão o objeto amado. É mais que seguro, que eu não sou de natureza a entregar-me a uma exclusão tal. Que lhe importam pois, a ela, distrações em que os meus afetos não entram por coisa nenhuma?»

Era impossível raciocinar melhor; mas o raciocínio não era o forte de Josefina. No entanto, ela devia perceber, que nunca houve segredo mais discretamente guardado.

Nada de escândalo, nenhuma ostentação, nenhum favor a George como atriz; quando falta ao seu serviço, é muito rudemente ameaçada de prisão pelo prefeito do Palácio, e não recalcitra. Se vem representar na corte, recebe a mesma gratificação que os seus camaradas, nada mais, e quando, — pelo menos assim o contam, — uma vez se emancipa a ponto de pedir o retrato a Bonaparte, este dá-lhe um duplo napoleão, com a sua efígie, dizendo-lhe: «Aqui o tem, dizem que está parecido».

O que lhe dá, com certeza, é dinheiro. Esta menção: «Entregue a S. M. o Imperador», encontra-se muitas vezes repetida nos registos do cofre particular (*petitte cassette*), em frente de somas que variam de 10 mil a 20 mil francos; mas não há indicação nenhuma que permita designar os destinatários. Só uma vez, a 16 de agosto de 1807, aparece o nome de George em frente de um donativo de 10.000 francos. Mas, então, já ela tinha acabado, havia mais de três anos, as suas visitas intermitentes às Tulherias, e não resta dúvida de que esse presente fosse uma lembrança da festa do dia 15, de S. Napoleão.

Menos de um ano depois disto, a 11 de maio de 1808, George deixou subrepticamente Paris, em companhia de Duport, dançarino da Ópera, o qual, por medo de ser preso nas barreiras, se disfarçou de mulher. Desprezando o seu compromisso com o Teatro Francês, desprezando sobretudo os seus credores, ela foge para se encontrar na Rússia com um amante, o qual, segundo se diz, prometera desposá-la: é Benckendorff, irmão da condessa de Lieven, que, tendo vindo a Paris na comitiva do embaixador Tolstoi, acabara de se ser revocado, e

entendera fazer aos Peterburgueses, e sobretudo ao imperador Alexandre, as honras da sua amante.

Segue-se a isto uma intriga, que tem por objeto raptar o czar a madame Narishkine por uma ligação com a atriz, ligação fugitiva, da qual o desviariam sem custo para o reconduzirem à imperatriz reinante. George que, com certeza, nada suspeita destes belos projetos; que, nas cartas que dirige a sua mãe se compraz em insistir nas qualidades do seu «bom Benckendorff», que assina então (agosto de 1808) *George Benckendorff*, é apresentada ao imperador Alexandre, o qual lhe envia uma fivela magnífica de diamantes para o cinto, e a convida para ir a Peterhoff, onde vai uma única vez, não tornando mais a ser chamada. Quanto ao grão-duque, que, na representação de *Fedra*, dizia: «A vossa *mademoiselle* George, no seu género, não vale tanto como o meu cavalo de parada no dele», esse costumou-se a ir vê-la todos os dias, «e ama-a *como a uma irmã*». É ela quem o diz.

Ele não se limitou a isso, e a corte, e a cidade foram também favorecidas; mas não era isso nem o que se tinha procurado atraindo-a à Rússia, nem o que Napoleão tinha permitido que se procurasse quando lhe haviam revelado a conjuração. Contudo, quando, depois de 1812, George teve o pensamento de regressar a França, e correu a encontrar-se em Dresde com os chefes diretores da Comédia, que ali tinham sido chamados durante o armistício, Napoleão não só a fez reintegrar como societária, mas ordenou que lhe contassem, como de serviço, os seus seis anos de ausência. Os companheiros dela não lho perdoaram nunca.

Nos Cem Dias, mandou dizer ao Imperador que tinha a entregar-lhe papéis que comprometiam essencialmente o duque de Otranto. Napoleão enviou a casa dela pessoa de confiança, a quem, no regresso, perguntou: «Ela não te disse nada do estado dos seus negócios? — Nada, meu senhor, não me falou senão no desejo que tinha de entregar pessoalmente aqueles papéis a Vossa Majestade. — Bem sei o que é, respondeu o Imperador, Caulaincourt falou-me neles: e também me disse que ela estava embaraçada. Hás de dar-lhe 20 mil francos da minha caixa particular».

Ao menos esta foi reconhecida: não há dúvida que os sentimentos que ela acusava francamente não tivessem entrado pela totalidade nas lutas que teve de sustentar contra os gentis-homens da Câmara e os gentis-homens do foro, e que terminaram pela sua exclusão brutal do Teatro Francês. Mesmo nos seus últimos dias, muito velha, não tendo no corpo nem na cabeça nenhum vestígio da triunfadora de outrora, sempre que falava de Napoleão, era com um tremor na voz, uma

comoção que ela não afetava e que, aos rapazes que a ouviam — agora todos eles quase velhos, — se comunicava de modo tão profundo, que ficou sendo inolvidável. Mas não era o amante que ela evocava, era o Imperador. E essa mulher, não por pudor de velha, — porque falava sem constrangimento de outros amantes que havia tido — mas por uma espécie de temor respeitoso, parecia não se lembrar já de ele a ter achado bela e de lho ter dito, não vendo já o homem que ele tinha sido para ela, mas sim o homem que ele tinha sido para a França, semelhante nisto àquelas ninfas que, honradas um instante pelas carícias de um deus, não tinham podido ver-lhe o rosto, deslumbradas como ficavam pela luz resplandecente da sua glória. [8]

IX.

As leitoras

Só às trágicas foi dado subirem a escada escura, e guiadas por Constant e por Roustam, seguirem pelo corredor negro, iluminado dia e noite por candeeiros, penetrarem no aposento quase térreo, que outrora foi ocupado por Bourrienne e que, por uma escada furtada, comunica com o quarto oficial. Todas as manhãs, no gabinete secreto, madame Bernard, a florista da casa, coloca um ramo. Há para isso um abono: 600 francos por ano. Mas essas flores, todos os dias renovadas, murcham menos depressa do que o sentimento que as visitantes inspiram.

Tão numerosas são elas, à medida que Bonaparte sobe em fortuna e em poder, as pretendentes, as solicitadoras, as ambiciosas, as intrigantes, que não seria possível contá-las todas. O homem, chegado ao fastígio do poder, vê-las-á sempre em torno de si, a essas apaixonadas por interesse, que apenas esperam um sinal para se entregarem, e que atravessando-se incessantemente no seu caminho e debaixo das suas vistas, mendigam um olhar seu e solicitam uma desonra proveitosa.

Napoleão, — nunca é de mais dizê-lo, — tem trinta e um anos em 1800, quarenta e um anos em 1810. De 1800 a 1810 está no inteiro e pleno vigor da sua saúde e do seu temperamento. Não procura as ocasiões, mas não foge delas. De ordinário — porque, sem falar em Josefina, duas mulheres pelo menos lhe inspiraram uma paixão que o fez sair inteiramente do seu caráter — de ordinário, repetimos, pensa mediocrementemente nas mulheres. Nenhuma é capaz de perturbá-lo no seu trabalho, de distraí-lo dos seus pensamentos, de retardá-lo nos seus projetos ou de modificar os seus planos de vida. Mas aquilo que encontra ao seu alcance, aceita-o muito naturalmente.

É uma coisa assim como a refeição improvisada que lhe preparam e lhe colocam no quarto todas as noites. Ele não daria um passo para obtê-la, mas não sendo preciso nenhum preliminar, nenhum incômodo, nenhum desarranjo, aproveita-a, e, imediatamente depois

toma o seu banho, ou volta a sentar-se à sua mesa de trabalho. Chama-se a isso imoralidade? Que homem, no lugar dele, não faria a mesma coisa? Que soberano não fez pior? O que importa, não é que algumas mulheres veladas entrem misteriosamente, de noite, num aposento secreto; é que uma mulher — esposa ou amante — se não habitue a entrar no gabinete de trabalho e no salão dos ministros. Se tal sucede, os melhores maridos são os piores soberanos.

Se não se tratasse de Napoleão, se algumas destas aventuras não tivessem sido contadas com pormenores inventados a capricho, se algumas das favorecidas se não tivessem feito autoras para fazerem dinheiro com as suas memórias ou para se atribuírem um papel que nunca desempenharam e desviarem a atenção do que lhes foi distribuído numa representação extraordinária, não haveria talvez motivo para nos determos nisto; mas os despeitos foram muito ruidosos, as calúnias excessivamente pérfidas, convém por isso, aqui, como em outros pontos, procurar a verdade.

Uma dessas mulheres, a mais conhecida sem dúvida como escritora, a mais cheia de favores pelo cônsul e pelo imperador, escapa ainda *desta vez*, porque as presunções, por muito fortes que sejam, não podem valer como provas materiais; porém o estudo dos caracteres análogos ao seu bastará sem dúvida para colocá-la no lugar que ela deve ocupar.

Uma outra, muito menos célebre, mas que, no entanto, até estes últimos tempos, mais tinha aproveitado aos panfletários, é uma tal madame de Vaudey, a qual, pela proclamação do Império, foi nomeada dama do Paço mediante recomendação muito fervorosa do sr. Lecouteulx de Canteleu.

Aliás bem nascida, porque era filha de um notável homem de guerra, aquele Michaud d'Arçon que inventou as baterias insubmergíveis do cerco de Gibraltar, que forneceu os planos da campanha da Holanda em 1793, que tomou Bréda sem disparar um tiro e foi um dos primeiros senadores do Consulado; bem aparentada, porque seu marido, os sr. de Barberot de Velleuxon, senhor de Vaudey, capitão no regimento Royal-Bourgogne, provinha de uma família antiga, originária da Alsácia e estabelecida em Gray desde o século XV; e ainda mais, muito formosa, gentil figura, espírito cintilante, muito intriguista, cantando maravilhosamente e escrevendo melhor ainda; foi nomeada dama do Paço em julho de 1804, na primeira promoção, de que aproveitou, com as suas companheiras, a antiga dama de companhia, madame Rémusat, e como a imperatriz partia para as águas de Aix-la-Chapelle, foi ela, acompanhando-a.

Quando Napoleão, no começo de setembro, foi encontrar-se com Josefina, em Aix, para a viagem triunfal pelo Reno, madame de Vaudey tomou parte em todas as festas e consagrou-se a distrair seu amo. No regresso, julgou-se autorizada a afrontar a Imperatriz, cujo ciúme havia acordado, e a endividar-se como a própria Josefina, montando a sua casa no pé de favorita. Na bonita casa de campo da Tulheria, perto de Auteuil, habitada posteriormente por *mademoiselle* Rachel e pelo sr. Thiers, e onde está hoje o convento da Assunção, reunia ela uma infinidade de gente, dava festas e mantinha o estado de uma princesa.

Uma primeira vez, após uma audiência que se havia prolongado, apresentou um rol das suas dívidas, que foram pagas; à segunda vez, teve o mesmo êxito; mas ao terceiro pedido de audiência, Napoleão recusou formalmente. «Não tenho, disse ele a Duroc, nem bastante dinheiro nem bastante bonomia para comprar tão caro uma coisa que por aí se encontra tão barata; agradeça a madame de Vaudey as bondades que teve para comigo, e não me torne a falar nela.»

Sobre isto, carta patética da dama, a qual declara que vai envenenar-se se as suas dívidas — dívidas de honra! — não são pagas dentro de vinte e quatro horas. O ajudante de campo de serviço corre a Auteuil e encontra-a em disposições bastante diversas do suicídio. Fizeram-lhe imediatamente pedir a sua demissão de dama do Paço, e é por isso que o seu nome não figura em nenhum dos almanaques imperiais.

Foi esta mesma mulher que, enlouquecendo um pouco, foi depois procurar o sr. de Polignac, para lhe propor matar Napoleão; foi ela quem, caída na última miséria, quase cega e parálitica de um braço, oferecia à venda umas certas *Recordações do Diretório e do Império*, que lhe serviam de pretexto para mendigar; foi ela, finalmente, quem forneceu ao livreiro Ladvocat algumas partes das *Memórias de uma dama do Paço*, que serviram para engrossar as cadernetas das *Memórias de Constant*. Esta, ao menos, era uma desequilibrada e uma indigente. Outras não tiveram as mesmas desculpas.

* * * * *

Fora Josefina quem, a instâncias de Lecouteulx, tinha introduzido madame de Vaudey na corte. Teve ela, da mesma ordem ou de uma ordem inferior, uma enorme quantidade de protegidas, recomendadas por menores patrocínios, e que parecem não ter outra razão para estar na corte senão a sua facilidade em prestarem-se às fantasias de Napoleão.

Mas, da parte de Josefina, não há por forma alguma desígnio premeditado, e é desconhecer inteiramente o seu caráter imaginar que ela se resignava a fornecer assim distrações a seu marido: tinha, na sua natureza de crioula, uma singular necessidade de se rodear de complacentes que não fossem nem inteiramente da melhor roda nem inteiramente da domesticidade, que lhe agradassem pela sua bonita figura, que a divertissem com as suas réplicas, a distraíssem com os seus talentos, finalmente, que povoassem de modo agradável aquele palácio «triste como a grandeza» da qual ela não saía nunca. Tomava-as sem grande informação, enternecida por desgraças que lhe contavam, seduzida pelo garbo e elegância de um busto, pelo ar provocante ou gracioso de uma cara, pelo inesperado de uma resposta. Essas mulheres novas, algumas das quais haviam tido aventuras, e que aspiravam todas elas a conquistas, muito pobres, educadas para não terem escrúpulos, caíam com os seus vestidinhos modestos no meio daquela corte, a mais elegante que jamais houve. Todo o dia desocupadas, a única distração, na ociosidade daquele viver íntimo, era aceitarem a corte que lhes faziam aqueles brilhantes oficiais, na esperança de alcançarem maridos, — como tantas outras, que não valiam mais do que elas, e que tinham casado com generais, agora marechais do Império! Viam incessantemente entrar e sair com familiaridade aquele de quem derivavam todas as mercês, e que, a um sinal seu, elevava e derrubava fortunas. Colocavam-se na sua passagem, ambicionando aquele sinal, prontas a arriscarem tudo para obtê-lo — algumas não arriscavam grande coisa — e como eram hábeis, como se apresentavam com oportunidade, e se esforçavam por agradar, como os subalternos, sempre de atalaia, espreitavam como criados solícitos se o imperador reparava em alguma delas, os ajustes não levavam muito tempo a fazer, e as coisas seguiam naturalmente o seu curso, sem haver de um lado o menor esforço de sedução e do outro o menor amor. Por muito escondida que a intriga fosse, Josefina acabava por percebê-la. Então, cena de ciúme, despedida da favorita de momento, a qual recebendo ordinariamente um bom dote, concluía, com algum indivíduo de poucos escrúpulos, um excelente casamento, dando em seguida nascimento a gente de importância.

Foi o que aconteceu com Felícia Longroy, filha de um meirinho do Gabinete, a qual tinha sido recebida por Josefina, para dama de anúncio. Como tal, a sua obrigação era estar numa sala que precedia os aposentos particulares, e não tinha mais que fazer do que abrir os batentes das portas diante do imperador e diante da imperatriz.

Recebia por esse ofício 3.000 francos por ano e, em 1800, Josefina concedeu-lhe um aumento de 600 francos. Mas Felícia Longroy não entra na conta, é quase uma criada.

Mademoiselle Lacoste é de um nível um pouco mais alto. É uma bonita loira, um pouco magra, mas de uma figura deliciosa, de um rosto espirituoso e distinto. É órfã, sem nenhuma fortuna; fora educada por uma tia, que dizem ser intrigante, e que, efetivamente, recorre a mil artifícios, para conseguir que ela seja apresentada a Josefina. Esta comove-se, e recebe-a dando-lhe o título vago de leitora. Não foi esta leitora muito fatigada com leituras, porque, quase imediatamente a ser nomeada, partiu a corte para Milão, onde devia efetuar-se a coroação. *Mademoiselle* Lacoste acompanhou a corte, sem fazer parte dela, não tendo, como leitora, acesso no salão de serviço, e não podendo, contudo, misturar-se com as açaфatas e criadas de quarto, próximo das quais tinha alojamento, isolada e perdida naquele mundo novo. Em Stupinitz, o imperador dirigiu-lhe um olhar; tornou a reparar nela em Milão. O tratado não exigiu grandes negociações; mas Josefina percebeu que ele estava concluído. Daí, cena terrível: a leitora teve de retirar-se, e mandou-se chamar a Paris uma tia dela, para ir buscá-la. Mas, antes disso, o imperador exigiu que ela aparecesse uma vez no círculo da imperatriz: novo escândalo, porque a etiqueta não permitia que uma leitora saísse dos quartos interiores. Josefina, contudo, resignou-se. No seu regresso a Paris, Napoleão ocupou-se em fazer casar *mademoiselle* Lacoste. Esta casou, efetivamente, com um rico financeiro, foi uma mãe honesta, e não tornou mais a aparecer nas Tulherias.

Nessa mesma viagem de Itália, em Génova, no meio das festas para celebrar a reunião da República Liguriana à França, colocaram, no caminho do imperador, uma dama, Gazzani ou Gazzana (a desinência encontra-se frequentemente intervertida), cujo nome de família era Bertani, filha de uma cantora, dizem uns, e no dizer de outros filha de uma dançarina do Grande Teatro.

Tinham-na feito ir a Milão, para cumprimentar Josefina, num grupo muito mesclado, onde, ao lado de damas da primeira nobreza, das Negrone, das Brignoli, das Doria, das Remedi, aparecia a Bianchina La Flèche, destinada a um brilhante futuro na Westphalia.

Carlota Gazzani era alta, talvez um pouco magra de mais, apesar do seu porte infinitamente elegante; extremidades medíocres, trazendo por isso sempre as mãos calçadas de luvas; mas o rosto perfeito, o tipo completo da beleza italiana: linhas de uma pureza absoluta, olhos negros muito grandes e muito brilhantes, um acordo completo de todas as feições realçado por um sorriso do canto da boca, que lhe

deixava ver os dentes deslumbrantes. Todas as mulheres que a viram são unânimes em louvá-la; prova irrecusável de que ela era indubitavelmente muito formosa, mas também de que lhe faltava a qualidade suprema que as mulheres invejam nas outras. Foi o primeiro camarista, Rémusat, quem se incumbiu de apresentar madame Gazzani. «Convenceu o imperador a colocá-la junto da imperatriz na qualidade de leitora.» É madame de Rémusat quem o confessa: vê-se que Talleyrand não era o único a ter sempre, como dizia Napoleão, *de amantes as algibeiras cheias*.

Madame Gazzani, a quem chamam então Gazzani Brentano, e que, muito depois, toma, não se sabe como, o título de baronesa de Brentano, é por conseguinte leitora, em substituição de *mademoiselle* Lacoste, com o ordenado de 500 francos por mês.

De 1805 a 1807, nada a põe em evidência: o imperador passa todo esse tempo incessantemente em marcha: é Austerlitz, depois toda a campanha da Prússia e da Polónia. No regresso, primeiro em Paris, depois em Fontainebleau, é que a vemos entrar em linha. Não havia de ser com 6.000 francos por ano que ela poderia ocorrer às suas despesas, fazer adiantar seu marido e colocar sua filha em posição de poder, a seu tempo, efetuar um grande casamento. Viu a ocasião e agarrou-a. Alojaram-na de modo que ela pudesse, a toda a hora, receber as ordens do imperador, e logo que este a mandou chamar, não se fez rogada; teve o bom senso de se não colocar no pé de favorita, e aceitou modestamente o seu papel apagado. A imperatriz, cujo ciúme tinha tido um grande rebote, tranquilizou-se depressa quando teve, pelo próprio Napoleão, confiança plena do que se havia passado.

Madame Gazzani sabia manter a atitude mais respeitosa e mais submissa, conservava-se sempre no seu lugar e não afetava a menor pretensão. Teve, contudo, entrada nos círculos e no salão de serviço; mas, concedido este favor, Napoleão não lhe testemunhou, em público, nenhuma atenção particular, deixando as damas do paço tratá-la como queriam, fazerem em torno dela o deserto, e abandonarem todas o canto onde ela se sentava.

Isso durou pouco: com o andar do tempo, muitas, e não das menos altivas, abrandaram a ponto de admitirem madame Gazzani na sua roda. Tinha obtido alguma coisa mais sólida do que as honras da corte: a receita geral d'Évreux para seu marido. Depois do divórcio do imperador, foi ela juntar-se com o marido em Évreux, e como estivesse ao alcance de Navarra, onde Josefina residia, entrou na grande intimidade da casa. Aí a prendeu uma ligação com um escudeiro da

imperatriz, o sr. de Pourtalès, o qual subvencionou com largueza as despesas que ela fazia até ao dia em que ele próprio casou com *mademoiselle* de Castellane. Depois de Fontainebleau, o imperador não a tinha tornado a ver senão por acaso: nunca a havia amado, e não parece que tenha aproveitado ocasiões para falar dela.

Madame Gazzani achou maneiras de se consolar disso. Sua filha, Carlota Josefina Eugénia Clara, qualificada baronesa de Brentano, casou com Alfred Mosselman, de quem teve uma filha, casada depois com Eugène Le Hon.

Ao contrário desta, falou-se muitas vezes de uma tal *mademoiselle* Guillebeau, a qual, segundo se diz, filha de um banqueiro que havia feito maus negócios, foi, em 1808, admitida a coadjuvar, como leitora, madame Gazzani. Madame Guillebeau, a mãe, irlandesa de nascimento, tinha três filhas, duas das quais, já mulheres, dançavam nas salas tocando pandeiro e tomando atitudes. A mais velha introduziu-se em casa da princesa Elisa, que lhe arranhou um bom casamento, e a segunda, que conforme se afirma, não tinha sido cruel nem para Murat nem para Junot, soube fazer-se querida à rainha Hortense, a qual se deixou cativar pela sua cara bonitinha, pela sua figura gentil, e pela graciosidade da sua dança.

Num baile mascarado, dado por Carolina no Eliseu, Hortense, que devia dirigir uma quadrilha de vestais, imaginou vestir *mademoiselle* Guillebeau de *Loucura*, e de pô-la, de pandeiro na mão, à frente da sua *entrada*. Logo que deu com os olhos naquela *Loucura*, Carolina que tinha razões dobradas para ser ciumenta, precipitou-se: houve uma cena muito viva entre as duas cunhadas, e por fim a *Loucura* foi expulsa.

Para lhe dar desforra e para a dar a si mesma — porque isto constituiu um episódio da luta constantemente aberta entre Bonaparte e Beauharnais, — Hortense inventou apresentar *mademoiselle* Guillebeau a sua mãe, a qual, para pregar uma peça a Carolina, a agregou a si como leitora. Isto foi muito pouco tempo antes da viagem de Baiona.

Em Marrac, quando aí se instalaram, *mademoiselle* Guillebeau, a quem a etiqueta fechava durante o dia a porta do salão, e que apenas algumas vezes ali entrava, de noite, para executar música, passava todo o tempo no que se chamava o seu quarto, mas que na verdade não passava de um pequeno sótão, porque o tal castelo de Marrac era pequeníssimo, e nunca havia sido construído com ideia de poder

alojar uma corte.

Como ela era *coquette*, como estava aborrecidíssima e aspirava a fazer fortuna, sentiu-se muito feliz quando um criado — um mameluco simplesmente — veio preveni-la da visita do imperador. As coisas iam maravilhosamente ao gosto de ambos, quando Lavallette, que, na sua qualidade de diretor geral das postas, fiscalizava as correspondências das pessoas agregadas à casa, enviou a Napoleão uma carta dirigida a *mademoiselle* pela mãe dela. «Amestravam-na, traçavam-lhe o papel que ela devia representar, recomendavam-lhe esperteza, e insistiam sobretudo em que ela não deixasse de arranjar a propósito e a todo o preço vestígios vivos que pudessem prolongar o seu favor ou reservar-lhe grandes relações de interesse.» A sujidade desta intriga, atrás da qual Napoleão disse depois ter encontrado o príncipe de Benevento, desgostou de tal modo o Imperador que imediatamente se determinou a *mademoiselle* de Guillebeau, que se metesse numa diligência, e acompanhada simplesmente por um criado, foi posta a caminho de Paris. Foi, então, que o sr. de Broglie a viu passar pelos Ormes, onde estava hospedado em casa de seu sogro o sr. de Argenson.

Em Paris, *mademoiselle* Guillebeau casou com um tal Sourdeau, o qual, pela proteção do Imperador, foi proposto numa recebedoria, onde dissipou os fundos em cofre, vindo a restauração muito a propósito para o salvar desse mau lance. Madame Sourdeau, efetivamente, soube alcançar uma audiência junto do duque de Berry, «que a achou encantadora e com os olhos mais bonitos do mundo», e em recompensa disso, fez com que o marido dela fosse nomeado cônsul da França em Tanger.

Como se vê, na vida de Napoleão, estes episódios não ocupam lugar, nem se contam; relacionam-se apenas com os seus sentidos, e não com o seu coração. Não esclarecem nada sobre o lado afetivo da sua natureza; dão-nos apenas indicações sobre o seu ódio pela intriga, sobre a sua generosidade, sobre alguns dos seus hábitos de vida. Poderíamos encontrar ainda outras aventuras da mesma espécie, cuja história não ofereceria mais interesse, aventuras de guarnição que, como imperador, ele paga por duzentos napoleões, quando um capitão do seu exército as pagaria por vinte francos. Encontra-as — ou antes, encontram-nas para ele — em Berlim, em Madrid, em Viena. Não é feito de carne diferente da dos seus marechais e da dos seus soldados: é homem. Mas nele os sentidos não são tão imperiosos que deva ceder-lhes sempre.

Em Viena, repara numa menina a qual, pelo seu lado, se exaltou por ele. Por sua ordem, ela é seguida; e fazem-lhe a proposta, que aceita, de ir uma noite a Schoenbrunn. Chega, e é introduzida. Como não fala senão italiano ou alemão, a conversa trava-se em italiano, e, logo às primeiras palavras, Napoleão descobre que a pequena pertence a uma família respeitável, que não tem a mínima consciência daquilo que querem dela, e que, se é verdade sentir por ele uma admiração apaixonada, a sua ingenuidade é completa. Ordena que a acompanhem imediatamente, toma a seu cuidado dar-lhe posição, casando-a, outorga-lhe um dote de 20.000 florins, quantia que, ao cambio do 1.º de setembro de 1809, subia a 17.367 francos.

Este ato está longe de ser único, durante a vida de Napoleão; repete-se três vezes pelo menos, e, a última, é em Santa Helena!

X.

A sagração de Josefina.

Josefina, na vida que lhe temos visto levar, de perpétua inquietação, de agitação contínua num espaço pequeníssimo, vida desocupada, febril, ansiosa, que ela emprega em espionar o marido, em vigiar os que vêm e os que vão, em interrogar os criados e as damas de companhia, vida que ela distrai e diverte apenas pelas cinco *toilettes* de cada dia, por visitas de mulheres, pela compra, a todo o mercador que se apresenta, das futilidades que ele leva nessa vida inteiramente semelhante pelas ocupações, pelas paixões, pelos modos de ajuizar e de se conduzir, à de uma sultana envelhecida na ociosidade do harém, não poderia sentir-se segura do futuro, definitivamente estabelecida no seu lugar, abrigada contra todo o acidente desagradável, senão por um facto único: a vinda de um filho.

Quando foi da primeira campanha de Itália, representou ela para com Bonaparte a comédia da gravidez; isso, porém, era um simples pretexto para não ir encontrar-se com ele. Tendo visto como ele mordera no anzol, ela, sem todavia compreender nitidamente a situação, conservara no entanto, no seu cérebro desatento de mulher frívola, a vaga impressão de existir nele o instinto da paternidade, e daí tirara, para satisfazer as suas fantasias de viagens e de separações, facilidades que de outra forma não encontraria: assim, por exemplo, quando foi da partida de Bonaparte para o Egito, a sua viagem a Plombières.

Mas, à medida que se elevava a fortuna do Cônsul, Josefina compreendia que, para ela, a maternidade não devia já ser um pretexto, pois passava a ser um fim. O trono, do qual ele subia progressivamente cada um dos degraus, não podia ter estabilidade sem uma hereditariedade segura. Bonaparte, ficando cônsul e chefe de uma república democrática, Bonaparte restaurando os Bourbons e contentando-se com um grande lugar vitalício na monarquia restaurada, podia passar sem ter um filho; mas os esplendores aleatórios de um papel à Monk não eram de natureza a tentá-lo, e o desinteresse de uma vida à Washington também não tinha atrativos

para satisfazê-lo: uma força exterior, invisível, uma dessas correntes populares que nada quebra, uma dessas grandes marés da opinião que faz correr sobre as terras o vento do largo, aplanava diante dele os obstáculos e impelia-o do consulado do ano VIII, inteiramente republicano ainda, para o consulado do ano X, já autocrático, separado apenas da monarquia por um nome e sobretudo por essa insolúvel questão da hereditariedade.

Em redor dessa hereditariedade, que a interessava a ela, Josefina via agitar-se todas as ambições de uns, todas as preocupações de outros: eram os irmãos de Bonaparte aspirando já uns e outros à sucessão; eram as irmãs dele, perguntando a si mesmas se seus maridos não poderiam também ter as suas pretensões; eram os generais, os senadores, todos os que tinham chegado às grandezas com a Revolução; era a nação mesma, procurando, depois de tantas agitações, uma estabilidade que lhe parecesse mais do que vitalícia, que por um lapso de tempo muito longo, quase indefinido, lhe promettesse a segurança que ela desejava.

Se a monarquia se refizesse, quem havia de ser chamado à hereditariedade? Os irmãos do cônsul? Mas com que título? A hereditariedade monárquica, na sua forma cristã, que não é mais do que uma derivada da forma hebraica, supõe necessariamente uma instituição divina. Mas essa instituição aplica-se exclusivamente ao chefe da dinastia e aos seus descendentes em qualquer grau que se encontrem, contanto que sejam seus agnados, nunca aos seus colaterais. Para habilitar à sucessão os irmãos de Napoleão, para lhes criar um direito, seria necessário, por uma das ficções familiares ao direito antigo, proclamar que o falecido Carlos de Buonaparte fora imperador dos franceses; mas em verdade quem aceitaria tal ficção?

Outra hipótese: abandonar o direito hebraico, o que se chama o direito divino; voltar ao direito romano, à adoção: o Cônsul escolhendo para seu sucessor, na sua família ou fora dela, aquele que ele julgasse o mais digno. Mas, então, quantas competições surgiriam! E depois, a nação compreenderia isso? Venceria ela o preconceito da predestinação da raça, da designação divina de uma linhagem?

A única solução, tanto no direito como no facto, que fosse simples, que abolisse as ambições de uns e satisfizesse os instintos dos outros, era Napoleão ter filhos. Ora, o que é facto é que os não tinha. De quem era a culpa? Dele, ou de Josefina?

Josefina percebe otimamente que por esse lado é vulnerável: assim procura defender-se. Corre as estações de águas minerais que

têm reputação de tornar fecundas as mulheres: Aix, Plombières, Luxeuil; submete-se a todos os tratamentos que Corvisart se lembra de lhe indicar; consulta empíricos; visita charlatães; faz peregrinações: em Plombières, levam-na à *Cova do Capucho*, onde Frei João, guardião do local, lhe promete de balde tudo o que ela deseja. De cada vez que pode formar uma ilusão ou uma esperança são alegrias que faz compartilhar a Bonaparte e que este por sua vez, — tão feliz se julga, — confia aos seus íntimos. Depois a ilusão desfaz-se, e então Napoleão, enfasiado, solta frases picantes e duras, que atestam o seu desapontamento. Um dia que ele resolveu uma caçada no parque de Malmaison, madame Bonaparte, com as lágrimas nos olhos, vai encontrar-se com ele e diz-lhe: «Que lembrança é essa agora? Não se lembra que é tempo das fêmeas estarem todas cobertas!» E ele, em voz alta, responde: «Está dito! Não há remédio senão renunciar a isso: aqui tudo é prolífico, exceto a dona da casa».

Em público, ele atira-lhe sempre as culpas para cima; mas no segredo do seu pensamento insinuou-se uma dúvida que Josefina percebeu e que tem cuidado de manter e de acentuar. A culpa não será dele mesmo? Lembra-se de madame Fourès e de outras ainda.

Josefina, essa teve filhos de seu primeiro marido. Mostra-os incessantemente, fala deles, aproveita-os para dar testemunho de que a culpa não é sua. E insiste tanto nisso, que acaba por excitar madame Bacciochi, a qual, no seu tom de Saint-Cyr, lhe atira com esta frase: «Mas, minha irmã, olhe que então era mais nova do que hoje!»

Contudo, ela chegou a fazer admitir esta opinião pela família quase toda: O próprio Napoleão não se defende de mais. Diz muitas vezes a seu irmão José: «Não tenho filhos; vocês dizem que eu os não posso ter. Josefina, apesar de toda a sua boa vontade, também creio que, com a idade que tem, já os não terá. Dessa maneira o que tenho a dizer é que depois de mim pode vir o dilúvio!» Quando, no seu regresso de Espanha, Luciano vem falar-lhe de divórcio, de um casamento com uma infanta, com certeza que muitos motivos diversos impelem o Cônsul a rejeitar a proposta; mas não se deve pensar que um dos mais fortes é de ordem inteiramente íntima: que ele duvida de si mesmo? Desposar uma Bourbon é um passo decidido para o trono; mas se ele mantém a convicção de que não pode ter posteridade: para que lhe serve isso? No entretanto, a ideia não deixou de ser apresentada por Luciano, de quem Josefina já gosta muito pouco, porque desde o regresso do Egito, que ele prega ao irmão o divórcio. Bem pode Napoleão dizer que sua mulher «não tem mais fel do que uma pomba», isso só é verdade enquanto a posição dela não está em jogo. Daí em diante, está longe de procurar conciliar os dois irmãos,

põe os seus amigos em campo, não se priva de referir as maledicências e de fazer valer as verdades, e, uma vez realizado o rompimento, não o lastima: é um inimigo a menos.

Se a dúvida inspirada por ela a Napoleão serviu para afastar em 1801 a ideia do divórcio, essa dúvida pode um acaso dissipá-la, e Josefina está à mercê desse acaso. Não é, com certeza, das atrizes encontradas até aí que o perigo pode vir. No caso improvável de uma delas aparecer grávida seria precisa a Bonaparte uma dose extraordinária de ingenuidade para ele se imaginar pai de um filho que poderia ser de toda a gente. Do mesmo modo, pouca coisa a rechar das mulheres da corte consular, casadas, e que vivem com os maridos. Quando não fosse senão para enganá-los, estão constrangidas a uma partilha que tornará sempre discutível a paternidade, a não ser que ela se afirme por uma semelhança física que até aí se não encontrou. Mas basta uma ocasião como aquela que forneceu outrora madame Fourès, uma circunstância que dê a Napoleão a certeza inegável que pode ser pai, e então todo o edifício daquela fortuna desaba, porque Bonaparte sente-se agora de nível com as velhas dinastias, e com maior razão com as famílias mais nobres da antiga França, e ao pé dele não falta gente como Talleyrand, «o maldito coxo», pronta a tentá-lo, a murmurar nomes, e a intrometer-se.

A falta de um filho, única coisa que, como disse Napoleão, «seria capaz de impor sossego a Josefina e acabar com um ciúme que não deixava descanso a seu marido», como o prenderá ela a si de modo tão estreito que ele não possa pensar mais em romper a sua cadeia? Sem dúvida, associada, desde o ano XI, a todos os atos oficiais da vida pública, acolhida como soberana às portas das cidades, tendo o seu círculo na galeria das Tulherias ou de Saint-Cloud, rodeada desde então por uma espécie de Casa, obrigada pelo próprio Bonaparte a tomar a precedência a todas as mulheres, até mesmo a sua sogra e na intimidade das refeições de família, apresentada assim à França e à Europa como a maior dama da República, não poderia ser repudiada sem bulha, e o divórcio seria mal acolhido pela opinião. Napoleão não subiu ainda tão alto que possa sem perigo dispensá-la. Fez passar um número excessivo de graças e de favores pelas mãos de Josefina para ela não ter fiéis entre aqueles que ele lhe deu como clientes. Mas à medida que sobe, o prestígio mundano de sua mulher atenua-se: sobrevenha um acesso de cólera, quer ela o tenha provocado ou não por qualquer imprudência, e tudo pode ir por água abaixo. Não serão os sentidos que hão de prendê-lo, porque, embora ele, fisicamente, lhe seja sempre muito afeiçoado, as infidelidades que se permite libertam-no a pouco e pouco. Poderiam sê-lo o hábito, a afeição muito grande que lhe tem, o receio de lhe causar mágoa, de a afligir: com certeza

que ele sofreria com a separação, tanto ou ainda mais do que ela; mas isso detê-lo-ia? Quando se trata da vitória, conta ele os homens que se vê constrangido a sacrificar, e entre os quais há muitos de quem é amigo? Não: todos esses laços são ilusórios, só o filho seria o verdadeiro laço; surge então uma ideia no cérebro de Josefina, ideia que é um traço de génio: constituir a hereditariedade pela adoção, fazer adotar a Napoleão um dos sobrinhos dele, neto dela, o filho de Luís Bonaparte e de Hortense. É responder a tudo, é conciliar tudo, é satisfazer a um tempo os Bonapartes, visto como o herdeiro presuntivo será um deles, e assegurar a si própria o futuro, pois que a questão de sucessão será assim regulada para sempre. Pensa nisso, sonha com isso, determina Bonaparte a fazê-lo, e este faz a pergunta a Luís; porém Luís indigna-se. Invoca os direitos de seu irmão José, os seus próprios direitos, os direitos que eles, os irmãos, têm à sucessão de seu irmão! E, diante desses pretendidos direitos, desses direitos que não só não repousam em nada, mas que são negados de um modo absoluto pela história, bem como pela doutrina monárquica, Napoleão, por espírito de família, inclina-se e renuncia ao único expediente que lhe permitia estabelecer a hereditariedade sem recorrer ao divórcio ou sem violar todos os princípios.

Perdida essa maravilhosa ocasião, e desta vez bem contra a culpa dela, que meios restam a Josefina para se ligar a Napoleão e à sua fortuna? É fora de dúvida que de degrau em degrau, ajudado pelos acontecimentos que impelem os homens, tendo sido o primeiro cônsul proclamado imperador, ela, que estava ali, tornou-se imperatriz, recebeu as homenagens dos grandes corpos do Estado, foi saudada com o título de majestade. É fora de dúvida que depois da viagem triunfal de Aix-la-Chapelle, e de Mogúncia, depois do seu regresso anunciado aos parisienses pelo canhão dos Inválidos, depois do desfilar das autoridades diante do seu trono, ela parece bem firme no seu lugar, e o divórcio parece ser atirado para as hipóteses improváveis. Mas se se apresentar um incidente, ela não pode segurar Napoleão. O destino pode arrebatá-la, como ontem ainda, sobre a Esplanada, o vento dissipava o fumo da pólvora queimada em sua honra. Ora, justamente aí está que, em Saint-Cloud, uma dama que tem vindo para visitá-la, se levanta e sai do salão. Como Josefina anda com suspeitas há muito tempo, sai da sala também, logo após ela, dirige-se ao gabinete do imperador, subindo a escada secreta, chega ao quarto da sobreloja, reconhece a voz do imperador, a voz da dama, anuncia-se pelo seu nome, obriga-os a abrirem-lhe a porta, faz uma cena, provoca uma terrível cólera de Napoleão, o qual declara que está cansado daquela espionagem, que quer acabar com aquilo, que está decidido a seguir os conselhos de todos aqueles que o rodeiam,

que está resolvido a divorciar-se. Manda chamar Eugénio para regular os pormenores. Eugénio vem; mas, para sua mãe, para si próprio, recusa toda a compensação, toda a vantagem, todo o favor. Passam-se dois dias. Josefina não faz recriminações; limita-se a chorar. «As lágrimas vão bem às mulheres», disse Napoleão. Por outro lado, ele sente que, apesar de tudo, no presente momento não tem razão, e reconhece não ser assim que possa e deva cumprir-se um ato de tanta gravidade. Diante de uma vontade que afrontasse a sua, ele obstinar-se-ia. Diante de lágrimas, porém, é fraco. Há entre os dois uma última conversa: «Não tenho coragem, diz-lhe ele por fim, de tomar a última resolução, e se te mostras extremosa comigo, se não fazes mais do que obedecer-me, sinto que nunca serei forte bastante para te obrigar a deixar-me; mas confesso que desejo muito que saibas resignar-te ao interesse da minha política e que tu própria me evites todos os embaraços desta penosa situação.» Falando assim, ele mesmo não pôde conter as lágrimas. Mas Josefina não se perturba; não tem de modo algum gosto pelo sacrifício. Não é a ela que pertence decidir da sua sorte, mas sim a ele, que a regulou. Está pronta a obedecer, mas esperará as suas ordens para descer do trono onde ele mesmo a fez subir. Posto entre o seu coração, os seus hábitos, uma política incerta, a esperança duvidosa de uma paternidade aleatória, os seus sentimentos de afeição por seus enteados, a necessidade de quebrar aquela vida que ele associou à sua, a obrigação de renunciar para sempre a essa mulher que ele continuaria amando, a irritação que lhe causa a alegria dos inimigos de Josefina e o seu ar de triunfo, o dó que lhe inspira a resignação dos Beauharnais, toma o seu partido, rejeita, mais uma vez, a ideia do divórcio, e, como se quisesse abolir toda a possibilidade de tornar a tê-la, ordena a sua mulher que se ocupe seriamente dos preparativos da sagração, à qual será associada.

A Sagração! Ser sagrada por um Papa, participar do triunfo daquele novo Carlos Magno, realizar, ela, uma pobre crioula trazida das Ilhas pelo capricho de uma mulher amancebada, o sonho ambicionado por todas as rainhas de França e que tão poucas realizaram; receber do Pontífice supremo a unção tripla e do imperador a coroa, é para satisfazer não a ambição — pois qual seria a ambição capaz de pôr o fito em tais esplendores? — mas a imaginação mais delirante de grandezas. E depois, em seguida a ter sido sagrada e coroada, como poderia ser repudiada? Não é esse o laço supremo que Napoleão pode contrair com ela, e que pode ela desejar mais ainda para ficar segura do futuro?

Contudo, deseja alguma coisa: até aqui, isto é há oito anos, nunca, de nenhum modo, a sua consciência se inquietou por ela ser casada apenas civilmente, e viveu sempre muito bem com Bonaparte, sem a

sua união ter sido abençoada por nenhum padre. E não ignora que, antes de chegar a um casamento religioso, teria grandes obstáculos a vencer. Não lhe observaria o imperador que, uma vez que a cerimônia não foi celebrada em tempo próprio, é inútil agora atrair a atenção para esse assunto? A maior parte dos homens que o rodeiam, estando no mesmo caso que ele, pelo simples exemplo que ele lhes desse, arrastá-los-ia a uma série de atos de reabilitação que tomariam facilmente um aspeto de oposição à lei civil, de regressão ao régimen antigo, que pareceriam pelo menos indicar que o chefe do governo não tem como suficiente o único modo de casamento cuja realidade o Estado reconheça. Não lhe faltariam argumentos bastante fortes para resistir, sem mesmo ter que dar a razão determinante da sua recusa: isto é, que se nas suas intenções atuais entra o projeto de se não divorciar, não quer apesar disso comprometer o futuro e não pode prever todas as eventualidades. Sabe que a igreja é acomodatícia quando tem que tratar com os poderosos e que tem recursos, quando é preciso, para desligar o que ligou; mas prefere, se mais tarde for constrangido a romper o seu casamento, não ter necessidade de recorrer a ela, e não depender senão de si mesmo.

Portanto, Josefina sabe e vê perfeitamente que, por este lado, não tinha nada a tentar com ele. Que razões havia de invocar? Os seus escrúpulos de consciência? Na verdade, isso era motivo para dar vontade de rir a Napoleão e a toda a Corte! Mas o Papa, esse é que não rirá.

Em Fontainebleau, na segunda feira 5 de fevereiro, quando Pio VII, no dia imediato ao da sua chegada, vem pela segunda vez visitar Josefina, esta, que há muito tempo já tem preparado o terreno — porque há muitos anos que está em correspondência com o Papa; enviou-lhe por seu primo Tascher, em nivoso do ano XII, um magnífico roquete de renda — Josefina, repetimos, entra em confiança com o Papa. Confessa a seu pai espiritual que não está casada na igreja, e o Papa, depois de ter felicitado a sua filha espiritual pela vontade que ela manifesta de se pôr em boa regra com a lei santa, promete-lhe exigir do imperador o casamento.

Assim, para Napoleão, é a carta forçada. Tal como ele é, com o seu caráter, a sua educação e a feição do seu espírito, o Papa é bem capaz de adiar a sagração se o imperador adiar o casamento; recusa aquela se lhe recusarem este. Já, de 18 brumário, dia primitivamente fixado, a sagração foi retardada para o 1.º de frimário, e depois para 11. Cada adiamento traz consigo uma despesa imensa, causa descontentamento, provoca inquietações. Todas as deputações civis e militares já chegaram; encham Paris: o que se lhes há de fazer? Que

escândalo se o Papa, tendo vindo a Paris para sagrar o imperador, voltasse a Roma sem ter feito a cerimónia! É necessário decidir-se. A 9, de manhã, o cardeal Fesch dá aos dois esposos a bênção nupcial. Se alguma vez houve constrangimento, foi decerto nisto, e Napoleão pode sem remorso afirmar mais tarde que a sua vontade não tinha sido livre e que a falta de consentimento existindo realmente da sua parte viciava canonicamente o casamento. Mas isso é coisa que a Josefina nem passa pela ideia! É imperatriz, está casada por um padre, está sagrada pelo Papa, está coroada pelo imperador: dormirá sossegada agora?

XI.

Madame ***

As fantasias puramente físicas entretêm os intervalos e ocupam a cena; mas em Napoleão há outras faculdades que exigem satisfação. O homem não seria tal como é se se desse por contente com esses amores de passagem que toda a gente poderia ter pagando-os. Há nele uns lados de melancolia não suspeitados, gostos de isolamento a dois no meio da multidão, uma necessidade de amor sentimental que se acentua mais à medida que ele avança em anos, que as ocasiões de sensualidade se multiplicam em seu derredor e que, ao mesmo tempo, pela ascensão contínua da sua fortuna, ele se acha mais elevado e mais perdido acima dos outros seres.

Isto é ainda fugitivo, apenas esboçado no fim do Consulado; mas, depois disso, repete-se e acentua-se, precisa-se e afirma-se; não é já aquela explosão de mocidade e de temperamento que ele experimentou quando conheceu Josefina; é, ao lado do amor físico, um sentimento cuja repetição, em intervalos diversos, mostra em Napoleão um ser cuja natureza inquieta, incessantemente alterada de desconhecido, persegue tanto um sonho de felicidade como persegue um sonho de ambição.

Quando nele esse sentimento é ainda confuso, a posse, que ele desejou ardentemente, que ele desejou tanto mais vivamente quanto maiores eram os obstáculos, e que ele desejou sobretudo por causa desses mesmos obstáculos, tem por consequência quase imediata suprimir o desejo, porque então encontra a realidade inferior ao sonho dos seus sentidos; mas estes, por sua vez, apuram-se e espiritualizam-se; a posse física deixa de ser o objeto único de preocupação, e assim nos achamos em presença de um novo Napoleão, inteiramente diferente daquele que vimos até agora, satisfazendo necessidades simplesmente materiais com as visitantes do quarto secreto, um Napoleão delicadamente terno e que encontrou para exprimir as suas ideias, uma linguagem que se julgaria ser quase a de um herói da *Astreia*.

É, sem dúvida, essa, uma atitude que se lhe não conhece, e para lhe atribuir com certeza de causa, é preciso pelo menos possuir uma série de indicações certas, precisas e autênticas. Mas, logo que as há desse género relativas a uma época em verdade mais tardia da sua vida, é-se conduzido, com referência aos períodos anteriores, a proceder por indução aproximando certos indícios que, até aqui, podiam parecer indiferentes, e tem-se quase a certeza de se não estar em caminho errado.

Todavia, nenhuma prova direta, e, para nos não perdermos, as dificuldades são inúmeras. Essas mulheres a quem Napoleão se dirige não são já, como as outras, fáceis e cheias de ansiedade em contar os seus triunfos: a maior parte delas têm cuidado de destruir até o mínimo vestígio. Têm um marido a poupar, uma reputação a salvar. Deixam descendentes que, cuidadosamente, lhes guardam o segredo. Mesmo os indiscretos que falam delas não o fazem senão disfarçando o nome que elas usaram, e ser-se-ia mal aceite, mesmo depois de ter decorrido um século, se se levantasse o véu, aliás ligeiríssimo que as cobre. E esse véu, temos porventura nós a certeza de que ele dissimula sempre a mesma mulher? Haverá por detrás dele uma só ou muitas?

Com certeza, que a maior parte dos traços da fisionomia e dos traços da alma são idênticos; há factos característicos com os quais ninguém se pode enganar, sobretudo quem guardou da infância a impressão muito viva e muito nítida de um certo rosto; mas isso não são já documentos, e é com a mais extrema precaução que convém avançar, em risco mesmo de ficar obscuro e de deixar muitos pontos na sombra.

* * * * *

Havia na corte consular uma senhora de vinte anos, casada com um homem trinta anos mais velho do que ela.

Esse marido, muito respeitável, grande trabalhador, que tinha deixado a melhor reputação em toda a parte por onde tinha passado, era um daqueles admiráveis servidores do Estado dos quais o antigo regímen fazia primeiros comissários e o novo diretores gerais. Em uma matéria especial, mas que importava muito às finanças da nação, adquirira reputação de mestre consumado; havia ele próprio organizado a administração que dirigia e a qual, ainda hoje, funciona com as tradições e as leis que ele estabeleceu.

A mulher era encantadora, toda ela graça, toda ela doçura, com

um bonito rosto, magníficos dentes, admiráveis cabelos louros, nariz aquilino um pouco comprido, mas um pouco arrebitado e cheio de caráter, mão digna de ser notada, o pé pequeníssimo; pouca regularidade nas feições, mas um encanto infinito no sorriso e um acordo completo da fisionomia tornado muito particular pelo olhar prolongado de grandes olhos de um azul escuro, assombrados por uma pálpebra dupla.

Esses olhos, em verdade, exprimiam todas as impressões que à sua dona aprazia dar-lhes, e por isso mesmo lhes faltava franqueza, mas era preciso ser mulher e ciumenta para surpreendê-los. Dançava maravilhosamente, cantava como uma artista, tinha na harpa um verdadeiro talento, sabia ler e ouvir, e não mostrava então muito o espírito extremamente notável que veio a desenvolver depois. Não lhe faltava nem vontade, que tinha deveras firme, nem o senso da vida, nem a ambição, nem o desdém dos meios; mas adornava essa verdadeira secura com uma elegância geral que condizia com a sua beleza, e, apesar de ser de origem burguesa, entendia-se melhor do que muitas damas de alta aristocracia, com os ademanos nobres, o vestir requintado, as maneiras solenes próprias de uma corte. «Tinha, por nascimento, o instinto delicado da vida e das maneiras do mundo, essa arte, disse-se, que se adivinha e que se não ensina»; mas punha em tudo, deve acrescentar-se também, um ar excessivamente altivo e desdenhoso, de modo a fazer crer que os seus antepassados não tinham sido gente de pouco, burgueses de província muito humildes, mas sim duques e pares.

* * * * *

Em que momento Bonaparte se apaixonou por esta senhora? Segundo certos indícios, julgar-se-ia que foi em brumário do ano XII (novembro de 1803); mas a rapidez com que foram conduzidos os preliminares com a mulher que Josefina foi surpreender no quarto da *Orangerie*, em Saint-Cloud, parece dever arredar esta hipótese, qualquer que seja a verosimilhança que lhe dê a coincidência de um nascimento que se coloca exatamente nove meses depois (5 de agosto de 1804).

É verdade que a criança nascida então não tinha nem no rosto nem no espírito qualquer coisa que a assinalasse; mas feições tão características como as dos Bonapartes podem saltar uma geração para se expandirem depois em algum descendente na sua flor de beleza soberana e reveladora. Foi, sem dúvida, o que sucedeu: o que, inspirando a Napoleão dúvidas sobre a sua paternidade, fortaleceu a confiança do marido e assegurou a tranquilidade da mulher: o que,

passada uma geração porém, revelou um segredo até aí pouco mais ou menos bem guardado.

Essa dama de Saint-Cloud será a desconhecida que frequentava, no fim do Consulado, uma casita da álea das Viúvas, casa onde, por seu lado, Napoleão fazia assiduamente visitas misteriosas? Será ela a mesma mulher que Napoleão ia, sozinho, e disfarçado, visitar ao próprio domicílio dela, no meio de Paris? Perdemos-nos nisto.

A aventura de Saint-Cloud parece uma dessas fantasias banais que pouco ou nenhum seguimento têm; as excursões noturnas, qualquer que seja o fim delas, testemunham, pelo contrário, em Napoleão, ordinariamente tão caseiro e sedentário nestas coisas, uma atração irresistível e da qual raramente se poderá ver a repetição em toda a sua vida. Há, nisto, incertezas que, por enquanto, não seria possível esclarecer, e que os memorialistas ou os seus editores tiveram até aqui o cuidado de tornar maiores em atenção pela mulher de que se trata e sobretudo pelos seus descendentes. É, contudo, um momento em que todos os testemunhos estão de acordo, se completam e corroboram, em que, à falta de provas materiais, se possui, pelo menos, presunções fortíssimas que se aproximam da verdade.

O imperador tinha ido a Fontainebleau, ao encontro do Papa, que vinha de Roma para sagrá-lo. Levou consigo a corte. Logo se fez o reparo de que o seu aspeto era mais sereno, o seu acesso mais fácil. Depois do Papa se ter retirado para os seus aposentos, ele demora-se nos da imperatriz, e conversa de preferência com as damas que ali encontra. Josefina principia a inquietar-se: o seu ciúme logo desperta; aquelas maneiras não lhe parecem naturais, e como o conhece bem, imagina logo que anda alguma intriga em jogo. Mas de quem há de suspeitar? A quem acusar? Fixa-se em madame Ney, a qual, com grande vivacidade, vai defender-se junto de Hortense, sua antiga companheira do colégio Campan, e prova que o imperador não se ocupa absolutamente nada com ela, mas sim com uma dama do paço, que Eugénio de Beauharnais acha muito a seu gosto, e que por conseguinte Josefina trata com mais assinalada predileção. Eugénio serve apenas para distrair as atenções; é, (como se diz entre nós), um pau de cabeleira: se a dama em questão corresponde aos olhares dele e parece ter prazer com a sua conversa, está, de facto, unicamente ligada com os Murat, ou antes com Carolina, pois, em semelhantes intrigas, Murat não se mete, e Carolina, que não gosta de sua cunhada e que está sempre pronta a fazer-lhe partidas, protege este negócio como protegerá outros.

Regressa-se a Paris: nada está concluído ainda. Napoleão,

decididamente apaixonado, custa-lhe a sair dos aposentos da imperatriz quando uma certa dama está de serviço. Vai encontrar-se com Josefina no teatro se uma certa dama a acompanha. Inventa umas idas para camarote ordinário — ele que, habitualmente não admite que sua mulher vá ao teatro senão com aparato, — se pode conseguir que uma certa dama faça parte do rancho. Josefina, cada vez mais enervada, quer tentar explicações, que são mal recebidas, e, apesar de Napoleão, em público, estar mais alegre, mais afável e mais expansivo do que usualmente o é, em particular, quando uma certa dama não está presente, o génio altera-se-lhe e ele sente-se nervoso e irritável. «Todos os dias Bonaparte faz cenas, escreve Josefina, e como eu não lhe dou motivo nenhum para elas, isto não é viver.»

Para a mesa de jogo, — porque nessa época, à noite, ele tomou o hábito de jogar cartas, ou antes de fingir jogar, — convida regularmente sua irmã Carolina e duas damas do paço, uma das quais é sempre uma dama que ele prefere. Seguindo o jogo com negligência, pois só o quer para salvar as aparências, compraz-se em analisar longamente as impressões mais ténues de um amor ideal e platónico, ou então, sem designar ninguém, e falando em geral, entrega-se a veementes apóstrofes contra o ciúme e as mulheres ciumentas.

Josefina, no outro extremo do salão, jogando tristemente o whist com alguns dignitários, lança de quando em quando um olhar para a mesa das favorecidas e escuta, sem querer perder uma palavra, as frases que aquela voz sonora e cheia leva até às extremidades do aposento, no grande silêncio respeitoso, à muda atenção dos cortesãos espetrais.

Numa festa que o ministro da guerra oferece aos soberanos por motivo da coroação, as damas, como de uso, eram as únicas pessoas sentadas à ceia. Na mesa de honra estava a imperatriz, com algumas das suas damas e com as esposas de grandes funcionários da Coroa e do Império. Napoleão recusou tomar lugar; faz o seu giro em torno das mesas, e fala a cada uma das senhoras; é galanteador, é assiduamente obsequioso: serve Josefina, recebe um prato das mãos de um pajem, para lho apresentar e oferecer. «Quer ser amável unicamente para uma mulher e não quer que o observem. Só isso é uma prova de amor.»

Depois de ter manobrado em todos os sentidos, e de ter dito uma frase a todas as mulheres para ter o direito de falar a uma só, chega próximo da dama em questão e, embaraçado, principia por se dirigir à que está ao lado dela. Apoia-se entre as duas cadeiras, trava conversa na qual envolve a pessoa a quem dirige as suas atenções, previne-lhe

os desejos, e vendo que ela vai para tocar numa azeitoneira, que está um pouco distanciada na mesa, ele antecipa-se-lhe, e oferece-lhe as azeitonas, dizendo-lhe: «Acho que não é bom comer azeitonas à noite; veja lá, podem fazer-lhe mal», e, dirigindo-se à vizinha do lado: «Não se quer servir de azeitonas? Ah! Faz muito bem, e duplamente bem em não querer imitar esta senhora, que em tudo é inimitável.»

Josefina não perde um só daqueles movimentos e daqueles gestos, ela que, ainda em cima, se viu obrigada em pleno inverno, a partir para a Malmaison, em obediência a uma vontade subitamente expressa pelo imperador. Isso transtornou todos os seus projetos e, mais ainda, como não houve tempo de aquecer os fogões, a primeira noite passou-se verdadeiramente numa geleira. Ora o frio foi coisa que pouco importou a Napoleão, o qual, através dos corredores ladrilhados, fez uma excursão de que se felicita, sem lhe passar pela ideia que Josefina, depois de uma longa espera atrás de uma porta envidraçada, lhe surpreendeu o segredo, ficando sem a menor dúvida sobre o objeto dessa visita noturna.

Regressa, portanto, a corte a Malmaison depois desta festa do ministro, e, no dia seguinte, com um pretexto qualquer, a imperatriz manda chamar a dama que não comeu azeitonas. Depois de uma conversa mais ou menos ociosa, pergunta-lhe o que foi que o imperador lhe disse. E depois: «E o que estava ele dizendo à sua vizinha do lado?» A interpelada respondeu-lhe que ele a tinha aconselhado a não comer azeitonas à noite: «O que ele devia, replica a imperatriz, já que estava em maré de lhe dar conselhos, era dizer-lhe que é uma coisa muito ridícula fazer de Roxelane com um nariz tão comprido.» Depois, abre um livro que está em cima do fogão: esse livro é o novo romance de madame de Genlis, *A duquesa de La Vallière*: «Aqui está um livro, diz ela, que faz andar à roda as cabeças de todas as mulheres novas, que são magras e que têm cabelos loiros.»

Nesta observação havia o seu quê de verdade, porque, na Malmaison, nos quartos de todas as damas, encontrava-se *A duquesa de La Vallière*. A venda deste livro foi prodigiosa: dez edições não bastaram para lhe exaurir o êxito, e sem dúvida, não contribuíram pouco para ele, as aspirantes a *La Vallière*.

Contudo, o imperador não tinha nenhuma tenção de instalar uma favorita. «Não quero, por forma nenhuma, na minha corte, império de mulheres. Foram elas que fizeram mal a Henrique IV e a Luís XIV; a minha obrigação é muito mais séria do que a desses príncipes, e os franceses fizeram-se sérios de mais para perdoarem ao seu soberano ligações ostentosas e amantes de profissão.» A sua verdadeira amante,

como ele próprio dizia, era o poder. «Foram tantos os esforços que fiz para conquistá-lo, acrescentava, que não estou disposto a consentir que mo tirem, nem mesmo a suportar que mo apeteçam.» Ora, ele sentia que estava perdendo jogadas. Sem dúvida, a dama em questão, muito inteligente, muito habilmente aconselhada, não pedia para si mesma coisa nenhuma. Não lhe seria possível receber certas vantagens que poderiam parecer suspeitas, e despertariam as apreensões de um marido, que estava muito longe de ser um complacente. Quando muito, teria podido fazer-se nomear para um lugar de dama do paço, embora a sua mocidade, a sua posição, e o seu nascimento a não designarem para tal emprego, e não ter no seu passado coisa alguma que se ligasse com o passado dos Bonapartes ou servisse para justificar a sua presença: isso já tinha feito falar e sobretudo sorrir; mas, quanto menos para si própria, podia ser venal e ambiciosa, tanto mais, sem dúvida, podia apresentar as pretensões dos outros, seus protetores de ontem, seus protegidos de agora.

Murat, já marechal do império, foi promovido à dignidade de príncipe grande-almirante, o que o classificou, logo após Cambacérès e Lebrun, entre as altezas sereníssimas. Mas, ao mesmo tempo, e por espontaneidade sua, o imperador nomeou Eugénio de Beauharnais príncipe arquichanceler de Estado e colocou-o no mesmo nível que Murat. Era a balança restabelecida entre os Bonapartes e os Beauharnais, e mesmo um pouco inclinada a favor dos Beauharnais. Efetivamente, que diferença nos termos de que Napoleão se serve para anunciar ao Senado aquelas duas decisões e a que distância acentua que seu enteado e seu cunhado estão estabelecidos no seu coração!

Como, aqui, se sente que cede a pressões estranhas, a necessidades de família, a solicitações interessadas; e como, ali, é bem de dentro dele mesmo, e do melhor dele, que brotam estas palavras: «No meio das solicitudes e das amarguras inseparáveis da alta jerarquia em que Nos encontramos colocado, o Nosso coração teve necessidade de encontrar afeições doces na ternura e na constante amizade deste filho da Nossa adoção... A Nossa bênção paterna acompanhará este moço príncipe em toda a sua carreira, e, auxiliado pela Providência, ele será um dia digno da aprovação da posteridade.» E Eugénio não solicitou nada; não disse que estivesse pouco satisfeito com as honras de grande-oficial do império, com o cargo de coronel general dos caçadores, que lhe foi anteriormente conferido, pois que a essa hora está em caminho para Milão, à frente da cavalaria da guarda — um belo comando em verdade, e é precisa uma estranha má vontade de madame Rémusat para apresentar como um desfavor a mais eminente distinção que o imperador podia conceder a um general de vinte e três anos.

Em todo o caso, esse desfavor, motivado, segundo ela pretende, por uma recaída de ciúme contra Eugénio, deve ter sido singularmente curto, visto como Eugénio se pôs a caminho a 16 de janeiro, por uma ordem datada de 14, motivada pela necessidade de fazer aparecer a guarda na coroação de Milão e, quinze dias depois, recebia, com uma carta particular do imperador, a cópia da mensagem ao Senado e a sua nomeação de príncipe arquichanceler do Estado.

Nada podia acentuar melhor que Napoleão se aproximava de Josefina, que ele estava resolvido a não se deixar governar, e que o amor que sentira e do qual haviam esperado tanto, estava já quase que passado. Efetivamente, a saciedade depressa chegou; sobretudo quando o constrangimento deixou de existir. Fora na Malmaison, no pino do inverno, que a intriga começara; foi na Malmaison, antes da primavera, que ela teve o seu desenlace.

Diremos como.

Numa viagem de quinze dias que a corte então ali fez, Napoleão, em plena liberdade, pôde passear com a dama, conversar à vontade com ela e não se privou de visitá-la; Josefina, fechada no seu quarto, passava os dias chorando e emagrecia a olhos vistos. Uma manhã, o imperador foi aos aposentos dela, retomou para lhe falar o seu tom antigo, confessou-lhe que estivera muito apaixonado, mas que já o não estava, e acabou por lhe pedir que o ajudasse a romper. Com efeito, ela prestou-se a isso, e mandou chamar a dama, a qual, perfeitamente senhora de si, não mostra a menor emoção e opõe ao discurso da imperatriz uma negação muda e soberba, e a impassibilidade de um rosto de mármore.

Madame *** conservou-se sempre ternamente afeiçoada ao imperador, embora este, depois de Austerlitz, não tivesse querido retomar a sua cadeia; e se alguma vez ele teve retornos de paixão, foram tão fugitivos, que os observadores mais atentos apenas os puderam notar. Ele, por sua parte, teve-a sempre em grande consideração, concedendo-lhe todas as mercês que podiam ser compatíveis com a jerarquia que o marido dela ocupava, e designando-a entre as primeiras para as honras e os favores da corte. Foi daquelas que, nos maus dias, se mostraram entre as mais fiéis. Adornou com a sua beleza as festas dos Cem Dias, e quando, a 26 de junho de 1815, o vencido de Waterloo ia afastar-se para sempre da pátria, foi ela uma das últimas que se apresentou na Malmaison, nesse palácio que tinha visto nascer e morrer esta história de amor, a apresentar ao imperador descoroado o tributo supremo da sua respeitosa afeição e da sua dedicação inalterável. [9]

XII.

Estefânia de Beauharnais

Desde antes de Austerlitz, Napoleão resolvera estabelecer entre a sua casa e as casas soberanas da Alemanha uma rede de alianças familiares que duplicassem e apertassem as alianças políticas. Crê firmemente que o seu sistema não será estabelecido na Europa, senão quando o sangue dos Napoleónidas for inteiramente misturado com o sangue das velhas dinastias. Não se julgando a si mesmo casável mobiliza em torno de si tudo quanto é núbil, meninas e rapazes, a fim de apertar os únicos laços a que liga algum valor, pois lhe parecem acima dos acasos da fortuna política, e em sua opinião, obrigam os príncipes e cativam-nos na sua carne.

Começa, no regresso da campanha, pelo casamento de Eugénio de Beauharnais com a princesa Augusta da Baviera. Ela era noiva do príncipe de Baden, mas isso pouco importa. Dando de sua mão um marido à princesa Augusta, Napoleão não terá dificuldades em arranjar mulher para o príncipe de Baden. É ainda uma Beauharnais que ele escolhe: Estefânia Luísa Adriana de Beauharnais, filha de Cláudio de Beauharnais, conde das Roches-Baritaud, e de Adriana Lezay-Marnésia, sua primeira mulher; prima exatamente no sexto grau de Hortense e de Eugénio. Nasceu em Paris a 26 de agosto de 1789, ficou órfã na idade de quatro anos, e, depois de ter atravessado o convento de Panthémont, foi recolhida por uma amiga de sua mãe, uma tal Lady de Bath, que, em seguida ao encerramento dos conventos, confiou a sua pupila a duas antigas religiosas de Panthémont, madames de Trélistac e de Sabatier, que a levaram para as suas terras, primeiro para Castelsarrasin, depois para Périgueux e talvez para Montauban. Sua avó paterna, Fanny de Beauharnais, ocupa-se de Cubières, de versinhos e de galantaria. Seu pai é emigrado. Seu avô, o marquês de Marnésia, viaja na Pensilvânia. Se não fosse Lady de Bath, a criança teria de viver da caridade pública. Um dia, no começo do Consulado, Josefina fala, diante de seu marido, nessa priminha. Bonaparte, tão suscetível sobre o que é família, indigna-se por sua mulher deixar alguém do seu nome a cargo de uma pessoa estranha, de uma estrangeira, de uma inglesa! Expede um

correio com ordem de ir buscar a criança. As religiosas resistem, mas um novo correio apresenta ao prefeito a intimação de se apoderar de Estefânia, em nome da lei. É necessário obedecer; o que se não faz sem gritaria e sem lágrimas. Tão depressa chega, a criança é colocada no pensionato de madame Campan, e daí em diante faz parte do pequeno grupo de meninas que vêm à Malmaison todos os domingos, e que com os seus vestidos brancos alegram as partidas de barras à sombra dos grandes castanheiros. Josefina e Hortense são boas para ela; no entanto não aparece nos dias de gala, não é chamada para coisa nenhuma, não tem nenhum lugar hierárquico, e parece destinada a um casamento tal como o que obrigaram a fazer a uma sua prima, Emília de Beauharnais, que foi simplesmente madame Lavallette. Ela, porém, apesar da sua mocidade, não o entende assim; toma facilmente grandes ares de princesa e trata com secura as suas parentas que não têm, como ela, a honra de habitar em paços imperiais.

Tal é a situação quando, depois do casamento de Eugénio, o imperador tem de pensar no casamento do príncipe de Baden, a quem tirara a noiva: Napoleão pensa, ao princípio, numa outra pupila de Josefina, sobrinha desta, Estefânia Tascher; depois assenta definitivamente em Estefânia de Beauharnais. O casamento combinado formalmente por ele, durante a sua passagem por Carlsruhe, a 20 de janeiro de 1806, é confirmado por um tratado assinado em Paris a 17 de fevereiro.

Estefânia tinha então dezassete anos, uma fisionomia agradável, bonita figura, espírito natural, alegria, mesmo um bocado de criancice que lhe ficava bem, um delicioso timbre de voz, cor de pele magnífica, olhos azuis animados e cabelos de um formoso loiro. Trazida do seu retiro para as Tulherias, logo depois do regresso do imperador a Paris, instalada num quarto próximo do da imperatriz, foi imediatamente a alegria e a animação do paço. Vivaz, esperta, picante, graciosa, divertindo com as suas infantilidades os tristes e grandes salões, não tendo nenhuma timidez diante do imperador, e até mesmo forçando o desembaraço e as brincadeiras na sua presença, anima-o, distrai-o, muda-lhe em boas as más disposições, diverte-o, agrada-lhe; pela sua parte, ela não leva muito tempo a perceber o efeito que produz, o que a faz ainda adquirir mais naturalidade e mais aprumo. Isto é como que um intermédio, não de amor, mas de garridice da parte de Estefânia e de *flirt* da parte de Napoleão. Talvez ele desejasse ir mais longe; mas a gentil menina quer apenas divertir-se, tirar o melhor partido da posição, e não está resolvida a comprometer-se gravemente. Sente perfeitamente que não pode ser *mademoiselle* de Beauharnais quem case com o príncipe de Baden, mas sim uma Napoleónida: simplesmente por que título, de que modo, com que honras entrará ela

na família? Tudo isso depende do imperador e unicamente dele, e, por conseguinte trata-se de saber até onde poderá levá-lo o pequeno desejo que ela lhe inspirou.

A luta, para Estefânia, não é com Josefina, a qual, se o ciúme lhe começa a despertar, está ainda satisfeita por ter fornecido aquela princesa, mas empenha-se com as irmãs de Napoleão, que não têm nenhum desejo de lhe ceder o passo. Defendem-se, sobretudo Carolina Murat, com extrema aspereza e não poupam a pequena; esta, porém, responde-lhes à gargalhada, mostrando magníficos dentes, e estes, ainda mais do que as ideias divertidas que lhe acodem, asseguram-lhe vantagem decidida. Carolina, desesperada, chega a praticar insolências. Uma noite em que se espera o imperador, Estefânia está sentada num banco raso: a princesa Carolina manda-lhe dar ordem de se levantar, visto que pela etiqueta ninguém deve sentar-se diante das princesas irmãs de sua majestade. Estefânia levanta-se; mas desta vez não ri; chora lágrimas ardentes. Neste momento, entra o imperador, e notando-lhe as lágrimas que, provavelmente lhe ficam tão bem como os risos, informa-se. «Então é só por isso? — diz-lhe ele: Está bem! Senta-te nos meus joelhos, e aqui não incomodarás ninguém.» Se a anedota não é autêntica, o que lhe dá pelo menos uma certa aparência de o ser é que, no dia imediato ao da chegada do príncipe de Baden, foi lançada esta nota no registo do grão-mestre das cerimónias: *«Sendo Nossa intenção, que a princesa Estefânia Napoleão, Nossa filha, goze de todas as prerrogativas devidas à sua jerarquia, em todas as reuniões, festas e à mesa, ela tomará lugar ao Nosso lado, e, nos casos em que não estivermos, será colocada à direita da imperatriz.»* É, portanto, a precedência sobre Júlia, que vai ser rainha, sobre Hortense, sobre todas as irmãs e cunhadas do imperador, até mesmo sobre a princesa Augusta, mulher do filho adotivo.

E no dia imediato, mensagem ao Senado anunciando simultaneamente a adoção da princesa Estefânia Napoleão e o casamento dela; ordem às grandes corporações do Estado para enviarem deputações, e, na deputação do Senado, figura, como senador Cláudio de Beauharnais, o próprio pai da princesa. Este antigo emigrado, senador desde o ano XII (25.000 francos de ordenado), vai ser recompensado de ter tido aquela gentil filha com a doação senatorial de Amiens (25.000 francos de rendimento), e terá 25.882 francos de dotação em 1807, sem falarmos, em 1810, do cargo de cavaleiro de honra de Maria Luísa (30.000 francos por ano) e de 200.000 francos de doação manual a 22 de setembro de 1807.

Mas o que é tudo isto à vista do que o imperador pratica em honra e favor de Estefânia? Ele próprio se incomoda para nada ser

menos rico nem menos aparatoso nos vestidos que lhe dá e no enxoval que para ela encomenda; inquieta-se por causa do vestido comprido, de tule, bordado a ouro e pedras, o qual custa 2.400 francos; por causa dos doze vestidos fornecidos por Lenormand a 1.900, 1.800 e 1.200 francos; manda comprar nos estabelecimentos de Leroy 45.178,96 francos de modas e enfeites; e a Roux-Montagnat, 2.574 francos de flores artificiais. Dá a Estefânia um dote de um milhão e quinhentos mil francos; dá-lhe depois disso um admirável adereço de diamantes, joias em grande quantidade e, finalmente para dinheiro de algibeira manda-lhe entregar mil luíses da sua caixa particular.

No casamento civil, no casamento religioso sobretudo, toda a pompa imaginável, todos os recursos dos cortejos imperiais, toda a ostentação dos esplendores soberanos. Napoleão não poderia fazer mais do que fez se se tratasse de uma filha sua. E a festa não se limita ao interior do paço: estende-se à cidade, iluminada pelo fogo de artifício queimado sobre a praça da Concórdia. Mas apagadas as últimas girândolas, extintas as últimas notas do concerto, despedida a reunião, quando o imperador e a imperatriz têm acompanhado até aos seus aposentos, conforme o uso, os dois esposos, é impossível decidir Estefânia a receber o marido no seu quarto. Grita, chora, exige que deixem ir deitar-se para ao pé dela, a sua amiga de convento, *mademoiselle* Nelly Bourjolly. Partem para a Malmaison: a mesma música. Alguém diz ao príncipe de Baden que aquela repugnância da princesa provêm do modo como ele se penteia, porque lhe causam horror os penteados de rabicho. Imediatamente se presta a que lhe rapem a cabeça, à Tito; mas, logo que ele aparece, Estefânia desata a rir e declara-lhe que assim o acha mais feio ainda. Todas as noites, o príncipe aproxima-se dela, pede, suplica, não obtém nada e acaba por se deixar adormecer, de cansaço, numa poltrona. Pela manhã, vai queixar-se à imperatriz, e Napoleão, sorrindo, quer que lhe contem tudo o que se passa, o que, no fim de contas, se torna o divertimento de todos, como é fácil de compreender. O imperador acha graça ao caso, que o lisonjeia, e não se zanga com Estefânia, e disso dá uma boa prova, na grande festa que faz realizar nas Tulherias, em honra do casamento: o primeiro grande baile, para o qual não somente é convidada toda a corte, como ainda toda a gente de distinção, da cidade — duas mil e quinhentas pessoas. Nunca se tinha visto coisa igual às duas quadrilhas, conduzidas pela princesa Luísa e pela princesa Carolina, uma na galeria de Diana, outra na sala dos Marechais; nada igual aos bufetes com as cem grandes peças de vianda, as sessenta entradas, os sessenta pratos de assados, as duzentas iguarias diferentes, em que se bebem mil garrafas de vinho de Beaune, cem de Champagne, cem de Bordéus, cem de vinho de

sobremesa.

Mas, acabada a festa, Estefânia não foi mais terna para o marido. Foi preciso a política impressionar-se com isso, para Napoleão se resolver a intervir; as garridices de *mademoiselle* de Beauharnais divertiram-no, acirrou com elas mais de uma vez sua mulher, e deixou-se mesmo ir mais longe do que desejava, concedendo a essa pequena princesa uma preeminência desproporcionada, rodeando-lhe o casamento com todo o esplendor inesperado a que aludimos. Porém, agora, vê que o príncipe de Baden já não está macio, e, no momento em que se torna iminente a guerra com a Prússia, convém-lhe estar em harmonia com todos os príncipes alemães, que podem ser auxiliares, ou pelo menos informadores.

E, depois, a que poderia conduzi-lo aquela paixoneta, que não é própria nem da sua dignidade, nem da sua idade, nem do seu temperamento? Da mesma maneira que ele não teve o pensamento de fazer desposar os seus sobejos ao príncipe de Baden, e que, com toda a certeza, respeitou Estefânia antes dela ser casada, também não ia tomar ostentosamente como amante aquela princesa hereditária, que fez de si altíssima conta, que efetivamente está já muito alta, e que se sente majestosamente ensoberbecida pela adoção. Agora, já se torna embaraçosa em Paris, e pode ser útil em Carlsruhe, quando mais não seja para balançar a influência do margrave Luís e de toda aquela pequena corte hostil à França.

Napoleão toma apenas o tempo preciso para esclarecer certa história de cartas intercetadas as quais mostram bastante as más coisas que já estão esperando a sua filha adotiva, e antes mesmo de ter obtido satisfação abrevia a partida. Estefânia retira-se cheia de desespero na alma, embora leve consigo três das suas amigas de convento, *mademoiselle* de Mackau, *mademoiselle* Bourjollye *mademoiselle* Gruau. Tão depressa tem chegado aos Estados de seu sogro, como escreve ao imperador: «Senhor, todos os dias, quando posso entregar-me aos meus pensamentos, são eles todos para a sua pessoa, para a imperatriz, para tudo o que neste mundo é para mim mais querido. Transporte-me a França, imagino-me a seu lado e encontro prazer ainda mesmo em ocupar-me do meu pesar.» Napoleão responde com certa severidade, em tom de conselho, sem nenhuma expressão de terno afeto: «Carlsruhe é uma bonita residência... Seja agradável para o Eleitor, ele é seu pai... Ame seu marido, que o merece muito, pela muita afeição que lhe tem.» Quando ela lhe tem respondido, de modo a satisfazê-lo, que gosta de estar em Carlsruhe, ele adoça-se, chama-lhe *sua filha*, mas recai nas regras de conduta, insiste nelas mesmo. Só se torna inteiramente amável quando o grão-

duque hereditário lhe pediu para fazer com ele a campanha que se vai abrir, e ao mesmo tempo lhe anunciou a gravidez de Estefânia. «Não recebo de si senão boas notícias, escreve ele. Continue, pois, a ser ajuizada e boa para todos.» E autoriza-a a vir a Mogúncia, encontrar-se com a imperatriz e com Hortense, enquanto o marido andar no exército. Daí em diante, nas cartas que escreve a Josefina, Napoleão raras vezes deixa de mandar lembranças a Estefânia; mas é de passagem, por saber que ela está ali, e sem nenhuma intenção de galanteio.

Em 1807, Estefânia é convidada, bem como seu marido, para as festas dadas por ocasião do casamento de Jerónimo com Catarina de Wurtemberg, e dirige-se com todo o alvoroço a Paris. Mas, se conservou ainda algumas pretensões ao coração de Napoleão, se guardou algumas ilusões sobre aquela adoção, que data apenas de um ano, sobre a jerarquia excecional que lhe foi solenemente atribuída, que decepção! Agora, o lugar que lhe está marcado é o último do lado das princesas; é apenas, e como por favor, que figura na família imperial. Não é mais do que uma princesa da confederação germânica, e, como tal, se ali estivessem rainhas alemãs, estas tomariam a precedência. É por favor que se lhe dá um banco, enquanto que as princesas da família têm direito a cadeiras. Ao princípio ela parece não perceber a sua decadência e sente prazer em deixar-se cortejar por Jerónimo, o novo rei de Westphalia; mas sua tia faz-lhe observações, a situação aparece-lhe tal qual é; percebe então que não pode firmar a sua posição senão atraindo a si o marido, e torna-o tão apaixonado, que ele acaba por se tornar insuportável de ciúme.

Pelo menos, defendê-la-á ele contra todos os seus parentes coligados, em 1814, quando, depois da queda do imperador, eles exigem à uma que a repudie, que faça sair da casa de Zaehringen essa testemunha importuna dos juramentos abolidos, ela cuja presença basta para recordar benefícios dos quais lhes apraz esquecer o autor? Mas será por isso que, aos trinta e dois anos, esse homem, da mais vigorosa saúde, cai repentinamente doente, arrasta a vida ainda durante um ano, e acaba por morrer no meio de sofrimentos estranhos, em 1818?

E Estefânia não pôde conservar nenhum dos seus filhos varões. Quando perde o segundo ou quando o crê morto, envia ao imperador este grito de desespero: «Eu era feliz de mais em poder dizer a vossa majestade que eu tinha um filho, em pedir-lhe que o amasse, que o protegesse; um filho fazia-me esquecer muitas mágoas e era muito necessário para a minha posição cujos deveres são algumas vezes difíceis... Tive que renunciar a todas as minhas esperanças!...» Cai

num luto profundo, perante aquela fatalidade que lhe rouba os filhos, que não lhe deixa senão filhas, que arrebatou à sua raça, ferida por causa dela com uma esterilidade política, a hereditariedade do trono.

Ora, dez anos depois da morte do grão-duque, a 26 de maio de 1828, entre as quatro e as cinco horas da tarde, no mercado de cebo de Nuremberga, um burguês encontra um rapaz de dezasseis para dezassete anos, que recita uma ou duas frases de baixo alemão, cujos pés não andaram nunca, cujos olhos nunca viram a luz do sol, cujo estômago não pode suportar nenhum alimento animal, um ser cujos órgãos não puderam ser atrofiados de tal modo, senão pelo facto de ele ter estado desde a mais tenra infância, sequestrado na obscuridade. Estefânia, sabedora disto, entra a calcular, raciocina, aproxima as datas: e chega a ficar convencida que o misterioso desconhecido de Nuremberga, aquele a quem se deu o nome de Gaspar Hauser, é seu filho — seu filho ao qual se substituiu uma criança morta, e que, vítima do ódio do margrave Luís e da ambição da condessa de Hochberg, expiou durante dezasseis anos, nas trevas, o crime de ter por mãe uma Napoleónida. Mas o que pode agora ela fazer?

As suas inimigas triunfaram: uma está reinando; outra, promovida, ela e os seus descendentes a honras inesperadas, vê a sua raça bastarda, apenas morganática, destinada ao trono grão-ducal. Estefânia não pode outra coisa senão assustar-se pela existência de Gaspar Hauser, não pode senão chorá-lo quando, depois de três tentativas frustradas, ele é finalmente assassinado.

Seria isto uma dessas ilusões em que se compraz o coração das mães desditosas, ou uma dessas intuições reveladoras a qual, melhor que todas as molas da polícia e da justiça, esclarecem bruscamente qualquer grande crime! Como quer que seja, até à sua última hora (faleceu a 29 de janeiro de 1860), atestou sempre aos poucos franceses que recebia familiarmente no palácio desmantelado de Manheim, que seu filho não tinha morrido em 1812, mas que ele lhe havia sido tirado; designou os autores e os cúmplices do crime, contou as suas suposições e os seus sonhos. Alguns escritores alemães quiseram demonstrar que esta mãe se enganava: tanto melhor para a família reinante de Baden!

XIII.

Leonor

Josefina pode estar quase tranquila com respeito ao seu futuro enquanto Napoleão não tiver adquirido a convicção absoluta de que pode ter filhos, e para que esta certeza se estabeleça no seu espírito, é preciso um concurso de circunstâncias singularmente improvável. Mas eis que esse concurso se estabelece, e a revelação vem de onde, com toda a certeza, ela menos se devia esperar: de uma aventura passageira, que parecia não dever ter consequências e a que o imperador, na própria ocasião, não deve ter ligado importância.

Madame Campan, a antiga aia de quarto da Rainha, tinha, como se sabe, fundado em Saint-Germain-en-Laye, pelos fins da Revolução, um pensionato de meninas, que Josefina, quase desde o começo, havia protegido, e no qual tinha colocado sucessivamente sua filha Hortense, suas sobrinhas e suas primas Emília e Estefânia de Beauharnais, Estefânia Tascher, Felicidade de Faudoas, depois sua cunhada Carolina Bonaparte e até mesmo Carlota, a filha de Luciano. Em torno destas meninas, tinham ido agrupar-se a maior parte daquelas cujos pais tinham ou procuravam alguma ligação com o cônsul: *mademoiselles* Barbé-Marmois, Leclerc, Vitor, Clarke, Macdonald... Em seguida aos casamentos que, mercê da sua intimidade com Hortense, tinham encontrado as sobrinhas de madame Campan, *mademoiselles* Auguié, uma grande quantidade de intrigantes, geralmente pobres, haviam por todos os modos solicitado a admissão de suas filhas.

Madame Campan passava por uma influência, tinha colocado inúmera gente, tinha obtido radiações de emigrados, restituições de bens confiscados. Numa palavra, era moda o seu pensionato, e, ao lado de nomes gloriosos, mas muito novos, viam-se, nas listas, nada menos que Noailles, Talon, Lally-Tollendal, Rochemond, em seguida nomes de finança, em seguida nomes de coisa nenhuma.

Estava ali particularmente uma menina acerca da qual a diretora do pensionato ficaria muito embaraçada em dizer de onde ela vinha, se desse agora às origens das suas pensionistas a mesma atenção que

dava no começo, e se, tendo baixado depois do consulado a voga da sua instituição, ela se não tivesse visto obrigada a preencher as vagas pouco mais ou menos com tudo quanto se lhe apresentava. Era *mademoiselle* Luísa Catarina Leonor Dénuelle de La Plaigne. O pai, que se dizia jurista, fazia negócios que nem sempre eram felizes; a mãe, ainda muito bonita, era sofrivelmente galante, e a família que habitava, no *boulevard* dos Italianos, um andar sumptuoso onde recebia grande companhia, mas muito promíscua, ia vivendo, dia a dia, dos lucros do marido ou dos da mulher, à espera que a filha a qual em 1804 contava os seus dezassete anos, (tinha nascido a 13 de setembro de 1787) viesse a encontrar um casamento rico ou, pelo menos, pudesse entrar no mundo.

O tempo, porém, vai passando, a esposa envelhece, o marido endivida-se, os adoradores afastam-se, as mensalidades do pensionato custam a pagar, e, desde que se foram embora as Beauharnais, passou o tempo em que por intermédio de madame Campan se puderam fazer casamentos à Ney ou à Savary.

Madame Dénuelle resolve-se, à falta dos salões onde não tem acesso, a mostrar sua filha nos teatros, e uma bela noite, na Gaité, um oficial de bonita presença tomou um lugar vago no camarote, do qual ela com a filha ocupam os lugares da frente. As duas damas não têm aspeto muito severo; o oficial é galanteador, e o conhecimento é rapidamente travado. Ele fala em amor, respondem-lhe em casamento. Pois seja o casamento, já que é preciso passar por isso.

Convidam-no a ir ao *boulevard* dos Italianos, onde ele não falta, e onde continua a sua conquista. O pai, verdade seja, procura apanhar-lhe dinheiro emprestado, e isso lança-lhe desconfiança no espírito sobre o luxo aparente em que vivem, mas uma conversa que tem com madame Campan tira-lhe os escrúpulos — se é que os tem; declara unicamente que quer casar em Saint-Germain, e é aí efetivamente que o casamento se realiza a 25 de nivoso do ano XIII (15 de janeiro de 1805).

Esse oficial, João Honorato Francisco Revel, que se qualificava capitão no 15.º regimento de dragões, adido à inspeção do general de Avrange de Haugéranville, era um troca-tintas. Antigo quartel-mestre no seu regimento, acabava de demitir-se e dizia estar a ponto de empreender o fornecimento geral dos víveres do exército. Enquanto isso não vinha, vivia a crédito numa hospedaria, contando muito mais ao que parece, para se livrar da sua situação embaraçosa, com a beleza de sua mulher do que com os seus próprios recursos. Dois meses depois do noivado, é preso por causa de uma letra falsa que

forneceu em pagamento ao seu regimento, e metido em prisão preventiva por esse crime de falsificação.

Leonor recorda-se então que foi ainda companheira de Carolina Murat, no pensionato, — de Sua Alteza Imperial a princesa Carolina, — e, vivamente recomendada por madame Campan, vai solicitar a proteção dela. Carolina coloca-a em Chantilly numa espécie de recolhimento onde são recebidas senhoras em situação análoga à dela; depois, apertada por novas instâncias da sua antiga e agora infeliz companheira, chama-a para junto de si, apesar dos avisos de madame Campan, a qual aconselhava que a afastassem da sociedade e que, passado tempo oportuno, vissem se era possível casá-la na província.

Leonor é muito formosa: alta, esbelta, bem feita, cabelos castanhos e magníficos olhos pretos, dotada de grande viveza e muito *coquette*. Não foi criada a ter escrúpulos, e não pôde decerto adquiri-los durante os dois meses que passou com Revel. Nomeada provisoriamente dama anunciante, e depois promovida à dignidade de leitora, encontra-se, como por acaso, na passagem do imperador quando este, ao regressar de Austerlitz (fins de janeiro de 1806), vai visitar sua irmã; arranja as coisas de modo a ser notada, e logo que lhe são dirigidas propostas, aceita-as com entusiasmo. Deixa-se conduzir às Tulherias, onde toma o costume de ir de tempos a tempos passar duas ou três horas — sempre o menor número de horas possível. Ele mesma disse que, no quarto onde Napoleão a recebia, ao fundo da alcova, estava suspenso um relógio e que, quando Napoleão estava distraído, ela arranjava meio de adiantar os ponteiros em meia hora. O tempo que Napoleão dedicava a estes entretenimentos era rigorosamente contado: por isso, quando ele erguia a cabeça e olhava para o mostrador, exclamava: «Já!» E a *amante* era liberada.

Mas por muito poucas que fossem as horas que ela lhe dedicava, foram bem empregues e Leonor soube impor-se perante ele. O que ela não queria era que Revel beneficiasse daquela situação. Em 13 de fevereiro, apresenta no tribunal o seu pedido de divórcio fundamentado em injúrias graves, e ganha a causa, pode dizer-se que por legítimo direito, visto Revel ter sido condenado a dois anos de prisão pelo tribunal criminal de Seine-et-Oise. O divórcio é pronunciado a 29 de abril de 1806. É tempo, porque Leonor está grávida desde o mês de março; dá à luz, no sábado 13 de dezembro de 1806, na rua da Vitória, n.º 29, uma criança do sexo masculino, que, sob o nome de Léon, é declarada filho de *demoiselle* Leonor Denuelle, a qual vive dos seus rendimentos, idade vinte anos, e de pai ausente.

Não pode haver a menor dúvida sobre a paternidade: Leonor, que,

no seu ato de divórcio, era qualificada: «adjunta a S. A. I. a princesa Carolina», habitava, depois do seu regresso de Chantilly, na rua de Provença, palácio do Governo (é o palácio Thélusson, que Murat tinha comprado a 22 de nivoso do ano X.) Nunca saíra daqui senão para as suas visitas às Tulherias, das quais Carolina sabia o segredo. Além disto, para levantar toda e qualquer contestação, bastava olhar para a criança, cuja parecença com Napoleão saltava aos olhos.

O imperador recebeu a notícia do parto em Pulstuck, a 31 de dezembro. Agora, estava quebrado o encanto, e o imperador podia ter a certeza da sua capacidade para gerar um herdeiro do seu sangue. Mais do que qualquer outro facto, talvez este nascimento clandestino de um filho sem nome influiu na continuação da sua vida e determinou as grandes resoluções que ele tomou depois de Tilsitt, e que só dois anos depois realizou.

Léon foi confiado logo que nasceu a madame Loir, ama de Aquiles Murat; depois, em 1812, constituiu-se-lhe um conselho de família, o qual lhe deu por tutor o sr. Matieu de Mauvières, *maire* da comuna de Saint-Forget e barão do império, mas, sobretudo, sogro de Méneval, secretário íntimo do imperador. Não contente com ter-lhe garantido uma fortuna independente, Napoleão, em janeiro de 1814, no momento da sua partida para o exército, encarregou o duque de Bassano de lhe acrescentar um rendimento de 12.000 francos; em 21 de junho de 1815, acrescentou-lhe 100.000 francos em dez ações dos Canais; por um legado de consciência, junto ao seu testamento, deixou-lhe mais 320.000 francos destinados a ser-lhe comprada uma terra, e, ocupando-se dele até ao seu último dia, consagrou-lhe o parágrafo 37 das suas *Instruções aos seus testamenteiros*: «Era vontade minha que o pequeno Léon seguisse a magistratura, se essa carreira fosse do seu gosto.»

Mas o que eram essas vantagens todas comparadas com as que, num momento dado, ele tivera a veleidade de contemplá-lo! Para escapar ao divórcio, para evitar o rompimento com Josefina, à qual era sinceramente afeiçoado e de quem lhe eram agradáveis até os defeitos, para satisfazer ao mesmo tempo, de um modo que lhe pareceu racional, à lei de hereditariedade, é fora de dúvida que concebeu o pensamento de adotar o seu filho natural, que falou nisso a Josefina, e que apalpou o terreno com diversos dos seus confidentes. Procura exemplos, invoca precedentes, inventa justificações; se recua, é porque, em verdade percebe que é forte de mais fazer passar semelhante coisa, e que já se não está no tempo em que Luís XIV chamava o duque du Maine e o conde de Tolosa à hereditariedade do trono. Mas, enquanto não tomou a sua resolução, habituou-se, quase

que se afeiçoou deveras a essa criança. Muitas vezes o mandava buscar, quer para o Eliseu, para casa de sua irmã Carolina, quer mesmo para as Tulherias, durante a sua *toilette* e o seu almoço. Entreteinha-se a dar-lhe gulodices, a brincar com ele, e divertia-se com as suas graças infantis.

Os acontecimentos cumprem-se, e, necessariamente, Napoleão já não pode dar a Léon os mesmos cuidados; mas, em 1815, é a sua mãe (*Madame mère*) e ao cardeal Fesch, que ele o recomenda.

Já a mãe do imperador em tempo se tinha ocupado desse neto pelo qual se interessava, e parecia disposta a fazer muito mais por ele; porém Léon não era em verdade daqueles cujo caráter pode seduzir.

Em 1832 — tinha vinte e cinco anos — aparece já arruinado ao jogo, dirigindo-se ao cardeal Fesch, prometendo-lhe que nunca mais torna a perder 45.000 francos numa só noite. — Promessas de jogador! — Um ano depois, encontramo-lo metido ao mesmo tempo em grandes empresas de negócio, e em questões de iluminismo e de política, provocando quase toda a gente a duelo (1833 e 1834), porque é valente e bastante espadachim. Em 1834, é eleito chefe do batalhão comunal da guarda nacional de Saint-Denis, invocando «o grande homem de quem recebeu o nascimento». Em seguida a uma recusa de serviço, é suspenso, depois revocado, e publica brochuras apologéticas, que é difícil entender. Em 1840, mete-se no meio do cortejo oficial do regresso das Cinzas, e, completamente arruinado, intenta então uma série de processos contra sua mãe.

Leonor efetivamente conservou os seus haveres. O imperador nunca mais quisera tornar a vê-la; tinha recusado recebê-la quando, em 1807, ela se havia apresentado em Fontainebleau, mas desonerara-se dando-lhe um palacete, na rua da Vitória, 29, e, a 4 de fevereiro de 1808, um dote de 22.000 francos de renda inalienável e incessível. Nesse dia casou com Pedro Filipe Augier, tenente de infantaria, filho de um Augier de La Sausaye, o qual, depois de ter sido deputado do Terceiro Estado à Constituinte e subprefeito de Rochefort, era, desde o ano XII, deputado da Charente ao Corpo legislativo. O tenente Augier trouxe sua mulher à Espanha, e morreu no cativoiro depois da campanha da Rússia.

Leonor, viúva facilmente consolada, casou de novo em Seckenheim, a 25 de maio de 1814, com Carlos Augusto Emílio, conde de Luxburgo, major ao serviço do rei da Baviera. Voltando a Paris com o novo marido, viu-se em luta com as ameaças de chantagem de Revel, o primeiro marido, o qual aproveitava a queda do *tirano*, para

se apresentar como vítima e para tentar tirar partido da situação.

Madame de Luxburgo resistiu, e Revel, para se vingar e ganhar alguns francos, publicou inúmeros panfletos com os títulos maravilhosamente combinados para fazer escândalo; mas perdeu, ante todas as jurisdições, os processos que intentou a sua ex-esposa.

Léon foi um pouco mais feliz nos processos contra sua mãe; se foi batido a propósito de um pedido de restituição e de uma queixa de *escroquerie*, fez-se reconhecer como filho natural e obteve, a 2 de julho de 1846, à falta de uma pensão alimentícia, uma provisão de 4.000 francos. Parece ter arranjado algum dinheiro em 1848, porque então pensa em apresentar-se como candidato à presidência da República, em concorrência com o príncipe Luís Napoleão, com o qual, oito anos antes, em março de 1840, ele se quis bater em duelo. Essa história é de tal modo singular que só uma certa desordem mental pode explicar a conduta de Léon. Os detalhes podem encontrar-se numa brochura intitulada *Resposta do sr. conde Léon, residente em Paris, rua da Provença 53, ao gerente do jornal «O capitólio»*, publicada em Paris em 1840. Em 1849, apresenta-se candidato nas eleições legislativas e publica um manifesto: *O cidadão Léon, ex-conde Léon, filho do imperador Napoleão, diretor da Sociedade pacífica, ao Povo Francês*.

Chega o império: Léon obtém de Napoleão III, a quem quisera matar, uma pensão de 6.000 francos e o pagamento do legado de consciência de Napoleão I, ou um capital de 225.319 francos; isso, porém, não é coisa que o contente: em 1853, reclama 572.670 francos, em virtude não se sabe de que decretos de abril, maio e junho de 1815; em 1857, intenta uma ação contra o ministro das obras públicas para a restituição de 500.000 francos que diz serem-lhe devidos por estudos do traçado do caminho de ferro do Norte.

Não se passa um ano sem montanhas de propostas, reclamações e petições. Quatro, cinco, seis vezes, a lista civil lhe paga as dívidas. O cérebro dele está numa ebulição perpétua por causa de caminhos de ferro, de perfurações de *boulevards*, de processos, de negócios. A sua brochura: *A paz, solução da questão italiana*, publicada em 1859, é decisiva; nela proclama que Coessin é o profeta deste tempo. «Só ele resolveu todas as dificuldades da época atual e do futuro.» Coessin. — talvez o ignorem, — é o autor dos *Nove livros* (1803), o fundador da *Casa parda* (1810), da *Nova casa parda* e das *Famílias espirituais*. É muito verosímil que a *Sociedade pacífica* de que Léon se intitulava diretor em 1849 fosse uma emanção das *Famílias espirituais*, que, em 1859, ele seria provavelmente o último a recordar.

Léon morreu em Pontoise a 15 de abril de 1881, certamente irresponsável.

Imaginaram-se muitos romances sobre esta hipótese de um filho natural de Napoleão. Que romance valeria a par desta história da qual se não conhecem ainda senão aparas colhidas aqui e acolá em memórias judiciárias, registos do estado civil, circulares e cartazes eleitorais, e que, se fosse permitido segui-la e contá-la por completo, daria ainda muitas outras surpresas?

XIV.

Hortense

O começo do ano de 1807 é decisivo na vida de Napoleão. Em janeiro tem ele notícia do nascimento de Léon; em maio, recebe a da morte de Napoleão Carlos. O nascimento de Léon, é para ele a certeza de que pode ter uma posteridade direta; a morte de Napoleão Carlos, filho primogénito de Luís e de Hortense é a desapareição de um sonho inteiro de hereditariedade ao qual habituou o seu pensamento e que apenas circunstâncias independentes da sua vontade o impediram de realizar até aí por um ato de adoção solene. Esta criança é a predileta do seu coração; é o filho daquela menina que ele criou e educou, de quem se instituiu pai e tutor, que, quase desde o começo, tomou sobre os seus sentimentos tanto império que ele concedeu às suas lágrimas o perdão que recusava ao seu amor por Josefina. E é ao mesmo tempo o filho daquele irmão bem amado, daquele irmãozinho que ele considerou quase como seu filho de eleição, a quem sustentou, alojou, educou com o seu soldo de tenente, a quem fez seu ajudante de campo, testemunha das primeiras grandes coisas que praticou, e a quem depois foi engrandecendo sempre até sentá-lo num trono. Naquela criança encontrou muito caracterizado o tipo dos Bonapartes, de nenhum modo desfigurado pela beicha e pelo nariz de Luís, de nenhum modo alterado pela graça comprida e crioula de Hortense, apenas adoçado e poetizado por uma auréola de cabelos loiros. A essa criança, o primeiro rapaz que saíra da sua raça, deu Napoleão o nome de seu pai. Chamou-o Napoleão Carlos, acostumou-se a amá-lo de tal modo, testemunhou-lhe tão vivamente a sua afeição, que se chegou a insinuar e depois mesmo a afirmar que era pai dele, e que sua enteada Hortense fora sua amante, antes dele a ter casado com seu irmão. O que há de verdade nisto?

O contrato de casamento de Hortense foi lavrado a 13 de nivoso do ano X (3 de janeiro de 1802); o seu casamento foi celebrado a 14 (4 de janeiro), seu filho nasceu a 18 de vindimário do ano XI (10 de outubro de 1802). Portanto, ela não estava grávida na ocasião do seu casamento e o *caso* não era *urgente*, como escreveu Luciano Bonaparte, pois que decorreram duzentos e oitenta dias entre o casamento e o

parto. A gravidez regular dura, como se sabe, duzentos e setenta dias: a concepção seria portanto de 26 de nivoso (14 de janeiro). Ora, a 18 de nivoso (8 de janeiro) à meia-noite, o primeiro cônsul partiu para Lyon, e não regressou a Paris senão a 12 de pluvioso (1 de fevereiro). Isto são provas materiais; mas há outras.

Luís, o marido mais ciumento e mais desconfiado que jamais se viu, que desde o começo do casamento havia tiranizado a mulher a ponto de lhe proibir que fosse passar uma noite sequer a Saint-Cloud, que não a deixava um segundo, que a fazia espionar constantemente, não tinha deixado de fazer os seus cálculos. Doente, com uma doença de mocidade, favorecida por um temperamento artrítico ao último ponto, tinha tentado ao princípio, para se restabelecer, banhos de tripas, que infetavam a velha *Orangerie*, no extremo do terraço dos Feuillants. Agora, para atrair os humores para o exterior, dormia na camisa e nos lençóis de um sarnento do hospital, e obrigava sua mulher a passar as noites num leito portátil, na mesma alcova em que ele dormia. Toda a criada de quarto, que parecia afeiçoar-se a Hortense, era impiedosamente despedida; sua sogra, a todo o momento, era da parte dele objeto das acusações mais graves; e contudo Luís não teve a mínima dúvida sobre a sua paternidade. Entendeu dever afirmar, nos *Documentos históricos sobre a Holanda*, que era pai dos seus três filhos, os quais sua mulher e ele, diz «amaram com igual ternura». Repetiu esta afirmação em prosa e em verso, pois como se sabe ele imaginava-se poeta. Quando Napoleão propôs adotar para seu herdeiro Napoleão Carlos, Luís é possível que fizesse alusão aos boatos que corriam, mas não era por lhes ligar o menor crédito, era porque dali tirava pretextos para não aceder aos projetos de seu irmão. Se tratava tal assunto com Napoleão, aludindo-lhe diretamente, não era essa a melhor prova de não ter nenhuma incerteza, de ser completa a sua confiança! Enquanto Napoleão Carlos viveu, Luís amou-o; amou-o subordinando sem dúvida as suas provas de afeição aos caprichos de um espírito melancólico e extravagante, mas amou-o tanto quanto era capaz de amar, e depois dele morrer, chorou-o. Só então, e por bem pouco tempo, se reconciliou com sua mulher com a qual vivia mal bastante para o imperador entender de necessidade dirigir-lhe observações; escreveu cartas afetuosas e ternas a sua sogra, a quem ordinariamente detestava; acompanhou a Cauterets sua mulher doente, e foi em Cauterets, em circunstâncias cujos pormenores se sabem todos, que Hortense ficou grávida do seu terceiro filho. Carlos Luís Napoleão, aquele que foi o imperador Napoleão III.

Assim se vê que Luís não acreditou nem por um instante que Hortense tenha sido amante de Napoleão, e não somente deu

testemunho disso, como ainda toda a sua conduta desde 1800 até 1809 é uma afirmação contínua da sua convicção. Enquanto a Hortense, essa, até 1809, ignorava inteiramente que tais boatos tivessem corrido.

O casamento de sua mãe com o general Bonaparte tinha chocado vivamente a sua natureza. Antes dele ser concluído, Hortense vivia em Saint-Germain-en-Laye, junto de seu avô o marquês de Beauharnais e de sua tia madame Renaudin, muito recentemente desposada pelo marquês. Em Saint-Germain mesmo, foi ela em seguida para o pensionato de madame Campan. Não saiu dali para ir residir nas Tulherias senão pela época da partida do cônsul para Marengo. Foi só depois de Bonaparte ter regressado da Itália, que ela foi chamada a vê-lo familiarmente e de um modo contínuo. Napoleão, com essa intimidade, afeiçãoou-se-lhe, consagrou-lhe ternura, um sentimento paterno muito doce; Hortense, porém, teve dificuldade em acostumar-se com ele. Era uma espécie de temor respeitoso o que ela sentia, não lhe falava senão tremendo; não se atrevia a pedir-lhe nada; se tinha algum favor a solicitar, empregava intermediários. «É uma tolinha, dizia Bonaparte, porque me não fala ela? Tem medo de mim?»

Ele não interveio quando Josefina arranhou o casamento de sua filha com Luís Bonaparte, porque esperava que esse casamento produzisse alguma união entre a sua própria família e a de sua mulher, e porque via nele vantagens políticas, sobretudo por um sentimento de delicadeza para com Josefina e para com os filhos que ela houvera do seu primeiro tálamo. Mas todas as vezes que entendeu preciso, depois, adoçar Luís, tranquilizá-lo, dirigir-lhe observações, dar-lhe conselhos sobre a conduta a seguir com respeito a Hortense, não deixou de o fazer, com um tato, uma delicadeza, uma paciência admiráveis. Tinha uma grande consideração por sua enteada, professava por ela uma verdadeira veneração, na sua presença media rigorosamente tudo quanto tinha a dizer. «Hortense, repetia ele, obriga-me a acreditar na virtude».

Não ignora que correm boatos sobre a sua intimidade; que, imediatamente depois do casamento de Luís com Hortense, alguns, que talvez lhe toquem muito de perto se comprazem em espalhar que ele a casou já grávida e que Hortense deu à luz antes de terem decorrido os nove meses depois do casamento. E a calúnia, tendo passado o estreito, vem agora de torna viagem aumentada e amplificada pelos jornais ingleses. O cônsul, para acabar com ela, inventa então um cenário que faz ainda menos honra à sua imaginação do que à sua delicadeza: ordena um baile na Malmaison. Hortense assiste, embora esteja então no seu sétimo mês. Bonaparte

dirige-se-lhe e quer tirá-la para par. Ela recusa-se: sente-se fatigada; sabe além disso quanto em geral desagrada a seu padrasto ver dançar mulheres grávidas, sobretudo vestidas, como então se usa, com os vestidos extremamente justos, de modo que as formas se acusam sem nenhum disfarce. Ele insiste, pede apenas uma contradança: nova recusa. Finalmente, insiste tanto, que ela cede. No dia seguinte, em um jornal, aparecem uns versos de brincadeira sobre essa contradança. Hortense, furiosa, queixa-se. Não recebe resposta. É porque o baile não foi dado senão para fornecer ensejo para a publicação desses versos, os quais provarão que madame Luís Bonaparte está devidamente no seu estado interessante, e é por isso ainda que o *Moniteur*, que até aí nunca falou da família do cônsul, há de inserir no seu número de 21 de vindimário esta nota: «MADAME LUÍS BONAPARTE deu à luz um filho a 18 de vindimário, às 9 horas da noite».

Napoleão fez, portanto, tudo quanto pôde para acabar com a calúnia; esta, porém, resiste, adquire créditos, e, por muito desagradável que ela seja, como nem ele, nem Luís, nem Hortense podem ser atingidos, habitua-se a encará-la sob o ponto de vista político e vê o partido que dela pôde tirar. Ama aquela criança, da qual a opinião pública pretende que ele seja pai; ama-a como se fosse seu próprio filho; tem por ela fraquezas inteiramente paternas; tem com ela brincadeiras infantis, deliciosas e ternas. Entusiasma-se quando o pequenito, ao ver passar granadeiros no jardim, lhes grita: «Viva o soldado Nonon!» Manda-o buscar quando está jantando, fá-lo sentar em cima da mesa servida, e diverte-se a vê-lo mexer em todos os pratos e a deitar abaixo tudo quanto está ao seu alcance. Leva-o a dar tabaco às gazelas, fá-lo cavalgar uma delas, e ri imenso quando se ouve chamar por ele o tio Bibiche. Levam-lho ao seu quarto de vestir, e, depois de o ter beijado, de lhe ter puxado as orelhas, de lhe ter feito caretas, põe-se de gatas no tapete, para melhor brincar com ele. Pois bem! Essa criança, se ele a adotar para seu herdeiro, todos ficarão absolutamente convencidos de que é pai dela: — que lhe importa?

Verão nele o seu sangue, a sua raça, o seu génio. A hereditariedade não será já então uma hereditariedade fictícia, em contradição com todas as constituições de todos os povos: será uma hereditariedade que para o povo se fundará na descendência, a única base que a razão popular admite para ela. Será isso contrário aos bons costumes, ninguém o nega; mas Napoleão não tem preconceitos: está convencido que o seu destino de exceção o colocou de tal modo acima do comum da humanidade que as fórmulas ordinárias de moral não lhe são aplicadas pela nação, e que o imenso interesse que ela encontra em assegurar para sempre a estabilidade governamental fá-la passar muito simplesmente sobre a inconveniência que suspeitar.

Demais, isso não passará de uma suspeita, de uma opinião geralmente espalhada, sem nenhuma certeza; e, quanto a ele, Napoleão, sabe bem como as coisas se passaram.

Será isto prestar indiscretamente ao imperador, sobre simples suposições, opiniões e ideias? De nenhum modo. Dois anos depois, numa conversa que teve com Hortense e que esta referiu nas suas memórias inéditas, fala-lhe extensamente nas consequências da morte de seu filho, o qual, disse, toda a gente julgava ser meu também. «Sabe, Hortense, acrescentou ele, tudo quanto há de absurdo em semelhante suposição: pois bem! Creia que não era capaz de tirar do pensamento a toda a Europa, que essa criança era meu filho também». Para um momento, diante do gesto de surpresa que Hortense faz, e continua: «A opinião não era por essa causa pior no que lhe diz respeito a si: Hortense é geralmente estimada; todavia todos o acreditaram.» Faz uma pausa, e segue: «E talvez fosse uma felicidade que todos o acreditassem: por isso eu considere a morte dessa criança como uma grande desgraça.» «Eu estava tão espantada, escreve Hortense, que, de pé junto do fogão, não podia articular nem uma palavra. Já não ouvia o que ele estava dizendo. Esta reflexão: *«E talvez fosse uma felicidade que o acreditassem»*, parecia tirar-me um véu de cima dos olhos; lançava uma perturbação em todas as minhas ideias, mas sobretudo feria-me a direito o coração, mais cruelmente maltratado que o resto. O quê! Quando ele me tratava como sua filha, quando me era tão doce e tão simples tornar a encontrar nele o pai que eu tinha perdido, tantos cuidados, tantas preferências dadas, eram política, e não afeição!»

Hortense não percebe. Havia afeição ao mesmo tempo que havia política, mas a indignação que ela sente, perfeitamente legítima, dadas as sensações femininas, não lhe permite apreciar friamente a situação, que Napoleão por sua parte encara com ideias puramente masculinas. Se ele encheu Hortense de atenções, não foi para fazer acreditar o boato de que Napoleão Carlos era seu filho, visto como, inteiramente ao contrário, fez esforços para desmenti-lo. Mas, tendo o boato persistido, tendo-se estabelecido a convicção nos espíritos, pensou tirar proveito dele no interesse do seu poder e da consolidação da sua dinastia. Esta disposição foi como as do campo de batalha, porque uma das faculdades mais surpreendentes do seu espírito, era justamente a de encarar com extrema nitidez a situação em que se visse, tomá-la, tal qual ela era, e operar imediatamente o movimento que ela lhe inspirasse.

E é por isso também que, embora considere, como ele próprio diz a Hortense, a morte de Napoleão Carlos como uma grande desgraça,

em face do irreparável não se revolta. Atribuiu-se-lhe esta frase: «Não tenho tempo para me entreter a sentir e a ter saudades como os outros homens.» É possível que a tenha dito: a morte do pobre pequenino Napoleão foi-lhe muito sensível, assim o escreve a todos os seus correspondentes, vinte vezes a Josefina, cinco ou seis vezes a Hortense, a José, a Jerónimo, a Fouché, a Monge; mas «era o seu destino»; e, depois do dia em que o destino se cumpriu, se Napoleão se eternizasse nas lágrimas inúteis, não estaria já na verdade da sua natureza, na fórmula filosófica que impôs ao seu espírito o contínuo espetáculo desse terrível jogo da guerra onde a morte é a companheira de todas as horas, onde só os vivos contam no efetivo e entram nas combinações.

Esta falhou: Napoleão Carlos formava um dos laços exteriores que o ligavam a Josefina; esse laço rompeu-se. Entre Napoleão e Josefina já não restam senão os laços íntimos de afeição e de ternura que puderam apertar dez anos de vida comum, atravessada por longas ausências, dissensões frequentes e singulares desinteligências. Poderão esses laços resistir a uma prova análoga à que lhes fez sofrer em 1805 a ligação com madame ***?

XV.

Madame Walewska

No primeiro de janeiro de 1807, o imperador, vindo de Pulstuck e dirigindo-se para Varsóvia, demora-se um instante para mudar de cavalos à porta da pequena cidade de Brónia. Uma grande multidão espera ali o libertador da Polónia, uma multidão entusiasta e ruidosa a qual, logo que a carruagem imperial se avista, se precipita para ela. A carruagem para; um oficial general, Duroc, apeia-se e abre lugar até à casa da posta. No momento em que entra, ouve gritos desesperados, vê mãos erguidas, que o suplicam, e uma voz diz-lhe: «Ah! Senhor, tire-nos daqui, e consiga que eu possa vê-lo um instante só!»

Para para ver o que é: são duas senhoras da sociedade, perdidas naquela multidão de camponeses e de operários. Uma, aquela que acaba de lhe dirigir a palavra, parece uma criança: é muito loira, com grandes olhos azuis muito ingénuos, que brilham nesse momento com um delírio sagrado. A sua pele finíssima, rosada e com uma frescura de rosa chá, está agora purpureada pela timidez. De estatura bastante pequena, porém maravilhosamente lançada, tão flexível e tão ondulante que se lhe pode chamar a graça em pessoa, apresenta-se muito simplesmente vestida, cobrindo-lhe a cabeça um chapéu escuro com um grande véu preto.

Duroc viu tudo num relance; desembaraça do meio da turba as duas senhoras, e, oferecendo a mão à loira, condu-la à portinhola da carruagem. «Meu Senhor, diz ele a Napoleão, peço licença para lhe apresentar aquela que arrostou todos os perigos da multidão por causa de Vossa Majestade.»

O imperador tira o chapéu, e, inclinando-se para a dama apresentada, principia a falar-lhe; ela, porém, como que inspirada, numa espécie de entusiasmo e de desvairamento pelos sentimentos que a agitam, possuída de um verdadeiro transporte, — ela própria o diz, — não lhe deixa concluir a frase. «Sede bem-vindo, mil vezes bem-vindo à nossa terra!» exclama ela. «Coisa nenhuma do que fizemos será capaz de exprimir por uma forma bastante enérgica os

sentimentos que nos animam para com a vossa pessoa, nem o prazer que temos em ver-vos pisar o chão desta pátria que vos espera para se erguer da prostração em que está!»

Enquanto ela solta estas expressões com a voz ansiosa, Napoleão contempla-a atentamente. Pega num ramo que tem na carruagem e apresenta-lho: «Guarde-o, diz-lhe ele, como garantia das minhas boas intenções. Tornar-nos-emos a ver em Varsóvia, conforme espero, e ali reclamarei um agradecimento da sua formosa boca.»

Duroc retomou o seu lugar junto do imperador; a carruagem afasta-se rapidamente, e, durante algum tempo, pela portinhola, vê-se agitar-se em saudação de despedida o chapéu de Napoleão.

Esta dama chamava-se Maria Walewska. Era da família Laczinski; família antiga, porém muito pobre, e além de isso singularmente numerosa: seis filhos. Tendo Lacksinski morrido quando sua filha Maria era ainda muito criança, a sua viúva, inteiramente consagrada a tornar mais produtivo e rendoso o pequeníssimo domínio territorial que constituía a sua fortuna, metera suas filhas num pensionato. Tinham aprendido um bocado de francês e alemão, um bocado de música e de dança. Aos quinze anos e meio Maria voltava para a casa materna, mediocrementemente sábia, mas perfeitamente casta, e não tendo no coração senão duas paixões: a religião e a pátria. O amor que tinha pelo seu Deus era contrabalançado nela unicamente pelo amor que professava pelo seu país. Eram esses os únicos móveis da sua vida, e, para a fazerem sair do seu caráter, de uma doçura ordinariamente sem réplica, bastava dizer-lhe que casaria com um russo ou com um prussiano, um inimigo da sua nação, cismático ou protestante.

Tão depressa voltou para casa de sua mãe, como logo, após circunstâncias singulares, se lhe apresentaram ao mesmo tempo dois grandes partidos, fazendo-lhe ver madame Laczinska, que deve escolher um ou outro desses pretendentes inesperados: um deles é um rapaz novo, perfeitamente encantador, que tem todas as condições para agradar e que à primeira vista é bem recebido. É prodigiosamente rico, de muito boa família, gentil, porém é russo; é filho de um dos generais, que mais duramente oprimiram a Polónia. Nunca ela acedera a casar com ele.

Nestas circunstâncias é indispensável aceitar o outro, o velho Anastácio Colonna de Walewice-Walewski. Este tem setenta anos, é viúvo pela segunda vez, e o mais velho dos seus netos tem mais nove anos do que Maria. Não importa! É muito rico; no país habitado pelos Laczinski, ele é o senhor, o proprietário de todas as terras, o possuidor

do castelo, é ele quem dá a lei, quem recebe os vizinhos pobres e lhes oferece de jantar. Foi camarista do falecido rei; sobre a sua farda, nos dias solenes, põe o cordão azul da ordem da Águia branca. É chefe de uma das mais ilustres casas da Polónia, uma casa que se liga autenticamente com os Colonna de Roma, que usa as mesmas armas, e que, por conseguinte, excede em antiguidade todas as famílias do Reino ou da República. Como não havia madame Laczinska de se interessar vivamente por semelhante genro? Maria nem sequer imagina poder resistir de frente, porque à primeira objeção que fez, foi-lhe respondido de modo fulminante; mas cai doente com uma febre inflamatória que a tem quatro meses inteiros entre a vida e a morte. Apenas convalescente conduzem-na ao altar.

Passam-se três anos e, durante eles, a pobre criança, — porque o é, — vive sofrendo sempre naquele castelo solitário de Walewice, encontrando unicamente as suas consolações numa piedade fervorosa, que todos os dias se exalta. Por fim, entra no seu estado interessante, e dá à luz um filho. Tudo se reanima para ela: será seu filho quem recomeçará a vida que para ela falhou, será ele quem tenha direito à felicidade que ela nunca obteve. Mas esse filho, terá de viver, do mesmo modo que ela, numa terra anexada, que já não é uma pátria? Será fatal que ele sofra, do mesmo modo que ela, a servidão, e que mendigue do vencedor, como fez seu pai, os seus títulos e os seus bens? Ela quer que seu filho seja um polaco e um homem livre, e por isso quer que a Polónia se levante e se liberte.

Aquele que acaba de abater a Áustria, e que já em Austerlitz se mediu com a Rússia, vai agora defrontar-se com a Prússia e com os aliados dela. Napoleão é o adversário providencial das potências copartilhantes; é portanto o amigo, o salvador designado da Polónia. Põe-se em marcha, assinala cada uma das suas jornadas com o nome de uma vitória, dissipa como uma fantasmagoria vã o exército prussiano, entra em Berlim, aproxima-se das fronteiras do antigo reino; então, é uma febre que se apodera de todos, dela sobretudo, uma febre de entusiasmo e de esperança. Walewice está longe das notícias: onde há de recebê-las, senão em Varsóvia? Seu marido, que também é patriota — quem o não é então? — propõe-lhe ir estabelecer-se ali. Chegam, instalam-se. A casa é montada num pé conveniente, porque é preciso conservar a posição e é necessário que a jovem senhora faça a sua entrada no mundo. Ela, que sente o que lhe falta, que receia cometer erros de linguagem quando tenha de falar francês, que é tímida e que conhece não ter nenhum apoio nem de família nem de relações, teme infinitamente mostrar-se, sobretudo ir a La Biacha, o palácio do príncipe José Poniatowski, que é o centro da alta sociedade. Resolve-se, por ordem formal de seu marido, às visitas

de obrigação, mas limita-se a isso. Fica, portanto, sendo uma desconhecida quase, e apesar da sua beleza ninguém se ocupa com ela.

Anuncia-se a próxima vinda do imperador, e todos se agitam para lhe darem bom acolhimento, para que em Varsóvia se faça mais ainda do que se fez em Posen. Revolve-se tudo de alto a baixo; é indispensável que Napoleão fique satisfeito: disso depende a sorte da Polónia. Maria quer ser a primeira a saudá-lo, e, sem raciocinar, sem compreender o alcance do passo que vai dar, induz uma de suas primas a acompanhá-la, mete-se precipitadamente numa carruagem e, vencendo todos os obstáculos, corre até Brónia.

* * * * *

Depois de ter visto afastar-se a carruagem imperial, deixa-se ficar muito tempo no mesmo lugar, olhando ainda para o espaço, como interdita. Torna-se necessário, para recuperar o sentimento da realidade, que a sua companheira lhe fale e a empurre. Embrulha então cuidadosamente num lenço de cambraia o ramo que o imperador lhe ofereceu, torna a meter-se na carruagem, e só volta a casa alta noite.

A sua intenção decidida é guardar silêncio completo sobre essa viagem, não se fazer apresentar ao imperador, não se mostrar em nenhuma festa; mas a sua companheira de jornada, embora ela lhe tenha recomendado discrição sente-se orgulhosa com a aventura e não pode calar-se. Uma bela manhã, o príncipe José Poniatowski manda-lhe perguntar a hora a que estará visível. Vai visitá-la de tarde, e, com um sorriso confidencial como de quem quer associá-la numa cumplicidade, convida-a para um baile, que vai dar. E como ela, corando, se defende de compreendê-lo, ele explica-lhe que, num dos jantares que foram oferecidos ao imperador, Napoleão pareceu notar uma princesa Lubomirska: houve logo quem procurasse mostrar-lha; mas Duroc apressa-se a revelar que se seu amo prestava alguma atenção à princesa, é porque ela lhe fazia lembrar uma deliciosa desconhecida por ele entrevista na posta de Brónia. Quem era essa desconhecida? Duroc tinha dado todos os pormenores da aventura: havia descrito minuciosamente as feições do rosto e o caráter da *toilette*; mas Poniatowski não podia adivinhar e já desesperava de o conseguir, quando uma indiscrição o meteu na verdadeira pista, e o fez correr imediatamente.

O imperador notou-a: torna-se indispensável que ela vá ao baile. Maria Walewska recusa; ele insiste: «Quem sabe o que pode

acontecer? diz-lhe. Talvez o céu queira servir-se da sua pessoa para restabelecer a pátria!» Ela, porém, não cede, e ele retira-se despeitado; mas tão depressa tem saído, como são anunciados sucessivamente os principais representantes da Polónia «os homens de Estado cuja autoridade assenta sobre a consideração, a estima pública e a deferência devidas à sua conduta e à sua luz». Cada um deles sabe aquilo de que se trata e insiste nos mesmos cumprimentos, nas mesmas insinuações. Como não fosse bastante, aparece o marido de reforço com a sua autoridade. Só ele ignora a aventura de Brónia; não vê naquela insistência senão o reconhecimento, pelos seus pares, da jerarquia que ele ocupa, senão a aprovação pública que dão à escolha por ele feita, para terceira esposa, daquela formosa menina que não era do seu nível, e, mais que todos os outros, insiste, acoimando as recusas dela de timidez ridícula, e de falta de uso do mundo. Não bastando ele pedir, ordena. Ela cede por fim, irá ao baile. Põe uma condição única: é que, tendo já sido apresentadas as senhoras, ela não será objeto de uma apresentação isolada, que redobraria o seu embaraço.

Chega o grande dia: o marido está impaciente e insta por que ela apresse a sua *toilette*; receia chegar tarde, depois do imperador se haver retirado. Faz as suas objeções e as suas críticas: era melhor ter escolhido uma *toilette* extremamente elegante e rica, em vez da que escolheu, um vestido todo liso, de cetim branco, com uma túnica de gaze, e nos cabelos simplesmente um diadema de folhagem. Ei-la que chega. Atravessa os salões no meio de um lisonjeiro rumor. Instalam-na entre duas damas, que ela não conhece, e, logo em seguida, José Poniatowski, dirige-se-lhe precipitadamente e vai debruçar-se no espaldar da sua cadeira.

— Foi esperada com muita impaciência — diz-lhe. — Viram-na chegar, com alegria. Fizeram repetir o seu nome, até o saberem de cor. Examinaram muito o seu marido; encolheram os ombros, dizendo: Pobre vítima! E deram-me ordem de vir convidá-la para dançar».

— Eu não danço — responde ela. — Não tenho vontade de dançar.

O príncipe responde que lhe traz uma ordem, que o imperador os está observando; que se ela não dança, ele mesmo é que fica comprometido, que todo o êxito do baile depende unicamente da sua resolução. As recusas são cada vez mais acentuadas. Poniatowski tem apenas um recurso: ir procurar Duroc, o qual lhe recebe a confidência e a transmite ao imperador.

Em torno da formosa desconhecida, muitos dos brilhantes oficiais do estado maior aproximam-se e borboleteiam. O que não é segredo para os polacos, é-o para os franceses. Napoleão, então, emprega os grandes meios para afastar aqueles rivais inconscientes. O primeiro é Luís de Périgord, que se apresenta e mostra com mais insistência: o imperador faz sinal a Berthier, e ordena-lhe que expeça imediatamente aquele ajudante de campo para o 6.º corpo, que está sobre o Passarge. Depois, é Bertrand; novo sinal: Bertrand partirá imediatamente para o quartel general do príncipe Jerónimo, em frente de Breslau.

No entretanto, estão suspensas as danças; o imperador percorre os salões, semeando frases que ele desejaria tornar amáveis, mas que, pelo efeito da preocupação em que está, lhe saem todas singularmente desfiguradas.

A uma menina solteira pergunta quantos filhos tem, a uma solteirona idosa se o marido tem muitos ciúmes da sua beleza, a uma dama duma gordura monstruosa, se gosta muito de dança. Fala como se não pensasse, sem ouvir os nomes que se lhe dizem, sem que esses nomes lhe sugiram ao espírito nem uma palavra da lição aprendida, com os olhos e a imaginação unicamente pregados numa mulher, a única que nesse momento existe para ele.

Chega defronte dela; as vizinhas tocam-na com o cotovelo para ela se levantar, e, de pé, com os olhos baixos, singularmente pálida, espera: «O branco não diz bem com o branco», disse-lhe ele alto, e acrescentou baixinho: «Não é este o acolhimento que eu tinha direito de esperar depois do que...» Ela não responde.

O imperador observa-a um momento, e segue.

Alguns minutos depois, sai do baile. Imediatamente a reunião se dissolve; contam uns aos outros o que Napoleão disse a esta e àquela; mas, sobretudo, que lhe disse ele, a *Ela*? Que frase foi aquela em voz alta? E sobretudo, o que foi que ele lhe disse em voz baixa, e de que os que estavam mais perto não ouviram senão a última palavra.

Ela retira-se, esquivando-se; porém, na carruagem, o marido recomeça as perguntas; depois, vendo que não pode quebrar-lhe o silêncio, adverte-a de que aceitou um convite para um jantar a que deve assistir o imperador. Recomenda-lhe uma *toilette* mais escolhida, e deixa-a bruscamente à porta do quarto, no momento em que ela está tentada a confessar-lhe tudo, a sua imprudência de Brónia, todas as solicitações de que é objeto, e todas as inquietações que sente.

Apenas acaba de recolher-se, a criada de quarto entrega-lhe este bilhete, que ela decifra penosamente:

«Não vi outra mulher, não admirei mais nenhuma, não desejo mais ninguém. Resposta imediata para acalmar o impaciente ardor de

N.»

Amarrota com tédio este papel, cujo estilo a revolta; mas, na rua, está alguém esperando, e esse alguém é o príncipe José Poniatowski. «Não tem resposta», diz ela, e ordena à criada de quarto que vá dizer isto ao portador; mas o príncipe não se dá por batido, segue a mensageira, penetra até ao quarto. Maria apenas tem tempo para se fechar à chave. Declara, através da porta, que a sua resolução é imutável: não responderá, tal qual como não dançou. O príncipe roga, suplica, ameaça, e, em risco de um escândalo, eterniza-se meia hora inteira contra aquela porta fechada. Retira-se, por fim, como uma fúria.

No dia seguinte, mal ela tem acordado, a criada de quarto entrega-lhe segundo bilhete. Não o abre, junta-o com o primeiro, e ordena que os entreguem ambos ao portador. Que pode ela fazer? Tem dezoito anos; está só, sem conselho, sem direção; defende-se o melhor possível; porém, até que ponto se pode defender? Logo de manhã, enche-se-lhe a sala; é um turbilhão. Estão ali todos os personagens da nação, os membros do governo, o grão-marechal Duroc. Recusa-se a aparecer, pretexta uma enxaqueca, encerra-se obstinadamente no seu quarto, onde se estende na sua *chaise-longue*; mas o marido enfurece-se, e para provar que não é ciumento, como dizem, introduz à força o príncipe José, e os polacos.

Diante deles, exige que ela consinta em ser apresentada, e que assista ao jantar para que tem convite. Os polacos fazem coro. Um deles, o mais velho, o mais respeitado, e o mais ouvido dos chefes do governo, encara-a fixamente e diz-lhe num tom severo: «Minha senhora, tudo deve ceder perante circunstâncias tão altas, tão capitais para toda a nação. Esperamos, por conseguinte, que o seu incómodo há de passar daqui até ao jantar projetado, ao qual não poderá dispensar-se de comparecer sem se mostrar má polaca.»

É-lhe, portanto, forçoso levantar-se, e, mediante ordem de seu marido, que vá a casa de madame Vauban, amante do príncipe José, para receber dela conselhos sobre a *toilette* que deve levar e sobre a

etiqueta das cortes. Aí é que estava o cúmulo da habilidade, porque entregá-la a madame de Vauban, era entregá-la sem defesa a quem conduzia toda a intriga. Madame de Vauban, por sua parte, não via mal nisso, e desempenhava o seu papel com naturalidade. Da família Puget-Barbentane, tendo vivido em Versailles, refugiada em Varsóvia desde a emigração, e aí, vivendo publicamente com um antigo amante reencontrado, entende que dar uma amante a um soberano, quer ele se chame Luís XV, quer se chame Napoleão, é a missão mais importante que a um cortesão seja dado desempenhar; quanto aos escrúpulos, ao pudor, ao dever, à fidelidade conjugal nunca ela pensou haver no mundo uma mulher que pudesse pôr esses preconceitos em balança com certas vantagens. Todavia, aqui, não são essas vantagens que podem tentar; conhece que é precisa outra manobra, que não será possível vencer aquela virtude senão empregando molas que lhe não são familiares; e depois de ter enchido a sua recém-apresentada de protestos e de cumprimentos, confia-a a uma mulher nova que tem em casa um pouco como dama de companhia; mulher que, divorciada e sem fortuna, bonita, viva, estouvada e espirituosa, muito mais próxima pela idade de madame Walewska, tem tudo quanto é preciso para lhe agradar, até a exaltação verdadeira ou fingida do patriotismo mais ardente. «Tudo, tudo por esta causa sagrada!» repete ela a cada instante. [10] Insinua-se na sua confiança, infiltra-se naquele coração, que até aí não conheceu a amizade, que aspira a expandir-se e que se entrega sem perceber. Faz as melhores relações com o marido, não deixa a mulher, e quando, pelos seus discursos, pelas suas exclamações, pelos seus delírios patrióticos a julga abalada, lê-lhe esta carta, escrita e assinada pelos personagens mais consideráveis da nação, os próprios membros do governo provisório!

«Senhora, as pequenas causas produzem muitas vezes grandes efeitos. Em todo o tempo, as mulheres tiveram uma grande influência sobre a política do mundo. Tanto a história dos tempos mais remotos como a dos tempos modernos nos certificam desta verdade. Enquanto as paixões dominarem os homens, sereis, senhoras, uma das potências mais temíveis.

Se fosseis homem teríeis abandonado a vida à digna e justa causa da pátria. Mulher, não podeis servi-la com as armas na mão, porque a isso opõe-se a natureza. Mas também, em compensação, há outros sacrifícios que vos é lícito fazer e que a vós mesma deveis impor, por muito penosos que vos sejam.

Imaginais porventura que Ester se entregou a Assuero por um sentimento de amor? O temor que ele lhe inspirava a ponto dela desfalecer perante o seu olhar, não era a maior prova de que a ternura não tinha a menor parte em semelhante união? Sacrificou-se para salvar a sua nação e teve a glória de salvá-la.

Oxalá nós pudéssemos dizer outro tanto para vossa glória e por felicidade nossa!

Pois não sois filha, mãe, irmã, esposa de zelosos polacos, os quais todos formam

connosco o feixe nacional, cuja força não pode acrescentar-se (?) senão pelo número e pela união das mulheres que o compõem? Ora, sabei, senhora, o que disse um homem célebre, um santo e piedoso eclesiástico, Fénelon, numa palavra: «Os homens que têm toda a autoridade em público não podem pelas suas deliberações estabelecer nenhum bem efetivo, se as mulheres os não ajudam a executá-lo.» Escutai esta voz unida com a vossa se quereis gozar da felicidade de vinte milhões de homens.»

Assim, é a família, é a pátria, é a religião que ordenam ceder, é o Velho e é o Novo Testamento. Tudo se põe em ação para se precipitar a queda de uma rapariga de dezoito anos, simples, ingénua, que não tem, nem marido a quem possa confiar-se, nem parentes que queiram defendê-la, nem amigos que procurem salvá-la. Tudo conspira contra ela e, para a vencerem, leem-lhe o bilhete de Napoleão, aquele mesmo que ela recusou abrir, e que reenviou.

«Fui-lhe desagradável em alguma coisa, minha senhora? Pois imaginava ter um certo direito de esperar o contrário. Enganei-me? O seu fervor diminuiu, ao passo que o meu aumentou. Tira-me todo o descanso! Oh! Por quem é! Dê alguma alegria, alguma felicidade a este pobre coração inteiramente disposto a adorá-la. Ser-me-ia muito difícil obter uma resposta? Deve-me duas.

N.»

E no momento em que a dama officiosa conclui a leitura deste bilhete, entra o marido. Cheio de orgulho pelas manifestações de que sua mulher tem sido alvo e das quais tira para si o principal merecimento, sem compreender nada, sem nada suspeitar do que esperam dela — porque é um homem de bem, — torna a insistir para que ela vá a esse jantar. Ela bem percebe que o passo é decisivo e que a compromete. Mas toda a gente o quer; irá, portanto. Até à noite, nunca a sala se despeja de visitantes atarefados, que vêm trazer mudas felicitações, e, para que não suceda que ela mude de intenções durante a noite, fica ao seu lado, até pela manhã, a dama de confiança de madame de Vauban.

Ao meter-se na carruagem para se dirigir, assim constrangida, àquele jantar oferecido ao imperador, madame Walewska ia descansada com a ideia de que, não amando Napoleão, nada tinha a recear dele. Quando chegou, as atenções de certos convidados que a esperavam para solicitarem já a sua proteção, acabaram de desgostá-la da sua pretendida vitória, e ela firmava-se bem na sua resolução de se manter impassível, quando o imperador fez a sua entrada. Vinha melhor preparado do que na noite do baile e melhor inspirado para distribuir na passagem frases cortesias; mas quando, tendo percorrido

rapidamente o círculo, chegou defronte dela, e lha designaram pelo nome, ele disse simplesmente: «Pensei, que estava incomodada; mas está completamente boa, não é assim?» Esta simples frase que, pela sua voluntária banalidade, afastava as suspeitas, pareceu-lhe a ela, por isso mesmo, singularmente delicada.

À mesa, ficou sentada ao lado do Grão-Marechal, quase em frente ao imperador, o qual, logo que todos tomaram os seus lugares, principiou, com aquele tom breve que lhe era próprio, a interrogar um dos convivas sobre a história da Polónia. Parecia escutar atentamente as respostas, reparava em cada termo e discutia-o com interrogações novas; mas, quer falasse quer ouvisse, os seus olhos quase se não afastavam de madame Walewska senão para se dirigir a Duroc, com o qual parecia estar estabelecida uma espécie de correspondência muda. Dir-se-ia que as frases dirigidas por Duroc à sua vizinha eram ditadas por aqueles olhares e por certos gestos perfeitamente naturais, que o imperador executava como que maquinalmente, continuando um discurso cheio de gravidade sobre a política europeia. Num dado momento, leva a mão ao lado esquerdo da sua farda. Duroc hesita alguns instantes, encara atentamente seu amo, e, adivinhando por fim, solta um «Ah!» de satisfação. Trata-se do ramo; do ramo de Brónia. «Que foi feito dele?» pergunta Duroc à sua vizinha.

Ela apressa-se a responder, que conserva religiosamente para seu filho as flores que o imperador lhe deu. «Ah! Senhora, interrompe a meia voz o Grão-marechal, há de permitir que lhe ofereçam outras mais dignas da sua pessoa.» Ela sente nisto uma alusão que a indigna, e responde-lhe alto, corando de vergonha e de cólera: «Eu não gosto senão de flores!» Duroc fica um momento embaraçado. «Pois bem!» diz por fim. «Havemos de colher louros na sua pátria para lhos oferecermos.» Desta vez, foi mais hábil, e bem o percebe, na perturbação em que a lançou.

Imagine-se, porém, a sua situação quando, passando da sala de jantar para os outros salões, no meio da confusão que há sempre ao levantar da mesa, o imperador se aproximou dela e, dardejando-lhe alguns daqueles olhares cuja potência misteriosa nenhuns olhos humanos puderam sustentar jamais, lhe pegou na mão, apertando-lha com força, e lhe disse baixo: «Não! Não! Com esses olhos tão doces, tão ternos, com essa expressão de bondade, é preciso deixar-se abrandar, é preciso não ter gosto em torturar, ou então é a mulher mais *coquette*, a mulher mais cruel que existe.»

Retira-se; todos os homens o acompanham, e ela deixa-se arrastar para casa de madame de Vauban. Aí esperam-na. Os que lá estão, são

todos iniciados, convivas do jantar, que a rodeiam, lisonjeando-a: «Ele não reparou em mais ninguém, lançava-lhe olhares de chamas.» Só ela pode advogar perante ele a causa da nação; só ela pode enternecê-lo e determiná-lo a restabelecer a Polónia. A pouco e pouco, como se obedecessem a uma ordem dada, vão-se retirando. No momento em que Duroc fez a sua entrada na sala, está ela sozinha com a tal dama de confiança, que se tornou a sua sombra. Fechadas as portas, Duroc senta-se ao seu lado, depõe-lhe uma carta no regaço, e, beijando-lhe a mão, implora-a com doçuras na voz: «Como é que pode, diz ele, repelir o pedido daquele que nunca sofreu uma recusa? Ah! No meio da sua glória vê-se rodeado de tristeza, e de si depende transformar-lhe esta em instantes de felicidade.» Fala extensamente. Ela nada responde. Desprendendo a mão, oculta com ela o rosto, e chora, como uma criança, soluçando. Mas a outra mulher responde por ela; garante que há de ir à entrevista. Como madame Walewska se indigna, a outra lança-lhe em rosto a sua falta de patriotismo, diz-lhe que é uma má polaca, que não há nada que Napoleão não mereça, e que tudo é pouco ainda para ele, e despedindo o grão-marechal assegura-lhe de novo que ela não faltará. Então, abre a carta que ele trouxe e lê em voz alta:

«Há momentos em que se torna pesada a excessiva elevação, e é isso o que eu estou agora sentindo. Como satisfazer as exigências de um coração apaixonado que desejaria atirar-se aos seus pés, e que se encontra detido pelo peso de altas considerações a paralisarem-lhe o mais vivo dos desejos? Oh! Se quisesse!... É só da sua vontade que depende remover os obstáculos que nos separam. O meu amigo Duroc facilitar-lhe-á os meios de que precise.

Oh! Venha! Ser-lhe-ão satisfeitos todos os desejos. Ser-me-á mais querida a sua pátria, quando se compadecer do meu pobre coração.

N.»

Assim, está nas mãos dela a sorte do seu país. Não são os outros, é ele próprio quem lho assevera. Incrusta-se-lhe no cérebro a ideia que, vai para cinco dias, lhe é repetida por todos quantos se lhe aproximam: dela depende que a sua pátria renasça, que à sua nação sejam abolidas as vergonhosas partilhas, que os membros dilacerados tornem a unir-se e que a águia branca retome o seu voo. Que sonho! Que deslumbramento! Mas o que é ela, que sabe ela para desempenhar semelhante papel? A resposta está pronta: não tem mais a fazer do que seguir os conselhos que lhe têm sido dados e que se não

cansarão de repetir-lhe. No entanto, luta ainda. O quê! Entregar-se assim! O seu pudor revolta-se com semelhante ideia. Respondem-lhe que é uma verdadeira provinciana, que isso são preconceitos imbecis, que o que lhe pedem não tem importância nenhuma. Imagina ela que não há muitos outros inteiramente prontos para tomarem o lugar que lhe é oferecido? Porque havia ela de abandoná-lo? Porque duvidaria ela do bem que pode inspirar? Apesar de ser imperador, Napoleão é um homem, nada mais, e um homem apaixonado. Por fim, conseguem arrancar-lhe este grito: «Está dito, façam de mim o que quiserem!» Porém, recusa-se terminantemente a escrever, e responder à carta. Fisicamente não tem forças para isso. Deixam-na só para irem pedir conselho, mas têm o cuidado de encerrá-la. Se ela mudasse de opinião! Se se evadisse! Não pensa em semelhante coisa, ou antes, abatida por todas essas comoções, sonha.

Não lhe será possível, consentir numa entrevista, sem contudo ceder? Não poderá ela, inspirando ao imperador estima, amizade mesmo, obter a sua confiança, fazer-lhe atender os votos do seu povo? Ele não há de fazer-lhe violências! Sabe que não tem amor para lhe dar, mas sim admiração, entusiasmo, uma piedade reconhecida. Dir-lhe-á tudo isto.

E a sua imaginação, que coisa nenhuma ainda depravou, a sua imaginação de dezoito anos, que não conhece senão as carícias quase platônicas de um marido septuagenário, arroja-se aos países do devaneio, aos países onde o pudor das mulheres nada tem a temer da castidade dos homens, onde abolidos e desprezados os sentidos, as almas se falam, se entendem e se completam numa harmonia quase divina.

Voltam. Está tudo regulado: ela não escreverá, não falará. Apenas se há de submeter a não sair do palácio. Aí a guardarão todo o dia, e, chegada a noite, entregá-la-ão aos que devem vir buscá-la. E lentamente correm as horas, e a pobre mulher no terror daquela expectativa, olha alternativamente para o ponteiro que corre sobre o relógio e para aquela porta fechada e muda por onde há de vir a sentença do seu suplício.

Às dez horas e meia, alguém bate. Cobrem-lhe a cabeça à pressa com um comprido véu, e embrulham-na numa capa; conduzem-na, inconsciente e como que desvairada até à esquina da rua, onde estaciona uma carruagem. É preciso empurrá-la para ela subir. Um homem, envolto numa grande capa, e de chapéu redondo, que está à portinhola, recolhe o estribo, e senta-se ao seu lado. Não se troca uma palavra. A carruagem roda, para a uma entrada secreta do grande

palácio, onde ajudam a apeá-la; conduzem-na, amparando-a, até a uma porta, que lhe abrem da parte de dentro, com impaciência. Sentam-a numa poltrona.

Está em presença de Napoleão. Não o vê; chora. Ele está a seus pés e começa a falar-lhe docemente; mas, num dado momento, escapam-lhe estas palavras: «Teu velho marido». Ela solta um grito, levanta-se, quer fugir; os soluços sufocam-na. Àquelas palavras, todo o horror, toda a grosseria, toda a ignomínia do ato que vai cometer lhe aparece, bruscamente realizada, tangível, infame. Ele fica espantado. Não compreende nada. É a primeira vez que se encontra em tal situação. Aquela mulher que se fez rogar, mas não tanto (pois ele ignora os meios que foram empregados), que veio a uma entrevista noturna, e que naquela ocasião se afoga em prantos e se precipita para a porta, será uma experiente duma *coquetterie* sem igual ou uma ingênua duma simplicidade sem precedentes? Será tudo aquilo uma comédia que lhe representam para lhe porem os desejos em leilão? Não, não pode ser, há gritos cuja sinceridade não engana, movimentos impulsivos que se não simulam, sobretudo aos dezoito anos.

Da porta, à qual ela se agarra, ele recondu-la com uma terna violência para a poltrona, e então, com uma voz que se torna muito mais cariciosa, ainda que por instantes e contra vontade dele se acentue o tom habitual da dominação, evitando pronunciar as palavras, evocar as ideias que a melindram, procurando rodeios e perífrases para não a ferir, fá-la passar por um interrogatório em regra e, pela lógica irresistível das suas perguntas, arranca-lhe pedaços de respostas de que faz armas contra ela. Entregou-se ela voluntariamente àquele de quem usa o nome? Foi por amor da riqueza e dos títulos? Quem pôde decidi-la a unir a sua mocidade, a sua beleza apenas desabrochada, a uma velhice decrépita, quase octogenária? Foi sua mãe que exigiu esse casamento! «E então, nesse caso, podes ter remorsos!» exclama ele. A isto, a pobre mulher refugia-se na sua religião: «O que foi ligado sobre a terra não pode mais ser desligado senão no Céu». Napoleão desata a rir; ela indigna-se e redobra as suas lágrimas.

Em verdade, o que significa tudo aquilo? Que fruto de nova espécie é aquele, como ele nunca provou? O quê! Uma mulher que quer conservar-se fiel a seu marido, fiel aos princípios da sua religião, e essa mulher está ali, no quarto dele, de noite, às suas ordens! É um mistério que ele pretende esclarecer, e então aperta-a em mais perguntas: que educação recebeu, que vida levou no campo, que sociedades frequentou, quem era sua mãe, a sua família, quer saber tudo, e primeiro o nome que ela recebeu no batismo: o nome de

Maria, pelo qual a tratará sempre daí em diante.

Às duas horas da manhã, batem à porta: «O quê? Já? Diz ele. Pois bem! Minha doce e queixosa pomba, enxuga as tuas lágrimas, vai descansar. Não receies mais a águia, que ela não tem ao pé de ti outras forças que não sejam as de um amor apaixonado, mas de um amor que quer o teu coração acima de tudo. Hás de acabar por amá-la, porque ela será tudo para ti, tudo, entendes bem?» Ajuda-a a pôr a capa, acompanha-a até à porta; mas aí, com a mão sobre o fecho, ameaçando-a de não abrir, faz-lhe jurar que voltará no dia seguinte.

Reconduzem-na a casa: vai um pouco mais acalmada, quase tranquila. Parece-lhe que a sua quimera toma corpo, que o seu sonho se realiza. Ele foi bom, foi terno, mas por nenhuma forma violento: poupou-a essa noite, porque não há de poupá-la amanhã?

Às nove horas da manhã, a dama de confiança está à sua cabeceira. Traz um volumoso pacote, que abre misteriosamente, depois de ter fechado com toda a cautela a porta. De dentro dele tira umas poucas de caixas forradas de marroquim encarnado, flores de estufa entremeadas com ramos de louro, e uma carta lacrada. Mas tão depressa tem tirado dos estojos um magnífico ramo e uma grinalda de diamantes, tão depressa ela tem girado com esses adornos nas suas mãos para lhes fazer realçar as cintilações, como, mesmo da cama, madame Walewska lhos arranca e os atira com desprezo, e na intenção de despedaçá-los, ao outro extremo do quarto. Quer que lhe tirem dali o mais depressa possível, e que os restitua a quem lhos mandou, aqueles diamantes que a escaldam. Imaginam que ela está em venda, e que basta aquilo para comprá-la? A mensageira, porém, não é mulher que se perturbe com tão pouco; quebra o lacre da carta e lê o seguinte, em voz alta:

«Maria, minha doce Maria, o meu primeiro pensamento é para ti, o meu primeiro desejo é tornar a ver-te. Hás de voltar, não é assim? Prometeste-mo. Se não, a águia voaria para ti! Ver-te-ei ao jantar, o amigo disse-o. Não te recuses, pois, a aceitar esse ramo: torne-se ele um laço misterioso que estabeleça entre nós uma relação secreta no meio da multidão que nos rodeia. Expostos aos olhos da multidão, poderemos entender-nos. Quando a minha mão pousar no peito comprimindo o coração, é para saberes que está inteiramente ocupado contigo, e tu, para responderes apertarás o teu ramo. Ama-me, minha formosa Maria, e praza a Deus que a tua mão nunca abandone o ramo que te envio!

Pode a carta dizer o que quiser, ninguém lhe fará aceitar a ela os diamantes, nem mesmo as flores, e nem ao menos os louros. Tem a desculpa pronta: não se usa ramo ao lado do peito senão em bailes, e é a um jantar que ela tem de ir. Quanto a subtrair-se a esse jantar, isso é coisa que ela debalde tentaria: na sua intimidade todas as cabeças estão exaltadas, todas as ambições estão em movimento; a sua família está inteiramente embriagada, seu marido completamente cego: nem um momento tem a percepção do que se passa em torno dele, e é ele próprio o mais ardente de todos a desejar os convites.

Ei-la que chega; rodeiam-na, examinam-na, pedem apresentações. A ela parece-lhe que todos aqueles desconhecidos sabem a sua aventura da véspera. O imperador já ali está. Parece descontente; carrega os sobrolhos; fita a pobre mulher, com o seu olhar penetrante e escrutador, que deita chamadas.

Num dado momento, vê-o adiantar-se bruscamente para ela, e, atemorizada com o pensamento de uma cena pública, com qualquer escândalo irreparável, recorda-se e coloca a mão no lugar onde devia estar o ramo. De repente, as feições dele adoçam-se, o olhar torna-se humano, a mão responde por um sinal análogo, e, antes de se dirigirem para a mesa, chama Duroc e fala-lhe um instante ao ouvido.

Tão depressa está sentada, como no jantar precedente, ao lado do grão-marechal, este dirige-lhe veementes censuras a propósito do ramo; ela, porém, responde tomando a ofensiva sobre os diamantes: Não aceitará nenhum presente desse género, e quer que o fiquem sabendo! Como ousaria ela apresentar-se assim adornada? A única coisa que pode contentar a sua admiração e a sua dedicação, é uma esperança pelo futuro do seu país. «Essa esperança, responde Duroc, não lha deu já o imperador?» E recorda uma série inteira de atos os quais, desde esse momento, valem mais do que promessas. Enquanto a saber se ele a ama, que dúvidas pode ela ter? Naquele mesmo instante, repare, ele não tem olhos senão para a ver. Enquanto parece unicamente ocupado com a conversa geral, com as perguntas que faz e com as respostas que lhe dão, não deixa de ter a mão sobre o peito, ao lado do coração. Ainda há pouco, se chamou Duroc, se lhe falou ao ouvido, foi para este se não esquecer de recordar a promessa que ela fizera de ir estar com ele nessa noite. E depois, dissertações sobre a miséria das grandezas, sobre a necessidade que um soberano tal como o imperador tem de encontrar um coração que o compreenda, sobre a glória de uma tal missão que toda a mulher ambicionaria...

Já foi a uma primeira entrevista, torna-se necessário que volte. Tomam-se as mesmas precauções; conduzem-na do mesmo modo. Entra. Encontra-o sombrio, preocupado. «Até que enfim! disse ele: já não esperava tornar a vê-la.» Desembaraça-a da capa, tira-lhe o chapéu, instala-a numa poltrona, e depois, em pé diante dela, serenamente, ordena-lhe que se justifique. Porque foi ela a Brónia? Porque buscou ela inspirar-lhe um sentimento que não compartilhava? Porque recusou ela as flores, e até os louros que ele lhe mandou? O que fez deles? Ele ligava-lhes a esperança de tantos *momentos interessantes*, dos quais ela o privou. Pela sua parte, ele, nunca deixou de ter a mão pousada no coração, enquanto que ela se deixou ficar imóvel; apenas uma vez respondeu. E, batendo na testa com um gesto de raiva, exclama: «Aí está o que é uma polaca! Esse proceder confirma-me na ideia que eu faço da sua nação.»

Profundamente abalada por tal acolhimento, completamente transtornada com estas palavras, murmura: «Ah! Senhor, por mercê, que opinião é essa, diga-ma!»

Então, ele diz-lhe que julga os polacos apaixonados e ligeiros. Neles tudo se faz por fantasia, e não por sistema. O seu entusiasmo é impetuoso, tumultuoso, instantâneo; mas não sabem nem regulá-lo, nem perpetuá-lo. E o retrato que está fazendo dos polacos, é o retrato dela. Pois não correu ela como uma louca para o avistar na passagem? Ele deixou prender-se-lhe o coração naquele olhar tão terno, naquelas expressões tão apaixonadas, ao passo que ela desapareceu. Cansou-se de procurá-la sem nunca a encontrar; e quando finalmente chegou, no fim de todas, era de gelo! Fique-o ela sabendo: todas as vezes que ele imaginou impossível uma coisa, desejou-a com mais ardor. Nada o desanima para obtê-la. Esta ideia da impossibilidade aguilha-o, e fá-lo avançar sempre. Habitado como está a que tudo ceda com alvoroço aos desejos que ele exprime, a resistência que ela lhe opõe toca-lhe ao vivo e mais o estimula.

A pouco e pouco exalta-se; fingida ou verdadeira a cólera sobe-lhe ao cérebro: «Quero, ouves bem esta palavra? *Quero* obrigar-te a amar-me! Fiz reviver o nome da tua pátria: graças a mim existe ainda o seu tronco. Farei mais ainda. Mas lembra-te que, tal qual como este relógio que tenho na mão e que vou quebrar em pedaços, é assim que o seu coração há de perecer e com ele todas as tuas esperanças, se me fazes perder a paciência, repelindo o meu coração e recusando-me o teu.»

Diante dessa violência, dessas ameaças, daquele relógio que voa em estilhaços, a pobre mulher cai redonda no chão... Quando desperta

do seu esvaimento, já se não pertence. Ele está ali, junto dela, enxugando-lhe as lágrimas que, a uma e uma, lhe caem dos olhos.

Daí em diante é uma ligação, se assim se pode chamar o hábito que ela tomou de ir todas as noites ao paço, submeter-se com uma resignação passiva, a carícias das quais espera sempre a recompensa; pois não é por tão pouco que ela se entregou ou antes que ela se deixou tomar; para ser nomeado um governo provisório, para ser criado um embrião de exército, e para serem agregadas algumas companhias de cavalaria ligeira à guarda do imperador dos franceses. O único salário que possa satisfazê-la, que possa absolvê-la aos seus próprios olhos, é a Polónia restabelecida como nação e como Estado. Incapaz de fingir um sentimento que o seu coração não experimenta, de simular uma paixão que o seu pudor ignora, não tem nada do que é preciso para dominar um amante e para conduzi-lo, nem mesmo habilidade bastante para lhe ocultar o móvel a que ela obedece. Todas as noites faz recair a conversa sobre o único assunto que a ocupa; recebe consolações, esperanças, promessas mesmo, mas sempre para mais tarde, para o futuro, um futuro do qual, agora, ela encara o suplício sem lhe poder fixar nenhum termo.

Não é porque, no seu país, ela encontre em torno de si qualquer reprovação. Exceto seu marido, a quem teve de abandonar, todos são assíduos e diligentes em fazer-lhe a corte, não como a uma favorita, mas como a uma vítima, porque ninguém ignora o que ela sofre e quanto é digna de estima, de respeito e de piedade. São as próprias irmãs de seu marido, a princesa Jablonowska e a condessa Birginska, que se instituíram suas companheiras. Era só dela que dependia ocupar, em Varsóvia, o primeiro lugar, e, se fosse outra, apresentar-se-ia ali como soberana. Teria inimigos então; mas como procura a sombra e não pretende nada, ninguém a teme; incensam-na menos, porém lastimam-na mais.

Além disso, a sua aventura não tem nada de repulsivo para uma sociedade que doira simplesmente os hábitos de poligamia oriental com o ceticismo elegante de moda em Versailles; que recebeu e reteve os exemplos de moral de Catarina a Grande, e que encontra, quando lhe apraz, no divórcio, a sanção legal, e mesmo religiosa, das suas fantasias extraconjugais.

Nesse tempo não havia nenhum grande fidalgo que, a par de sua mulher, não tivesse na sociedade uma amante ostensiva, e não mantivesse em alguma das suas propriedades uma ou mais georgianas favoritas.

Por conseguinte, Napoleão aparece aos chefes da nobreza polaca como um soberano singularmente casto, pois faz a guerra sem arrastar um harém atrás de si; e não aceitou as mulheres, que todas se lhe teriam oferecido: desejou apenas uma, e esperou que ela se entregasse.

A conduta que eles próprios, esses nobres, tiveram, não somente lhes parece natural, mas até estritamente obrigada. Era preciso que, indo a Varsóvia e residindo aí, Napoleão tivesse uma mulher, e era preciso que eles lhe oferecessem aquela que mais agradável lhe pudesse ser.

Por felicidade, essa mulher encontrou-se tal como em cem anos eles não seriam capazes de achar outra que fosse igual: simples, ingênua, pudica, desinteressada, unicamente animada pela paixão da pátria, capaz de inspirar um sentimento duradouro e uma paixão verdadeira, encarnando o que de mais amável e mais generoso se encontra na nação.

Não será para Napoleão uma amante de passagem, será uma espécie de *esposa colateral*, que, em verdade, não participará nem das dignidades da coroa nem dos esplendores do trono, mas que ocupará um lugar especial, que será a embaixatriz do seu povo junto do imperador, *a sua mulher polaca*. Por um laço muito ligeiro ainda, mas que ela poderá apertar mais tarde, unirá o coração de Napoleão aos destinos da Polónia. Sem mais nada do que a sua muda presença, obrigá-lo-á a lembrar-se das suas promessas, a justificar-se de não as cumprir, impôr-lhe-á o remorso da sua dívida não paga.

E, no fundo, isto não é muito mal raciocinado, porque, quase todas as noites ele tem de voltar sempre ao problema, que essa mulher constantemente lhe lembra.

Conhece e sente bem, e diz-lho, que não é a ele que ela ama, mas sim à pátria, e ela não se defende. Muito francamente o declara, e ele que se acautelaria se suspeitasse que uma mulher o quereria conduzir ou servir-se dele, confia o seu segredo a essa criança ingênua e sincera; sente-a tão profundamente desligada do que constitui a ambição das outras mulheres! Gostaria tanto de satisfazê-la! E, devedor insolúvel, não pode pagar-lhe o salário que ela tinha direito a esperar!

«Podes ter a certeza, diz-lhe ele, que a promessa que eu te fiz será cumprida. Já obriguei a Rússia a largar a parte que havia usurpado, o tempo fará o resto. Não é por enquanto o momento de realizar tudo; é necessário ter paciência. A política é uma corda que quebra quando se

pulla muito por ela. No entretanto, a nação forma os seus homens políticos. Porque, diz lá, quantos têm? São ricos em bons patriotas; têm braços, sim, concordo; dos seus bravos sai por todos os poros a honra e a coragem, mas isso não basta: é necessária uma grande unanimidade.»

Sem cessar — e isso é que é o estranho e o surpreendente, porque nunca nenhum homem admitiu menos que uma mulher lhe falasse de política — sem cessar, e como que contra sua vontade, insiste nestas conversações da noite em combinar o que é preciso fazer para melhorar a sorte do povo, para derramar o bem estar, para determinar um esforço unânime, mesmo que fosse a expensas da aristocracia possuidora.

«Bem sabes, diz-lhe ele, que amo a tua nação, que a minha intenção, as minhas vistas políticas, tudo me leva a desejar o seu inteiro restabelecimento. Quero com boa vontade auxiliar os seus esforços, sustentar os seus direitos: tudo o que depender de mim sem alterar os meus deveres e o interesse da França, sem dúvida nenhuma o farei; mas atenta em que nos separam grandíssimas distâncias: o que eu estabeleça hoje pode ser destruído amanhã. Os meus deveres são para com a França, não posso fazer correr o sangue francês por uma causa estranha aos seus interesses nem armar o meu povo para correr em socorro do teu cada vez que seja necessário.»

Destes altos pensamentos, por um reviramento que deixa interdita a sua interlocutora, cai nas maledicências dos salões, nas historietas particulares, nas anedotas secretas. Quer que ela lhe conte a vida privada de cada um dos personagens que ele encontra. A sua curiosidade é insaciável e aplica-se às minúcias. É para ele o meio de formar, em qualquer lugar que se encontre, — neste sobretudo onde tão grandes interesses estão em jogo, — uma opinião sobre a classe dirigente.

Deste conjunto de pequenos factos, que se gravam na sua memória, dos quais é tão curioso que fez admirar do seu saber a mulher que o escuta, tira as suas conclusões, e ela então percebe que forneceu armas contra si própria; protesta, indigna-se com os juízos que ele forma, e a questão acaba por uma pancadinha ligeira que ele lhe dá na face, dizendo-lhe: «Minha boa Maria, és digna de ser espartana e de ter uma pátria.»

Ele não a amaria como a ama se se não ocupasse com as suas *toilettes*. Nesse assunto, tem a pretensão de ser mestre. «Sabe que sou muito entendido em questões de *toilettes*», escreveu ele a Savary.

Desde os tempos do consulado, quando se tratava de enviar presentes a alguma soberana, rainha de Espanha ou da Prússia, era ele quem os escolhia. Na sua corte, nenhuma mulher mal vestida escapa à sua crítica, e a própria Josefina, que o habituou ao maior luxo, à elegância mais rebuscada, ao gosto mais apurado, não está ao abrigo das observações. Sobretudo detesta os vestidos de cor escura, e madame Walewska obstina-se a não os usar senão muito simples, e sempre brancos, cinzentos ou pretos. Estes desagradam-lhe infinitamente, e diz-lho. «Uma polaca, responde ela, deve trazer o luto da sua pátria. Quando esta ressuscitar, nunca mais deixarei o cor de rosa.»

Assim tudo o leva ao mesmo assunto; ele porém não se aborrece e o seu amor muito vivo não é diminuído. É por esse tempo que ele escreve a seu irmão José: «Nunca a minha saúde foi tão boa, e de tal modo o é que me tornei mais galanteador do que dantes.» E esta confiança está tão fora dos seus hábitos, que é muito significativa.

Não lhe basta ver a sua amante todas as noites em particular, é forçoso que ela seja de todos os jantares, de todas as festas onde ele vai, durante o tempo que se demora em Varsóvia, antes da campanha de Eylau. E aí, não há um instante em que não queira comunicar com ela por meio daquela linguagem misteriosa e muda que ele lhe ensinou, e em que ela está agora muito mais experiente do que o próprio Duroc. Compreende agora todos os gestos da mão, os sinais com os dedos que se dirigem a ela tão somente, pelos quais só ela pode seguir um pensamento de amor, que só a ela é dirigido, ao mesmo tempo em que o imperador sustenta com toda a assembleia uma conversa animada, uma discussão séria, em que ele conta acontecimentos com uma precisão absoluta, ou em que pronuncia os mais solenes discursos.

«Admira-te isto?» diz-lhe ele. «Pois sabe, que eu tenho de ocupar dignamente o posto que me é conferido. Tenho a honra de comandar as nações: eu era apenas uma bolota, tornei-me um carvalho. Domino, veem-me, observam-me, de longe como de perto. Esta situação força-me a desempenhar um papel que algumas vezes pode não me ser natural, mas que tenho de sustentar para dar conta, muito mais a mim mesmo do que aos outros, dessa representação, determinada pelo carácter de que sou revestido. Mas, enquanto faço de carvalho para todos, gosto de me tornar bolota, só para ti. Ora, como havia eu de proceder, quando a multidão nos observa, para te dizer: «Maria, amote!» E todas as vezes que te olho, tenho esse desejo; mas não posso aproximar-me do teu ouvido sem descer da minha posição.»

Quando transporta o seu quartel general para Finckenstein, ela é

obrigada a segui-lo, e aí, a existência é melancólica, inteiramente semelhante à que levava outrora em Walewice, junto de seu velho marido. A solidão é unicamente quebrada pelas refeições, a sós com o imperador, servidos por um criado único, de quarto de vestir. As horas lentas são passadas em leitura ou bordando. A distração é a parada da guarda, vista de dentro das persianas cerradas: uma vida de reclusa inteiramente às ordens e à discrição do senhor, sem nenhuma companhia, nenhum prazer, nenhuma ostentação; e dá-se por satisfeita com essa vida, muito mais do que com a vida brilhante, agitada e mundana que levava em Varsóvia.

Assim, para ele, realiza ela o tipo da mulher tal como julgara encontrá-la em Josefina: a mulher meiga, condescendente, atenta, tímida, que não tem ambição, nem mesmo, ao que parece, vontade; que é inteiramente dele, que não vive senão para ele, e que, se espera dele alguma mercê, é uma mercê de tal modo colossal, de tal modo impessoal, que já é dar prova de uma alma singularmente elevada conceber-lhe a quimera, e esperá-la de um homem é quase igualar esse homem a um deus.

Tudo isto é próprio para o cativar pelas suas fibras mais íntimas, e é por isso que, quando tem que abandonar a Polónia sem realizar o sonho pelo qual essa mulher se lhe entregou; quando ela, desesperada e enganada, depois de o ter conjurado uma vez ainda a restituir-lhe a pátria, recusa segui-lo a Paris, e anuncia que vai retirar-se para o fundo de um ermo a fim de esperar aí no luto e na oração a realização das promessas que ele não cumpriu, é por isso que ele, a seu turno, lhe suplica: «Bem sei, diz-lhe, que podes viver sem mim... Sei que o teu coração me não pertence... Mas tu és boa, meiga; o teu coração é tão nobre e tão puro! És capaz de me privar de alguns instantes de felicidade passados cada dia ao pé de ti? Não posso ter outra senão a que tu me dás, e julgam-me todos o homem mais feliz da terra»: E diz isto com um sorriso tão amargo e tão triste, que, tomada por um sentimento estranho de dó para com esse senhor do mundo, promete-lhe ir a Paris.

Chega a essa cidade no começo de 1808, e daí em diante essa ligação misteriosa, — atravessada sem dúvida por algumas infidelidades da parte de Napoleão, mas que não deixa de ser para ele, a sua grande, a sua única afeição da alma, — estabelece-se num pé tão estranho que, se não se tivessem encontrado provas certas, se a confrontação de diversas testemunhas que, inconscientemente fornecem mais por aqui mais por ali, alguns pormenores isolados, algumas datas autênticas, não permitisse restabelecer a cadeia dos acontecimentos, não se ousaria afirmar a continuidade de factos que

os contemporâneos melhor informados pareceram ignorar.

Disseram e sabe-se que, durante a campanha de 1809, madame Walewska se dirigiu a Viena, onde tinha sido preparada para ela uma casa muito elegante, perto do palácio de Schoenbrunn; que aí teve uma gravidez, e que, depois da paz de Viena, se retirou para Walewice, onde nasceu, a 4 de maio de 1810, Alexandre Floriano José Colonna Walewski. Mas não há um certo direito de perguntar agora, depois do que se sabe, se algumas das hesitações que Napoleão manifestou no momento de tratar com a Áustria, as suas incertezas a respeito da sorte que havia de dar-se à Polónia, não foram devidas à presença daquela a quem ele havia tão formalmente prometido o restabelecimento da sua pátria?

O que os contemporâneos não disseram foi que, nos fins de 1810, madame Walewska, acompanhada de sua cunhada, a princesa Jablonowska, regressou a Paris trazendo consigo o seu filho recém-nascido; foi morar para um bonito palacete na Chaussée d'Antin, primeiramente rua do Houssaie, n.º 2, depois rua da Vitória, n.º 48. Todas as manhãs, o imperador mandava receber as suas ordens. À sua disposição são postos camarotes em todos os teatros, diante dela abrem-se as portas de todos os museus. É Corvisart o encarregado de se ocupar da sua saúde; é Duroc quem tem a missão expressa de lhe satisfazer todos os desejos, de lhe procurar a vida material mais larga e mais agradável.

Daremos um exemplo apenas do seu poder: Em Spa, um rapaz inglês, M. S..., permitira-se um gracejo, de gosto pelo menos contestável, a respeito da princesa Jablonowska. A princesa, no regresso, convida-o a acompanhá-las, a ela e a madame Walewska, ao museu de artilharia.

Na sala das armaduras, o rancho para diante da armadura de Joana d'Arc, e, enquanto M. S..., a examina, a heroína estende os braços, agarra o inglês, e aperta-o de encontro ao peito. Ele debate-se, sente-se sufocado, pede misericórdia; mas é só depois de ouvir a ordem de madame Walewska que Joana d'Arc lhe restitui a liberdade. Pois não é isto — sobretudo quando se sabe o ciúme que Napoleão tinha dos seus museus — uma prova evidente de poder?

Todas as vezes que pode dar uma fugida, o imperador vai passar alguns momentos com ela, ou então chama-a ao paço com o filho, ao qual, logo que ele chegou a Paris, conferiu o título de conde do Império. Na sociedade, ninguém — exceto os polacos — tem a menor suspeita daquelas relações; madame Walewska, efetivamente, mal

aparece, e não recebe senão alguns compatriotas. O seu modo de vida é perfeito, o seu aparato modesto, a sua conduta extremamente reservada. Quando vai fazer uso das águas de Spa, são as suas cunhadas que a acompanham. É em casa de sua cunhada, num palacete alugado em Mons-sur-Orge, e a que chamavam o Castelo de Brétigny, casa que em tempo havia pertencido à duquesa de Richelieu, que ela passa o verão. Debalde a querem influir e arrastar: não tem outra preocupação senão ocultar aquilo de que outras mulheres seriam tão altivas. Aquela casa de campo que ela habita, muito modesta, inteiramente retirada, é o seu universo, e não sai dela senão o menos possível. No entanto fala-se dela entre os embaixadores e mesmo entre os espões: e é para dizerem, entre outros disparates, que ela tem na Corte oficial as *pequenas entradas*; ora, as *entradas privadas* que eram sinal do máximo reconhecimento, não era uma garantia perpétua, e tinham que ser renovadas, mesmo para as damas da casa, em cada viagem a um novo país. Haviam listagens, e madame Walewska não aparece em nenhuma. É portanto provável que as pequenas entradas que ele fazia não fossem minimamente oficiais.

No início de 1812, o estado das relações com a Rússia fazia prever a guerra para breve e estavam todos reunidos em Mons. A princesa Jablonowska recebe de Varsóvia cartas sobre cartas anunciando que o Imperador tinha tomado a resolução firme de restabelecer a integridade da Polónia. Todas essas damas se apressam a escrever aos seus intendentess que abram os seus castelos aos franceses, que os tratem como tratariam os seus senhores. O Imperador viu nisto uma exaltação desrazoável. Ao serão cantaram-se temas nacionais, soltam-se fogos de artifício; chega-se mesmo a danças, mas a mazurca. Pela manhã, fazem-se rezar missas e assiste-se a novenas. A nenhuma dessas senhoras faltava o xaile com as cores nacionais. É uma repetição, mas mais violenta, dos acessos de 1807 e de 1809. Um dia chega Kosciuszko de visita à casa da princesa. Ele vê todo este entusiasmo, este delírio, os xaiiles: aproxima-se da dona da casa, e sem dizer uma palavra, arranca-lhe o xaile que ela pressionava contra o peito.

Teria Kosciuszko a capacidade de prever os desígnios de Napoleão? Em todo o caso, as intenções de Napoleão para com madame Walewska estavam nessa data firmadas por um ato, nesse aspeto tão excecional que é impossível não ver nele ao mesmo tempo uma precaução contra qualquer eventualidade, tomada na véspera de uma guerra de grande magnitude, uma aproximação aos gentishomens polacos a quem o Imperador pretendia excitar a dedicação. Eis aqui esse ato, a que convém pesar cada um dos termos usados, pois não há nenhum outro decreto em matéria de cedência de títulos e de

dotações que tenha cláusulas parecidas. Este é único no seu género, revoga expressamente todos os princípios que serviram de base à Nobreza imperial e repele por algumas das suas causas as disposições tomadas por Luís XIV quanto às legitimidades.

Palácio de Saint-Clous, 5 de maio de 1812.

Napoleão, Imperador dos Franceses, Rei de Itália, Protetor da Confederação do Reno, Mediador da Confederação Suíça, etc., etc., etc.

Nós decretámos e decretamos o que se segue:

Artigo primeiro. — Os bens situados no reino de Nápoles designados dentro do estado anexo e que fazem parte do nosso domínio privado, são dados como nós os damos pelo presente decreto ao conde Alexandre Florian José Colonna Walewski, para composição do vínculo que nós instituímos em seu favor e ao qual afetamos o título de conde do Império.

Art. 2. — Esses bens serão transmitidos à descendência direta, legítima, natural ou adotiva, de varão para varão por ordem de primogenitura do sobredito conde Walewski.

Art. 3. — Se acontecer que o conde Walewski venha a falecer sem filhos varões, ordenamos que as suas filhas, se as tiver, nascidas de um casamento legítimo, sejam chamadas a tomar os bens que compõem o vínculo e que os dividam em partes iguais.

Art. 4. — No caso previsto no artigo anterior, a parte dos supracitados bens que respeitarem a cada uma das filhas do conde Walewski será transmissível com o título de conde à descendência direta, legítima, natural ou adotiva, de varão para varão, por ordem de primogenitura, daquela que o receber.

Art. 5. — Conformemente com os nossos estatutos de 1 de maio de 1808, os bens que compuserem o vínculo do conde Walewski retornarão aos nossos domínios privados, 1.º se o dito conde Walewski falecer sem descendência; 2.º pela extinção da descendência masculina; 3.º pela extinção da linha masculina de cada uma das filhas do dito conde Walewski, que, por efeito do artigo 3, tiverem sido chamadas a receber uma porção do vínculo.

Art. 6. — Até à maioria do conde Walewski, pretendemos que a dama Maria condessa Colonna Walewski, nascida Laczinska, sua mãe, tenha o pleno e completo usufruto dos rendimentos e frutos que compõem o vínculo, contanto que fique ela com o encargo de cuidar e educar o seu filho de acordo com o seu estado, assim como administrar os supraditos bens como faria um bom pai de família e sem que a dita madame Walewska tenha que prestar contas dos rendimentos e frutos dos ditos bens, prestação de contas de que a dispensamos expressamente.

Art. 7. — A contar da maioria do conde Walewski e logo que ele tome plena posse e usufruto do seu vínculo, nós o encarregamos de pagar à supradita dama Walewski, sua mãe, uma pensão anual e vitalícia de cinquenta mil francos.

Art. 8. — Se acontecer o que está previsto no artigo 3, ou por falecimento do conde Walewski sem posteridade masculina o vínculo passe para as filhas do dito Walewski, cada uma delas terá de pagar a supradita pensão na parte respeitante à que receber quando da divisão dos bens do vínculo.

Art. 9. — Se o vínculo retornar aos nossos domínios privados, consideramos que a supradita dama Walewska conserve até ao seu falecimento o pleno e completo usufruto dos rendimentos e dos frutos dos bens que compõem o vínculo.

Art. 10. — O estado dos bens que nós afetamos ao vínculo do conde Walewski será enviado junto com o presente decreto ao nosso primo, o príncipe arquichanceler do Império, para que, sobre a demandas e diligências da supradita madame Walewska, ele faça redigir sob a forma ordinária as cartas patentes conformes às disposições do presente decreto, como também para que ele proceda ao ato de investidura que nós autorizamos à referida madame Walewska tome em nome de seu filho, derogando a este respeito e tanto quanto seja necessário, todas as leis, regras e usos que lhe sejam contrários.

Art. 11. — Após a expedição das nossas cartas patentes e assim que a dita dama Walewska tenha tomado a investidura, o intendente geral do nosso domínio privado colocará a dita dama Walewska em nome de seu filho na posse dos bens que dispomos pelo presente decreto e lhe remeterá todos os títulos que justifiquem a propriedade.

Art. 12. — O nosso primo, o príncipe arquichanceler do Império e o Intendente Geral do nosso Domínio privado são encarregados, cada

um do que lhe diz respeito, da execução do presente decreto.

Napoleão.

Pelo Imperador:

O Ministro Secretário de Estado
Intendente geral do Domínio privado

O Conde Daru.

Este vínculo composto, em resultado do estado anexo ao decreto, de sessenta e nove quintas ou parcelas de terra arrendadas a diversas pessoas e que perfaziam uma soma total de 169.516,60 francos provenientes dos bens reservados do Imperador na altura da ascensão de Murat ao trono de Nápoles e eram o que sobrava dos domínios que tinham servido para estabelecer a dotação dos duques de Otranto, de Gaete e de Tarento e do conde Régnier.

As cartas patentes foram assinadas pelo Imperador em Kokigsberg a 15 de junho; a investidura do vínculo foi dada pelo Conselho do selo a 13 de agosto, o mandatário de madame Walewska tomou posse dos bens a 12 de outubro, e o usufruto dos rendimentos do arrendatários data do início do ano rural.

Madame Walewska tinha vindo a Varsóvia para assistir à ressurreição da sua pátria. O arcebispo de Malines tratou-a como o «fac-símile da Imperatriz», e todos se admiraram com a sua «figura modesta» numa situação tão difícil, pois ninguém duvidava que, sob pretexto dos seus negócios, o verdadeiro móbil da sua viagem não fosse a esperança de ser chamada ao quartel general. Mas não é chamada, e é enviada de volta para Paris, onde parece que tem mais facilidade de lidar com a sociedade. Vê-se, contudo, obrigada, pelos convites reiterados de Josefina, a ir a Malmaison, com seu filho, que a imperatriz divorciada enche de brinquedos e de presentes; mas não parece que tenha frequentado a corte imperial. É só nesta época que, nas suas contas de *toilette*, aparecem dois *vestidos de corte*: um é um vestido de veludo preto com adornos de tule entretecido de oiro fino, e outro é um grande vestido de tule branco adornado de plumas, e gorro das mesmas plumas.

Até aí, embora seja elegante, e gaste, só para os seus vestidos de noite, e só em casa de Leroy, mais de três mil francos por semestre, não tem vestido de corte. Nas suas *toilettes*, continua a prevalecer o branco, ou as cores indefinidas, um pouco enlutadas; veem-se-lhe

vestidos de levantine lilás, de tule branco com três folhos de acácia, de tule branco guarnecido de rosas desfolhadas e aplicadas; ou então é o branco e o azul, as cores polacas; como um vestido de tafetás sombreado de azul e branco, um vestido de tule azul guarnecido de giestas e de margaridas brancas...

Napoleão, para se lembrar dela, não precisa de vê-la frequentando a corte: para prova disto basta uma carta escrita de Nogent, a 8 de fevereiro de 1814, no meio das angústias da campanha de França, no dia seguinte de Brienne, na véspera de Champaubert: tinha encarregado o seu tesoureiro geral, o sr. de Bouillierie, de estabelecer o morgado de cinquenta mil francos de renda, atribuído ao moço conde Walewski, de modo que, em caso de morte, a mãe dele fosse herdeira. Agita-o o pensamento de que não tenham sido cumpridas todas as formalidades, e escreve pelo seu punho a La Bouillierie:

«Recebi a sua carta relativamente ao pequenino Walewski. Deixo-lhe carta branca. Faça o que for conveniente, mas faça-o depressa. O que me interessa primeiro é a criança, e a mãe depois.

N.

Nogent, 8 de fevereiro.»

Disto não sabe ela nada, porque nunca houve alma mais desinteressada do que a sua. Em Fontainebleau, nos últimos dias, quando o imperador, abandonado de todos, acabava de procurar na morte um asilo que o seu destino lhe recusou, ela aparece imediatamente, e passa uma noite inteira numa saleta esperando que ele a mande chamar. Ele, porém, absorto pelos seus pensamentos, exausto por aquela crise física que acaba de atravessar, não se lembra de chamá-la senão uma hora depois dela se ter retirado. «Pobre mulher! diz ele, há de supor-se esquecida!»

Ela escreveu-lhe, e, pelo seu próprio punho, ele lhe respondeu assim:

«Maria, recebi a vossa carta do dia 15. Os sentimentos que vos animam tocaram-me vivamente. São dignos da vossa bela alma e da bondade do vosso coração. Assim que tiveres disposto os vossos negócios, se fordes às águas de Lucques ou de Pisa, eu vos verei com um grande e vivo interesse, bem como ao vosso filho, por quem os

meus sentimentos serão sempre inalteráveis. Portai-vos bem, não fiqueis triste, pensai em mim com prazer e nunca duvideis de mim.

N.

16 de abril.»

Em meados de agosto estava ela em Florença. Vai embarcar em direção a Nápoles para reconhecer os bens que pertencem ao seu filho e solicitar a Murat que lhos preserve. Ela manda pedir ao Imperador que a receba, e, no fim do mês, acompanhada por seu filho, por sua irmã e seu irmão, o coronel Laczinski, ela desembarca na ilha de Elba, e passa um dia junto do imperador, no Eremitério da Marciana. Em 1815, logo que tem conhecimento do regresso de Napoleão a Paris, corre imediatamente e, entre todas as mulheres cuja dedicação sobrevive à fortuna, e que se mostram mais assíduas no Eliseu e na Malmaison, é ela quem deve citar-se em primeiro lugar.

Mas, depois da partida para Santa Helena, entendeu-se livre. Tendo o sr. Walewski falecido em 1814, ela desposou em 1816, em Liège, para onde se havia refugiado depois do segundo regresso dos Bourbons, um primo do imperador, o general conde de Ornano, antigo coronel dos dragões da Guarda, um dos mais brilhantes e dos mais valentes oficiais do Grande Exército. Este casamento afetou vivamente o cativo de Santa-Helena. «O imperador, diz um dos seus companheiros, tinha sempre conservado uma ternura extrema a madame Walewska, e não estava na sua natureza permitir ao que ele amava, amar outra coisa, que não fosse ele.» De resto, a pobre mulher não teve tempo de se familiarizar com a felicidade. A 9 de junho de 1817, deu à luz um filho, em Liège. Regressa a Paris, onde seu marido tivera permissão de voltar, e tão depressa chega, morre no seu palacete da rua da Vitória, a 15 de dezembro de 1817.

Quanto a seu filho, de quem o imperador tinha dito em testamento: «Desejo que Alexandre Walewski seja atraído ao serviço da França, no exército», sabe-se que brilhante carreira foi a sua. A sua vida de soldado, de escritor, de diplomata e de homem de Estado, está tão intimamente ligada à história contemporânea que não é necessário insistir nela, nem oportuno apreciá-la.

XVI.

O divórcio

A morte de Napoleão Carlos aboliu os sonhos de hereditariedade que Napoleão havia formado; o nascimento de Léon dissipou as incertezas que podia ter sobre a sua descendência; o amor a madame Walewska fez decrescer no seu coração a imagem de Josefina. Em Tilsitt, não há talvez uma troca direta de palavras sobre uma aliança com uma grã-duquesa da Rússia, mas, depois do regresso de Tilsitt, tudo se prepara no sentido do divórcio: pela vez primeira, o imperador lhe aceita essa ideia. Aqui, porém, da conceção da ideia à realização, que longo intervalo! Noutras coisas, nas operações em que somente o seu espírito se empenha, quando a resolução está tomada, ele não suporta demoras e dirige-se ao seu fim sem nada o deter. Aqui, foi o seu espírito que encarou os inconvenientes da esterilidade de Josefina, as vantagens de um divórcio e de um segundo casamento, mas é o seu coração que se opõe aos seus desígnios políticos e que, durante dois anos inteiros, de julho de 1807 a outubro de 1809, o fez hesitar, abandonar-se e retrair-se, numa atitude estranha que a política não explica, que só o amor determina.

Antes de Napoleão ter adquirido a energia de romper com uma mulher a quem o ligou um hábito de dez anos, uma grande, paixão, o ardor do seu temperamento, a vaidade mesmo, uma mulher a quem ele amou bastante para chamá-la a compartilhar o seu trono e para preferi-la algumas vezes, ela e os que lhe pertenciam, aos que lhe pertenciam a ele pelo sangue, foi preciso que, fio a fio, se houvesse gasto e quebrado o laço que os unia e que o divórcio, deixando de ser apenas proveitoso se tivesse tornado necessário. Ao primeiro abalo, não pôde resignar-se a sacrificar essa companheira, a quem atribui tantas mais qualidades quanto mais perto vê o momento de se tornar mais culpado para com ela. «Não resiste a este golpe! Morre decerto!» Chegaria a pensar que a sua própria fortuna depende dela e da sua estrela?

Mas não é uma vã superstição que o detém, nem mesmo o cuidado da opinião que dele possam formar os seus antigos

companheiros de armas, o exército e o povo, se, dois anos depois da coroação ele repudiar a mulher que foi sagrada ao seu lado: não quer saber da opinião, não se ocupa com ela: escuta apenas o seu coração e recua. Diante das suas hesitações, alguns dos seus mais afeiçoados, tais como Fouché, imaginam poder precipitar o desenlace, e querem, por meio de hábeis insinuações, determinar Josefina a ser ela mesma quem tome a iniciativa do sacrifício. Napoleão não pode desconhecer que esse excesso de zelo pode ser inspirado pelos projetos que ele formou, que mesmo deixou entrever. Mas quanto mais fraco se sente, mais violento é; encoleriza-se, desmente Fouché com a maior rudeza, trata-o como ainda nenhum homem, de qualquer condição que fosse, jamais foi tratado por ele. Pois é a ele, Napoleão, que um dos seus ministros julgou fazer ceder à sua pressão! E esse ministro, esse pouco mais do que um agente de polícia, permite-se penetrar na sua vida íntima, meter no seu quarto conjugal o hediondo focinho! Josefina aproveita a indignação momentânea, e, bem dirigida por Talleyrand, que, dessa vez, fosse por que fosse, quer criar embaraços a Fouché, vai direita a Napoleão, que não ousa confessar o seu projeto, e que por fim hesita, vacila, e deixa-se reconquistar.

Então, por muito tempo estão acabadas as listas de princesas núbéis, organizadas pelos almanaques, e as informações confidenciais reclamadas dos agentes externos, e os retratos cuidadosamente reunidos para formar uma opinião. Napoleão «recai na paixão por sua mulher, muito mais do que no passado, por frequentes visitas noturnas. Aperta-a nos braços, chora, jura-lhe a mais viva ternura.» Em vão o atacam de novo e creem tê-lo convencido, a presença de sua mulher reanima nele todos os sentimentos antigos, e é ela, agora, que, tomando a sua vantagem, apresenta a questão e encara, na aparência, mais resolutamente do que ele mesmo, a hipótese do divórcio. Não é ela — e significa-lho — que irá ao encontro da sua resolução: se ele ordenar, ela há de obedecer; mas é preciso que ele ordene. Ele, porém, não tem força para tal. Para assegurar o seu poder, para fundar o edifício da sua dinastia, para garantir — segundo as previsões humanas — a perpetuação da sua obra, «o *homem do coração de ferro*» tem de afastar uma mulher, e não pode.

Por se haver apaixonado de novo, ao menos por intermitências, tornou-se acaso mais fiel? Não, — e no sentimento que experimenta por sua mulher, a fidelidade não tem nada que ver. O seu amor é feito de recordações, de piedade, de reconhecimento, de ternura; o desejo é apenas uma reminiscência, sem ilusão sobre a beleza e a mocidade da mulher. Por consequência, se Napoleão encontra ao seu alcance mulheres mais novas e mais bonitas, pode muito bem desejá-las e tomá-las sem a sua afeição para com Josefina diminuir. A estada em

Paris e em Fontainebleau, de agosto a outubro de 1807 é o belo tempo de madame Gazzani, e mesmo madame Gazzani não figura sozinha. A distração puramente física que ela lhe procura, e à qual só a sua extrema beleza pôde dar uma aparência de interesse, não seria capaz de entreter Napoleão durante dois meses. Em Fontainebleau, creem que ele vai apaixonar-se por madame B..., dama de companhia da princesa Paulina. Esta dama de B..., cujo marido tem uma tal ou qual aliança com os Beauharnais e que deve a esse remoto parentesco o seu lugar na corte, é uma das mais bonitas mulheres desse círculo. A sua beleza soberbamente desenvolvida — acaba de fazer vinte e oito anos — expande-se sobre um corpo gigantesco, um corpo de cinco pés e seis polegadas. Alguns acham mesmo que, para aquela imensa altura, a cabeça é excessivamente pequena e as feições infantis; mas esses não a viram vestida de rainha do xadrez na quadrilha do baile Marescalchi. Espírito juntamente com isso, nenhum dinheiro e nenhuns preconceitos. O imperador vê-a nos almoços de caça, dos quais não falta a nenhum, e repara nela; faz-lho saber, e dizem mesmo que por escrito. O seu quarto, que foi escolhido no rés do chão do palácio, deitando sobre o jardim de Diana, é propício para as visitas noturnas: é preciso entrar pela janela, e, no vão, um degrau muito alto expõe os imprudentes a quedas ruidosas, mas a dama é obsequiadora e sabe facilitar os acessos. Dá-se bem com isso, e o marido bastante idoso e dos mais ingênuos, esfrega as mãos de satisfeito: «Minha mulher, diz ele um dia numa sala, tem recursos de espírito verdadeiramente incríveis. Não somos ricos, e parecemo-lo, graças ao seu talento: é um verdadeiro tesouro!» Ela, por sua parte, trabalha tanto que o faz camarista de um dos reis irmãos do imperador, o último promovido, e barão do império, para ela ser baronesa. Mas a aventura, de que alguns duvidaram, por tal modo foi bem guardado o segredo, não teve continuação depois da viagem de Fontainebleau, e o marido precisou descer das suas alegrias. Passou ainda por outros desprazeres. Madame de B... teve uma grande desinteligência com a sua princesa por causa dum brilhante oficial; foi riscada das listas imperiais e teve de retirar-se para a sua terra, ao passo que o oficial partia para a Espanha, onde foi gravemente ferido. No regresso, depois da cura para ele e do divórcio para a dama, houve casamento, e seríamos indiscretos se citássemos datas.

Por ter procurado distrações, por ter voltado ao leito conjugal, por se ter deixado tocar pelas suas recordações, por se haver enternecido e enervado, Napoleão não se convenceu, e não renunciou à ideia, que é para ele uma obsessão e que o não deixa, ideia que sob todas as formas lhe representam os seus conselheiros e muito mais vivamente do que eles, a sua própria ambição e o seu raciocínio. É

com as vistas no divórcio futuro que ele parte para Itália no fim de 1807. Uma das inquietações de Josefina é a sorte que, em sendo repudiada, seu filho há de ter. Ora, se Napoleão, desde 1805, estabeleceu Eugénio, na Itália, como vice-rei; se, em 1806, quando o casou com a princesa Augusta, lhe deu o título de Filho de França, as promessas que fez não sofreram ainda a sanção suprema de um ato legislativo, e a segurança da hereditariedade do reino na cabeça de Eugénio e dos seus descendentes é puramente verbal.

Ele quer, portanto, sobre este ponto tranquilizar a um tempo sua mulher e a casa de Baviera; e quer também esclarecer-se sobre um projeto de união que seria decente. Se ficou com pena de não ter desposado a vice-rainha, a princesa Augusta, «a mais formosa mulher dos Círculos, como se dizia antes dele», a irmã de Augusta, a princesa Carlota, não poderia ser perfeitamente a mulher que lhe convinha? E é para isso, sem dúvida, que ele convoca em Milão o rei e a rainha e a princesa de Baviera. Neste meio tempo reflete que não lhe fica bem ser cunhado do seu enteado. E além disso, a princesinha agrada-lhe menos do que ele esperava. Deixa-a portanto entregue aos seus estranhos destinos e volta-se para um novo plano: o de uma aliança de família.

Não está já crescida e capaz de casar, aquela Lolotte, que ele já não vê há cinco anos e que outrora, levando-a pela mão, ele conduzia através dos seus salões consulares? É a filha das primeiras núpcias de Luciano com aquela Catarina Boyer, que Napoleão amava como irmã, apesar dela ser filha de uns pequenos estalajadeiros de São Maximino do Var e de nem saber assinar o seu nome, quando entrou para a família. É fora de dúvida que, logo que ela se escapou à tutela de Elisa, logo que partiu de França com seu pai e sua madrastra, Lolotte deve ter tomado o partido deles nas dissensões contra o imperador; porém, não tem ainda quinze anos, e podem avivar-se-lhe no espírito as recordações da primeira infância: o imperador, amigo da família a ponto de ter escrúpulos em distrair para quem não é Bonaparte um quinhão qualquer das suas graças soberanas, fraternal a ponto que, com seus irmãos, a vida se passa a perdoar-lhes e que a reconciliação com Luciano lhe parece um interesse de primeira ordem, pode sonhar em enraizar a sua posteridade na sua própria raça e em fazer assim proceder a sua dinastia unicamente de si. E por fim, se em verdade a diferença das idades for muito grande, se a pequena princesa tiver repugnância, se ele mesmo conceber escrúpulos, à falta do seu trono poderá levar Lolotte a partilhar algum dos tronos da Europa, que assim *bonapartisará*: o de Espanha por exemplo. Para o seu jogo de futuro, não é uma carta inútil aquela filha do seu sangue, a única na idade núbil. Fá-la trazer a Paris; eslahece-a em casa de sua mãe, de

observação; mas Lolotte não se demora ali muito tempo. Manda a seu pai correspondências divertidíssimas sobre a corte, não imaginando que as suas cartas são vigiadas. Napoleão reconhece que não tem nada a fazer da filha de Luciano; e recambia-a para a Itália. Aí, se ela não encontrou uma coroa soberana, encontrou ao menos uma coroa fechada: desposou em 1815 o príncipe Gabrielli e só morreu em 1865.

Para os projetos matrimoniais, a viagem da Itália deu medíocres sucessos, e contudo Fouché trabalhou e agitou-se em espalhar e em fazer acreditar o boato do divórcio, expondo-se a cartas fulminantes, que não são capazes de fazer cessar a sua intriga. Embora muito fino e ordinariamente bem avisado, não compreende que o momento passou, que se os perigos de Eylau, da conjuração formada na sua ausência, puderam tocar politicamente o espírito do imperador, a impressão não foi bastante viva para ser duradoira, para que a necessidade de deixar em Paris, quando parte para alguma guerra, uma representação viva de si mesmo se imponha ao seu pensamento. Para o decidir, era preciso que estivesse pronto um bom partido: o da Rússia está ainda para um longo prazo; com a Baviera nada tem a fazer, e mais nada nesse momento com a Áustria, que se havia oferecido em 1805, mas que já não tem filha a casar agora. A aliança de família é uma reserva, mas que de perigos a reccar com os Lucianos e que de dificuldades! Portanto, é preciso saber esperar.

E é isso efetivamente o que Napoleão faz, no seu regresso, durante os três meses que passa em Paris. O seu coração está inteiramente ocupado por madame Walewska, recentemente chegada da Polónia. O seu pensamento é distraído por uma infinidade de negócios, sobretudo pelos de Espanha, que pretende terminar antes de continuar com Alexandre as negociações de Tilsitt. É só por intermitências que ele volta ao divórcio: mais incapaz do que nunca — embora nesse momento Talleyrand o incite — de tomar uma decisão, e sobretudo de significar uma vontade, agitado, nervoso a ponto de ficar verdadeiramente doente, de ter crises terríveis de estômago, e, nesses dias, puxando para cima da sua cama sua mulher, vestida para uma reunião de corte, chorando sobre ela e sobre si mesmo, soluça que não pode deixá-la!

Não! Não pode. Dir-se-ia que está ligado por um sortilégio, que ela possui contra ele um talismã de amor. Embora diga às vezes que a acha velha e que está feia, é com ela, durante a estada em Marrac, que se ocupa exclusivamente, fazendo-lhe toda a espécie de criancices e brincadeiras gaiatas de amante completamente apaixonado. Já não parece preocupá-lo o mínimo cuidado de futuro, nem nenhum pensamento reservado de rompimento quando, nos passeios, diante

dos cavaleiros da escolta, corre na praia atrás de Josefina, empurrando-a na água para a *câmara de amor*, rindo à gargalhada. Ou então fantasias, como no dia em que a imperatriz, com a pressa, deixou cair os sapatos e ele, apanhando-os, os atirou para longe, obrigando-a a meter-se na carruagem assim descalça, para ver melhor e sentir melhor aqueles pés que ele ama.

E, nesses momentos, não é só o físico que o impressiona, é o moral também: nunca Josefina foi melhor inspirada do que na viagem de Baiona, nunca ela se esmerou mais em servi-lo, nunca revelou maior delicadeza e maior finura.

Como, com toda a razão, ele a encontra no seu lugar, inteligente, útil, cheia de tato, na estranha entrevista por que tem de passar com os soberanos de Espanha! Como, em seguida, durante a viagem triunfal pelas províncias do sul e de oeste, debaixo de uma temperatura por tal forma tórrida que é preciso viajar de noite para se ter um bocado de fresco, durante uma viagem na qual cada estação é assinalada por festas iguais, igualmente pouco recreativas, receções e apresentações sem fim, em que ele próprio acaba por sentir o cansaço das ovações, como ela, sempre de pé, sempre pronta, apesar de incómodos e enxaquecas, sempre exata e pontual, sempre com um gracioso sorriso nos lábios, diz a cada um o dito a propósito que o lisonjeia, sabe com um gesto amável e que conquista os corações tirar de si e oferecer às mulheres e às meninas as joias com que teve o cuidado de se adornar, fazendo dum presente oficial e banal um brinde pessoal e íntimo! Como tem a aparência de se interessar pelas coisas e pelas pessoas, pelas famílias, pelas crianças, por tudo o que lisonjeia melhor as mães! Como parece nascida para o completar, para pôr a sua fraqueza acariciadora ao lado da força dominadora dele, para seduzir os corações como ele inflama os espíritos!

E contudo, embora tenha sentido mais do que qualquer outro o encanto de Josefina durante aqueles quatro meses (de abril a agosto) em que viveu unicamente com ela, e não lhe fizesse senão uma curta infidelidade, com *mademoiselle* Guillebeau, no regresso, torna a acometê-lo a ideia do divórcio, e não pode haver dúvida de que essa ideia tenha influído muito para a viagem de Erfurth. É para insinuar a Alexandre, que está disposto a oferecer o seu trono a uma das grã-duquesas, que ele leva consigo Talleyrand. Mas ali, Talleyrand, em vez de servir seu amo, traiçoa-o sem escrúpulo: é ele quem fornece ao imperador da Rússia o modo de iludir o pedido de Napoleão, quem lança as bases de uma nova coligação contra a França e prepara a guerra de 1809.

Depois de Erfurth, torna-se necessário que, a toda a pressa, Napoleão volte a Paris, e daí corra à fronteira de Espanha. Confia nas meias palavras, nas meias promessas que Alexandre lhe fez e imagina que depois de ter acabado com a sublevação espanhola nada lhe será mais simples do que realizar o casamento russo. Em Espanha, porém, não encontra uma revolta, encontra uma insurreição: onde julgava que dois meses seriam bastantes para um triunfo definitivo, emprega três para não conseguir mais do que estéreis vitórias. Depois, tramas em Paris, na sua própria família, a sua morte descontada, a Áustria novamente em armas e preparando-se para a ofensiva, a revolta dos povos pregada na Alemanha pelos arquidukes e a guerra santa fomentada pelas sociedades secretas. Torna a partir de Benavente, transpondo as mudas a todo o galope dos seus cavalos, correndo a posta como um dos seus pajens. Nem mesmo três meses se demora em Paris, o tempo de desmascarar algum traidor, de pôr os seus negócios em ordem, de organizar um exército e de o fazer seguir para o Danúbio; e ei-lo que parte outra vez, tendo-o a Áustria atacado, e tendo o arquiduke Carlos invadido o território da Confederação.

Mas quando, em Schoenbrunn, depois dessa vertiginosa correria, que durou quase sem paragem dezassete meses, ele para e reflexiona, aparece-lhe de novo a necessidade inevitável do divórcio. Não é somente a obrigação de assegurar a hereditariedade, e contudo, se lhe nascesse um filho, que seria feito das conjurações tenebrosas de Murat e de Carolina? — É também a utilidade, em Paris, nas suas ausências, de um representante da sua pessoa, em torno de quem os seus amigos se juntassem, em casos como o de um desembarque inglês ou de um levantamento de escudos por parte dos realistas. E Josefina já ali não está para perturbar os seus sentidos com a recordação dos antigos amores, para lhe emocionar o coração com o pensamento das fortunas partilhadas, para lhe assustar a imaginação com o quebramento dos seus destinos associados e com a decadência da sua estrela. Uma outra mulher, igualmente nova e formosa, e esta fecunda, faz-lhe uma companhia discreta e terna, dá-lhe a promessa, a certeza de uma paternidade próxima. Se pôde ainda duvidar de si mesmo com Leonor, aqui não há dúvida possível, porque sabe toda a extensão do sacrifício que, em Varsóvia, essa mulher lhe fez; sabe a vida que ela tem levado há dois anos: foi ele mesmo quem preparou a prisão em que a tem, em Schoenbrunn, e quem a fechou aí como quis.

Assim, acabaram as hesitações. Está decidido, está resolvido, está terminada essa luta que, durante dois anos inteiros, lhe ocupou o espírito e lhe torceu o coração; essa luta consigo mesmo, em que os dias e as noites foram tomados e preenchidos pela angústia nervosa do rompimento, em que, antes de se determinar ao sacrifício, ele esgotou

todas as combinações que lhe pôde oferecer a fertilidade do seu espírito. Adoção de um filho natural, simulação de uma gravidez, regressão mesmo a um dos filhos de Hortense, encarou tudo, deu volta a tudo, e a tudo se teria prestado; mas, de facto, um único sistema é prático, só um pode assegurar o império. Sente-o, compreende-o. Assim, para poupar a si mesmo as comoções, para as poupar sobretudo a sua mulher, para não recair nas hesitações e nas fraquezas, de Schoenbrunn mesmo ordena ao arquiteto de Fontainebleau, que seja fechada a comunicação entre o quarto da imperatriz e o seu. E quando Josefina chega — pela primeira vez com atraso, — ele proíbe-lhe a entrada, e fica em conferência com os seus ministros. Nem mais uma conversa particular, nem mais um ensejo para uma explicação; sempre, de propósito, gente entre ele e ela. A intermediários, a gente de relações recíprocas, insinuações; aos mais íntimos, confidências, desafigos. Para o último combate, depois de ter tentado o auxílio de Hortense, que se recusa, manda chamar Eugénio a Itália, e quando sabe que vem a caminho, provoca ele próprio, em Paris, a conversa suprema, aquela em que ele deve, por obrigação, anunciar a sua resolução a Josefina. Ela já o esperava, não só desde 1807, mas desde sempre. Ei-lo, pois, vibrado já esse golpe, de que ela procurou com a maior destreza garantir-se, cujo terror envenenou a sua vida inteira, esse divórcio sempre ameaçador desde o regresso do Egito, cujo pensamento volta como uma obsessão no momento do consulado vitalício, no da proclamação do império, em cada uma das épocas em que a Fortuna parece mais favorecê-la! Mas desta vez, nada há a fazer, nada a tentar, nenhuma escapatória, nenhum remédio. Arrisca ainda os delíquios e as lágrimas, mas sem esperança nenhuma de o reaver, unicamente para tirar da situação o melhor partido possível. Quer uma colocação segura para seu filho, promessas e atos. Para si mesma, o que quer primeiro e acima de tudo é não se afastar de Paris; depois, que as suas dívidas sejam pagas; depois, que lhe sejam conservadas as prerrogativas e as honras de imperatriz; depois, que lhe seja garantido dinheiro, muito dinheiro. E tem-no, tem tudo o que quer: o Eliseu para palácio de residência na cidade, Malmaison para casa de campo, Navarra para castelo de caçadas, três milhões por ano, uma casa de honra igual à sua casa de outrora, o título, os brasões, as guardas, a escolta, todo o aparato exterior de uma imperatriz reinante, um lugar à parte no Estado, tão estranho que parece único e sem exemplo, ou se quiséssemos achar-lhe alguma semelhança, teríamos de remontar às épocas de Roma e de Bizâncio.

Mas, dinheiro, palácios, títulos, isso nada é para ele; dá o que vale muito mais; as lágrimas. Dá aqueles dias de luto passados em Trianon, jogando — ele que nunca joga! — e aquela perpétua inquietação a

propósito de sua mulher, que lhe faz, no caminho de Malmaison, precipitar a galopes desenfreados os pajens, os escudeiros, os camaristas, os oficiais-mores, para ter notícias frescas, a cada instante, de cada uma das horas que ela passa sem ele. E, como um amante inquieto, o mais fiel e o mais terno dos amantes, escreve carta sobre carta, obriga tudo o que o rodeia a visitas, pretende conhecer até o mínimo pormenor da vida da repudiada. Não há atenção, não há mercês, não há gentilezas que ele não faça, sentindo-se ou crendo-se culpado. Quisera que ela também tomasse a sua decisão, aceitasse o irrevogável, fizesse boa cara ao seu destino novo, lhe tirasse também a ele o cuidado de a saber infeliz por sua causa.

E, contudo, quando vai visitá-la a Malmaison, e consolá-la, não a beija, não entra nos quartos, dispõe as coisas para que o vejam sempre, porque quer que Josefina e toda a gente saiba que tudo está acabado. É este, assim, mais um respeito que ele lhe testemunha, não permitindo que ninguém possa pensar, que sua mulher de ontem fique sendo sua amante de amanhã. — E depois, quem sabe? Talvez ele próprio desconfie dos seus sentidos — e, nesse caso, não é simplesmente de respeito que dá mostras: testemunha quanto foi vivo, e potente, e duradoiro, e sobrevivente a tudo, mesmo à mocidade e à beleza, e como ainda o ficou sendo, aquele amor que data de treze anos, o amor mais apaixonado nos seus começos, mais persistente apesar das infidelidades acidentais, mais imperioso e mais cego que jamais qualquer homem sentiu.

XVII.

Maria Luísa

I

Até aqui, todas as mulheres que Napoleão possuiu, considerou-as como subalternas. O prestígio que, no princípio, Josefina exerceu sobre ele desapareceu completamente a partir de 1806. Vendo na sua corte as maiores damas da antiga França, as Montmorency, as Mortemart, as Laval, tomou a Beauharnais pelo que era e adquiriu uma noção mais exata das distâncias. Das suas amantes, nenhuma que fosse própria para lhe lisonjear a vaidade, pelo seu nascimento ou pela moda em que se colocou. Não as procurou desta espécie, ou, se se quisesse admitir que o fez, depressa se aborreceu e nunca foi até ao fim.

E de mais, que vaidade podia ele tirar, no ponto em que está, de conquistas tais como as que poderia fazer em França! Para satisfazer, pela mulher, o espírito de ambição que reside nele, é necessário que a aventura seja igual à sua fortuna: é necessário pelo menos uma donzela de raça imperial, e é isso o que ele encontra quando o imperador da Áustria mendiga a sua aliança e lhe oferece para esposa sua filha primogénita, Maria Luísa.

Desta vez, já não é, como foi outrora com Josefina, o acesso num imaginário *faubourg Saint-Germain*: é a entrada na família dos reis, é aparentar-se com o que domina o mundo pela antiguidade da raça e pela ilustração histórica: com os Bourbons e os Habsburgo-Lorena. Está transposto o último degrau que havia a subir para ser igualado, pelo menos no seu pensamento, aos que o precederam naquele trono, conquista sua, até mesmo para se ligar a eles por uma designação, que estabeleça como que uma descendência. Poderá dizer: *Meu tio* falando de Luís XVI; *Minha tia*, falando de Maria Antonieta, porque, duas vezes por sua mãe e por seu pai, a sua futura mulher é sobrinha da rainha e do rei de França.

Daí em diante, dirigindo-se aos imperadores e aos reis, não se verá reduzido ao protocolo de fraternidade ilusória usual entre soberanos: será realmente seu genro ou seu neto, seu primo ou seu cunhado: o sistema napoleónico que ele estabeleceu no Ocidente e que, vai para quatro anos, ele tentou ligar aos diferentes sistemas dinástico pelos casamentos de Eugénio, de Estefânia e de Jerónimo, achar-se-á, pelo casamento dele, aglomerado com o sistema austríaco, como outrora estava o sistema bourbónico. A sua dinastia perderá aquele ar improvisado, que é para ele uma fraqueza, e readquirirá, com os quartéis de nobreza que farão desculpar a sua origem revolucionária, os parentescos que, no entender de Napoleão, é a única coisa que lhe parece constituir em política um laço sólido e duradouro.

Por esse casamento, o seu espírito de ambição está portanto satisfeito; mas o seu espírito de dominação, como se arranjará ele com uma mulher que, tendo tais avós, arrastando consigo um tal acréscimo de grandeza, deve ter, por nascimento e por instinto, a consciência do que é e do que vale, a vontade de se estabelecer e firmar num lugar digno dela e do seu berço, e aquela certeza de infalibilidade que, sendo própria dos príncipes que nasceram príncipes, basta para elevá-los na sua consciência acima do comum dos seres?

Por uma surpreendente fortuna, que ninguém ousaria esperar, sucede que o terreno foi preparado como se o houvesse sido expressamente. A criança que lhe entregam não imagina que possa ter outra vontade que não seja a de seu pai; sabe que o seu destino será sempre subordinado aos interesses da sua casa, que a sua pessoa está destinada a servir de sanção em algum tratado, e foi educada por forma que sofrerá sem repugnância, quase sem consciência, o marido, qualquer que ele seja, que a política lhe impuser.

É para esse emprego que ela foi formada desde a sua primeira infância.

Ensinaam-lhe uma infinidade de línguas: o alemão, o inglês, o turco, o boémio, o espanhol, o italiano, o francês, até mesmo o latim, pois ignora-se para onde o seu destino a levará. Quanto mais extenso é o seu vocabulário, quantas mais palavras diversas ela conhece para exprimir a mesma ideia, menos ideias tem; o que é convenientíssimo também!

Impeliram-na para as artes agradáveis, música e desenho. que constituem uma ocupação decente e elevada para as princesas ociosas, qualquer que seja o país para onde vão.

Restringiram-na ao exercício literal da religião, confinando-a em práticas minuciosas, mas preservando-a de discussões sobre os dogmas, porque pode ser que o marido esperado seja pelo menos cismático.

Quanto aos costumes, um mistério cuidadosamente aumentado: a arquiduquesa deve ignorar que na natureza existam seres de sexos diferentes. Com precauções que só lembram aos casuístas da grande escola espanhola, embrenharam-se, para lhe pouparem a inocência, em tais refinamentos pudicos, que estes se tornaram quase obscenos. Nas capoeiras, só galinhas, nada de galo; nem um canário nas gaiolas, só canárias; nos quartos, proibidos os cãesinhos, cadelinhas apenas. Os livros — e que lamentáveis livros! — são todos expurgados, tesoura na mão; páginas, linhas, até mesmo palavras cortadas, sem que passe pela ideia de quem as cortou que, diante daqueles buracos, as arquiduquesas meditam. É verdade que uma governanta, uma aia, uma grande dama de companhia, encurtam a rédea aos devaneios. É esta que dá ordens nos aposentos, que assiste às lições, que dirige os brinquedos, que vigia as criadas e as mestras. Nem de dia, nem de noite, abandona a sua discípula. Como este cargo passa por ser um dos maiores da corte e anda ligado à política, a titular muda quando os ministros caem: Maria Luísa teve cinco governantas em dezoito anos; mas a educação está regulada por leis tão severas e tão estritas que, através de todas as mutações de pessoal, só ela fica sempre da mesma maneira.

Quanto a divertimentos os mesmos que há num convento: flores a cultivar, pássaros a tratar, uma vez por outra uma merenda em cima da relva com a filha da governanta. Nos dias de saída, uma intimidade familiar muito doce, mas muito burguesa, com velhos tios que fazem pintura ou música. Nenhuma *toilette*, nem joias, nem bailes, nenhuma participação nas honras da corte, apenas algumas viagens para as Dietas. O que mais acentuado permaneceu na memória de Maria Luísa, o que mais a distraiu, foram as suas fugas diante das invasões francesas: a disciplina perdia então a sua regularidade e havia descanso nas obrigações e férias nos exercícios.

Assim, não é uma mulher que entregam a Napoleão, é uma criança vergada a uma regra tão severa, tão uniforme e tão apertada, que toda a disciplina será comparativamente doce, e o mínimo prazer será um gozo novo.

Mas se a educação assim comprimiu nela a natureza, não será para recluir que a natureza queira tirar a sua desforra? Foi esta a educação que receberam as filhas de Maria Teresa, e viu-se, na

prática, Maria Antonieta, em Versailles, Maria Carolina, em Nápoles, Maria Amélia, em Parma. Isto não sofre dúvida; mas Napoleão supõe que os maridos é que foram os culpados, e para si próprio formou o seu plano. A colegial que ele vai receber passará simplesmente do convento de Schoenbrunn ou de Luxemburgo para o convento das Tulherias ou de Saint-Cloud. Apenas haverá a mais o marido. Não de ser as mesmas regras inflexíveis, o mesmo rigor de vigilância; nenhuma visita masculina que seja permitida, a aia substituída por uma dama de honor, e quatro *mulheres vermelhas*, perpetuamente de guarda, duas às portas, duas no quarto, noite e dia, como sentinelas em frente do inimigo.

Assim, visto como na qualidade de marido se sente obrigado a ensinar a sua mulher o que toda a educação dela teve por fim ocultar-lhe, suprirá essa ignorância protetora por meio das precauções materiais: nenhum homem, por mais elevado ou por mais baixo que esteja colocado na escala social, ficará jamais sozinho, um instante que seja, com a imperatriz.

Em torno dela a antiga etiqueta do tempo de Luís XIV, a etiqueta afrouxada pela indiferença de Luís XV e pela fraqueza de Luís XVI, renascerá completamente. Mas, onde a realeza velava as suas desconfianças sob a aparência de honras tradicionais, empregando as maiores damas do reino em vigiar a rainha com o pretexto de lhe fazer companhia, Napoleão colocará a nitidez impiedosa das suas determinações militares, e acusará o rigor delas incumbindo de aplicá-las viúvas ou irmãs de soldados.

Não é ciúme, porque ele não conhece ainda a mulher para quem está preparando estas leis: é prudência e precaução. Foi ele quem disse no Conselho de Estado: «O adultério é uma questão de canapé», e está convencido, talvez por experiência, que todo o colóquio a sós entre homem e mulher pende facilmente para o lado pecaminoso. Com uma tal desconfiança das mulheres, deve achar muito a seu gosto o sistema adotado pelos orientais. Se não pode, porque essa moda não é do Ocidente, encerrar sua mulher num harém, substitui os eunucos pelas *mulheres vermelhas*, e as grades e gelosias pela etiqueta. Excetuando o nome, a prisão é a mesma. É verdade que, aceite a prisão, o seu intento é dar, no interior dela, a sua mulher, todos os gozos materiais que ela puder desejar: tanto pior se estes forem em todos os pontos semelhantes aos que ofereceria um sultão a uma odalisca favorita!

Em Viena, Maria Luísa ignorou sempre completamente o que eram vestidos elegantes, rendas preciosas, xales raros, roupas brancas de luxo: aqui terá, contanto que nenhum mercador de modas se

aproxime dela e que as escolhas sejam feitas pela sua dama respetiva, tudo quanto a indústria francesa produzir mais novo e mais caro. Dá-lhe um antegosto disso por meio do enxoval e dos presentes que lhe envia, e que ele viu pessoalmente artigo por artigo, sendo tudo empacotado e encaixotado na sua presença.

São as doze dúzias de camisas de irlanda fina guarnecidas de bordados, de rendas e de valenciennes, que custam 19.386 francos; as vinte e quatro dúzias de lenços que ele paga por 10.704 francos; as vinte e quatro camisolas de 9.060 francos; as trinta e seis saias de 6.354 francos; as vinte e quatro coifas de dormir de 5.652 francos; e os fichus para a noite, os penteadores, os fichus para de manhã, os vestidos (um de 5.000 francos a ponto de agulha) e até as toalhas do lavatório, os lençóis de banho, e finalmente a própria roupa para serviço da *garde-robe*. E ainda 94.666 francos de roupa branca fornecida por *mademoiselles* Lolive e de Beauvry.

Depois, são 81.199 francos de rendas (há um xaile de Alençon de 3.700 francos, um vestido de renda de Inglaterra de 4.500 francos, um de 4.800, um de 8.000!); são os 64 vestidos de Leroy, pagos por 126.976 francos, e os dezassete xailes de caxemira, pagos por 39.860 francos; são doze dúzias de meias, e destas há-as desde 18 francos até 72 francos o par; são sessenta pares de sapatos e de borzequins, de todas as cores, de toda a espécie de estofos, fabricados por medidas enviadas de Viena, e tão pequenos todos, que Napoleão, fazendo-os rodar na ponta dos seus dedos, declara-os de «bom agouro».

Todas as elegâncias, todas as raridades, todas as riquezas desse Paris que, por todo o mundo, rege o gosto e dá a moda, estende-as ele a seus olhos: em enfeites, em nadinhas, gasta 411.736,24 francos. E todos os anos, ela terá quase outro tanto, visto como, só para a sua *toilette* lhe serão dados 30.000 francos por mês, para gastar como quiser: 360.000 francos por ano.

Em Viena, tinha ela apenas algumas pobres joias que uma burguesa de Paris haveria desprezado: braceletes de cabelo, um adereço de pérolas pequenas e um de pedras verdes, o escrínio de uma princesa arruinada. Em Paris, terá diamantes como nunca nenhuma soberana os teve: aqueles treze diamantes rodeando o retrato do imperador, e que custaram 60.000 francos; um colar de 900.000 francos; dois peitorais de pingentes, de 400.000 francos; um grande adereço, mais rico ainda, composto de um diadema, um pente, um par de brincos, um colar de dois fios, e um cinto: um adereço em que entram 2.257 brilhantes e 306 rosas! Terá um adereço de esmeraldas e brilhantes de 289.865 francos; um de opalas e brilhantes de 275.953

francos, um de rubis e brilhantes, um de turquesas e brilhantes, sem contar o adereço de diamantes fornecido pelo tesouro da Coroa, e que é avaliado em 3.325.734 francos.

Na Áustria, os aposentos que ela habitava eram os mais simples que se podiam ver: em França tê-los-á em que o próprio imperador ordenou e pessoalmente superintendeu na ornamentação, a qual ele fez inteiramente forrar e mobilar de novo para que nada recordasse ali a antiga moradora; aposentos que, em qualquer palácio que ela vá residir, encerram os mesmos pequenos móveis de uso quotidiano, a fim de encontrar em toda a parte atendidos os seus hábitos e ter sempre à mão os mesmos objetos. Foi ele mesmo quem presidiu às escolhas e aos lugares. Está tão orgulhoso com isso, que convida cada um dos seus hóspedes a visitar as novas instalações. Nas Tulherias, com o rei e a rainha da Baviera, mete-se pela escadinha escura que vai do seu gabinete para o quarto da imperatriz — a escada é tão apertada que o rei, muito ventrudo, só a grande custo pôde descê-la de lado; — quando chegam ao fim dela, sempre às escuras, encontram a porta fechada, e as três majestades têm de fazer meia volta, para tornarem a subir, não sem esforço, em ordem inversa. Em Compiègne, é ainda ele quem faz à rainha de Westphalia as honras daquele gabinete de banhos mobilado e forrado de caxemira das Índias, 400.000 francos de caxemiras!

Pela forma como foi criada, as governantes, com a ideia de lhe não deixarem estragar o estômago, proibiam-lhe as gulodices: como porém ele sabe que ela é gulosa à semelhança de todas as vienenses, que a toda a hora comem bolos e tomam café com leite, muda, para comprazer com ela, os regulamentos da sua mesa, na qual multiplica os *bombons*, os *petits fours*, e prevê uma merenda completa de confeitaria.

É generosa, e até aí não pôde dar coisa alguma que não fossem as pequeninas obras feitas por suas próprias mãos. Agora poderá encher de presentes seu pai, seus irmãos, suas irmãs, sua madrasta, e toda a sua gente, e mandar-lhes todos os anos para mais de 200.000 francos de objetos de Paris: *toilettes*, porcelanas, livros, móveis, bugigangas. Ele próprio, antes dela chegar, já deu o sinal.

Ela não pode saber se gosta de espetáculos, porque foi coisa onde nunca a levaram: mas não seria do seu tempo nem do seu país se não gostasse. Terá, portanto, espetáculos, música ou comédia, tantas vezes quantas quiser, quer vá em companhia dele aos teatros, quer sejam os atores que vão representar ao paço. E que mais? Tudo quanto ela quiser: cães, pássaros, mestres de música, de pintura ou de bordado,

todas as estampas, todas as curiosidades, tudo, contanto que se dobre à disciplina do harém e que aceite aquela vida, de resto tão semelhante à que ela até aí levou. Não sairá senão para as grandes cerimónias civis e religiosas, para os grandes bailes, os espetáculos, os círculos, as caçadas, as vilegiaturas, as viagens de aparato. Então aparecerá altiva, quase hierática sob o seu trajo de corte carregado de diamantes, guardada pelo seu cortejo de damas e de oficiais, avistada de longe e de baixo pelos povos, como um ídolo.

Por esta forma lhe adorna ele as grades e lhe enfeita a prisão; assim imagina conservá-la criança divertindo-a com brinquedos; assim lhe regula ele minuciosamente a vida para que ela passe sem abalo do estado de arquiduquesa cativa em Schoenbrunn para o estado de imperatriz cativa em Paris; assim lhe assegura ele a obrigação da sua fidelidade e pretende colocar a esposa de César acima e fora da suspeita. E se assim procede e com esse rigor, não é tanto por ser marido como por pensar na sua paternidade próxima e preparar-se para o seu papel de fundador de dinastia. A mulher que ele assim fecha sob a vigilância de quatro *damas vermelhas* tem, no seu entender, esta missão especial, pode dizer-se única, de ser mãe por intermédio dele. É o molde destinado a receber e a desenvolver o gérmen dinástico, e é a assegurar, a demonstrar a legitimidade da filiação desse gérmen, que tendem todas essas precauções. Napoleão não é tão desarrazoado como parece, pois a doutrina monárquica está ali toda inteira.

De que Maria Luísa venha a ser mãe, não duvida ele. As suas informações a esse respeito são tomadas com a última minúcia. Além de ser «perfeitamente formada», tem bons exemplos na sua família. A mãe dela teve treze filhos, a avó dezassete, a bisavó vinte e seis. É bem esse, como ele dizia a Champigny, «o ventre» que ele pretendia desposar. Na parte que lhe respeita está tranquilo. Tem no seu ativo duas experiências autênticas e toda a desconfiança nervosa está dissipada. Venha, pois, agora, e venha quanto antes, aquela que vai assegurar a sucessão do seu trono e ganhar o futuro para a sua raça!

Mas agradar-lhe-á essa mulher? Poderá ele desejá-la fisicamente, e com que espécie de desejo? De Viena, mandaram-lhe o retrato dela: é uma rapariga de compridos cabelos loiros, divididos na testa em grossos tufos pendentes; a testa bastante alta, olhos de um azul de faiança, rosto assinalado de bexigas e salpicado de vermelho; nariz um pouco cavado na origem, beiços grossos, queixo pesado e saliente, dentes brancos, bastante separados e saídos para a frente, peito bonito, mas forte de mais, e completamente de ama de cria; ombros largos e brancos; braços magros, mãos muito pequenas, pés

encantadores. É alta bastante para mulher: cinco pés e duas polegadas (1,64 m), — menos alta que ele apenas quatro linhas (9 milímetros). Pode dizer-se uma bela mulher, porém sem graça, nem flexibilidade, nem encanto. Tudo isso se pode adquirir, pensa ele, bem como a elegância e a naturalidade. A altura é até uma coisa que lhe não desagrada e em que acha um certo quê de imperial. O que ele pretende acima de tudo, é que ela seja bem da sua raça. Quando Lejeune, o ajudante de campo de Berthier, chega a Compiègne, precedendo de alguns dias a imperatriz, Napoleão manda buscar o retrato que recebeu de Viena e interroga Lejeune, o qual, por fortuna, é tão pintor como soldado, sobre todos os pontos da semelhança. Lejeune mostra então um perfil que ele desenhou à vista e Napoleão, imediatamente, exclama: «Ah! Cá está o beijo austríaco!» E toma de cima da mesa, onde estão empilhadas, medalhas dos Habsburgo, e comparando os perfis, extasia-se. Aquela é bem a mulher que ele desejava, é a imperatriz!

Tão depressa a negociação está concluída, tão depressa vê o seu sonho a ponto de realizar-se, estremece com impaciência de possuí-la. Debalde, para distrair os seus pensamentos corre ele a cavalo, todos os dias, dez a quinze léguas caçando a fundo: aquela ideia não o larga; fala nisso a todos, quisesa que os preparativos da receção se concluíssem antes de se terem começado. Se, no Louvre, para a instalação da capela no Grande Salão, lhe objetam não saberem onde pôr os imensos quadros: «Pois bem! — responde ele, — o remédio é queimá-los.» Preocupa-se — ele! — com o efeito que produzirá; manda fazer a Léger, o alfaiate de Murat, um fato de corte inteiramente coberto de bordados, que o incomoda a ponto de não o querer. Manda vir um sapateiro novo para os seus sapatos serem mais finos: quer aprender a valsar e rala-se imenso com isso. Como escreve Catarina de Westphalia a seu pai, «são coisas que nenhum de nós seria capaz de imaginar».

E à medida que o cortejo da imperatriz, saindo de Viena, chega à Alemanha, depois a França, a sua impaciência aumenta. Quer possuir a mulher: muito mais do que a mulher, o que a mulher representa. Para cada uma das cidades onde, segundo um itinerário que ele fixou hora por hora, Maria Luísa para, expede escudeiros, pajens, camaristas, com cartas, flores, caça morta por ele. De cada uma, espera cartas da imperatriz, cartas de Berthier, cartas de sua irmã Carolina, a qual lhe conduz sua mulher, cartas das damas, dos escudeiros, dos prefeitos. Recebê-las-ia dos pajens, dos lacaios e dos postilhões.

Por fim já não pode mais. Maria Luísa pernoitou em Vitry a 26 de

março. A 27, deve estar em Soissons; só a 28 é que deve ter lugar a entrevista. O cerimonial para esta já está impresso. Está construído e atapetado o pavilhão onde devem encontrar-se um com o outro os esposos por procuração. As tropas receberam as ordens precisas. Estão preparados os banquetes. As cidades de trânsito em expectativa. Mas que importa! A 27, de manhã, parte de Compiègne com Murat, sem escolta, sem comitiva, debaixo de chuva. E vai esperar para debaixo do pórtico da igreja de Courcelles.

Eis que chega enfim a grande berlinda a quatro parelhas, para fazer a muda. Napoleão aproxima-se. O escudeiro de serviço anuncia-o. Carolina apresenta-o. Desce o estribo. O imperador, completamente molhado, salta para dentro da carruagem. E partem. Não param nas aldeias e vilas onde as autoridades estão a postos, de discurso na mão: não param nas cidades em festa onde o jantar arrefece, o excelente jantar que Bausset encomendou. E sem terem comido nada, depois das nove horas da noite, chegam a Compiègne; o imperador abrevia os discursos, as apresentações, os cumprimentos. Conduz Maria Luísa para o seu pequeno quarto do interior.

Aí, tem ela de lembrar-se da lição que seu pai lhe fez à despedida «ser inteiramente de seu marido e obedecer-lhe em todas as coisas...»

No dia seguinte, ao meio-dia, manda que lhe sirvam o almoço junto da cama da imperatriz, pelas mulheres empregadas no serviço desta. E, nesse dia, diz a um dos seus generais: «Meu caro, casa com uma alemã. São as primeiras mulheres deste mundo, meigas, boas, ingênuas e frescas como rosas.» Pensa ele, porventura, que vão ficar espantados de o verem ter tomado tanto a sério o casamento por procuração, e não ter esperado as cerimónias que se vão seguir? Se pensa, tem já pronta a justificação: «Henrique IV, diz ele, fez exatamente o mesmo» e isso responde a tudo.

II.

«Eu não tenho medo de Napoleão, diz Maria Luísa a Meternich três meses depois do seu casamento, mas principio a acreditar que ele tem medo de mim.»

Teriam sido, portanto, amplamente suficientes esses três meses, para dissiparem aquela terrível angústia que, desde Viena a Compiègne, a havia empolgado a ponto de lhe perturbar todas as suas funções e para mudar inteiramente os papéis? Mas como admiti-lo? Teria ele medo, ele, de uma rapariga de dezoito anos, a quem possuiu sem cerimónia, à hussardo, na própria noite em que ela chegou e dispensando todas as cerimónias do Estado e da Igreja? Sem dúvida! Isso foi o movimento impulsivo, e quanta mais timidez e embaraço existe no seu fundo, mais inclinado o vemos a mostrar-se brutal. Não era tanto a mulher o que ele quis possuir, como o que representava a mulher. Os sentidos entravam por bem pouco no seu desejo; mas esse desejo era aquecido pela ambição toda inteira. Ter essa mulher, era o impossível, o irrealizável, e foi por isso que se apossou dela imediatamente, logo que pôde, como se receasse que ela lhe fugisse. Foi assim que ele procedeu noutras circunstâncias, no Cairo e em Varsóvia, onde se não tratava de uma tal desposada, onde o desejo não era senão físico.

Mas quase imediatamente depois, a reacção opera-se. A mulher que ele tomou toma-o por sua vez e apodera-se dele. Os sentidos que, ao princípio, quase que não desempenham nenhum papel, dominam agora. Quer ser amado, teme não o ser ou não o parecer.

Não se contenta já com a carne que conquistou ou que possui, quer o espírito também e que essa mulher confesse, proclame que é feliz por ele. Nas Tulherias, uma manhã, manda chamar Meternich e fecha-o com a imperatriz; passada uma hora, abre a porta, e entra rindo: «Então! — pergunta ele, — têm conversado muito? A imperatriz tem dito muito mal de mim? Tem rido ou tem chorado? Eu não quero saber. Isso são segredos entre os dois.» O que não impede, logo no dia seguinte, de interrogar Meternich, e como o outro se defende de lhe responder, invocando as próprias palavras do imperador: «A imperatriz não tem que formular uma queixa; espero que o mande dizer ao seu imperador, e que ele o há de acreditar mais do que a

qualquer outro.»

Em verdade, quando toma assim as suas testemunhas, rompendo desta forma para eles a clausura, não é o imperador Francisco, que ele pretende tranquilizar, é a si próprio. Quer convencer-se que sua mulher se lhe entregou inteiramente, que não conserva pensamento reservado, que se compraz na vida muito burguesa, como ele diz, que lhe faz passar e que por conseguinte, ele há de encontrar junto dela a felicidade doméstica a que aspira.

Contudo, essa mulher, desde a mais tenra infância, sentiu e partilhou contra ele a animadversão ambiente. A sua «mamã» contou-lhe, quando ela tinha seis anos, que *Monsignore Buonaparte, el Corsicano*, tinha fugido do Egito, desertando do seu exército, e que se fizera turco. Ela acreditava firmemente que ele batia nos seus ministros, e que tinha morto por suas mãos dois dos seus generais. O ano mesmo que precedeu o seu casamento — esse ano que viu Eckmuhl, Viena bombardeada, Essling e Wagram — teve-o ela como o último que o mundo tinha de viver, e Napoleão era o *Anticristo*. «Devorar-me-ia a cólera — escrevia ela depois de Znaym, — se eu tivesse de jantar com um dos seus marechais.» Quando o divórcio rebentou, ela não admitiu nem por um momento que se pudesse tratar da sua pessoa. «O papá — dizia ela, — é tão bom para mim que não seria capaz de constranger-me num ponto de tal importância.» Lastimava simplesmente a pobre princesa que ele escolhesse, «pois tinha a certeza que não seria ela quem havia de ser a vítima da política.» Quando tomou corpo a notícia do seu casamento: «Orai por mim», escrevia ela a uma amiga da infância. E acrescentava: «Estou pronta a sacrificar a minha felicidade particular ao bem do Estado.» Perguntaram-lhe o seu parecer, mas unicamente por formalidade. As arquiduchessas não têm opinião senão a de seu pai. Resignou-se; mas Napoleão não deixou por isso de se apresentar à sua imaginação à maneira de um ogre dos contos de fadas. Pense-se bem: o homem da Revolução, aquele que por quatro vezes tinha derrotado, desmembrado o seu país, que duas vezes tinha entrado em Viena como conquistador, que tinha obrigado o imperador seu pai, a *Sagrada Majestade Imperial!* a ir ao seu bivaque mendigar a paz, todos os seus sentimentos de aristocrata e de patriota, de princesa e de filha, o que há de mais sagrado na alma humana e o que é mais vibrante no orgulho nobiliário, tudo devia fazer-lho detestar.

Mas logo que ele a desposou, já se não sabe bem se ela pensa o mesmo, de tal modo a educação que recebeu a torna semelhante a um autómato, e o estreito cérebro lhe segrega poucas ideias, e o temperamento, logo desde os primeiros dias, acorda nela imperioso e

a domina. Pode perguntar-se se Napoleão não tem razão quando parece crer que Maria Luísa, se houvesse experimentado alguma repugnância contra o seu casamento, seria puramente no físico. «Tinham-lhe sempre dito, conta ele, que Berthier era, pela figura e pela idade, o meu retrato exatíssimo. Ela deixou escapar, que encontrava neles uma feliz diferença.» Está, por conseguinte, lavado e desvanecido todo o passado, pelo facto dessa arquidquesa se haver tornado fisicamente sua mulher, e fisicamente não lhe ter desagradado o marido? Quem sabe? Por inverosímil que a coisa pareça, com Maria Luísa é provavelmente verdadeira.

Por isso, Napoleão empenha-se em provar-lhe que é e que persevera em ser bom marido. Desde o consulado que deixara de fazer alcova comum com Josefina, pretextando as suas ocupações e o seu trabalho; na realidade para assegurar a sua liberdade. Se Maria Luísa o exigisse, ele voltaria à prisão, porque, diz ele, «é o verdadeiro apanágio, o verdadeiro direito de uma mulher;» mas, ao passo que ele, friorento nos quartos, conserva o lume neles quase tanto de verão como de inverno, ela, criada sem esse costume, à vontade, nos imensos e glaciais palácios dos arredores de Viena, não pode suportar o calor. Muitas vezes, ele, com ternuras de marido moço, diz-lhe: «Luísa, vem dormir comigo» e ela, com o seu duro sotaque de alemã, responde: «Faz lá muito calor.» Quando, descendo ao quarto de sua mulher, ele ordena que se acenda o fogão, a imperatriz, entrando, ordena que o apaguem «e, como sua majestade está nos seus aposentos», as *mulheres vermelhas* obedecem e o imperador, que tem frio, vai-se embora.

Isto dar-lhe-ia facilidades para ser infiel, mas não pensa em tal, ou, se pensa, esconde-se como um devedor que fizesse bancarrota. Sem dúvida, em 1811, parece que dá alguma atenção à princesa Aldobrandini-Borghese, *mademoiselle* de La Rochefoucauld, que ele casou com 800.000 francos de dote, com o cunhado de Paulina, e a quem acaba de nomear dama do Paço. Mas são apenas a mocidade, a elegância, o donaire, da gentil princesa, que o impressionam. — Pelo menos assim se pode crer. — Parece também distinguir a duquesa de Montebelo, dama de honor da imperatriz, e disso se faz escândalo nas correspondências privadas, mas não há nada menos certo, e, de facto, a duquesa não parece nada tê-lo em agrado. O que ele se permite, são na realidade aventuras inteiramente obscuras, cuidadosamente dissimuladas e de que ninguém fala porque ninguém as conhece. Em Caen, durante a viagem da Normandia, um encontro — seria o primeiro? — com madame Pellapra, mulher do recebedor geral de Calvados, o Pellapra do processo Teste-Cubtères. Encontrá-la-á em Lyon, outra vez, em 1815, no regresso da ilha de Elba, e então os

panfletários macularão ao despique «madame Ventre-liso». Em Saint-Cloud um encontro passageiro com uma tal Lise B..., uma espécie das leitoras de outrora, mas nenhuma ligação, quando muito três ou quatro entrevistas em particular. E está dito tudo. [11] A sua fidelidade é de tal modo autêntica, que ele deixa agora ver a todos o quarto reservado que, em Compiègne, abrindo por uma porta disfarçada para o corredor onde são os quartos das damas convidadas, comunica com o quarto dele por uma escada furtada e que, antigamente, recebia as visitantes de boa vontade.

Faz mais ainda: sabe ou crê saber que Maria Luísa pode recluir-se das suas visitas a Malmaison ou à rua da Vitória. Estas últimas conservam-se de tal modo misteriosas, que ninguém, por assim dizer, tem delas conhecimento. Aquelas, menos frequentes de ano para ano, à medida que Josefina lhe dá, pela sua conduta, mais motivos de descontentamento, são também secretas, e ele tem o cuidado de recomendar aos oficiais, que não falem delas: «Isto — diz ele, — incomodaria minha mulher». A idade agora, — pois já passou os quarenta — extinguiu naturalmente certos ardores. Depois, sua mulher, rapariga nova, com a pele fresca, o corpo leitoso de vienense apaixonada e ingénua, agrada-lhe fisicamente, — agrada-lhe mesmo de mais, em excesso, diz Corvisart. A fidelidade explica-se. Mas para isto muda completamente a sua vida. Da sua adolescência pobre, solitária e melancólica, ficou, comprimido nele, muito tarde, um gosto pelas brincadeiras de mãos, pelas gaiatices ruidosas e ativas. Foi uma coisa que não saiu no tempo próprio, e que irrompe agora. Para isso, os seus quarenta e um anos acham-se mesmo emparelhados com os dezoito de Maria Luísa: é mais criança do que ela, com uma espécie de paixão por divertimentos de colegial. Ei-lo a cavalo, correndo em perseguição dela pelas alamedas e tabuleiros de Saint-Cloud. O cavalo esbarra, o cavaleiro cai, levanta-se rindo e gritando: *Toma cuidado!* Ei-lo agora, fazendo reviver as partidas de barras de Malmaison, jogando a bola ou o jogo das escondidas. À vida de claustro que lhe prepararam, e que ela aceitou, apenas propôs uma alteração: quis montar a cavalo, fantasia usual nas princesas de Lorena, logo que se libertam da tutela maternal. Maria Antonieta fez o mesmo, e todos se lembram das objurgações de Maria Teresa. Napoleão não quer deixar a outro o cuidado de ser mestre de picaria. É ele quem senta a imperatriz no selim e, segurando o cavalo pela rédea, corre ao lado dela. Quando a aprendiz tem adquirido já firmeza, todas as manhãs depois de almoço, manda que lhe tragam um dos seus cavalos, cavalga-o sem mesmo ter tido tempo de calçar as botas e, na grande alameda, onde, a cada dez passos está um moço de cavalaria, de plantão para acudir a alguma queda, corre ao lado de sua mulher, em

meias de seda, divertindo-se nos tempos de galope com os gritos que ela dá, excitando os cavalos para os fazer correr, caindo ele mesmo mais vezes do que o seu desejo. À noite, em pequena reunião, anima os jogos de sala: a *Cabra Cega*, sob todas as suas formas, as *Tesouras cruzadas*, a *Chave do Castelo*, todos os jogos com penitências florescem então, e deles se fazem volumes. Joga, tal qual como os outros, porém com medíocre paciência e não se submetendo a ser, segundo o capricho das damas, *Ponte de Amor*, *Cavalo de Aristóteles*, *Rei de Marrocos* ou *Porteiro do Convento*.

Maria Luísa, até aí, não tinha mais do que um talento de sociedade, e nele tinha orgulho: era o de mover a orelha, sem mexer nenhum músculo da face. Talento insuficiente. Agora, joga o bilhar, pelo qual tomou paixão, e provoca o imperador, o qual se desempenha tão mal que, para adquirir mais alguma força no jogo, pede lições a um dos seus camaristas.

E sempre, quer ela pretenda desenhar o perfil de seu marido — o qual se presta a *posar* para ela, quando o não faz para nenhum pintor; — quer se sente ao piano e toque, para ele ouvir, sonatas alemãs de que ele gosta pouquíssimo, ou quer lhe mostre os seus trabalhos, o boldrié ou o cinturão que ela lhe está bordando — ou que antes, está bordando a mestra de bordado, madame Rousseau — ele conserva-se atento, ocupado com ela, procurando alegrá-la, diverti-la, «a sua boa Luísa Maria», e com o seu burguês tratamento de *tu* espanta aquela corte agora toda aprumada, onde os maridos do *faubourg Saint Germain* se abstêm de tratar por tu as suas mulheres.

Estes hábitos não são de natureza a contrariar Maria Luísa. Depressa se acostuma a eles, retribuindo a seu marido tu por tu, dando sobrenomes íntimos de amizade a suas cunhadas, chamando a sua sogra *mamã*; porém tudo com uma condição: que seu marido não a deixe e esteja ali sempre às suas ordens. E ele submete-se.

Ele que, até aqui, regulou a sua existência pelas suas ocupações, vê-se constrangido agora a conciliar — muitas vezes a sacrificar — as suas ocupações aos gostos, aos desejos, às vezes aos caprichos de sua mulher. Tinha o hábito de almoçar só, rapidamente, a um canto da mesa, quando os seus negócios lhe permitiam pensar nisso. Agora, — pelo menos durante os anos de 1810 e 1811, porque depois liberta-se — é um grande almoço a hora fixa com sua mulher, um almoço ao qual se serve um caldo, três entradas, um assado, dois guisados, quatro doces de cozinha e uma sobremesa completa, em vez dos quatro pequenos pratos que até aí era costume apresentarem-lhe.

Nas viagens (e, de 1810 a 1812, há cinco grandes viagens na Normandia, na Bélgica, na Holanda, pelo Reno e a Dresden) não é ela, como outrora Josefina, que espera o imperador, é o imperador que a espera. Nunca está pronta nem para a caça, nem para as refeições, nem para o teatro, e ele faz pacientemente a sua sentinela, contentando-se, como em Fontainebleau, em cantarolar enquanto zurze com o chicote a areia do pátio.

Não admite que ele se afaste, e efetivamente ele não se afasta, qualquer que seja a necessidade que haja dele ir a Espanha tomar em pessoa o comando dos seus exércitos. Todos os dias queria partir. As suas equipagens estão completamente prontas na fronteira. Pois aí ficarão até aos últimos dias.

Na caça gostava das longas batidas, das correrias à aventura, a toda a brida, a faltar-lhe a respiração, o que, depois dum trabalho assíduo e prolongado, lhe ativava muito o sangue. Agora, como ela se não dispensa de acompanhar todas as caçadas, como não quer voltar fora de horas para estar sempre em casa à hora das refeições — a sua grande preocupação — já não caça, passeia de modo que as caleches possam acompanhar e que o jantar não arrefeça.

Não é só um marido fiel, é um marido galanteador, um marido apaixonado, e espreita as ocasiões de ser agradável. Que ele seja generoso, que ofereça a sua mulher, por consoadas, um adereço de rubis do Brasil de 400.000 francos quando ela desejava apenas um de 46.000; que lhe dê depois do parto aquele colar de pérolas, de oito fios, contendo 816 pérolas e custando 500.000 francos, que serão roubados a Blois, isso é apenas imperial; mas, o que mostra o amante no marido, são os braceletes com datas, com nomes em pedras de cores ou diamantes, são os estojos, as caixas, os medalhões onde, sob todas as formas, Napoleão acha modo de colocar a sua efígie. E não é ela quem proclama este amor quando incumbe a Nitot rodear o retrato dela de pérolas finas e de pedras de cor, formando estas palavras: *Luísa, amo-te*, e manda pôr esse medalhão no escritório de seu marido?

Se ele não a amasse como a ama, não se impressionaria com a menor frase de jornal, com o menor verso que o apresenta como um pastor amoroso. Logo que vê impressa qualquer palavra que lhe parece fazer violar a intimidade do seu pensamento, ei-lo a toda a pressa dirigindo ao ministro da polícia uma carta fulminante na qual não contesta que a ama, mas onde proíbe que o digam.

Para atrair a ternura de sua mulher, desfaz-se em atenções com a família dela: ao imperador Francisco está a todo o momento enviando

presentes de livros e de gravuras; à imperatriz Maria Ludovica de Este, *toilettes*; às arquiduquesas e aos arquidukes, livros, móveis, vestidos, armas, brinquedos. Não se trata aqui dos presentes de Maria Luísa, a qual expede por cada correio montanhas de objetos, mas apenas dos do próprio Napoleão. Só duma vez, depois da entrevista de Dresden, em que a imperatriz da Áustria saqueou literalmente o guarda-roupa de sua enteada, são enviados a expensas do imperador, para toda a família de sua mulher, oito malas de utensílios, uma das quais custa 28.000 francos, dois relógios de ouro, nove xales, trinta e um vestidos em peças, vinte e seis vestidos feitos, trinta e dois chapéus e toucados: objetos que importaram em 122.642,70 francos.

Não há atenções nem mimos que ele não tenha na sua corte para o grão-duque de Wurtzburgo, tio de sua mulher, para Meternich, para Schwartzemberg, para tudo quanto é austríaco. «Enche-os de diamantes», é ele quem o diz, e nada é mais verdadeiro.

A prova melhor ainda que dá do seu amor, é que, sendo muito ciioso, não se atreve a ralhar. Nele, a desconfiança manteve-se total, apesar do tempo que tem decorrido, do amor que lhe testemunham e das precauções pelas quais a sua segurança devia estar tranquila e que ele conservou todas. Eis a prova: quando, perante a necessidade da guerra na Rússia, ele se vê obrigado a deixar sua mulher, dispôs as coisas de modo que por todos os correios receba um relatório circunstanciado de todos os passeios que ela dá, de todas as visitas que recebe, do modo como ocupa os seus serões; e este relatório é redigido por um subalterno que emprega papel ordinário, que escreve *Vildavre* por Ville-d'Avray; e sobre esse papel ignóbil, em frente dessas notas informes, ele, tão meticuloso em matéria de protocolo, lança, com o seu próprio punho, sinais de interrogação e de chamada. Eis pois o homem, e nenhuma prova poderia ser mais demonstrativa, não do seu ciúme, mas da sua contínua atenção. E contudo, se alguma coisa na conduta de sua mulher lhe desagrade, constrange-se, não ousa falar-lhe diretamente; procura encontrar um intermediário, que lhe leve as suas queixas. A imperatriz, passeando no parque de Saint-Cloud com a duquesa de Montebelo, consentiu que esta lhe apresentasse um dos seus parentes, a quem ela falou. No dia seguinte, de manhã, ao levantar, o imperador ordena ao embaixador da Áustria que se demore, conta-lhe a história, e como Meternich se desculpa de não compreender o fim da confidência: «É — diz lhe Napoleão, — porque eu desejo que fale nisso à imperatriz». Como o outro recusa, ele insiste: «A imperatriz é nova, diz ele, *poderia imaginar que eu estou disposto a mostrar-me marido indiferente*. O que lhe disser far-lhe-á mais impressão do que tudo quanto eu pudesse dizer-lhe».

Há mais ainda: se há uma amante que Napoleão tenha amado, a única, poder-se-ia dizer, que ocupou o seu pensamento, foi o poder. E esse poder, tão ardentemente recusado a Josefina que, por uma palavra em que ela *parece* falar de política, ele lhe inflige, pelo *Moniteur*, o mais cruel dos desmentidos; esse poder de que Napoleão é cioso a ponto que, nem aos seus mais velhos conselheiros, nem a seus irmãos, nem a quem quer que seja no mundo, ele consentiu em abandonar a menor sombra dele; em 1813, nas horas mais perigosas para o seu império, reparte-o com sua mulher. Estabelece solenemente Maria Luísa regente do Império: imperatriz, rainha e regente!

Sem dúvida, o abandono é mais aparente que real; nenhuma decisão grave deve ser tomada sem ele intervir; mas também não há dúvida que, na Rússia, tendo a sensação do desastre, a impressão de que podia lá ficar, e lançando-se, no regresso, em riscos maiores ainda, pretendeu assegurar, para o caso em que desaparecesse, a transmissão da sua coroa, e sendo-lhe preciso para isso despojar-se ainda, não hesitou em fazê-lo. Agora, os decretos são promulgados, em nome do imperador, pela imperatriz; pela imperatriz são concedidas as mercês, são assinadas as nomeações, são lançadas as proclamações. Agora, já não aparecem mais aqueles boletins pelos quais, desde 1800, ele, o senhor, fazia ouvir por toda a parte a sua palavra, anunciava e comentava as suas vitórias, distribuía a glória e dava conta das suas conquistas; é «Sua Majestade a imperatriz rainha e regente que recebeu do exército tais ou tais notícias». Os conscritos do ano funesto, são os conscritos dela: os Maria Luísa, como o povo lhes chama.

De cima a baixo da escala governamental, manifestam-se as fraquezas, preparam-se as defeições, as traições aparecem. É que ele já ali não está. O seu nome mesmo desapareceu. Aquele nome de Maria Luísa ninguém o teme. Não diz nada ao povo, não significa nada. Napoleão, porém, não volta atrás: aplaude-se daquilo que estabeleceu. Sua mulher sabe-o, ela só, mais do que Cambacérès, mais do que todos os Bonapartes reunidos. Quanto mais próxima está a catástrofe, quanto mais iminente é o perigo, mais ele se prende a este pensamento de que ela, só ela salvará tudo.

E, por acaso — porque da sua partida de Paris, e da capitulação, e do resto, não é ela responsável — por acaso, é por ela que tudo se perdeu. Escreve-lhe uma carta, em claro, não cifrada, na qual indica o movimento supremo que vai tentar contra os exércitos aliados. Esta carta cai nas mãos dos esclarecedores de Blucher, e Blucher dá-se pressa de depô-la, *deslacrada*, «aos pés da filha augusta de Sua Majestade o imperador da Áustria».

XVIII.

A ilha de Elba

Em toda esta confiança assinalada, ostentada, afirmada, foi Napoleão unicamente guiado pelo amor? Ou neste modo de proceder teve a política também a sua parte? Contava ele que o imperador da Áustria, encontrando pela frente sua filha e seu neto, desviaria os seus golpes, não ousaria e não poderia ferir? Com a imperatriz, posta assim em vedeta, preparava ele já, para o caso de revezes invencíveis, uma abdicação pessoal, que salvasse pelo menos a sua dinastia? Havia ele imaginado que os soberanos da Europa, encontrando, não já ele, mas uma das suas, e não das menos qualificadas, instalada naquele trono, hesitariam em derrubá-la, aceitariam e confirmariam a substituição que ele próprio tinha estabelecido e, em vez de lhe expulsarem o filho, se julgariam interessados em assegurar-lhe o reinado?

Para admitir estas últimas hipóteses seria preciso que já desde abril de 1813, antes de Lutzen, antes desta primeira campanha onde a todo o momento ostenta a confiança que tem na sua fortuna, Napoleão desesperasse dela. Que ele tivesse algum pensamento reservado com respeito à Áustria, que considerasse Maria Luísa como um penhor certo de aliança, que confiasse no laço de parentesco, que repousasse na boa fé de Francisco II, não na sua fé de imperador, mas na sua fé de sogro, admite-se e acredita-se.

Para surpreender, por instinto, uma conjuração tal como a que tinham formado contra ele os aristocratas da Europa, para adivinhar que aquela pobre rapariga, a quem haviam deitado no seu leito, era o isco preparado pela coalisão dos oligarcas para o atraírem à ratoeira, seria necessária uma perfídia da qual nenhum francês da revolução — a não ser Talleyrand, porque nem mesmo Fouché era capaz de tal, — teria sido suscetível. Seria preciso, para formar e concluir um tal desígnio, para coligar em torno daquele leito nupcial os ódios atentos de todas as velhas cortes, a profundidade de corrupção que se encontra somente nas sociedades aristocráticas, — as que estão habituadas por tradição e por educação a não experimentarem nenhum escrúpulo, as que estão decididas a não respeitarem outra lei

humana ou divina, que não seja o seu interesse, e que prosseguem no seu fim sem atentarem nos meios, parecendo-lhes que não há nenhum que desonre, — este menos do que qualquer outro, por ser nelas o mais usado: o amor. Não foi uma amante que se tratou de fornecer, mas uma esposa. Forneceu-se: o que importa se, completo o triunfo, tendo as rodas do carro passado por cima do ímpio que ultrajou a arca santa, se encontra nos eixos, carne pendente e cabelos loiros de arquiduesas! Se essa mulher sobreviver, dar-lhe-ão um destino e consolar-se-á. Se morrer, tanto pior! Nesse jogo arrisca-se tudo, quanto mais uma simples mulher...

Napoleão não teve nem sequer a menor suspeita. Nunca ele admitiu que sua mulher fosse cúmplice dos seus inimigos; e nisso tinha razão, porque tiveram cuidado de não a prevenir e ela desempenhava o seu papel, naturalmente, e portanto muito melhor do que se lho tivessem ensinado. Foi só muito mais tarde, em Santa Helena, e ainda assim não inteiramente, quer por lhe repugnar descer ao fundo destas coisas, quer por lhe ser desagradável elucidar esta causa máxima dos seus desastres, que Napoleão faz a ligação entre o seu segundo casamento e os acontecimentos que se lhe seguiram. «Era o abismo — repetiu ele, — que me haviam coberto de flores.» Mas, dir-se-ia ainda que não quer demorar-se em tal, que não lhe apraz afundar-se em tal abismo de impurezas. Parece que o seu intento é impedir que sua mulher e a lembrança de sua mulher sejam manchadas, que ela fique, perante a história, carregada com uma parte qualquer de responsabilidade no grande drama de que a sua inconsciência foi uma das molas principais e que, se o considerarmos com olhos não prevenidos, se apresenta como um drama de Ésquilo, largo, simples, naturalmente heroico.

Longe de querer mal a essa mulher, que o precipitou das alturas, à medida que cai delas, testemunha-lhe mais amor e mais confiança, como para consolá-la das decepções que lhe deve causar a agressão da sua pátria nativa, o levantamento de escudos de seu pai, o que ela deve considerar como uma traição dos seus para com ela própria. Nesse momento mesmo, não é porque ele duvide de si ou porque tenha incertezas sobre a sua fortuna: é próprio da sua natureza esperar mesmo contra a esperança, e muitas jornadas da campanha de França, são, por essa virtude dos fortes, irmãs da jornada imortal de Castiglione. É só completamente nos últimos dias que ele se vê constrangido a admitir esta hipótese: que o inimigo pode entrar em Paris, apoderar-se da imperatriz e do rei de Roma: seria um breve triunfo, porque a ocupação momentânea de Paris não muda nada ao plano estratégico que ele formou; mas não poderia suportar o pensamento que sua mulher e seu filho pudessem cair nas mãos do

vencedor. É para subtraí-los a tal insulto, que dá a José ordem formal de abandonar Paris, de fazer sair dali todos os elementos de resistência e todos os homens do governo. Compromete assim todo o seu edifício, porque Talleyrand sabe bem subtrair-se à intimação de seguir a corte. Todos os seus fios estão reunidos de longa data; preparou, junto do rei José, junto da imperatriz, na prefeitura do Sena, na polícia, por toda a parte, cúmplices sobre quem exerce uma influência inexplicável e que parecem ligados a ele por um pacto infernal. Com eles acaba, em 1814, a obra de traição que principiou a urdir em Tilsitt, em 1807.

Mas derrubar o governo do imperador com a ajuda e o apoio de quinhentas mil baionetas estrangeiras, não é senão metade da tarefa, que a si mesmo impôs o príncipe de Benevento. Não ficará satisfeito senão quando tiver quebrado os laços que ele próprio contribuiu para formar entre Napoleão e Maria Luísa.

O imperador crê que lhe restará a consolação suprema de ter junto de si sua mulher e seu filho. Se ele não intima formalmente a imperatriz a ir juntar-se-lhe em Fontainebleau, é por imaginar que as lágrimas dela terão algum poder sobre o imperador Francisco e que assim possa ser melhorado o seu futuro: mas juntar-se-lhe-á tão depressa ele tenha fixado a sua residência e o seu modo de viver; ela própria terá uma soberania, que pessoalmente lhe pertencerá, viverá particularmente com ele, que se resigna ou crê resignar-se a uma existência de pequeno príncipe; ela irá fazer-lhe companhia e, como o ama, «como ela amou nele menos o imperador do que o homem», a vida ainda poderá ser feliz para eles ambos, e para o seu filho que verão crescer.

Maria Luísa está completamente disposta a associar-se a estes projetos, a estes sonhos. Com certeza que ela ama seu marido e desejaria unir-se com ele, mas entre todas as almas que a rodeiam, por uma que se conserva fiel ao dever, quantas são vis e estão vendidas! Faz-se o vácuo em torno dessa mulher nova que nunca, desde a infância, teve o hábito de pensar por si mesma, que, desde que existe, vergada à disciplina, não conheceu senão quem lhe mandasse e não sabe senão obedecer. Tem a estender-se-lhe por cima, submetendo-a, a mão de seu pai. Ainda se debate e quer insurgir-se, porque o amor que tem a Napoleão é de força para lutar, no coração dela, mesmo contra o respeito filial. Esse amor, porém, encontra em Talleyrand o modo de o matar. Este tem junto de Maria Luísa uma mulher que é sua cúmplice, e que se pode contar entre as mais inquietas e mais políticas do seu tempo. Ignora o que sejam escrúpulos, e não sabe o que seja o reconhecimento. Galante na sua mocidade à maneira das italianas,

prefere ainda a intriga pela intriga e, de cada vez que pôde introduzir-se em qualquer aventura diplomática, sentiu-se no seu elemento. Dama do paço, não era daquelas que deixam o lugar e se retiram para suas casas. Tem mais que fazer: ficando quase só, junto de Maria Luísa, desmascara as suas baterias. Inspirada por Talleyrand, insinua primeiro, afirma em seguida, que Napoleão nunca a amou, que a enganou constantemente. Mas a imperatriz obstina-se. Então madame de Brignole manda chamar os dois criados de quarto que acabam de abandonar, em Fontainebleau, o seu amo e seu benfeitor, e faz-lhes dizer tudo quanto quer, as mentiras que eles combinaram com o sr. de Talleyrand. Ninguém ali para inspirar coragem, incitar energia àquela rapariga molenga, incapaz de resolução, em quem o temperamento desempenha o primeiro papel e que fica mais ferida e impressionada com aquelas infidelidades que lhe contam, do que aterrada pela queda do seu trono. Do mesmo modo que foi entregue em holocausto, moderna Ifigénia, e se deixou entregar, deixa-se libertar agora, quando a política desfaz, como disse Schwartzemberg, o que a política tinha feito. Não é trabalho para um dia: há de lutar ainda perto de um ano contra a Europa inteira empenhada contra ela, pondo em jogo todos os recursos para conseguir vencer o seu coração de rapariga. O orgulho, a vaidade, o ciúme, a inveja, tudo há de ser empregado e nada conseguirá triunfar senão quando por qualquer forma a tiverem constrangido a substituir o amor pelo amor, quando o pudico imperador da Áustria tiver obrigado sua filha a uma concubinação pública. Então toda a Europa monárquica aplaudirá e uma soberania será a recompensa do adultério.

Napoleão não tem absolutamente ideia de semelhante abjeção. De cada um dos passos que percorre na sua via dolorosa, escreve uma carta a sua mulher, como outrora quando avançava triunfalmente sobre o território da império à bulha dos sinos repicando em festa, dos canhões salvando, do exército e do povo formando alas na sua passagem e dos marechais do exército saudando-a com a espada. Ele, agora escoltado pelos comissários dos aliados, no meio dos gritos de morte dados em urros pela população comprada pelos Verdets, encaminha-se para aquela ilha que a Europa, no medo que ainda tem dele, lhe abandonou, que conta tirar-lhe qualquer dia, que lhe vai disputar já, o seu grande amigo, o ex-eleitor de Salzburgo, o ex-grão duque de Wurtzburgo, seu hóspede de Compiègne e das Tulherias, tornado agora grão-duque da Toscana como em 1797, no tempo em que o general Bonaparte se sentava à sua mesa. Mas aquelas cartas de outrora, frias e geladas pela etiqueta, dirigidas a uma desconhecida, como pô-las em paralelo com as que ele hoje escreve! Somente duas estão publicadas: duas cartas à «sua boa Luísa», à sua «boa Luísa

Maria.» Esquecendo tudo quanto sofre, não fala senão dos males e incômodos que ela padece; inquieta-se com a sua saúde, porque houve o cuidado de tornar bem assente que ela tinha muita necessidade de tomar as águas de Aix, o que é um meio de retardar a reunião, e, conscientemente ou não, Corvisart prestou-se deste modo a fazer o jogo dos inimigos do imperador. Mas tudo isto, bem como tudo o mais, Napoleão nem sequer o suspeita. Alegra-se com a dedicação de Corvisart, a quem, de Fréjus, dirige uma carta que, se é merecida, é para este o seu melhor título de glória. Longe de se opor à viagem a Aix, apressa-a e gostaria de vê-la concluída, para sua mulher se lhe juntar com mais brevidade. Se ela não pode ir imediatamente à ilha de Elba, com certeza que se dará pressa de se instalar em Parma, e a fim de aí lhe não faltar nada, envia-lhe, para sua guarda, um destacamento da sua cavalaria polaca, e para a sua cavalaria uma centena de cavalos de tração.

Apenas chega a Porto-Ferrajo, inquieta-se para organizar em cada um dos palácios — tristes palácios! — destinados para sua residência as acomodações para a imperatriz. Eis as de Porto-Longone, que constarão de seis divisões, as de Porto-Ferrajo, que terão a mesma extensão. E ativa os trabalhos, porque ela pode chegar de um momento para o outro. Espera-a para fazer queimar os fogos de artifício, para dar bailes, para fazer excursões, subordinando ao pensamento dela todos os pormenores de sua existência própria, a ponto que, ele, ordinariamente tão pouco habituado a publicar os seus sentimentos, ordena ao pintor que está restaurando o teto do salão, que represente «duas pombas presas por uma mesma fita, cujo laço se aperta à medida que elas se afastam».

É por isso que ele emprega um tal mistério em receber, no primeiro de setembro, a visita de madame Walewska. Esta vai a Nápoles reclamar junto de Murat a dotação que Napoleão lhe havia concedido sobre os bens que se reservara, e que Murat tratou imediatamente de confiscar; aproveitando a demora em Porto-Ferrajo solicitou uma visita ao imperador. Desde 20 de agosto que ele está instalado no Eremitério da Madonna de Marciana. É, numa floresta de castanheiros centenários, para onde os grandes calores o obrigaram a retirar-se, ao pé de uma capela bem construída, uma casa feita apenas de um rés do chão composto de quatro pequenas divisões. Os eremitas que Napoleão não quis desapossar estão instalados no subterrâneo. Para a comitiva, bem pouco numerosa, composta do capitão de gendarmaria Paoli, de Bernotti, oficial às ordens, de alguns mamelucos e simplesmente de dois criados de quarto, Marchand e Saint-Denis, levantou-se, debaixo dos castanheiros, uma barraca de campanha de grandes dimensões, perto de uma fonte que se perde num tapete de

musgo fresco inteiramente embalsamado de junquinhos, de heliotrópio, de violetas, de todas as flores silvestres. Não há cozinha; o imperador, para jantar, desce a Marciana onde está instalada sua mãe, e todas as noites torna a subir para o seu eremitério.

Quando recebe a carta de madame Walewska, [12] expede ordens com o maior mistério, e de modo que o segredo seja completamente guardado. É pela noite fechada que ela desembarca, no 1.º de setembro; encontra no porto uma carruagem a quatro cavalos e três cavalos de sela. Entra para a carruagem com seu filho; sua irmã, que a acompanha, seu irmão o coronel Laczinski, de uniforme polaco, montam a cavalo, e tudo se põe a caminho à luz de um maravilhoso luar. Em Procchio, encontram o imperador que os esperava ali, acompanhado por Paoli e por dois mamelucos. Madame Walewska passa para um cavalo, pois seria uma impossibilidade fazer rodar o trem mais para diante; Bernotti encarrega-se da criança e alcançam conforme podem o alto do monte. Em casa, o imperador diz à visitante, descobrindo-se: «Minha senhora, ponho à sua disposição o meu palácio», e abandona às duas irmãs o usufruto completo das quatro pequenas divisões que o compõem, e onde estão armadas camas. Ele, por sua parte, recolhe-se à barraca, dentro da qual dormem os dois criados de quarto. O fim da noite é tempestuoso: vento desabrido, enorme chuva. Ao romper da manhã, o imperador, que não dormiu, chama Marchand. Este conta-lhe que em Porto-Ferrajo correu o boato da visitante ser Maria Luísa e de ser o rei de Roma, a criança que ela traz consigo. Acreditando o boato, o doutor Foureau tratou imediatamente de se dirigir ao Eremitério a fim de oferecer os seus serviços, e está lá fora, esperando as ordens.

O imperador, já vestido, sai da barraca. Um sol formoso, ligeiramente peneirado pela sombra espessa dos castanheiros, já enxugou os terrenos circundantes. Nesta paisagem, colhendo flores da montanha, está brincando a criança misteriosa. Napoleão chama-a, e sentando-se numa cadeira, que Marchand trouxe para ali, toma a criança nos joelhos. Depois manda buscar Foureau, que anda a passear ali próximo, «Então, Foureau — diz-lhe ele, como a achas?» — «Meu senhor — responde o doutor, — acho que o rei tem crescido muito.» Napoleão desata a rir, porque o pequeno Walewski tem um ano mais do que o rei de Roma, «mas a beleza das suas feições, os seus cabelos loiros anelados caídos profusamente sobre os ombros dão-lhe uma grande semelhança» menos com o rei de Roma do que com o retrato tão popular que Isabey fez dele, e em que talvez de propósito o representou um pouquinho mais velho do que era.

Napoleão graceja com o doutor mais alguns instantes, e despede-o

agradecendo-lhe o cuidado que teve em ir oferecer os seus serviços. Madame Walewska aparece então, saindo de casa. Desde o tempo de Varsóvia, engordou um pouco, mas o seu busto não sofreu com isso e a sua fisionomia aberta e tranquila manteve-se igualmente atraente. Quanto a sua irmã, de dezoito anos apenas, essa tem «uma cabeça de anjo». É uma dessas crianças loiras cuja mocidade tem o perfume de uma flor rara. A mesa está posta debaixo dos castanheiros: o almoço chega, já preparado, de Marciana, e corre com bastante alegria. Depois, o dia passa todo em conversações e passeios pelos arredores. Ao jantar, o imperador quer que a criança, que não almoçou com ele, fique sentada ao seu lado. Madame Walewska resiste, dizendo que seu filho é muito turbulento; mas Napoleão exige. Não se incomoda com as diabruras infantis; ele próprio, na infância, era muito senhor da sua vontade, e muito endiabrado. «Eu dava pontapés a José, e ainda por cima obrigava-o a fazer os meus temas. Quando me punham de castigo a pão seco, ia trocá-lo pelo pão de castanhas dos meus carneiros, ou então ia a casa da minha ama, que me dava bolos.» A criança, ao princípio muito ajuizada, não tarda a emancipar-se e o imperador diz-lhe: «Não tens medo do açoite; pois olha, debes ter. Eu nunca apanhei com ele senão uma vez, e nunca mais me esqueceu.» E conta então a sua aventura, o modo como, em crianças, Paulina e ele mangaram com a avó, e como foram açoitados por *Madame*, que não perdoava essas coisas. «Mas eu não mango com a mamã», responde a criança com uns modos muito compungidos, e a que o imperador acha imensa graça. Beija-o com ternura, dizendo-lhe: «Bem respondido, sim senhor.»

A noite cai e, às 9 horas, as visitas retiram para embarcar. O imperador acompanha-as até à praia, e, quando abraça e beija seu filho, ouvem-no murmurar: «Adeus, querido filho da minha alma.» Madame Walewska, em compensação dos confiscos de Murat, leva consigo um cheque ao portador de 61.000 francos, sobre o tesoureiro do imperador. Diz-se que a sua demora em Nápoles se prolongou o bastante para ela ainda aí estar em março de 1815.

Apesar de todas as precauções tomadas, apesar da chegada e da partida por noite fechada, havia muita gente interessada em estar ao facto de tudo quanto o imperador fazia, para que uma aventura desta ordem pudesse passar despercebida. Os insulares não faltaram a dizer que a desconhecida era Maria Luísa; o comissário inglês e os espiões dos Bourbons, melhor avisados, desconfiaram que se tratava de uma amante. Mas quiseram ver amor, quando não houve senão ternura e reconhecimento. A presença de Madame Laczinska afasta toda a ideia de aproximação íntima. Se o imperador teve na ilha de Elba alguma entrevista amorosa, não foi certamente com a pretendida condessa de

Rohan, intrigante vulgar, que aí tinha ido, segundo se diz, para fazer não se sabe que reclamações nem que oferecimentos de serviços; foi com uma mulher muito mais desconhecida, a mesma que ele havia recebido três ou quatro vezes no quarto da *Orangerie* de Saint-Cloud, e que, por ato espontâneo, tinha ido para Porto-Ferraio. Era ela casada a esse tempo com o coronel B... ou casou com ele na ilha de Elba? Não se sabe isso bem; mas, casada ou não, a sua dedicação foi a mesma, e é pena que tenhamos a seu respeito tão diminutos pormenores. Não se contentou em ir à ilha de Elba; em 1815, viram-na chegar a Rambouillet, pedindo, implorando, que Napoleão lhe permitisse segui-lo, e ficando no mais profundo desespero quando ele lho recusou. Com três mil francos que lhe deram, diz-se, passou aos Estados Unidos, onde esperava encontrá-lo.

Parece ninguém ter suspeitado, que na ilha de Elba o imperador desse alguns instantes a esta mulher. Em compensação, foram muitas vezes reeditadas umas pretendidas cartas que um padre infame, comprado pelo duque de Blacas, falsificou a fim de fazer acreditar certas calúnias. É inútil determo-nos nisto.

Na ilha de Elba, Napoleão encontrava-se em uma crise a um tempo moral e política, que o obrigava à maior reserva. Conhecia bastante Maria Luísa para saber que a menor infidelidade que chegasse ao conhecimento dela, habilmente explorada pela sua roda, a havia de ferir profundamente. Acabava de expedir o capitão Hurault de Sorbée, marido de uma das *mulheres vermelhas*, para tentar aproximar-se dela em Aix-les-Bains, e dizer-lhe algumas palavras. Acabava de receber indicações que podiam fazer-lhe esperar uma correspondência regular. O momento teria sido mal escolhido para fazer escândalo.

Passa o tempo, todo o mês de setembro, sem carta, sem lhe chegar uma comunicação qualquer. A 10 de outubro, determina-se a escrever ao grão duque de Toscana, em cuja amizade confia ainda, e a quem, desde 19 de abril, ele designava a sua mulher como intermediário natural entre ambos. Não é uma súplica que lhe dirige, e pelo tom em que fala ao «Senhor seu irmão e muito querido tio» sente-se que ele se lembra e que está convencido que o antigo parasita de Compiègne deve igualmente lembrar-se. «Não tendo recebido notícias de minha mulher desde 10 de agosto, nem de meu filho há seis meses, peço a Vossa Alteza Real me faça saber se é da sua vontade permitir-me que de oito em oito dias eu lhe dirija uma caria para a imperatriz, e remeter-me em troca notícias dela e as cartas da senhora condessa de Montesquiou, aia de meu filho. *Lisonjeio-me de que, apesar dos acontecimentos que têm mudado tantos indivíduos, Vossa Alteza Real*

me conserva alguma amizade. Se me quizer dar mais a segurança que peço, receberei desse facto uma consolação muito sensível. Neste caso, pedir-lhe-ei para que seja favorável a este pequeno cantão, que compartilha dos sentimentos da Toscana para com a sua pessoa. Que Vossa Alteza Real não duvide da constância dos sentimentos leais que em mim conhece, bem como da perfeita estima e da alta consideração em que o tenho. Peço que me faça lembrado na memória de seus filhos.»

Não, não é uma súplica, e a igualdade de jerarquia, a superioridade antiga faz-se sentir apesar de tudo, mas com que habilidade, com que engenho é posto em ação tudo quanto pode comover aquele homem, se é que ele tem coração! Trata-se apenas, e nada mais, de um serviço familiar a prestar àquele que se confessa infeliz, que se reconhece decaído, e que, para melhor o enternecer, se confessa quase súbdito daquele príncipe, que outrora foi um dos seus cortesãos mais assíduos.

Nenhuma resposta. É que o drama está concluído, e a família imperial da Áustria teve a alegria de desonrar para sempre aquela arquiduquesa austríaca, imperatriz dos franceses. Napoleão sabe-o ou ignora-o, mas ninguém pode dizer que então ele o soubesse. Depois de uma tal carta escrita a tal homem, não pode escrever mais. Tiraram-lhe a mulher, tiraram-lhe o filho. Os Bourbons não pagam a soma anual estipulada em Fontainebleau. Vai ver-se obrigado a licenciar a sua guarda, e não poderá mesma opor um simulacro de resistência e fazer-se matar à frente dos seus bravos, quando os reis ordenarem a sua deportação para qualquer ilha do oceano, os Açores, por exemplo, conforme Talleyrand propõe, a 13 de outubro, por estarem, diz ele, a quinhentas léguas de qualquer terra.»

É inevitável que morra, que se deixe assassinar pelos bandidos que Brulart sustenta e paga, ou entregar-se nas mãos dos reis a quem Talleyrand aconselha. Prefere arriscar a suprema partida com a França e pela França. Está decidido o regresso.

XIX.

Os Cem Dias

No dia de Ano Bom de 1815, Napoleão havia recebido uma carta da imperatriz, que lhe dava notícias de seu filho, dizia que ele estava encantador, e que dentro em pouco poderia escrever por sua própria mão a seu pai. Como, a que vem esta carta? Porquê? Não se sabe. Talvez um remorso. Seja como for, ela mantinha o laço, parecia provar-lhe que Maria Luísa não tinha por forma nenhuma renunciado a ligar-se com ele, que, se se calava, era por ser constrangida a isso. Bastava que se visse livre, para se dar pressa em vir juntar-se-lhe. Bastava que Napoleão tivesse um trono a oferecer-lhe para que os seus carcereiros lhe restituíssem a liberdade. Por isso, tão depressa o imperador está meio seguro do resultado da sua empresa, como imediatamente, de Lyon, a 12 de março, cuida em advertir Maria Luísa. Mas, tal qual como anteriormente fizera com relação às cartas, que lhe haviam sido dirigidas da ilha de Elba, entrega nas mãos de seu pai o bilhete recebido, e este comunica-o aos plenipotenciários aliados. Nenhuma resposta.

Logo à sua entrada em Paris, o imperador restabeleceu quase no antigo pé a casa da imperatriz, e deu ordens para que os aposentos fossem preparados e postos em estado de serviço. Dez dias depois, no 1.º de abril, escreve ao imperador da Áustria, «Senhor seu irmão e muito caro sogro», uma carta oficial em que reclama «o objeto das suas mais doces afeições, sua mulher e seu filho:» «Como — diz ele, — a longa separação que as circunstâncias exigiram, me fez experimentar o sentimento mais penoso que jamais afetou o meu coração, uma reunião tão desejada não tarda menos à impaciência da virtuosa princesa, cujo destino Vossa Majestade uniu ao meu.» E termina assim: «Conheço bem os princípios de Vossa Majestade, sei perfeitamente que valor liga às suas afeições de família, para não ter a feliz confiança de que terá regozijo, quaisquer que possam ser as disposições do seu gabinete e da sua política, em concorrer para acelerar o instante da reunião de uma mulher com seu marido e de um filho com seu pai.»

Nenhuma resposta. Diante deste silêncio oposto tanto às suas

cartas oficiais como às que tinha encarregado oficiosamente aos diplomatas austríacos, junto dos Bourbons, antes de eles partirem, Napoleão confirma-se na opinião de que a política continua a paralisar o impulso natural de sua mulher e decide-se a empregar vias secretas, para chegar ao seu alcance. Expede para Viena, agentes que ele escolhe entre os melhores, com possibilidade de chegarem à presença de Talleyrand e da imperatriz: Flahaut e Montrond. Só Montrond atravessa as linhas; mas, quando se trata de entregar a Maria Luísa, o bilhete de que ele é portador, Meneval, o antigo secretário do gabinete do imperador, e que, feito em 1813 administrador da fazenda da imperatriz, a acompanhou para Áustria, Meneval interpõe-se. Sabe como as coisas estão com Neipperg, e é prestar serviço ao imperador queimar o bilhete que ele escreve a sua mulher. Meneval, contudo, não ousa escrever diretamente a verdade, compreende a intensidade do golpe que vibraria a seu amo: é por uma carta anónima, de caligrafia disfarçada, que ele se lembra de advertir alguém, de quem conhece a invariável fidelidade: Lavallette. O imperador tem conhecimento, mas Lavallette duvida, persuadindo-se de que uma tal missiva anónima pode ser um estratagema da política austríaca. Como é que Napoleão não havia de duvidar também?

Vai ser-se esclarecido: Ballouhey, secretário das despesas das duas imperatrizes, um homem honrado, e em cuja fidelidade se pode confiar, está a caminho, vindo de Viena por Munique, onde deve receber as instruções do príncipe Eugénio. O imperador está tão impaciente por vê-lo, que dá ordem para que, de Belfort, lhe telegrafem a passagem dele, e manda-lhe pôr no domicílio, em Paris, um plantão que, tão depressa ele chegue, o conduza direito ao Eliseu. Ballouhey chega a 28 de abril, e o imperador demora-o, em particular, falando com ele duas horas inteiras; mas se tira dele noções úteis das quais o príncipe Eugénio o encarregou, não obtém luz completa sobre o que mais lhe importa. Ballouhey, homem de contas, de uma escrupulosa exatidão, ligado até ao fanatismo a Josefina, depois a Maria Luísa, é de uma natureza excessivamente timorata para ousar afirmar o que, em Viena, é o segredo do Congresso, da corte e da cidade inteira.

É necessário esperar Meneval que reenviado de Viena, chega finalmente doze dias depois. Desta vez, não há mais ilusões possíveis. Foi Maria Luísa quem, colocando-se, a 12 de março, por uma carta oficial, sob a proteção das potências, provocou a declaração furibunda assinada a 13 pelos plenipotenciários aliados. Em recompensa, Neipperg foi nomeado seu marechal da corte. Foi ela quem, a 18 de março, consentiu em entregar seu filho, imediatamente separado de sua aia, madame de Montesquiou, e de todos os seus criados franceses.

E quando Meneval se despediu dela, ela própria o encarregou de dizer ao imperador «que não prestaria nunca as mãos a um divórcio, mas que esperava que ele consentiria numa separação amigável, que esta separação se havia tornado indispensável, sem contudo alterar os sentimentos de estima e de reconhecimento que ela lhe conservava.» Está decidida; a sua resolução é irrevogável e seu próprio pai não teria o direito de obrigá-la a regressar a França.

Meneval teve que acrescentar outros pormenores mais íntimos, pois já não era tempo de ocultar a verdade. É que começava provavelmente a primeira gravidez da série delas que deviam povoar as avenidas do Burg, de bastardos adulterinos, intitulados príncipes e qualificados altezas para vergonha da Casa da Áustria. Quando Dubois, o parteiro, tinha afirmado a Napoleão, depois do nascimento do rei de Roma, que um segundo filho poria em risco os dias de Maria Luísa, o imperador, apesar dos desejos que tinha de uma posteridade numerosa, de um segundo filho para ocupar o trono de Itália, ficara ciente disso e resignara-se: o sr. de Neipperg não teve esses escrúpulos e provou diversas vezes como o barão Dubois tinha podido enganar-se.

Se, na intimidade do seu coração, Napoleão não podia já conservar a menor dúvida, sob o ponto de vista político era necessário que a nação não conhecesse a verdade e que conservasse com respeito à imperatriz as ilusões que o imperador lhe supunha. Um ano antes, ele entendia que nada era mais próprio para comover os povos do que o pensamento daquela mulher e daquela criança confiados à França; hoje, o cativo em que as mantinham, aquela separação que violava todas as leis divinas e humanas, aquele atentado à fé conjugal e ao amor paterno cometido pelos reis armados para restabelecerem em França o regímen dos bons costumes, parecia-lhe de natureza a revoltar tudo quanto houvesse ainda de generoso em corações de homens e de patriotas. A dor que a imperatriz sentiu quando a arrancaram ao seu dever, as trinta noites que ela passou sem dormir em 1814, a prisão verdadeira que sofreu, o tratado de Fontainebleau violado pelos reis que lhe arrancaram sua mulher e seu filho, a indignação da velha rainha Maria Carolina dizendo à sua neta: «Impedem-te que saias pelas portas, sai pela janela e vai ter com teu marido», o rei de Roma — agora ele diz o príncipe imperial! — separado de sua mãe, madame de Montesquiou expulsa, tremendo pela existência do seu pupilo, quer que Meneval conte tudo, num relatório já pronto, para o caso em que «a Câmara vote uma moção pelo rei de Roma». A Câmara!

Nem uma vez, durante os Cem Dias, nem uma vez durante os seus seis anos de agonia, uma palavra de amargura ou simplesmente uma

palavra de censura saiu da sua boca contra esta mulher: Sempre palavras de afeição, de doçura, e de piedade. Sempre a recordação dela lhe acode ao espírito, adornada de mocidade e de frescura. É a franqueza, é a lealdade perfeita. «É a inocência com todos os seus atrativos.» Não há um dos seus companheiros de cativeiro, que não refira as mesmas conversas, quase nos mesmos termos. Se, pelos jornais, sabe de algum acidente que lhe sucedesse, faz com que lhe expliquem o artigo por três vezes. Se um navio da Europa lança ferro na enseada de James-Town, persuade-se que vai receber uma carta da imperatriz, e passa todo o dia, inquieto e nervoso, sem trabalhar. Tiram-lhe um dos seus servidores, Las Cases ou O'Meara, é Maria Luísa a primeira pessoa a quem ele pensa dirigir-lo, entregando, por exemplo, ao seu cirurgião este bilhete: «Peço à minha boa Maria Luísa que, se o vir, lhe permita que ele lhe beije as mãos.» No seu testamento, a 5 de abril de 1821, escreve esta frase: *«Tive sempre que louvar-me da minha muito querida esposa a imperatriz Maria Luísa. Conservo por ela até ao último momento os mais ternos sentimentos. Peço-lhe que vele para garantir meu filho das provações que rodeiam ainda a sua infância.»* E não é bastante: Não é bastante, no modesto guarda-roupa que constitui agora a sua fortuna, o legado das suas rendas; e, a 28 de abril, sete dias antes da sua morte, o seu próprio coração, que ele quer que Antommarchi lhe arranque, quando o embalsamar. *«Metelo-eis em espírito de vinho, levá-lo-eis a Parma à minha querida Maria Luísa, dir-lhe-eis que a amei ternamente, que nunca deixei de a amar. Contar-lhe-eis tudo o que vistes, tudo o que se refere à minha situação e à minha morte...»*

Na verdade, Hudson Lowe fez bem em obrigar Antommarchi a colocar no féretro o vaso de prata que encerrava o coração de Napoleão. O que havia de fazer dele o sr. de Neipperg?

Ao menos, à falta dessa mulher, dessa estrangeira, outras, e pouco importa de onde elas vinham, de França, da Irlanda ou da Polónia, nos últimos dias de glória, durante esse curto reinado de três meses, rodearam o imperador com a sua beleza fiel, alegraram-lhe o coração com o seu entusiasmo, e fazendo-se por dedicação, mesmo as que eram menos jeitosas para a política, suas vigilantes e favoráveis espias, forneceram-lhe, mais com o seu instinto do que com a sua razão, conselhos que mereciam ter sido seguidos. Assim George a respeito de Fouché; assim madame Pelapra, que se apressou em voltar de Lyon e que, também por sua parte surpreende certos passos do duque de Otranto; assim madame Walewska, que chega de Nápoles, e que é imediatamente recebida. com seu filho no Eliseu, a qual traz palavras da parte de Murat. Madame *** é a primeira a apresentar-se ao imperador, e, retomando, por autoridade própria o seu título e o

seu lugar de dama do paço, é das fiéis de 20 de março, daquelas que, nos salões iluminados das Tulherias, esperam com impaciência o reaparecido da ilha de Elba. E muitas outras, madame Dulauloy, madame Lavallette, madame Ney, madame Regnauld de Saint-Jean-d'Angely, madame de Beauvau, madame de Turenne, disputam a primazia em vê-lo e agradar-lhe. Neste momento, sobre algumas das mulheres de França, sobre essas cabeças encantadoras e feitas para o amor, passa aquele sopro divino que faz as heroínas e as mártires, que inspira atos supremos de dedicação e de coragem, e que põe as almas de nível com os perigos mais inesperados.

Viu-se isso bem durante todo este período sinistro, a que foi dado com justiça o nome de Terror Branco, e do qual se tenta hoje, em vão, atenuar as atrocidades: as mulheres, aquelas mulheres do império, que tinham sido o adorno e a alegria das festas imperiais, aquelas mulheres de elegância e de graça, as mais gastadoras e caprichosas que jamais se viu, mostraram então, no meio da covardia universal dos homens, uma coragem, uma energia, uma presença de espírito que as imortalizam. Nas Tulherias durante os Cem Dias, em Malmaison depois de Waterloo, tinham já demonstrado como sabiam afirmar a sua fé e honrar a desgraça.

E não são unicamente conhecidas, célebres, mas até mesmo ignoradas, obscuras, como aquela mulher que, na revista dos Federados, se aproxima do imperador e lhe entrega uma petição, um rolo de papel cuidadosamente dobrado: quando ele o abre, aparecem-lhe vinte e cinco notas de mil francos. E aquela que, a 23 de junho, na véspera do dia em que Napoleão vai deixar o Eliseu pela Malmaison, escreve ao criado do quarto do imperador convidando-o a dirigir-se à igreja de S. Filipe du Roule, para uma comunicação importante. Marchand vai à entrevista, encontra no lugar indicado uma mulher rezando, semivelada, mas não o bastante para que possa dissimular as suas feições de uma rara beleza. Aproxima-se dela e pergunta-lhe em que pode prestar-lhe serviço. Ela fica um instante sem atinar com a resposta. Depois, com um embaraço extremo, diz que as desgraças do imperador a comoveram profundamente, que desejava vê-lo, consolá-lo, admirá-lo. Napoleão a quem é comunicado esse desejo, sorri e responde: «Isso é uma admiração que pode conduzir a uma intriga; o melhor é não lhe dar seguimento.» Mas o oferecimento ingênuo daquele coração, naquele dia, àquela hora, impressiona-o bastante para que, mais tarde, por diferentes vezes, ele fale da desconhecida de S. Francisco du Roule.

Encontrou ele, pelo menos, no cativo, alguma mulher que lhe levasse aquela espécie de consolação que só a mulher pode dar ao

homem? Sabem-se os seus brinquedos infantis com *miss* Elisabeth Balcombe na sua estada em Briars: adivinha-se algum hábito tomado com uma mulher a quem a sua conduta sob o Império parecia dever interdizer para sempre que se aproximasse dele, e que, duas vezes divorciada, expulsa da corte, tinha pelo simples facto do seu casamento, promovido o desfavor do seu terceiro marido. Mas se as liberalidades testamentárias que o imperador lhe concedeu dão algum peso às relações dos comissários estrangeiros; se, com toda a verosimilhança a presença dessa mulher foi ocasião da discórdia que se levantou entre os companheiros do imperador, se a sua partida marcou ainda uma dessas estações dolorosas que Napoleão tinha fatalmente de percorrer, sabe-se ainda sobre essa parte do drama de Santa Helena excessivamente pouco para que seja possível insistir nele. A mulher desempenhou aí o seu papel: é tudo quanto se pode dizer.

Ao lado desta cortesã emérita, que o interesse conduz a Rochefort, e que o interesse mantém em Santa Helena, encontra-se uma outra mulher, essa verdadeiramente digna de admiração: a condessa Bertrand. Feliz mãe, feliz esposa, encontrou no dever cumprido a satisfação da sua consciência. Em Paris, pelo seu nascimento, pelos seus parentescos com os Fitz-James, seria das primeiras na corte e na cidade. Vive numa casa, numa pocilga antes, infestada de ratos, ao alcance do imperador, sem ter mesmo a consolação de o tratar e de lhe ser útil. Ali está até ao fim, bela, sensível e grave, guardando como matrona romana a integridade da sua honra, aparecendo, nesse último cortejo que leva o cativo morto enfim, até ao vale da Gerânio, semelhante a uma estátua da Dor, e é ela, uma inglesa de nascimento, a única mulher que chora sobre aquele que a Inglaterra assassinou.

XX.

Conclusão

E agora, que opinião se pode fazer e guardar de Napoleão *feminista*?

É dupla. Aqui, o físico somente; acolá, o físico e o moral reunidos, e o moral prevalecendo ao físico.

Das aventuras banais onde só o físico entrou em jogo, nada se ocultou, e não é porque delas se possam tirar opiniões particulares sobre o seu caráter; mas, calando-as, poder-se-ia fazer pensar que forneceriam conceitos desfavoráveis. Por ele ser Napoleão, a sua alcova não pode conservar segredos; por mais cuidados que ele empregasse em tornar misteriosos esses encontros ocasionais, as damas do paço, as açaflatas, os ajudantes de campo, os criados de quarto, sem cessar à espreita dos acontecimentos mais insignificantes que se produziam nos diversos palácios, deles faziam registo. Em roda das Tulherias, toda a gente que vivia na zona governamental, que solicitava favores, ou simplesmente caçava notícias, mencionou nos seus cadernos o que conseguia saber; e, como tudo o que Napoleão tocou se fez história, como não há nada nas suas menores ações, nos menores accidentes da sua saúde que não interesse a humanidade, como de há cem anos para cá, o público, no mundo, quase se não apaixonou por outra coisa senão ele, todos esses testemunhos, mais ou menos autênticos, encontraram quem lhes desse crédito; os panfletários tiraram deles às mãos cheias elementos para apoiarem as suas teses, e muitas opiniões erróneas conseguiram fazer-se acreditar. O único meio que há para refutá-las, é estabelecer os factos, é referir dessas aventuras todas aquelas que, contadas por muitas testemunhas cujas narrações concordam, apresentam suficientes garantias de autenticidade. Se há algumas que foram desprezadas, ou simplesmente indicadas, ainda que sejam prováveis, é porque não foram apontadas senão por um único cronista, e delas se não pôde descobrir nenhuma prova documental; é também porque foram a tal ponto ordinárias e comuns, que não seriam senão uma repetição sem interesse de factos já expostos.

O que significam estas aventuras? Que Napoleão é um homem: tem trinta anos em 1799; tem quarenta anos em 1809, e não fez voto de continência. As mulheres oferecem-se ao menor desejo que ele testemunha, ou que lhe testemunham por ele. Toma-as, muitas vezes por necessidade, algumas vezes por voluptuosidade, mas sem lhe causarem jamais uma fadiga cerebral, sem receber jamais delas uma distração do seu trabalho. Dessas mulheres, nenhuma que ele corrompesse. Se algumas há que sejam virgens, são virgens experientes e que fazem por si mesmas mercado da sua virgindade. — E ainda assim, haverá certeza de que algumas o fossem?

De facto, quer tenham marido ou não, quer estejam no teatro, quer vivam na corte, são venais. Procuram dinheiro pelo prazer que dão. Paga-lhes. Por conseguinte, ele e elas, quites. Nenhuma sensualidade: a sensualidade não existe senão onde começa o refinamento da voluptuosidade. Ele, vai direito ao facto, singelamente, e não perde tempo com galanteios prévios. Dizem-no brutal, porque é apressado. Está ali como nas suas refeições, e se dá uma satisfação aos seus sentidos, é porque estes o exigem, porque o seu emprego foi previsto, ou porque a ocasião se apresenta, de nenhum modo porque ele a tenha procurado, porque tenha pensado nela, ou porque a tenha devaneado, porque tenha adquirido hábitos de prazer ou porque tenha criado necessidades factícias.

É isto conforme com a moral? Que moral? Se esta varia segundo as latitudes, quanto mais segundo as épocas!

Para julgar os homens do império, — e, bem mais, o imperador! — com a moral hipócrita e esticada dos burgueses contemporâneos, seria necessário primeiro dar-lhes a existência dessa burguesia. Ora, na vida que eles realmente levam, essa vida passeada pelos quatro cantos da Europa no meio das balas e debaixo das bombas, essa vida de perpétuas cavalgadas com a morte na garupa, se alguns, fora das vistas do imperador, arrastam amantes na sua comitiva, a maior parte deles não pensam nisso, e, em campanha, sob o seu arnês de batalha, mantêm-se castos. Depois de uma comprida guerra, no regresso ou numa cidade conquistada, se acontece que uma torrente de paixão brutal os impele de encontro a uma mulher, qualquer que ela seja, da mesma maneira que em dias de fome se podem atirar a uma côdea de pão bolorento, isto é dizer que eles sejam imorais, e o burguês mais afamado pela sua moralidade não é cem vezes menos continente do que o mais sensual desses homens? Não será necessário, para o officio a que se entregaram por gosto e que continuam por ambição, que

sejam, de natureza e de origem, espécimenes sem par de humanidade brutal e primitiva? Não devem ter eles, pela sua carreira, desenvolvido e exasperado todas as faculdades selvagens de combatividade e, por consequência, de animalidade? Não terão eles, por serem soldados, as mesmas necessidades, os mesmos gostos, os mesmos apetites que os outros homens, e devem eles, por escrúpulo de monogamia, permanecer constantemente fiéis à esposa constantemente ausente?

Alguns o fizeram e disso há provas singulares; há nesse tempo admiráveis exemplos de amor único dados por homens de ferro cujo coração tem a delicadeza fiel que se atribuiria ao grande Ciro; mas, para a maior parte, essas distrações de bivaque, esses passatempos de guarnição nem contam — do mesmo modo que se não contam, em Paris, as infidelidades de uma hora que eles se permitem e que ocultam tão cuidadosamente, que só por sua morte são reveladas. E não deixam, por isso, de guardar, ao pé dessa animalidade, que é preciso satisfazer, lados singulares de ingenuidade sentimental e de ternura conjugal. Para a mulher que, todos ou quase todos eles desposavam por amor, com um desinteresse absoluto, nada lhes parece excessivamente belo, nem excessivamente rico, nem por demais maravilhoso. Para satisfazer os desejos delas, saqueiam a Europa, e estendem-lhes o saque aos pés. Para contentarem os seus caprichos, têm paciências, diplomacias, dedicações, que fariam sorrir se não enternecessem.

* * * * *

Pela generosidade, pelos cuidados rendidos a sua mulher, pelas cartas, pelos presentes, pela fortuna prodigiosa que lhe constituiu, com certeza que Napoleão se não deixa vencer por nenhum deles. Mas o seu sentimentalismo próprio é de outra origem e de outra essência, que o deles não era.

Eles, que não puderam receber da sua natureza nem guardar da sua educação nenhum escrúpulo, fizeram para seu uso escrúpulos de honra; uma honra de soldados que difere por muitos lados daquela que Montesquieu atribuíra aos gentis-homens, embora eles pretendessem que a espada os tinha feito iguais aqueles. Não podem contudo procurar regras para essa honra em tempos muito próximos e não se lembram de tomar para seus modelos os Lauzun ou os Tilly; detestam ainda aqueles a quem substituíram e, se pretendem ser gentis-homens, é porque se consideram iguais aos antepassados dos mais nobres. Quem eram esses antepassados? Os cavaleiros cruzados — e é isso o que explica o imenso êxito que obtém sob o império aquilo a que se chamou o *gênero trovador*. De onde vem a repercussão?

É a literatura que cria nos espíritos o movimento *trovador* — ou são, pelo contrário, as tendências sociais que o determinam? Pouco importa. O que é preciso ver é que jamais a arte e a literatura, corresponderam melhor ao que a sociedade esperava delas, jamais exerceram sobre os costumes maior influência, e essa influência foi tanto mais viva quanto os espíritos que a sofriam eram originariamente menos cultivados.

No género trovador, para o qual, desde 1806, tudo tende em França; romance, história, teatro, quadros, costumes, trata-se menos do trovador, do que daquele de quem o trovador conta as façanhas; do cavaleiro; o cavaleiro que professa o culto da sua dama, que, para as façanhas que vai cumprir na Terra Santa; infieis mortos, dragões subjugados, cidades tomadas, se adorna com uma faixa das cores que ela usa e se dá por bem pago com um olhar que ela lhe volve. Os guerreiros do império esforçam-se todos por se modelar por esse cavaleiro ideal e imaginário. Se não cingem a faixa com as cores da dama dos seus pensamentos, quantos deles usam na espada um fiador bordado por mãos queridas, quantos levam sobre o coração um retrato, e nos dias de batalha se enfeitam com qualquer garridice oferecida pela mulher amada!

Sem dúvida, Napoleão segue menos do que outros a corrente trovadora. Não cede a ela como seu enteado Eugénio, como alguns dos seus marechais; contudo, a atmosfera ambiente não deixa, por fim, de atuar nele e poder-se-ia, nas suas relações com Maria Luísa, mencionar certas particularidades, que o provariam sem réplica. Mas é só no fim do império, que um sentimento, até aí não experimentado ainda, faz a sua aparição para dominar e apagar qualquer outro.

Até aí, o sentimentalismo que por ele passa não deve nada à literatura nova; porém muito, se não tudo, à literatura de ontem. A formação sentimental de Napoleão, foi Rousseau quem a fez, unicamente Rousseau. Segundo o testemunho da própria Josefina, ele amou três mulheres. Ela, madame *** e madame Walewska. Releiam-se as suas cartas a Josefina, é Rousseau; releiam-se as suas cartas a madame Walewska, é Rousseau ainda. E o que havemos de dizer das conversas? Não se lhes encontra o tom dos primeiros escritos de mocidade do tenente Bonaparte, e as mesmas palavras, as mesmas frases, pelas quais, em Valence, ele lastimava a sua solidão e a sua pobreza? Pois não é da mesma alma que derivam esses pensamentos sobre o irrealizável e sobre o nada da vida? Não é o mesmo sofrimento que, por três vezes, lhe inspira os mesmos sonhos? Discípulo de Rousseau, impregnou-se ele a tal ponto do pensamento do mestre, que o tenha feito seu, e que ele, que tudo tentou e tudo obteve, mesmo o

impossível, na ordem dos factos, não encontre senão impotência, negação e desgosto na ordem dos sentimentos? Ou então, vendo Rousseau na origem dos seus sentimentos e na forma que elle lhes dá, deve pensar-se que o seu temperamento moral se desenvolveu neste sentido e que a literatura não entra nisso para nada? Naquella procura da mulher que o ame por si mesmo, que não seja senão dele, que não pense senão nele, que mantenha com elle uma troca contínua de ternuras, está certamente de boa fé; mas até que ponto obedece às suas lembranças literárias, até que ponto se constrange para experimentar sensações que elle crê serem de uma espécie rara e nova?

O que pode fazer pensar que elle força aqui a sua natureza, é cansar-se depressa. Não recebe daquellas sensações o prazer, que delas esperava; acha a mulher que elle amava ou que elle julgava amar inferior ao ideal que forjou. Um incidente lança-o na suspeita e fâ-lo deter-se. Tudo quebra. O sentimental que elle é de educação encontra-se em face do homem práctico e positivo que elle é de natureza; mas, logo que pode, corre a uma experiência nova, alvoroça-se, compraz-se nella, descansa, e, desta vez, goza plenamente.

* * * * *

Para um homem tal, o que é surpreendente, é a fidelidade, não dos sentidos, mas do coração. Engana Josefina, tem amantes, verdadeiras, daquellas que elle ama sinceramente, profundamente, com quem elle percorre sem se cansar toda a gama das criancices do sentimento, e, ao lado, num canto, à parte, conserva, para aquella que foi a primeira na sua vida, uma ternura tão grande, um tal desejo, uma tão real afeição que esquece tudo o que ella pensou, disse e fez contra elle; não o perdoa; apaga-o de todo.

Aquella existência da qual elle não pode deixar de ser instruído, na qual encontra o que mais deveria revoltá-lo, amantes, venalidade e dívidas, não lhe deixa nenhuma má recordação. Sabe apenas que essa mulher, que elle elevou a ser a primeira da Europa, que elle chamou ao trono, que fez sagrar por um papa, que associou aos destinos mais inauditos, é a graça mesmo, a elegância personificada; presta-lhe qualidades e mesmo virtudes; adorna-a com todos os dons que um amante apaixonado pode attribuir à sua amante e, se lhe censura a sua prodigalidade, não é esse ainda um meio de mostrar como elle a amou, pois lhe deu os meios de satisfazê-la?

O que é essa mulher no natural, essa mulher sobre a qual elle lança um manto de immortalidade fazendo acreditar sobre ella uma lenda inteiramente de imaginação, ignora-o tão profundamente que,

se ele engana a posteridade, é porque ele próprio é o primeiro enganado. Até ao fim, até à morte, persiste na sua ilusão e, em Santa Helena, tem sempre diante dos olhos, no coração, nos sentidos, a Josefina vista pela primeira vez pelo general *Vindimário* no pequeno palacete da rua Chantereine, a Josefina de Milão e de Montebelo, a mulher que, primeira entre todas, única pode dizer-se, desencadeou nele a tempestade das paixões e lhe fez conhecer e saborear o amor.

* * * * *

Amante, essa: porque foi com um amor de amante que ele a amou, com um amor irrespeitoso, que não sabe constranger-se, que exige ser imediatamente satisfeito, que não teme as zangas, que encontra prazer nas renovações, que faz de boa vontade confissão das infidelidades, que, para o fim é como a camaradagem com uma antiga amante, com os pedidos de apoio para os rompimentos, com as confidências arrojadas, e todo o trem habitual da vida livre e sem cerimónia. É a tal ponto o amor por uma amante que, a cada evolução do seu destino, sente melhor que a sua fortuna lhe ordena romper aquela ligação que, a seus olhos, não é um casamento; compreende que isso não pode durar eternamente, que é necessário que ele lhe ponha um ponto, que se estabeleça. Na sua superstição de consciência, não se considera casado, porque não passou pela igreja; e se, tarde já, passados oito anos, compareceu diante de um padre, foi constrangido a isso. O contrato, como quer que fosse, tê-lo-ia como válido, se houvesse nascido um filho. Então, o compromisso seria formal. Mas não havendo filho, não há contrato. E quando a deixa, trata-a ainda como amante consolando-a com um grande monte de dinheiro, fazendo-lhe a vida longa, opulenta.

Pode perguntar-se, apesar de todas as fraquezas que Napoleão teve por essa mulher, apesar do seu empenho em satisfazê-la, em adotar os seus filhos, em elevar a tronos as suas sobrinhas e as suas primas, se ele jamais a considerou, como da *sua família*, de tal modo diferente é o sentimento que tem por ela do que se desenvolve nele logo que casou com Maria Luísa e sobretudo logo que Maria Luísa o fez pai. Então, o *espírito conjugal* invade-o, domina-o, absorve-o. Com certeza, que ele nunca amou Maria Luísa com a paixão com que amou Josefina. Nunca, para ele, ela foi a amante; antes, logo de começo, para ele, ela foi a esposa. Não há infidelidades então, ou se se permite algumas, são elas tão cuidadosamente ocultas e ao mesmo tempo tão obscuras, que testemunham melhor o respeito exterior que ele entendeu dever à fé prometida. Nenhuma confidência suspeita, nenhuma distração, nenhum prazer tomado fora de sua mulher. Fica-se reduzido, quando o vemos deixar de ir pessoalmente pôr ordem aos

seus negócios de Espanha, a perguntar se a obrigação de deixar sua mulher não é uma das causas que o impedem de partir. Enquanto que, a Josefina, ele recusou toda a participação no governo do império, chama Maria Luísa a governar, fá-la regente; descobre-lhe mais inteligência, mais espírito, mais razão do que a que concede aos seus velhos conselheiros, a seus próprios irmãos. Não é só por ela ser a mãe de seu filho, que a trata assim, embora seja essa a razão aparente, mas é porque sente por ela aquela espécie de respeito conjugal, que nunca teve por Josefina.

Enquanto que, com esta, fica sempre — mesmo depois da morte dela — o *amante*, com aquela é sempre o *esposo*. Com Josefina, é a sua educação sentimental, como Rousseau a fez, que domina. Com Maria Luísa, é o atavismo corso, a velha tradição das suas montanhas que retoma os seus direitos. Acrescenta-lhe, mas unicamente por contrapeso e pode dizer-se por superfecção, a impressão monárquica. Mas a qualidade de esposa é suficiente aos seus olhos, logo que é santificada e como que sublimada pela qualidade de mãe.

Não quer admitir que sua mulher o abandone, não quer saber que ela o engana; é sua mulher e isso é o bastante para colocá-la acima das tentações comuns. E, tão poderoso é nele o espírito conjugal que, em Santa Helena, procede até ao fim, até à morte (testemunha o testamento) como se o ignorasse, e ele, tão cioso da mulher possuída, que se queixa amargamente do casamento de madame de Ornano, não tem senão palavras de ternura, de complacência, e de afeição para sua mulher, para Maria Luísa. Seria por pretender salvaguardar nela até ao fim, aquela lei monárquica que faz uma obrigação do respeito para com as testas coroadas? Seria por se comprazer em embalar-se numa ilusão suprema, ou por achar nas faltas da arquiduquesa desculpas particulares, ou ainda por imaginar que o segredo, que ele não confessa, fica melhor guardado para a história? Talvez entre alguma coisa de tudo isto no seu espírito; mas, sobretudo, quer ignorar, porque essa mulher é a esposa, e a esposa não pode cair.

* * * * *

Assim, excluindo as brutalidades físicas, que não são senão distrações passageiras, chega-se a achar em Napoleão uma faculdade de amor tão grande como é nele a faculdade de pensar e de operar, e que mostra um amante e um marido tão admiráveis, como o foram o guerreiro e o homem de Estado. O marido, para poupar as censuras da posteridade a sua mulher, constrange-se ao silêncio e condena-se, de 1815 a 1821, a representar uma comédia estranha para manter a honra da esposa. É fiel, é respeitoso, é terno, Tem atenções tímidas de

marido moço, e a par de ser, porque o seu temperamento lho exige, de um ciúme sem limites, domina-se bastante para não parecer que os tinha enquanto sua mulher vive com ele, para afetar a confiança mais absoluta quando sua mulher está separada dele por oceanos, quando o abandonou e quando o engana.

* * * * *

Quanto ao amante, é mais singular ainda pelo poder das sensações que experimenta e, se assim se pode dizer, pela amatividade que desenvolve. Não há uma das notas do teclado humano, que ele não tente fazer soar com as mulheres e sobretudo com a mulher a quem ama como amante. Ora, é o frenesim sensual, a paixão física no que ela tem de mais violento; ora é a paixão moral no que ela apresenta de mais delicado e de mais suave. Nada lhe escapa em matéria de sentimento; nada se lhe conserva estranho e, pela sua parte, como homem e no seu seu ponto de vista egoísta, é o amante por excelência. As mulheres, essas, pelo seu lado, julgaram sem dúvida doutro modo, e esse amante pode fazer-lhes sofrer tão singulares desgostos, que é bem de presumir que nenhuma o amou. Mas a mulher não amará nunca o amante em quem sentir o superior, o senhor que pretenda dobrá-la à sua vontade e se recuse a receber a dela, que lhe imponha os seus sentimentos e não se conforme com as suas opiniões. Quem sabe, portanto, jamais, se é amado, e não será já uma fortuna maior ter gozado para si o amor físico e o amor mental num grau desconhecido da maior parte dos homens e de todos os modos por que um homem pode experimentá-los?

* * * * *

Resta um ponto: Marido ou amante, Napoleão suportou, da parte das mulheres a quem amou, direções que reagissem sobre a sua política? As mulheres tiveram qualquer influência nas suas ideias e, por conseguinte, nos seus atos? Influência direta, não parece, nem das amantes, nem mesmo da mulher: mas que as impressões recebidas de umas e de outras e a propósito de umas e de outras, as conversas tidas com elas, as circunstâncias ocasionais, que acompanharam tal ou tal ligação, tenham levado o seu espírito a conceber certas ideias novas, a modificar certas ideias adquiridas, tenham tido mesmo sobre a sua vida uma ação certa, isso não tem que discutir-se.

Por muito amada que tenha sido, Josefina não poderia com certeza colocar-se na primeira ordem entre aquelas que nós encontraríamos na origem de certas resoluções políticas. Se se supõe ter sido ela quem o encaminha para a direita, quem, procurando-lhe

uma convivência de gente seminobre, o leva por momentos a sacrificar o espírito da revolução às tradições do antigo regímen, isso é um engano; é ele que assim o quer, é ele quem procura os aristocratas, sujeitando-se a ser traído, vendido, entregue por eles. Josefina faz o recrutamento, mas é por sua ordem; Josefina distribui graças, mas é por ele imaginar que estas serão melhor recebidas, que produzirão melhor efeito. Está na resolução prévia de conceder a Josefina as radiações de emigrados, as restituições de bens, e todos os favores com os quais ele crê obrigar ao reconhecimento, pelo menos à neutralidade, os gentis-homens e as grandes damas: mas o ponto está assente no seu espírito, porque, a não ser de surpresa, não se deixa implorar senão por favores que está decidido a conceder, e não é rei de raça bastante antiga para tomar como um gozo o repelir uma mulher em prantos, que mendigue a cabeça de seu marido ou de seu irmão. Desculpas vagas, algumas falsas impressões, um certo número de informações entre as quais algumas menos exatas, eis pouco mais ou menos tudo que ele parece tirar de Josefina.

Mas, de outras, quanto mais? Não se resolve ele ao divórcio depois que Denuelle de la Plaigne aparece grávida, e não se determina a realizá-lo depois de suceder o mesmo a madame Walewska? Não nos aparece, sob uma luz inteiramente diferente, toda a sua política a respeito da Polónia, se repararmos em que amante ele tem, em 1807, em 1808 e em 1809; e da mesma maneira a longanimidade para com Bernadotte não é desculpada pela antiga recordação de Désirée? Logo que se tem unido com Maria Luísa, logo que, por intermédio dela, tem entrado na família da Áustria, e considera o laço assim formado tão íntimo como aquele que por nascimento o aperta à sua própria família, não ficam completamente explicadas a sua confiança, a sua certeza de ser seguido até ao fim, e o modo como ele se enreda e se entrega? Se o espírito familiar é tão poderoso na sua imaginação que está convencido de ser ele o único que assegura as alianças políticas — e assim o mostra na Baviera, em Baden, no Wurtemberg, antes de o mostrar na Áustria — no interior, quanto não se entrega ele mais ao espírito conjugal? Maria Luísa, portanto, não pela sua influência direta, mas pelo lugar que ele lhe concede nas suas combinações, pelo prestígio com que o seu espírito a rodeia, exerce na sua política, tanto no exterior como no interior, uma ação sem precedente.

Seria ele homem se fosse de outro modo, e não é justamente por ter conservado o que há de melhor na humanidade, que ele assim se prendeu e entregou, não é por ter guardado uma fiel e terna lembrança do seu primeiro amor, não é por ter sido familiar ao modo como se é na sua raça, e conjugal como o seu instinto e moral monogâmica o ordenam, que a sua queda foi tão terrível e tão

profunda?

Se a mulher não desempenhasse nenhum papel na sua vida, Napoleão deixaria de ser o que é, o exemplar mais surpreendente do génio masculino. Seria um indivíduo sem sexo, à parte, excepcional, e que não interessaria à humanidade pois não sentiria nenhuma das suas tradições, e não teria com ela nenhum sentimento que fosse comum. Tal como ele é, pelo contrário, ele cuja atividade cerebral é superior à de todos os homens conhecidos, ele que, servido por uma fortuna sem igual, achou incessantemente no seu espírito recursos iguais à sua fortuna, ele que executou a maior obra que a qualquer mortal jamais fosse dada, é por excelência o homem a quem nada humano foi estranho.

O que é humano, é sentir a influência da mulher, é crer na mulher, é amar a mulher, é experimentar pela mulher e para a mulher toda a série das sensações e dos sentimentos, que a mulher pode inspirar. Napoleão conheceu-os todos, e por esse lado, como por todos os mais, fica sendo superior aos outros seres.

FIM

Notas

[1] Está riscada a palavra *exercer*.

[2] É impossível dar o menor crédito ao romance contido na brochura intitulada: *Quarenta cartas inéditas de Napoleão*, coligidas por L... F..., Paris. 1825, 8.^o

[3] Para que os nossos leitores compreendam melhor a cena a que o autor francês se refere, contá-la-emos, embora muito resumidamente, aqui. Leonardo Duphot partiu dos postos mais inferiores, e antes da Revolução era simples sargento. Porém, em 1794, já o encontramos em Espanha, no posto de ajudante general. Sucedeu-lhe, como tal, diante de Figueras, um caso nada vulgar nas guerras modernas. No mais empenhado de uma ação, entre os sitiados e a guarnição da praça, um general e um oficial superior espanhóis propuseram a Duphot e a Lannes, então coronel, que fizessem cessar aquela carnificina, e se decidisse o êxito do combate por meio de um duplo duelo. Aceite a proposta, verificou-se o combate singular na presença dos dois exércitos, como nos tempos heroicos da Idade Média. A vitória coube aos dois oficiais franceses, e a praça caiu nas mãos deles. Em seguida, Duphot distinguiu-se na campanha de Itália, em 1796 e 1797 e recebeu o posto de general de brigada, com a missão de organizar as tropas da república cisalpina. Nos fins de 1797 vemo-lo acompanhar José Bonaparte, em Roma, a quem é fervorosamente recomendado. Logo que este chegou, principiou a sua casa a ser frequentada por deputações de patriotas italianos, que desejavam ajudá-lo com a sua influência a derrubar o governo pontifício, e por mais que ele se negasse a aceitar tais oferecimentos, à porta da embaixada formavam-se numerosos ajuntamentos, sendo necessário por fim o governo enviar tropas para dissolvê-los. José Bonaparte saiu de casa para se interpor entre o povo e os soldados. Duphot, que o acompanhava, ao sair a porta, caiu ferido no peito por uma bala. Tentou levantar-se; mas imediatamente os soldados do papa o acabaram de matar a ponta de baioneta. Transportado para casa, a noiva que o aguardava na sala, recebeu nos braços um cadáver ensanguentado.

Logo em janeiro seguinte, Berthier castigou o atentado da corte pontifícia tomando o castelo de Sant'Ângelo, e fazendo proclamar a república na cidade. As cinzas de Duphot foram colocadas na praça do Capitólio, sobre uma coluna ática, onde estiveram até dezembro de 1798, em que os franceses retiraram de Roma.

Duphot era poeta e compôs a letra de um hino que, posto em música por Lais, se tornou, depois da *Marselhesa*, o canto predileto dos soldados franceses.

[4] Um comunicado do sr. Félix Vèrany, autor da interessante brochura: *La Famille Clary et Oscar II*, Marselha, 1893, permitiu-me retificar a data de nascimento de Désirée e forneceu-me algumas importantes indicações.

[5] Um cronista a quem cito unicamente porque em tal matéria é, tanto quanto possível, necessário ver tudo, afirma que na manhã em que Bonaparte recebeu o juramento dos oficiais da Guarda cívica, tinha no seu quarto uma atriz que já havia sido amante de um general piemontês, e a quem o general em chefe do exército francês tinha mandado convidar para ela o distrair. Segundo esta mesma fonte. Bonaparte, finda a receção do juramento, terá saído a pé, indo à loja do joalheiro Manini, na passagem dos Figini, onde comprou joias para mulher

no valor de 128 francos. Por outro lado conta-se que, antes da tomada de Milão, ele tivera relações com a marquesa de Bianchi, mulher de extraordinária beleza, a qual tinha ido reclamar vinte e cinco cavalos pertencentes a seu marido, e que lhe haviam roubado no Parmesão; depois ter-se-ia seguido uma cantora chamada Ricordi, a quem ele teria enviado por Duroc um carruagem com um tiro de seis cavalos; em seguida, uma dançarina de dezassete anos, Teresa Campini; depois a filha de um peleiro do Sul, mulher de um tal Caula, patriota piemontês. Ao todo, cinco, bem contadas. Não há uma única destas aventuras que pareça autêntica, nenhuma que psicologicamente seja natural e verdadeira.

[6] No capítulo I de *Joséphine répudiée* pode encontrar-se a prova, que recentemente me forneceram, destas confidências ou destas declarações feitas a Bonaparte.

[7] Este capítulo da obra de Frédéric Masson foi publicado no *Figaro* e motivou uma comunicação interessante, feita a um jornal da Haute-Loire, pelo sr. Boutin, de Graponne. Essa comunicação é a seguinte:

«Madame de Ranchoup habitou em Craponne desde o mês de agosto de 1812 ao mês de março de 1814. A família Ranchoup, que era originária de Craponne, tinha abandonado o país natal no começo do século XVIII; as suas propriedades imóveis de Ranchoup e de Pognat haviam sido adquiridas pelas famílias de Torillon e de Sasselanges.

Estava madame de Ranchoup bastante esquecida, quando, em julho de 1812, o sr. Barres, secretário geral da prefeitura, o mesmo que devia morrer vigário geral de Bordeaux, escreveu ao sr. Charles Gallet, a esse tempo tabelião em Craponne, para ele fornecer alojamento a madame de Ranchoup, que para ali ia ser mandada por ordem imperial. Alguns dias depois, uma senhora nova, trajando de modo a dar nas vistas, chegou acompanhada por uma criada, dizendo que, *dama de honor* da imperatriz, vinha por motivos de saúde tomar ares de campo. Recebia jornais, lia-os sentada em frente da casa Gallet, outras vezes fumava à janela do seu quarto, com grande espanto das senhoras de Craponne, com quem ela não fazia a mínima cerimônia para as crivar de sarcasmos. Passeava muitas vezes acompanhada apenas por um cão de pelo sedoso, do qual gostava muito, e que levava consigo para a igreja escandalizando com isso extraordinariamente as devotas. Nas proximidades da primeira invasão, saiu de Craponne.»

Diz F. Masson que não é impossível que madame de Ranchoup tenha sido convidada a ir fazer uma digressão a Craponne; do que está convencido, porém, é de que ela estava em Paris, em 1813.

Quando o seu livro estava pronto a ser publicado, perfeitamente à última hora, Masson recebeu ainda conhecimento de uma comunicação mais importante do que a antecedente, e que ele dá em nota no fim do volume. Nós inserimo-la, desde já, aqui. A nota do autor é a seguinte:

«Graças à extrema amabilidade do sr. Paul Le Blanc, de Brioude, tive comunicação de dois artigos do sr. H. Mosnier, que apareceram no jornal *La Haute-Loire*, dos dias 23 e 24 de agosto último. O sr. H. Mosnier estudou nesses artigos, com uma competência inteiramente particular, as *aventuras do sr. de Ranchoup* e, em muitos pontos, retificou utilmente a minha narrativa.

Os Ranchoup, diz ele, tinham, no século XVII, uma posição modestíssima; eram lavradores nas aldeias de Bougernes, Solages e Ranchoup, nos arredores de Graponne. Em 1651, um deles chega à dignidade de cônsul de Graponne, e veem-se então ligados com as boas famílias burguesas da cidade.

No começo do século XVIII, Pedro Ranchoup vai exercer no Puy a profissão de cirurgião;

tem cinco filhos, um dos quais vem a ser preceptor do conde de Mailly, e outro, cônego de Chartres; um terceiro emigra para as ilhas, estabelece-se em S. Domingos, chega aí a ser lugartenente do preboste, e do seu casamento com uma madame Denain, filha de um armador de Bordeaux, teve um filho: Pedro Henrique, o futuro marido de madame Fourès.

Este Pedro Henrique, nascido no Cabo Francês, vem muito novo para França, onde os tios se encarregam da sua educação; mas quando chega aos dezasseis anos, veem-se azuis com ele. É recebido cadete no regimento de Anjou, obtém, passado um ano, o posto de alferes, e passa, em 1781, para as Índias, onde se bate com valor, e é gravemente ferido.

Neste meio tempo, morre-lhe a mãe, a qual lhe deixa uns trinta mil francos, que ele trata logo de vir devorar em França. Depois de comida a herança, recolhe-se a Chartres, a casa de seu tio, de onde, em 1787, parte para Constantinopla. Aí alcança uma colocação de major no exército turco, e faz as campanhas da Moldávia e da Valáquia. Em 1795, ainda por lá se conserva, dirigindo uma escola militar e formando à europeia um corpo do exército turco.

No momento da campanha do Egito, está em Paris e oferece os seus serviços ao Diretório, que parece tê-lo empregado em uma missão na Hungria. Em 1800, regressando deste país, encontra madame Fourès, a qual, seduzida pela partícula e pelo título de cavaleiro que Ranchoup a si próprio havia dado, casa com ele e obtém-lhe, a 11 de brumário do ano X (19 de outubro de 1801) o subcomissariado das relações comerciais de Santander.

Três anos depois, é nomeado cônsul efetivo.

Em 1807, é transferido para Cartagena. Madame de Ranchoup protesta contra esta deslocação em uma carta muito curiosa, dirigida a Talleyrand, com um requerimento direto ao imperador, a quem ela pede para o marido um consulado geral: Dantzig ou Hamburgo. É, diz ela a Napoleão, *o último favor que lhe pede*, e diz a Talleyrand, que sua majestade não lhe recusará essa mercê, *a primeira que ela lhe pede na sua vida*. Explique, quem puder, a contradição.

É só em 17 de junho de 1810, que Ranchoup obtém o consulado de Gotemburgo. Parece que sua mulher não o acompanhou, e em 1812 e 1813, tem prolongadas residências em Craonne.

É para ali exilada, como diz o sr. Boutin? O sr. Mosnier não crê tal, e em verdade não há motivo para crê-lo. Por 1814 ou 1818, os dois cônjuges, que vivem em medíocre inteligência, separaram-se. Ranchoup obtém, em 1816, o privilégio do teatro de Nantes, onde faz bancarrota. Em seguida, importuna com as suas solicitações o ministério dos negócios estrangeiros: «Os seus reiterados pedidos, — está escrito à margem da sua última petição, — já parecem loucura; de ora em diante é inútil responder-lhe».

Contudo, parece ainda ter alcançado uma pensão de disponibilidade em 1826; mas, nesse mesmo ano, está no hospital S. Luís, de onde solta ainda um grito de penúria, provavelmente o último.

Esta existência de aventureiro, que o marido de madame Fourès levou, completa a história desta dando-lhe a última demão.

Resta agora encontrar o sr. Augusto Belard. Resta, sobretudo, esclarecer, naquela estada de madame de Ranchoup, em Paris, no ano de 1825, quando voltou do Brasil, a presença de uma menina de vinte anos, que se diz sua filha, e que tem o nome de Longchamp.

Segundo as informações da polícia, madame de Ranchoup era conhecida pessoalmente sob esse mesmo nome de Longchamp.

Há aqui um pequeno mistério que seria curioso desvendar, a cujo estudo me permito recomendar aos meus amáveis e eruditos correspondentes do *Haute-Loire*.»

[8] O imperador negou formalmente ter tido outras atrizes além de George. «*Creio, como toda Paris*, disse-lhe Gourgaud, que vossa majestade teve mademoiselle Saint-Aubin, madame Gavaudan; e há mesmo quem ainda junte a estas a Bourgoïn e a Volnais. — Nunca, foram certamente elas que criaram esses rumores para se valorizarem.»

[9] O desinteresse absoluto de madame ***, no que ao dinheiro dizia respeito, encontra-se atestado pela seguinte conversação entre *Napoleão e Gourgaud* (28 de junho de 1817): «Depois de jantar, o Imperador fala dos seus amores, madame D... nunca quis receber nada da parte dele, nem mesmo um colar de diamantes. Acho esta conduta de extrema delicadeza. — Sim, mas ela poderia ter adquirido diamantes que de outra forma não teria. — Ela queria colocar-se no mesmo nível que eu. Eu escrevi-lhe cartas de amor cuja devolução lhe reclamei por Duroc. Não quero que elas venham um dia a ser publicadas, como já vi as de outros soberanos. Ainda assim, elas pertenciam-lhe, se bem que ela acedeu ao meu pedido.»

[10] Os documentos que eu tive em mãos não dão exatamente o nome desta intermediária; mas estou muito inclinado a crer que se trata aqui de madame Abramowicz, a qual em 1812, quando Napoleão foi a Wilna, recebeu dele o encargo de lhe apresentar as damas da sociedade. Em Varsóvia, em 1807, madame Abramowicz, que estava muito ligada com madame Walewska, passava por ter redigido as cartas que esta escrevia ao imperador, e parece que este lhe havia observado por isso: «Escreva-me como quiser, mas não quero que meta terceira pessoa nas relações que tenho consigo.»

[11] Fez-se algum alarido no outro hemisfério sobre uma pretensa carta de Napoleão, descoberta num escapulário que sustinha ao pescoço madame Amélie Bonchamps, morta em Porto Alegre (Brasil) aos cem anos de idade. Uma nota que apareceu sobre este assunto no jornal *O país* do Rio de Janeiro a 15 de dezembro de 1894 foi-me indicada por um dos meus correspondentes de Nova Orleães, o estimável sr. Allain Eustis; mas essa carta transcrita inicialmente na *Folha Nova*, e posteriormente em diversos jornais italianos, pareceu-me apócrifa. Teria sido escrita no meio dos desastres da Retirada da Rússia: Napoleão declara-se ali um *César vencido* e aguarda a sua própria queda. Isto não está de todo em conformidade com o seu caráter.

[12] É muito possível, muito provável, que o irmão de madame Walewska; o coronel Laczinski, se encontrasse ou tivesse ido à ilha de Elba anteriormente. Com efeito, a 4 de agosto, um coronel Laczinski é encarregado de uma missão pelo imperador. Trouxe cartas de madame Walewska? Está incumbido de reconduzi-la? É possível, também, que não fosse o mesmo Laczinski que a acompanhasse; porque madame Walewska tinha dois irmãos, um que parece ter sido general na Polónia e pelo menos coronel em França, o outro que foi sem dúvida coronel no exército do Grão-Ducado. A história tão gloriosa da Polónia napoleónica está inteiramente por fazer, pelo menos em França.

Índice

- I. A Mocidade
- II. Projetos de casamento
- III. Josefina de Beauharnais
- IV. A cidadã Bonaparte
- V. Madame Fourès
- VI. O perdão
- VII. A Grassini
- VIII. As atrizes
- IX. As leitoras
- X. A sagração de Josefina.
- XI. Madame ***
- XII. Estefânia de Beauharnais
- XIII. Leonor
- XIV. Hortense
- XV. Madame Walewska
- XVI. O divórcio
- XVII. Maria Luísa
- XVIII. A ilha de Elba
- XIX. Os Cem Dias
- XX. Conclusão